



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

**DA ABERTURA POLÍTICA ÀS ELEIÇÕES DE 2018: UM ESTUDO SOBRE AS  
METAMORFOSES DA AGRESSIVIDADE NO DISCURSO POLÍTICO BRASILEIRO**

SÃO CARLOS  
2021



Universidade Federal de São Carlos

Geovana Chiari Reis

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

DA ABERTURA POLÍTICA ÀS ELEIÇÕES DE 2018: UM ESTUDO SOBRE AS  
METAMORFOSES DA AGRESSIVIDADE NO DISCURSO POLÍTICO  
BRASILEIRO.

GEOVANA CHIARI  
Bolsista: CAPES

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutora em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini

São Carlos - São Paulo - Brasil  
2021



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Geovana Chiari Reis, realizada em 29/06/2021.

**Comissão Julgadora:**

Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini (UFSCar)

Profa. Dra. Amanda Batista Braga (UFPB)

Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia Manzano (UNIFRAN)

Profa. Dra. Lígia Mara Boin Menossi de Araujo (UFSCar)

Prof. Dr. Pedro Henrique Varoni de Carvalho (UFSCar)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística.

# *DEDICATÓRIA*

Ao meu avô Nadalin Chiari (*in memoriam*), que vibrava com todas as minhas conquistas e que, certamente, estaria orgulhoso pela conclusão de mais uma etapa importante em minha vida.

# *AGRADECIMENTOS*

A **Deus**, por ser o orientador da minha vida, o consolo em momentos difíceis, o incentivador de todas as horas, a companhia nos solitários momentos de escrita.

Aos **meus pais**, por um dia terem dito que o título de doutora combinava com meu nome (e eu acreditei), pelo amor incondicional, pelo incentivo sem reservas, por me ajudarem em todos os momentos.

Ao **Paulo Ricardo**, meu marido, psicólogo, coach, pela compreensão, por escutar meus desabafos, por se ocupar das atividades domésticas quando me dedicava mais à escrita, por compreender minhas ausências e sempre me receber com um jantar delicioso em cada retorno, por ter me oferecido sua companhia durante 6 meses de confinamento, em decorrência do Vírus Covid-19. A melhor parte de minha tese foi escrita nesse período, pois apesar de toda incerteza do momento, pude contar com a certeza da presença diária de alguém que me inspira.

À **Vanice Sargentini**, pela dedicação profissional e exemplo de vida, por ser a orientadora que todos os orientandos gostariam de ter, por me incentivar e ter a paciência de me orientar por 11 anos, desde as iniciações científicas até o doutorado. Foi um período longo, repleto de aprendizados, companheirismo, leveza e muito Labor!

À **Luciana Carmona** e à **Amanda Braga**, pela leitura cuidadosa e pelas sugestões importantes para o avanço e aprimoramento deste trabalho.

Aos amigos da **Rádio Novo Tempo Campinas, Erê Rodrigues e Andréa Jatobá**, por me oferecerem um ‘lugar de paz’ e muito companheirismo, onde pude compartilhar meus conhecimentos, aprender ao mesmo tempo, fazer gravações no programa “Arte de Comunicar”, conversar e rir muito!

Às amigas, **Érica e Talita**, pelo companheirismo desde o tempo da graduação, por serem amigas-irmãs, conselheiras e confidentes.

Às amigas **Miriã e Gabriela Martins**, pela amizade, por me hospedarem tantas vezes em São Carlos, por sempre me oferecerem um ambiente alegre e acolhedor.

À minha irmã **Dayane**, por ser meu exemplo de vida e meu porto seguro.

À minha sobrinha **Sophia**, por alegrar minha vida e tornar meus dias mais leves e divertidos.

Aos meus amigos do **LABOR** [Laboratório de Estudos do Discurso] /**UFSCar**, pelo companheirismo e pela amizade sincera.

À **CAPES**, pelo financiamento desta pesquisa.

*[...] palavras podem ser como minúsculas doses de arsênico: são engolidas de maneira despercebida e aparentam ser inofensivas; passado um tempo, o efeito do veneno se faz notar (KLEMPERER, 2009, p. 11)*

*Meu papel – mas este é um termo muito pomposo – é mostrar às pessoas [...], que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas. (FOUCAULT, 2006, p. 288)*

# RESUMO

Os discursos políticos produzidos em campanha presidencial após o período de ditadura civil-militar no Brasil, portanto em um regime democrático, são marcados por diversas formas de agressividade. Objetivamos, de forma geral, com esta tese, traçar uma história da agressividade política no Brasil pós-ditadura, buscando tecer no fio do discurso uma cartografia de suas regularidades, (des)continuidades, dispersões, a fim de compreender este objeto simbólico, onde justamente ele nos escapa. De forma específica, propomos a análise do discurso agressivo em diferentes momentos da história política brasileira, com o objetivo de avaliar suas mutações, analisar seus modos de ocorrência, investigar as condições de emergência que propiciam ora um aumento da agressividade - mesmo em períodos de maior controle - ora uma diminuição. Ademais, investigamos como as polarizações políticas intensificam o dizer agressivo, até mesmo para ocupar e garantir um espaço nos confrontos políticos. Ancorados no referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, sob uma perspectiva foucaultiana, e em recentes trabalhos sobre a agressividade no âmbito político, examinamos as formas, o grau, a intensidade e os modos de circulação da agressividade, analisando fragmentos de debates televisivos, propagandas do horário político eleitoral, *sites* oficiais de campanha e redes sociais, durante o período pré-eleitoral das eleições de 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018, com a finalidade de descrever, categorizar e evidenciar as possíveis mudanças nas formas, na percepção e/ou na circulação do discurso agressivo. Os resultados indicam que as formas de insultar e os níveis de agressividade sofreram transformações durante as diferentes épocas analisadas, de modo que a produção de pequenos acontecimentos produzia rupturas nos modos de dizer, ora intensificando a agressão, ora tornando o discurso mais docilizado.

**Palavras-chave:** Análise de discurso; agressividade; campanhas eleitorais; discurso político.

# *ABSTRACT*

Les discours politiques produits lors d'une campagne présidentielle après la période de dictature civilo-militaire au Brésil, donc dans un régime démocratique, sont marqués par plusieurs formes d'agressivité. Nous souhaitons, en général, avec cette thèse, retracer une histoire de l'agressivité politique dans le Brésil post-dictature, cherchant à tisser au fil du discours une cartographie de ses régularités, (dis) continuités, dispersions, pour comprendre cet objet symbolique, là où il nous échappe. Plus précisément, nous proposons l'analyse du discours agressif à différents moments de l'histoire politique brésilienne, dans le but d'évaluer ses mutations, d'analyser ses modes d'occurrence, d'enquêter sur les conditions d'urgence qui provoquent parfois une augmentation de l'agressivité - même en période de plus grand contrôle - parfois une diminution. En outre, nous étudions comment les polarisations politiques intensifient les propos agressifs, même pour occuper et garantir un espace dans les affrontements politiques. Ancrés dans le cadre théorique de l'analyse du discours française, dans une perspective foucauldienne, et dans des travaux récents sur l'agressivité dans la sphère politique, nous examinons les formes, le degré, l'intensité et les modes de circulation de l'agressivité, en analysant des fragments de débats télévisés, de l' *Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral*, les sites officiels de campagne et les réseaux sociaux, pendant la période pré-électorale des élections de 1989, 1994, 1998, 2002, 2006, 2010, 2014 et 2018, dans le but de décrire, catégoriser et mettre en évidence les changements possibles dans les formes, la perception et / ou la circulation du discours agressif. Les résultats indiquent que les manières d'insulter et les niveaux d'agression ont subi des changements au cours des différentes périodes analysées, de sorte que la production de petits événements a produit des ruptures dans les manières de dire, parfois intensifiant l'agression, parfois rendant le discours plus docile.

**Mots-clés:** Analyse du discours; agressivité; campagnes électorales; discours politique.

# SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 – Caminhos teóricos: reflexões e problematizações.....</b>	<b>23</b>
1.1 Presença de Foucault na Análise do discurso: conceitos e método.....	26
1.2 Discurso e Argumentação.....	37
1.3 Memória saturada.....	43
1.4 A memória e o ressentimento.....	46
1.5 O discurso agressivo: algumas considerações.....	48
<b>Capítulo 2 – Um estudo sobre as mutações da agressividade nas eleições de 1989 a 2010.....</b>	<b>52</b>
2.1 Eleição presidencial de 1989 - Duelo entre o “Sapo barbudo” e o “Príncipe da corrupção”: o sapo recusa o beijo e o príncipe engole o sapo.....	52
2.1.1 Debates.....	53
2.1.2 HGPE.....	67
2.1.3 Considerações acerca dos debates e campanhas eleitorais televisivas em 1989.....	74
2.2 Eleição presidencial de 1994 – Entre insultos e falsas harmonias: Ignorantes, exóticos e fascistas!.....	76
2.2.1. Debates.....	77
2.2.2. HGPE.....	83
2.2.3 Considerações acerca dos debates e campanhas eleitorais televisivas em 1994.....	89
2.3 Eleição presidencial de 1998: O silenciamento das campanhas.....	91
2.3.1 HGPE.....	92
2.3.2 Considerações acerca das eleições de 1998.....	98
2.4 Eleição presidencial de 2002 - O “sapo barbudo” aceita o “beijo” e vira príncipe: vitória do Partido dos Trabalhadores.....	99
2.4.1 Debates.....	100

2.4.2 HGPE.....	103
2.4.3 <i>Sites</i> oficiais dos presidenciais.....	111
2.4.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e <i>sites</i> oficiais em 2002.....	112
2.5 Eleição presidencial de 2006: Corruptos, mentirosos e cínicos X Privatizadores e elitistas.....	115
2.5.1 Debates.....	115
2.5.2 HGPE.....	119
2.5.3 <i>Sites</i> oficiais dos presidenciais.....	123
2.5.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e sites oficiais em 2006.....	126
2.6 Eleição presidencial de 2010 – Discursos sexistas: “Ela inventa, fabula, [...] não tá preparada”.....	126
2.6.1 Debates.....	127
2.6.2 HGPE.....	131
2.6.3 <i>Sites</i> oficiais dos presidenciais.....	139
2.6.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e sites oficiais em 2010.....	141
<b>Capítulo 3 - Eleições de 2014 e de 2018: novos rumos na história da agressividade política no Brasil.....</b>	<b>146</b>
3.1 Eleição presidencial de 2014 - A agressividade em notas de falsas harmonias.....	146
3.1.1 Debates.....	146
3.1.2 HGPE.....	156
3.1.3 <i>Sites</i> oficiais.....	162
3.1.4 Redes sociais.....	163
3.1.5 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas, <i>sites</i> oficiais e redes sociais em 2014.....	166
3.2 Eleição presidencial de 2018 - Entre a fala franca e o dizer agressivo.....	167
3.2.1 Debates.....	168
3.2.2 HGPE.....	179
3.2.3 Sites, Redes sociais e outros <i>media</i> .....	181
3.2.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas, <i>sites</i> oficiais, redes sociais e outros <i>media</i> em 2018.....	192

<b>Considerações finais.....</b>	<b>196</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>205</b>

## *Introdução*

Propomos, no presente trabalho, desenvolver um estudo da agressividade no discurso político, de modo a analisar as formas, o grau, a intensidade, as mutações e os modos de circulação do discurso político dito agressivo no período pré-eleitoral das eleições presidenciais brasileiras nos anos de 1989 a 2018, amparando-nos no referencial teórico-metodológico proposto pelos estudos da Análise do discurso de linha francesa, à luz de reflexões pautadas nos estudos de Michel Foucault e nos recentes trabalhos sobre a agressividade no discurso político. Nessa perspectiva, o estudo se pauta no princípio das condições de emergência dos enunciados (FOUCAULT, [1969] 2010), mais especificamente, aqueles que compõem o discurso político e nas construções argumentativas que atuam na produção de sentidos. Esses enunciados estão inscritos nos quadros históricos e sociais de sua constituição, a partir dos quais são examinados, considerando suas formulações e formas de circulação.

O *corpus* deste trabalho será composto pelos diferentes recursos e materiais utilizados em distintas épocas para a distribuição do discurso político, a saber: trechos de debates televisivos e propagandas do horário político eleitoral, *sites* oficiais de campanha e redes sociais.

A partir da análise desse arquivo, procuraremos responder as seguintes questões: O aumento das ferramentas e recursos tecnológicos contribuiu para mutações da agressividade, dando maior visibilidade e talvez oferecendo mais ferramentas para agredir? Se na sociedade há um maior controle e criação de diversas “polícias” do dizer, como o ‘politicamente correto’, por que a agressividade parece aumentar? O discurso político eleitoral tornou-se mais agressivo ou ocorreu uma mudança das sensibilidades e das percepções do que se considera e se compreende como agressividade? As formas de insultar sofreram mutações em diferentes momentos?

Enquanto no período da ditadura, o cerceamento se dava por uma ideologia militar da ordem, na sociedade pós-moderna tem-se polícias discursivas, dentre elas, destacamos os manuais e cartilhas sobre “dizeres politicamente correto”, também algumas leis que punem dizeres homofóbicos, racistas, xenofóbicos, sexistas. No ano de 2004, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, vinculada à Presidência da República, com o objetivo de *colaborar para a construção de uma cultura de direitos humanos*, apresenta a cartilha

“Politicamente Correto e Direitos Humanos”<sup>1</sup>. O material oferece um conjunto de palavras, de A a Z, consideradas ofensivas e preconceituosas, as quais deveriam ser evitadas, de modo a prevenir o preconceito e a discriminação.

Além de cartilhas como esta, as quais propõem evitar o uso de certas palavras, há também um aplicativo para internet - encomendado em 2014 pelo Ministério das Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos, o Monitor de Direitos Humanos - que permite o monitoramento de postagens em redes sociais que reproduzam mensagens insultuosas, preconceituosas e intolerantes. Tal ferramenta foi criada pelo Laboratório de Estudos em Imagem e Cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Funcionando como uma “polícia discursiva”, o aplicativo busca palavras-chave que estimulem discriminação contra mulheres, negros, índios etc. Os dados ficam disponíveis em uma plataforma *online*, ajudando a polícia a tipificar os crimes. Tanto esse aplicativo, como a cartilha, foram iniciativas de secretarias e ministérios públicos, os quais ofereciam ferramentas para a vigilância e controle do dizer.

Assim como elencamos as diferentes ferramentas e tentativas de se controlar os dizeres na contemporaneidade, verificaremos quais seriam esses modos de coerção em outros momentos.

Uma vez que nosso objeto de análise é o discurso político dito agressivo, temos a hipótese de que ele se modificou ao longo dos anos. Uma característica indubitável desta mudança é a crescente utilização de imagens nas campanhas políticas. Em decorrência dos novos suportes tecnológicos e da espetacularização do discurso político, o que era, prioritariamente, texto verbal, é associado, em larga escala, por imagens fixas e em movimento. Os estudos de Courtine (2003, 2006) evidenciam essa relação entre mídia e discurso, mostrando que as mudanças tecnológicas alteraram os regimes de discursividade, produzindo “metamorfoses” no discurso político contemporâneo. O autor sustenta que as técnicas audiovisuais de comunicação política promoveram toda uma pedagogia do gesto, do rosto, da expressão. Elas fizeram do corpo um objeto-farol, um recurso central da representação política. A política do texto, veículo de ideias, parece ser substituída por uma política da aparência, geradora de emoções. Tais efeitos são ainda

---

<sup>1</sup> A cartilha pode ser encontrada no seguinte endereço eletrônico: <[http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a\\_pdf\\_dht/cartilha\\_politicamente\\_correto.pdf](http://www.dhnet.org.br/dados/cartilhas/a_pdf_dht/cartilha_politicamente_correto.pdf)> .Acesso em: 27 maio 2017.

mais potencializados e amplificados com o advento da internet, bem como dos recursos que oferecem.

Courtine (2006) ainda observa que, nos Estados Unidos, o espetáculo da personalização da esfera pública produzido pela mídia relaciona a vida pública do político aos seus atos individuais. Segundo Garcia (2009), no Brasil, assim como em muitos outros países, verifica-se que há uma tendência a explorar a vida privada do sujeito político, perseguindo falhas de conduta moral que possam denunciá-lo como mau indivíduo e, conseqüentemente, promover sentidos que o desabilitem da capacidade de governar. Desse modo, o entrecruzamento das esferas pública e privada, acentuado pela emergência das novas tecnologias – sobretudo das redes sociais – facilitaria e amplificaria a produção de dizeres agressivos, afinal sujeitos, corpos, identidades e intimidades são expostos nesses *media*, com e sem consentimento.

No trabalho que desenvolvemos durante o mestrado – Entre insultos e falsas harmonias: a construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014 (CHIARI, 2017) –, constatamos que a distribuição do discurso político agressivo interfere e modifica as formas e a intensidade da agressividade. As redes sociais e *blogs* possibilitam a emergência de discursos que produzem efeitos mais agressivos, dada a possibilidade da circulação de dizeres breves aparentemente sem sujeito, e do imaginário construído acerca destes suportes: “qualquer coisa” circula ampla e massivamente neste meio.

Concluimos também que os insultos verbais e imagéticos, nas redes, possibilitam a identificação de determinados grupos que se definem pela oposição de outros, pelos recursos do compartilhamento, das curtidas, dos comentários. É justamente nas redes sociais que se aumenta a chance de efeitos ainda mais agressivos, afinal, os internautas podem se esconder sob pseudônimos de perfis fictícios, afastar a punição individual, visto que há um agrupamento de insultantes, os quais replicam massivamente o dito agressivo, dificultando atribuir a um ou a outro a ‘autoria’ do material veiculado. É neste aparato tecnológico que aparecem com frequência as fotomontagens, as quais tornam possível a modificação dos corpos dos candidatos por meio de técnicas de multimídia de edição.

As análises e conclusões que obtivemos no trabalho de dissertação acerca da campanha de 2014, levaram-nos a questionar a impressão de que tal campanha tivesse sido a mais agressiva, o que poderia ser ratificado ou contestado somente por meio de análises comparativas em relação a outras eleições.

É importante ressaltar que, anteriormente às nossas pesquisas, e aos estudos de Courtine, como o pontuamos acima, outros estudos acerca da agressividade no discurso foram realizados, inscrevendo-se, geralmente, em teorias interacionistas, pragmáticas e argumentativas da linguagem. No âmbito pragmático, consideram a noção de face (Brown & Levinson, 1987), a teoria da cortesia, reestruturada por Kerbrat-Orecchioni (1980, 1992), em relação ao trabalho de figuração – face-work (Goffman, 2012) – e também compreendem o dizer agressivo como atos que ameaçam a face (FTAs – Face Threatening Acts) (Brown & Levinson, 1987).

Amossy (2017), por exemplo, desenvolve estudos acerca da violência verbal no discurso político – focalizando o aspecto argumentativo - sobretudo na obra ‘Apologia da polêmica’, enfatizando que o discurso polêmico perpassa vários gêneros (artigos de opinião, panfletos) e tipos de discurso (jornalístico, político). Além disso, a autora constrói parâmetros para a classificação do dizer agressivo no contexto francês.

Outra importante autora que trata ainda mais especificamente sobre a agressividade no discurso político é Claudine Moïse (2012). Apoiando-se também nas teorias de argumentação desenvolvidas por Plantin (1996) e Amossy (2017), Claudine ressalta, em seus estudos, que o gênero polêmico se ancora em figuras retóricas características (como a ironia), na refutação, nos argumentos, e segundo ela, a violência verbal seria desencadeada por uma série de fatores, como por objetos materiais (derramar de água numa roupa), ou mesmo por valores não compartilhados, como o respeito, por exemplo.

Considerando também as importantes contribuições dos estudos acima elencados, que são pioneiros na abordagem desta temática, no presente trabalho, procuraremos investigar a agressividade no discurso político sob uma perspectiva discursiva, que oferece parâmetros para uma análise além do texto e da situação de enunciação, de modo a compreender seus efeitos, sua formulação, constituição e funcionamento.

Propomos iniciar as análises dos materiais produzidos a partir do ano de 1989, justamente por ser este um momento emblemático nas novas configurações do fazer político. Segundo Rubim e Colling (2005, p. 8), “a eleição presidencial de 1989 pode ser tomada, para efeito de demarcação de fronteiras, como episódio cultural inaugurador das novas configurações da política e das eleições no país”.

Se compararmos as eleições de 1989 e de 1960 – última eleição para presidente, antes do período da Ditadura Militar – observaremos uma disparidade profunda no tocante aos meios de comunicação. Em 1960, por exemplo, os jornais e o rádio eram

restritos a somente oito capitais. Com a precariedade de tais meios, a campanha pautava-se na realização de passeatas, comícios, caravanas, características estas que, de acordo com Rubim e Colling (2005), marcaram as campanhas de Jânio Quadros e Henrique Lott.

Em contrapartida, em 1989, a cultura midiática ganha centralidade nas campanhas políticas, como é corroborado por uma pesquisa realizada entre os anos de 1989 e 1990, a qual revela que “86% e 89% dos entrevistados, respectivamente, tomavam conhecimento dos acontecimentos políticos através da televisão.” (RUBIM E COLLING, 2005, p. 9). A campanha nas ruas continuou ocorrendo, mas foi conjugada a um outro formato: a tela.

Desse modo, propomos investigar e analisar os dizeres agressivos a partir de 1989, justamente por ser um período “divisor de águas” em relação à comunicação política das campanhas anteriores.

De modo específico, objetivamos analisar o discurso dito agressivo, em diferentes épocas da história política brasileira, para (1) avaliar suas mutações e analisar suas formas de ocorrência; (2) investigar por que a agressividade parece aumentar, mesmo em momento de maior controle e criação de ‘polícias discursivas’ e (3) problematizar como as polarizações político-partidárias intensificam a agressividade, talvez até mesmo para garantir um espaço nos confrontos políticos.

Com relação aos procedimentos teórico-metodológicos, buscaremos respaldo na teoria da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente, nos postulados foucaultianos que se encontram em dois momentos de seus estudos: o projeto de uma arqueologia do saber e de uma genealogia do poder.

Recorreremos ao conceito de enunciado conforme problematizado em Foucault ([1969]2010). Para o filósofo, a noção de enunciado é um conjunto de signos em função enunciativa, que mobiliza sujeitos, em um lugar institucional, determinados por regras sócio-históricas que possibilitam a emergência de determinados discursos. Foucault ([1969]2010) define o enunciado como sendo a unidade elementar do discurso, é também material e linguístico, mas não só. Segundo ele, o enunciado está no plano do discurso e é uma função, distinguindo-se da frase, da proposição etc. Traremos também, para discussão, a noção de arquivo, acontecimento, domínio associado e memória em Foucault ([1969] 2010).

Um conceito relacionado também ao arquivo e a uma característica do enunciado é a noção de “memória” e “domínio associado”. Segundo Foucault ([1969] 2010), a

função enunciativa “não pode se exercer sem a existência de um campo associado”: “Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto” (FOUCAULT, 1969, p. 113-114).

Com isso, os enunciados se ordenariam, se confrontariam, no domínio da memória, não sendo determinados pelo sujeito que enuncia, mas na relação de associação, confronto, afastamento que estabelece com outros enunciados.

Courtine (1981) propõe o conceito de memória discursiva, a partir da noção de ‘domínio de memória’ delineada por Foucault, o que nos permite observar uma existência histórica no interior das práticas discursivas, evidenciando ao mesmo tempo, a repetição e o esquecimento, assim como o apagamento de outros discursos.

Essas discussões nos ajudarão a compreender a produção do discurso agressivo, alimentado por um conjunto de dispositivos complexos constituídos por outros saberes, outras imagens, outras memórias.

O livro “A ordem do discurso” também nos oferecerá ferramentas para a compreensão das condições de emergência dos enunciados, uma vez que apresenta reflexões sobre as interdições e controles a que estão sujeitos os discursos. Segundo Foucault (1996), “Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (1996, p. 21). A vigilância do dizer ocorre, justamente por não poder dizer tudo em qualquer circunstância, de modo que ao emergir o “indizível”, a materialidade do enunciado expõe a agressividade do dizer.

Considerando que esta ordem do discurso não se restringe ao texto verbal, estendendo-se também às materialidades imagéticas, recorreremos aos estudos dedicados à chamada “Semiologia Histórica” (COURTINE, 2013), os quais nos auxiliarão na análise das imagens, notadamente, na observação das memórias evocadas por elas.

Outra obra que norteará nossas discussões no que diz respeito à sociedade mediatizada e às novas formas de sensibilidade, é o livro “A condição sensível – forma e maneiras de sentir no Ocidente”. Neste estudo, Claudine Haroche (2008) evidencia as transformações das sensibilidades desencadeadas e produzidas na contemporaneidade, na complexidade das democracias modernas, as quais apresentam novas demandas, como os fluxos ininterruptos de informações. Segundo a autora, observa-se, ao longo dos anos, um aumento da informalidade e uma perda da moderação e da polidez. Nas palavras da pesquisadora, o que se instaura na sociedade contemporânea é

Um enfraquecimento e declínio das formas e maneiras, do que ora denominamos civilidade ou polidez, ora cortesia ou urbanidade, *pari passu* um progresso do informal, acompanhado de ascensão da insignificância (CASTORIADIS, 1996). De um processo de desinstitucionalização (LEGENDRE, 1999) e descivilização, observado por Norbert Elias (1989) em relação ao século XX, ou ainda de um desengajamento geral (GAUCHET, 2002). (HAROCHE, 2008, p. 90)

Esse aumento da informalidade, da violência, dos discursos agressivos, estariam, segundo Haroche, "no cerne de interrogações fundamentais a respeito das sociedades democráticas ocidentais" (HAROCHE, 2008, p. 88).

Além da discussão referente às condições de emergência, fundamental para este trabalho, trataremos das práticas de objetivação e subjetivação dos sujeitos. De acordo com Foucault (2006), na obra "Hermenêutica do sujeito", a subjetivação está relacionada ao modo como os sujeitos apropriam-se das tentativas de objetivação, as quais criam condições e possibilidades para que o sujeito construa verdades sobre si e sobre os outros, subjetivando-se de formas distintas. Tais conceitos nos ajudarão a compreender quais seriam essas práticas de objetivação que incitam o sujeito a se subjetivar enquanto livre, dono do próprio dizer, que pode, deve e é incitado a falar a verdade, mesmo que esta produza agressividade ou mesmo intolerância.

Todos os conceitos acima elencados, os postulados foucaultianos acerca da memória, do domínio associado, do arquivo, do acontecimento, dentre outros, bem como das discussões sobre a Semiologia Histórica no interior dos estudos de Courtine, e os recentes estudos acerca das transformações das sensibilidades associadas a mudanças sociais, fundamentarão e orientarão nossas análises para a compreensão do dizer agressivo e suas mutações no discurso político brasileiro em diferentes épocas.

Decidimos iniciar as análises a partir das eleições de 1989, por se tratar de uma campanha que representou um marco na história do Brasil, pois foi fundamental para a consolidação da democracia no país. As eleições de 1989 foram a primeira campanha eleitoral, com voto direto, após o longo período ditatorial (1964 a 1985). Foram quase três décadas depois da última eleição presidencial direta, em 1960, quando Jânio Quadros foi eleito presidente da República.

Durante esse hiato na democracia no Brasil, foram realizadas campanhas para eleição tanto de governos estaduais, como de prefeituras, porém não houve eleições

presidenciais diretas, somente eleição indireta, ocasião em que os recursos de mídia tinham limitado alcance. A campanha de 1989 foi marcada pela espetacularização e por um forte profissionalismo no marketing político, sobretudo na televisão.

Optamos por analisar o período pós-ditatorial, para apreendermos a singularidade do dizer agressivo a partir desse momento de abertura política e redemocratização, que, certamente se distinguiria do período de ditadura militar, em relação às formas e intensidade da agressividade, em decorrência das censuras, do forte regulamento da mídia, dentre outros fatores.

Com relação aos lugares de circulação do discurso agressivo, de 1989 a 2018, esses não são os mesmos em todos os períodos, uma vez que o discurso político passa a circular também em outros espaços, em decorrência do avanço tecnológico. Os debates e os HGPE serão analisados em todos os períodos, já a análise dos *sites oficiais*, iniciaremos nas eleições de 2002 - justamente por ser um momento em que esses *media* deixam de ser apenas uma exibição monocromática de informações, para se tornar palco de ataques entre os candidatos – até as eleições de 2018.

Além dos *sites* oficiais de campanha, analisaremos as redes sociais – compreendendo-as como uma página da internet que possibilita a interação entre os usuários pelo compartilhamento mútuo de informações – destacando a plataforma Facebook, por se tratar de um espaço fértil para a emergência da agressividade e de crescente utilização nas campanhas políticas. Apesar das redes sociais já terem sido utilizadas amplamente nas eleições de 2010, optamos por apresentá-las somente a partir das eleições de 2014, por se tratar de um período de grande ascensão, tanto pelo aumento de estratégias referentes ao marketing político eleitoral, como pelo aumento dos usuários da referida rede.

Para o *corpus* de análise, coletamos os vídeos dos debates televisivos disponibilizados pelo Youtube e os vídeos dos HGPE disponibilizados no Laboratório do Discurso Político (Labor), da Universidade Federal de São Carlos, referente ao período de 1989 a 2018.

Referente aos arquivos dos *sites* oficiais e do Facebook, recorreremos ao acervo do mesmo laboratório, e também a trabalhos de pesquisa e notícias que veicularam informações sobre as páginas dos candidatos.

Na coleta do *corpus*, dentre um universo de enunciados, separamos aqueles nos quais reconhecíamos acusações diretas, afirmações acusatórias, repetições enfáticas sobre

a moral ou a conduta do oponente – é mentiroso, terrorista, ladrão -, provocações, ameaças que desqualificavam o outro, práticas estigmatizantes que conferiam ao oponente características animais, físicas, ridicularização ou paródia da fala do adversário. Além disso, elegemos para análise enunciados marcados pelas acusações indiretas sob formas de ironia, alusões ou insinuações, utilizando, muitas vezes, somente as formas da cordialidade. Também lançamos nosso olhar sobre falas que resultaram numa resposta do auditório, como risos, aplausos, entre outras expressões. Tais categorizações apontam para uma regularidade nas formas da agressividade no contexto político eleitoral brasileiro.

Nossa tese está estruturada em três capítulos. No **capítulo 1**, intitulado *Caminhos teóricos: Reflexões e problematizações*; apresentamos uma discussão teórica a respeito da emergência da noção de discurso na França, recorrendo a Puech (2014), de modo a evidenciar os projetos distintos dos autores daquela conjuntura, em especial, Michel Pêcheux e Michel Foucault. Posteriormente, indicamos a presença de Foucault na Análise do Discurso, assim como as principais noções elaboradas pelo filósofo, das quais nos valem para a análise, como as noções de: arquivo, formação discursiva, enunciado reitor, sequências discursivas, condições de emergência e acontecimento. Em sequência, apresentamos uma abordagem argumentativa da agressividade, pautada nos estudos de Amossy (2017) e, partindo das referências propostas pela autora, propomos uma categorização dos níveis e das formas dos dizeres agressivos no contexto político eleitoral brasileiro. Para melhor compreendermos a constituição e o funcionamento do discurso agressivo, referenciamos, no item seguinte, a obra de Régine Robin (2016), intitulada *Memória saturada*, de modo a articular história, memórias e as formas contemporâneas do discurso político. Tendo em vista que a memória saturada desempenha um papel importante na produção do ressentimento, referenciamos um artigo do autor Zawadski (2004) a respeito de dois tipos de ressentimento que movem os discursos agressivos. Por fim, tecemos algumas considerações acerca das definições do discurso agressivo e seus desdobramentos.

*Em Um estudo sobre as mutações da agressividade nas eleições de 1989 a 2010*, no **capítulo 2**, desenvolvemos a análise referente às eleições de 1989 a 2010, investigando a existência da agressividade, suas mutações, formas de ocorrência. Buscamos investigar a historicidade, as memórias, outros saberes que sustentam e constituem os dizeres

agressivos, de modo a realizar um cotejamento entre os diferentes períodos analisados, avaliando as continuidades e descontinuidades, as regularidades das formas e das intensidades, por meio da descrição e análise, compreendendo, assim, quais seriam as condições para a emergência de discursos mais agressivos em alguns momentos e mais brandos em outros, materializados predominantemente em formas irônicas em alguns períodos, e outros com prevalência de afirmações acusatórias diretas, por exemplo.

No **capítulo 3**, *Eleições de 2014 e 2018: novos rumos na história da agressividade política no Brasil*, buscamos, assim como no capítulo 2, primeiramente descrever questões linguísticas que sustentam o âmbito discursivo, reciprocamente, materializado nos pormenores da língua, para em seguida, estabelecer as séries, os acontecimentos, as regularidades, as (des)continuidades, bem como, as condições de emergência. Analisamos a ocorrência de pequenos acontecimentos que produziram rupturas nos modos de dizer, para tecer no fio do discurso as metamorfoses do dizer agressivo também nas eleições de 2014 e 2018, nas quais pudemos investigar a irrupção de acontecimentos discursivos, restituindo, assim, a singularidade dos enunciados que compõem as séries. Dividimos os dois capítulos em itens de análise de cada eleição, subdivididos pelos lugares de ocorrência, como: Debates, HGPE, *Sites* e Redes sociais.

## *Capítulo 1 - Caminhos teóricos: reflexões e problematizações*

Ao tratar das discussões relativas à Análise do Discurso, mais do que seguir um caminho que evidencie suas teorizações no fio da história, propomos discutir a emergência da noção de discurso na França nos anos 1960, levando em consideração os projetos distintos de autores daquele momento, em especial Michel Pêcheux e Michel Foucault, compreendendo seus objetivos, filiações, distanciamentos e proximidades. Esse percurso tem como objetivo situar a perspectiva na qual nos inscrevemos nesta complexa trajetória dos estudos discursivos.

Para discutirmos as articulações dos estudos linguísticos com os estudos discursivos, recorreremos a Puech (2014), que relaciona a emergência da noção de discurso à terceira recepção de Saussure, período em que a leitura do mestre genebrino ultrapassa o âmbito da linguística, sendo lido também no campo da sociologia, antropologia e filosofia. Nesse período, constrói-se uma articulação entre a ordem da língua e a ordem do discurso, nas palavras do autor: “A emergência de uma ‘ordem do discurso’ segue, na terceira recepção de Saussure, a emergência de uma ‘ordem da língua’” (PUECH, 2014, p. 40).

A década de 1960 na França foi marcada por inúmeras greves, manifestações e revoltas populares. No âmbito das Ciências Humanas, ocorria também uma instabilidade provocada pelos questionamentos que indagavam qual seria o papel dessas ciências. Nesse contexto, em meio às reflexões filosóficas, Michel Pêcheux ([1975]1988) propõe uma articulação entre três campos do saber: a linguística (Saussure), o materialismo histórico (Marx) e a psicanálise (Freud), numa tentativa de construir uma teoria materialista do discurso, atrelada a um projeto histórico linguístico de militância. Seu objetivo, com essa teoria, era de militância, ciente que a preocupação com o ensino da interpretação de texto sempre foi um ponto de relevância na França, de modo que, ao se compreender a materialidade linguística, as diferentes posições ocupadas pelo sujeito ao enunciar, os leitores conseguiriam avaliar se estariam sendo ‘enganados’ por determinados discursos.

Michel Foucault ([1969] 2010), por sua vez, tinha um projeto filosófico, cujo objetivo, dentre outros, era pautado em um método arqueológico, analisar como se

produzem, se controlam e se distribuem os saberes, como há uma vontade de verdade sobre esses saberes, que são enunciados pelo discurso.

Segundo Puech (2014), há algumas coincidências cronológicas entre os projetos de Pêcheux e Foucault. No mesmo ano em que a *Arqueologia do saber* (FOUCAULT, [1969] 2010) foi publicada, a obra *Análise automática do discurso* de Pêcheux (1997) chegava a sua última versão. Sobre a noção de formação discursiva, Pêcheux (conforme afirmação em PÊCHEUX, ([1975]1988), p. 70) a empresta e a reelabora a partir das discussões de Foucault, no mesmo período. Puech (2014) reitera que:

a noção de discurso ocorre, em Foucault, a partir de uma reflexão aprofundada sobre a história das ciências humanas [...], enquanto o projeto de Michel Pêcheux se estabelece nos debates do “estruturalismo ampliado” e, no interior dessa nebulosa complexa na inquietude das relações entre linguística, história e teoria (marxista e lacaniana) do sujeito. (Puech, 2014, p. 40)

Observamos que há uma sobreposição cronológica entre os estudiosos, entretanto, isso não significa coincidência de perspectiva teórica. Puech (2014, p. 41) assevera que Pêcheux e Foucault divergem em sua própria genealogia, enquanto o primeiro ancora seus estudos no marxismo, o segundo afasta-se dessa herança. Ambos os autores convergem em relação à herança estruturalista, entretanto cada um se apropria e se distancia de algumas noções em detrimento de outras, tendo em vista os projetos distintos. Saussure é central para Pêcheux nos anos 1970, por exemplo, enquanto isso não parece ter a mesma importância em Foucault. Justamente porque o projeto pècheutiano era dialogar com a linguística, por isso se volta ao mestre genebrino em um primeiro momento. Com relação ao projeto foucaultiano, Puech sustenta que ele “mantém relação constantemente negada e constantemente renovada com o Estruturalismo e com toda uma parte da história da linguística na França”. (Puech, 2014, p. 44). A obra “Arqueologia do saber” traz algumas questões que retomam Saussure, quando diferencia “enunciado” e “enunciação”, por exemplo, valendo-se de termos “quase saussurianos” (Puech, 2014, p. 44). Entretanto, aos poucos, o filósofo vai se distanciando, recusando tais pressupostos.

Tanto o projeto pècheutiano como o projeto foucaultiano têm sua base no estruturalismo, porém divergem sobre a herança marxista. Embora Pêcheux centralize toda sua reflexão no marxismo, e Foucault se afaste dessa herança, o que o permite pensar na noção dos micropoderes, ambos partem de um “sentimento de falta” que vem a justificar a ‘emergência da noção de discurso’ (Puech, 2014, p. 42).

Pêcheux articula a ordem da língua à ordem do discurso “ao estudar o funcionamento das orações encaixadas e articuladas, ocasião em que se refere à ‘ordem do discurso’ ao sentido de Foucault, para indicar que há nos enunciados ‘o ponto no qual a história trabalha nesta ordem do discurso (PÊCHEUX, 1980 [1981, P. 45])”, conforme Sargentini (2011, p. 204).

Ao mesmo tempo em que Pêcheux retoma e relê Saussure, observa-se uma vontade em preencher as arestas deixadas pelo mestre genebrino, justamente porque preenchê-las naquele momento não era o projeto saussuriano. Pêcheux busca exceder os limites da ciência da língua, buscando o sentido no que lhe é exterior. Desse modo, a emergência de uma “ordem do discurso” só poderia ser feita com Saussure e contra ele, segundo o linguista francês.

Assim como Saussure, ao estabelecer os alicerces de sua teoria, empenhou esforços para uma mudança de terreno, instaurando uma ciência da linguística, para Pêcheux (2007), a construção de um novo terreno teórico era imperativa, uma vez que seus objetos o requeriam. Nas palavras do filósofo, “No que nos diz respeito, a ‘mudança de terreno’ parece determinada por duas necessidades: lutar contra o empirismo (se desembaraçar da problemática subjetivista centrada sobre o indivíduo) e contra o formalismo” (PÊCHEUX, 2007. p.13). De acordo com Pêcheux (1997, p. 71), o novo objeto chamado ‘discurso’ exigia reelaborações de algumas exclusões feitas por Saussure, dentre elas, a exclusão da fala e das instituições “não semiológicas” para fora do âmbito da ciência linguística. Essa mudança de terreno foi imprescindível, pois Pêcheux tenta articular elementos exteriores à língua, a fim de mostrar a inscrição histórico-ideológica na materialidade linguística, afinal, a língua é um “lugar material onde se realizam os efeitos de sentido” (PÊCHEUX e FUCHS, 1997, p. 172).

Dessa forma, ao questionar as negações propostas por Saussure e criticar o formalismo fechado da linguagem, Pêcheux constrói um caminho para estudar um objeto pensado além da frase e da concepção da língua como um sistema abstrato, trata-se do ‘discurso’, definido pelo filósofo como o “efeito de sentido entre locutores” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Foucault, por sua vez, explica e delimita seus objetos de estudo, apresentando um olhar sobre a língua que propicia uma aproximação entre a perspectiva foucaultiana e os estudos da linguística, nas palavras do filósofo:

O que analiso em um discurso não é o sistema de sua língua, nem, de uma maneira geral, as regras formais de sua construção; pois não me preocupo em saber o que o torna legítimo, ou lhe dá sua inteligibilidade e lhe permite servir à comunicação. A questão que coloco é aquela, não dos códigos, mas dos acontecimentos: a lei da existência dos enunciados, o que os torna possíveis – eles e algum outro em seu lugar; as condições de sua emergência singular; sua correlação com outros acontecimentos anteriores ou simultâneos, discursivos ou não. (FOUCAULT, 2010, p. 9)

O objetivo central de Foucault é, portanto, analisar as condições que possibilitam a emergência de alguns enunciados, e apagamento de outros, produzidos na prática discursiva. O filósofo também estabelece uma relação entre língua e discurso, ponderando que:

A língua é um conjunto de estruturas, mas os discursos são unidades de funcionamento, e a análise da linguagem em sua totalidade não pode deixar de fazer face a essa exigência essencial (FOUCAULT, 2008, p. 73).

Desse modo, observa-se que não há uma negação do funcionamento interno da língua, das estruturas, na perspectiva foucaultiana, mas uma proposta de análise dos discursos como objeto central nos quais sujeitos e história estão inscritos.

### **1.1 Presença de Foucault na Análise do discurso: conceitos e método.**

O estudo do discurso sob a perspectiva foucaultiana orienta o caminho do pesquisador, oferecendo uma perspectiva histórico filosófica pela qual se pode analisar a emergência de enunciados, ajudando-o a desnaturalizar o que parece ser natural, fazendo “aparecer o que está tão perto, o que é tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que exatamente por isso não percebemos” (FOUCAULT, 2014a, p. 258-280). Nessa perspectiva, não se trata de descobrir os sentidos que estão implícitos ou nas “entrelinhas”, mas sim de buscar os sentidos a partir dos enunciados que foram, de fato, enunciados. O que, muitas vezes, pode nos parecer algo natural, devido à familiaridade ou à proximidade, com os “óculos” de lentes foucaultianas, verificamos que fatores históricos, sociais, influenciam a emergência de discursos, a emergência “de um enunciado e não de outro em seu lugar” (FOUCAULT [1969] 2010, p. 31). Nesse terreno

arriscado e movediço do discurso, desnaturaliza-se o natural, e se propõe pensar os discursos, os saberes, por meio de uma perspectiva filosófica, um método de análise histórico. A história à qual Foucault se filia distancia-se da história tradicional que buscava reconstituir tradições, origens.

A Nova História não problematiza “a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite, não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” (p. 6). A história, para Foucault, se realizaria por deslocamentos, rupturas, e a partir disso, podemos nos perguntar: o que se constituiria como continuidade e ruptura na história da agressividade política no Brasil?

É justamente no interior da Nova história que Foucault propõe uma história do saber, diferente da história das ideias, denominando-a “Arqueologia do Saber”. Nessa obra, o filósofo procura compreender os discursos como práticas discursivas, e para tanto, nas palavras de Sargentini (2019),

não acessa o arquivo como um *documento*, sem questionar os materiais arquivados, sem alertar-se para o fato de que eles não são transparentes. Diferentemente, o arquivo é acessado como um *monumento*, a respeito do qual se deixa ver a historicidade, permite analisar as relações que regem a aparição dos enunciados em seu volume próprio onde se pode apreender a história das coisas ditas em sua formação e transformação. (SARGENTINI, 2019, p. 10)

Os estudos de Michel Foucault, portanto, possibilitam uma reflexão no que se refere a uma análise de discursos. Na proposta arqueológica de Foucault na qual são construídas as noções de enunciado, discurso, regularidade discursivas, vontade de saber, arquivo, dentre outros, formulam-se conceitos basilares para os estudos discursivos, nos quais nos apoiaremos para responder aos questionamentos ora propostos nesse trabalho. Sobre o conceito de enunciado, Foucault afirma:

A análise do campo discursivo [...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui. (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 31)

Para o filósofo, o enunciado é único, entretanto é repetível, sofre transformações, apresenta formas diferentes e é disperso no tempo. Além disso, os enunciados podem, na

dispersão, se agrupar quando se referem a um mesmo objeto, por exemplo, produzindo, desse modo, um discurso.

Na perspectiva foucaultiana, o enunciado reconhecido não só como enunciado linguístico, apresentaria algumas propriedades:

- 1) O enunciado se dá em função das condições de emergência de aparição deste dado enunciado.
- 2) O enunciado tem um autor que assinala uma posição sujeito.
- 3) O enunciado não ocorre de forma livre, mas sempre circunscrito a um domínio associado, no qual formulações se repetem, se refutam, etc.
- 4) O enunciado tem uma existência material, apresentando uma materialidade repetível.

Ainda sobre o conceito de enunciado, Foucault ressalta que a função enunciativa não poderia se exercer sem a existência de um campo associado:

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 113-114).

Dessa forma, os enunciados estabeleceriam relações de confronto, ordenando-se num domínio de memória. Os sentidos dos enunciados seriam produzidos justamente nessa relação de confronto, associação, afastamento. É a partir do conceito ‘domínio de memória’ estabelecido por Foucault ([1969] 2010, p. 109), que Courtine (2009) constrói a noção de ‘memória discursiva’. Segundo Courtine, “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 105- 106). Esse domínio permite a repetição e, ao mesmo tempo, o esquecimento, assim como, o apagamento de outros discursos.

A memória discursiva estaria vinculada apenas à materialidade linguística? A noção de Semiologia histórica, proposta por Courtine (2013), oferece recursos para pensarmos numa memória das imagens, atrelada aos estudos discursivos. Assim como se pode depreender da materialidade linguística uma historicidade, memórias, a partir de

uma materialidade imagética também se pode observar a retomada de outras imagens, outros discursos.

Segundo Courtine, haveria duas tradições semiológicas: uma proposta por Saussure, no Curso de Linguística Geral, ancorada no sistema dos signos linguísticos, com seus prolongamentos nos trabalhos de Barthes, ajustados à concepção estruturalista, e outra, de origem mais antiga, cuja inscrição é antropológica e apoiada em práticas indiciárias. Courtine, ao apresentar as duas tradições, afirma que, se fosse necessário escolher uma delas, escolheria o campo de Sherlock Holmes, do paradigma indiciário, pois “o exemplo do detetive em busca de indícios tenha tanto, se não mais, a nos ensinar, em relação à leitura e à interpretação das imagens, que o do semiólogo moderno necessitando de signos.” (COURTINE, 2013, p. 40).

De modo semelhante ao detetive, analisar as imagens a partir de uma semiologia histórica demandaria a busca por indícios, fragmentos, imagens que retomam outras imagens e, ao reatualizá-las, outros sentidos seriam produzidos.

Courtine (2013) propõe, então, uma Semiologia Histórica, cujo foco se constituirá, primeiramente, em perspectivas históricas e antropológicas, e posteriormente em discussões acerca do rosto e do corpo, numa tentativa de pensar discursivamente as imagens. Desse modo, a noção de discurso é reformulada, alargada, passando a considerar também objetos não verbais.

Influenciado pela arqueologia foucaultiana, Courtine também introduz a noção de Intericonicidade. Segundo o autor, “A questão posta aqui é a das formas materiais de uma cultura visual de massa.” (COURTINE, 2008, p.280). O apagamento, o esquecimento, a memória discursiva não são constituídos, unicamente, pela linguagem verbal, mas também pelas imagens. É a partir dessa reflexão que o conceito de intericonicidade é pensado, supondo:

[...] as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação, segundo Foucault. Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo. De todas as memórias. Podem até ser os sonhos [...] (COURTINE apud MILANEZ, 2006, p. 168)

Dessa forma, as noções de interdiscurso e memória seriam imprescindíveis para compreender o conceito. Assim como “não há enunciado que, de alguma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 119), não existe

imagem que também não faça ressurgir outras imagens, como assevera Courtine (2013, p. 43).

Nessa perspectiva, o trabalho do analista seria o de detectar indícios, rastros, escavando para estabelecer relações, de modo a reconstruir, a partir desses indícios, uma “genealogia das imagens de nossa cultura” (COURTINE, 2013, p. 44).

Sobre a noção de Formação discursiva (doravante FD), vinculada à noção de memória discursiva, verificamos que é a partir de uma releitura do conceito de Formação Discursiva proposto por Foucault e Pêcheux, que Courtine (1981 [2009]) elabora novas formas de compreensão desse conceito, redefinindo-o. Conforme o autor, a Formação discursiva:

deixa de ser um bloco homogêneo, separada de outras FD por uma fronteira topográfica, como se apenas mantivesse com essas últimas uma relação de distância ou proximidade; resulta enfim a necessidade de deixar de pensar uma FD como repetição na categoria do mesmo (ou do diferente) e de colocar em evidência todas as formas de alteridade constitutivas de sua existência. (2009, p. 235-6)

Na obra “Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos”, Courtine (2009), a partir de suas análises sobre o discurso comunista direcionado aos cristãos, constata que as ideologias falham, e que os discursos não eram homogêneos e tão solidificados como se pensava ser. É justamente nesse ponto que Courtine traz a esse conceito uma inovação: analisar os discursos não mais partindo da homogeneidade, do hermético, mas das contradições que lhe são constitutivas e da heterogeneidade. Seu trabalho constatou que as Formações discursivas estabelecem relações de determinação e interdependências. Nessa concepção, a FD passa a ser entendida como heterogênea e aberta, diferentemente da concepção que lhe era dada nos primeiros anos da Análise do discurso francesa.

As Formações discursivas comportam, portanto, relações contraditórias, as quais são resultantes da heterogeneidade. Courtine (2013) defende que “as formações discursivas não são jamais dispositivos locais, mas atravessam e religam uma pluralidade heterogênea e disseminada de campos do saber e de regimes de práticas”. Desse modo, segundo o autor, a FD não se limita a uma realidade da linguagem, a um sistema linguístico, mas deve ser compreendida a partir da heterogeneidade histórica, do “dispositivo”. É nessa perspectiva da noção de Formação discursiva sobre a qual embasaremos nossas análises.

Relacionada à formação discursiva está a noção de enunciado reitor e suas derivações, proposta por Foucault ([1969] 2010) em seu método arqueológico. Os estudos de Análise do discurso foucaultiana primam pela compreensão da constituição dos saberes e das inúmeras redes discursivas formadas por determinadas regularidades, em meio a uma dispersão de dizeres. As regras de funcionamento das FDs divergem umas das outras e, por isso, os enunciados também estabelecem relações diversas com outros enunciados. Para Foucault, o enunciado reitor, por exemplo, desempenharia regras de uma formação discursiva de modo mais geral, abrangente e concentrado. Nas palavras do filósofo,

[...] em sua base, os enunciados que empregam as regras de formação em sua extensão mais ampla; no alto, e depois de um certo número de ramificações, os enunciados que empregam a mesma regularidade, porém mais sutilmente articulada, mais bem delimitada e localizada em sua extensão. (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 166).

Desse modo, os enunciados reitores são considerados como uma matriz enunciativa, que estaria junto à raiz de uma árvore, exercendo um papel regulador em relação aos outros enunciados derivados, os quais seriam as ramificações.

Entretanto, não se pode compreender o enunciado reitor como a origem de um saber, mas sim como um enunciado que rege outras sequências enunciativas, formando, de modo conjunto, um campo associativo. Foucault define os enunciados reitores, referindo-os

[...] à definição das estruturas observáveis e do campo de objetos possíveis, que prescrevem as formas de descrição e os códigos perceptivos de que ele pode servir-se, os que fazem aparecerem as possibilidades mais gerais de caracterização e abrem, assim, todo um domínio de conceitos a ser construídos; enfim, os que, constituindo uma escolha estratégica, dão lugar ao maior número de opções ulteriores. (ibid., p. 166).

Em nossas análises, observamos esses agrupamentos, essas regularidades, no interior da dispersão dos enunciados ditos sobre determinados candidatos, por exemplo, evidenciando como o enunciado reitor vai sendo retomado de formas distintas, em diferentes eleições, o que corrobora a produção de certos sentidos, e não outros em seu lugar, formando uma rede de sequências enunciativas. Vemos, assim, que o enunciado reitor relaciona-se às características supracitadas acerca do enunciado – afinal tem uma materialidade repetível, está circunscrito a um domínio associado –, da noção de formação discursiva – agrupamento, feixe de enunciados em meio a uma dispersão – e à

noção de memória discursiva – domínio que permite, ao mesmo tempo, o esquecimento e a repetição.

Outro importante conceito que sustenta a metodologia deste trabalho é a noção de arquivo elaborada por Foucault ([1969] 2010). Não trataremos o arquivo enquanto um conjunto de documentos e textos produzidos num determinado momento histórico, pelos quais se recupera a memória de um povo. Nas palavras de Foucault ([1969] 2010, p.147), “o arquivo é, antes de tudo, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o surgimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Compreendemos, assim, o arquivo como um sistema que gerencia a emergência de enunciados e o apagamento de outros: o sistema de sua enunciabilidade, o sistema de seu funcionamento. A partir dessa noção, poderemos investigar quais as condições de emergência, isto é, as condições que possibilitaram a emergência de determinados graus e formas de agressividade, por exemplo. Segundo Sargentini (2006, p. 41), o arquivo é “um modo de acompanhar as práticas discursivas de uma sociedade”.

No interior do arquivo do discurso político eleitoral, observamos que houve cerceamentos em cada época, como por exemplo, momentos em que se permitia uma maior exposição pública, outros em que se utilizava mais o espaço fora do âmbito regado da TV, e isso foi ampliando o arquivo – e a partir desse vasto material, selecionamos o *corpus* de análise, que compreende trechos de debates, HGPE, redes sociais e *sites* oficiais de campanha.

Foucault (1969 [2010]) destaca que a produção, assim como a transformação dos enunciados definem-se pelos limites e formas da dizibilidade, da conservação, da memória, da reativação e da apropriação.

A dizibilidade está relacionada ao “o que é possível dizer” em dado momento, que é transformado por questões jurídicas, por exemplo, dentre outras regras que gerenciam os limites do dizer. Nesse trabalho, investigamos algumas questões históricas, diante das relações de poder, que possibilitam diferentes limites do dizer agressivo, em períodos eleitorais distintos. O que era “indizível” em determinadas épocas passa a ser enunciado em outras, dadas as diversas transformações socioideológicas, que ora alargavam esses limites, ora os estreitavam.

A conservação, por sua vez, diz respeito a um conjunto de regras que define os limites e as formas dos enunciados que serão esquecidos e aqueles que se cristalizarão na memória social, seja pela pedagogia, pelo ensino ou pela recitação. Verificaremos, em

nossas análises, como o efeito multiplicador proporcionado pela repetição de certos enunciados propiciam uma cristalização de uma imagem negativa de determinados partidos que se estabelece durante muitos anos.

A memória organiza-se em diferentes formações discursivas, definindo o que é válido ou não em cada arquivo. Segundo Sargentini, “As diferentes formas como estão compostos os arquivos sobre a ditadura na América Latina mostram-nos que a memória dos discursos está firmemente atrelada às formações discursivas nas quais os enunciados estão inseridos.” (2014, p. 27). Em nosso caso, a organização do arquivo das campanhas eleitorais expõe a diversidade de canais de elaboração e distribuição em diferentes gêneros do discurso político eleitoral, de forma a não ser disponível um arquivo único, tratado, institucionalizado sobre o tema.

Há, também, um conjunto de regras que produz os limites e as formas de reativação de certos enunciados, reconstituindo-os. Nessa perspectiva, ocorre uma seleção daquilo que se quer reter, reconstruir de períodos anteriores. Determinados discursos, por exemplo, ao serem reativados provocam diversos sentidos. Em nosso trabalho, essa reativação geralmente é empregada para desqualificar o candidato político.

A apropriação, por fim, refere-se à luta pelo domínio dos discursos. Desse modo, para lermos o *arquivo* sobre as formas e a intensidade da agressividade no discurso político brasileiro, articularemos esses cinco princípios, lendo, portanto, a circulação de sentidos.

A partir dessa noção, constatamos que os discursos não emergem ao acaso, mas obedecem a certas regras – *a priori histórico* - que possibilitam a emergência ou o apagamento de enunciados nesse sistema de continuidade e descontinuidade, apreendido nas práticas discursivas.

A noção de acontecimento discursivo está estreitamente ligada às condições de emergência, uma vez que é produzida a partir de um regime de enunciabilidade. Segundo Foucault ([1969] 2010), todos os enunciados devem ser compreendidos como um acontecimento, visto que apresentam uma singularidade e, ao mesmo tempo, uma regularidade. Nas palavras do filósofo, o enunciado é:

[...] único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, [1969] 2010, p. 32)

Entretanto, tratar cada enunciado como algo singular, que produz um acontecimento, não nos impede de, num estudo de média duração, por exemplo, deflagrar uma regularidade que forma uma rede de enunciados singulares, provocando uma ruptura, uma descontinuidade em relação às práticas discursivas anteriores.

Em nosso trabalho, analisamos a ocorrência de pequenos acontecimentos que vão produzindo essas rupturas nos modos de dizer, ora docilizando, ora intensificando a agressão. Segundo Castro, “Em um primeiro momento, podem-se distinguir dois sentidos desse termo: o acontecimento como novidade ou diferença e o acontecimento como prática histórica” (2009, p. 24). Podemos, assim, considerar os enunciados enquanto práticas discursivas, históricas, por meio das quais a novidade é produzida. Ainda de acordo com Castro, “A novidade já não é um acontecimento oculto do qual as práticas seriam as manifestações; as práticas definem agora o campo das transformações, da novidade” (2009, p. 25). Desse modo, por meio da análise e descrição dos enunciados, das práticas discursivas, poderemos encontrar as transformações, a novidade, o acontecimento. E ao descrever o acontecimento, veremos quais são as condições de emergência “que determinam a materialidade própria do enunciado” (CASTRO, 2009, p. 25).

Nas palavras de Foucault, o acontecimento discursivo “se dispersa entre instituições, leis, vitórias e derrotas políticas, reivindicações, comportamentos, revoltas, reações” (FOUCAULT, 2014b, p. 175). Uma vez que o acontecimento é sempre uma dispersão, cabe ao analista mapear as regularidades no conjunto disperso e descontínuo.

Desse modo, para circunscrever o acontecimento, suas margens, bem como as suas condições de existência, torna-se necessário estabelecer as várias séries, numa relação, ao mesmo tempo, regular e descontínua, afinal:

As noções fundamentais que agora se impõem não são as da consciência e da continuidade (com os problemas da liberdade e da causalidade que lhes são correlativos), já não são as do signo e da estrutura. São as do acontecimento e da série, com o jogo de noções que lhes estão ligadas; regularidade, acaso, descontinuidade, dependência, transformação; é por intermédio deste conjunto de noções que esta análise do discurso se articula com o trabalho dos historiadores e de maneira nenhuma com a temática tradicional que os filósofos de ontem tomam ainda por história "viva". (FOUCAULT, 1996, p. 15)

Neste trabalho, observamos as séries regulares e distintas que constituem os pequenos acontecimentos, levando em consideração que “[...] os acontecimentos discursivos devem ser tratados segundo séries homogêneas mas descontínuas umas em relação às outras” (1996, p. 16). A análise das séries e dos acontecimentos discursivos possibilita a observação das mutações, transformações dos dizeres agressivos, deflagrando mudanças de rumo em relação aos discursos produzidos anteriormente.

Não se trata, portanto, de apresentar um conjunto de histórias que se complementam numa linearidade, mas sim de:

[...] determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistema vertical podem formar; qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias; de que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências; em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente; em resumo, não somente que séries, mas que “séries de séries” – ou, em outros termos, que “quadros” – é possível constituir. “(FOUCAULT [1969] 2010, p. 11).

Para tanto, é necessário, num primeiro momento, descrever os enunciados para, posteriormente, conseguir enxergar mais distante, observando uma série de transformações mais amplas. Partimos da descrição linguística, da materialidade discursiva, para então conseguir estabelecer as séries e os acontecimentos, uma vez que são as práticas discursivas que farão a transformação.

No interior dessa transformação, há descontinuidades, de modo que, mesmo numa série marcada pela docilidade, por exemplo, há ocorrências, ainda que escassas, de ironias, acusações, dentre outras formas do dizer agressivo. Segundo Castro,

trata-se, enfim, de pensar essa relação assumindo a descontinuidade dessas regularidades, o acaso de suas transformações, a materialidade de suas condições de existência. (OD, 61). Para isso, Foucault haverá de se servir dos conceitos de “luta”, “táticas”, “estratégias” (2009, p. 25)

Nessa perspectiva, observamos as condições de emergência, a transformação, a regularidade e a descontinuidade, para tecer, no fio discursivo, as metamorfoses da agressividade, de modo a restituir o que é singular dos enunciados que compõe as séries, as quais evidenciam a irrupção de acontecimentos discursivos. Torna-se, portanto, imprescindível a observação das conexões, os jogos de força e poder, e as estratégias empenhadas.

Esse movimento nos permite ver as várias séries de enunciados – analisando os múltiplos processos que os constituem -, representando, cada uma delas, um acontecimento discursivo.

Para melhor compreendermos os elementos que compõe as séries, retomaremos algumas questões metodológicas que norteiam esta pesquisa. O arquivo que propomos analisar neste trabalho é composto por: Horário de propaganda eleitoral, debates televisivos, sites e redes sociais. Desse arquivo, extraímos o *corpus* discursivo, definido por Courtine como “um conjunto de sequências discursivas” (2009, p. 54). Neste vasto arquivo, composto por muitos enunciados, buscaremos as regularidades que os constituem, estabelecendo, desse modo, agrupamentos de sequências discursivas, as quais podem responder a uma mesma organização sintática, estrutural, posição discursiva, constituindo, assim, uma dada série.

Courtine define as sequências discursivas como “sequências orais ou escritas de dimensão superior à frase” (2009, p. 55) e, uma vez agrupadas por uma dada regularidade que as formam, isto é, um ponto de referência a partir do qual esse conjunto se constitui, é possível estabelecer fórmulas, chamadas de sequências discursivas de referência – síntese do conjunto das sequências que apareceram.

O pesquisador apresenta várias possibilidades de organização dessas sequências, podendo ser produzidas a partir de posicionamentos ideológicos homogêneos ou heterogêneos, produzidas em sincronia ou diacronia, ressaltando as que apresentam efeitos contrastivos, como por exemplo a forma de refutação por denegação, como em:

$$\text{Não é Y que P } \left\{ \text{e / mas} \right\} \text{ é X que P}$$

Analisando os discursos produzidos pelo Partido Comunista endereçados aos cristãos, Courtine (2009) observa uma regularidade nos enunciados, um mesmo procedimento em sua construção, como a ‘denegação’, podendo extrair dessa sequência discursiva, a fórmula apresentada acima.

Em nossas análises, buscaremos as regularidades, em meio a dispersão, a fim de mostrar o funcionamento e a constituição dos dizeres agressivos, num gesto de análise das sequências discursivas.

## 1.2 Discurso e Argumentação

Além da abordagem discursiva, existem condições argumentativas – também relacionadas, de certo modo, ao discurso – que constituem o complexo objeto da agressividade. De acordo com os estudos de Amossy (2017) – autora que se inscreve numa abordagem argumentativo-discursiva - a violência verbal está relacionada à argumentação, a qual se manifesta na utilização de ataques e insultos, sustentando e, ao mesmo tempo, não os deixando deslizar para uma agressividade pura e sem limites. No livro “Apologia da polêmica”, Amossy estabelece relações entre o insulto e a argumentação, e constrói parâmetros que nos ajudam a categorizar e melhor compreender o funcionamento da agressividade. A autora afirma que a polêmica é uma modalidade argumentativa e não, simplesmente, um discurso agressivo. Nessa perspectiva, a violência verbal auxiliaria a polêmica, não a definindo.

Vejamos alguns parâmetros em que Amossy (2017) propõe uma articulação entre o insulto e a argumentação, sistematizando e categorizando o funcionamento dos dizeres agressivos:

1. Quando há pressão ou coerção que impede o outro de dizer, como exemplo: interrupção ou sobreposição de vozes; desrespeito aos turnos de fala; modalização enfática da asserção, que impede o outro de avançar com seus argumentos; perguntas retóricas, que diminuem a oportunidade do outro falar.
2. Quando o ponto de vista é desconsiderado e ridicularizado. A fala do outro é descontextualizada, reformulada, invalidada, tornando-a incoerente.
3. Quando se ataca a própria pessoa do opositor e não seus argumentos (argumento *ad hominem*);
4. Quando ocorre uma diabolização do outro; as características atribuídas a ele tornam-no a personificação do Mal absoluto.
5. Quando a violência está sempre vinculada ao *pathos*: o polemista exprime sentimentos violentos que se inscrevem pelas marcas lexicais, sintáticas e prosódicas. Essa emoção se traduziria sob o âmbito lexical ou pelas exclamações, um ritmo, repetições enfáticas.
6. Quando o polemista insulta o seu oponente, hostiliza-o perante um auditório, colocando-se em uma posição superior;
7. Quando se incita a violência contra o outro.

Segundo Amossy (2017), a violência da polêmica é funcional, isto é, “não é aleatória nem gratuita, mas preenche algumas funções numa interação verbal que a enquadra e a regula” (AMOSSY, 2017, p. 201). Como a violência verbal é funcional, ela também sofre coerções, uma vez que os vários gêneros permitem diferentes limites para

esse dizer agressivo. Os limites da tolerância da agressividade são diferentes nas redes sociais, nos *sites* oficiais dos candidatos e nos debates políticos, por exemplo.

A violência polêmica só se exprimiria dentro dos limites de um jogo institucional e social, e aqueles que ultrapassam esses limites legais e éticos estão sujeitos ao recebimento de advertências e denúncias. Em algumas campanhas eleitorais analisadas nesta tese, observaremos que, em uma sociedade do espetáculo (DEBORD, 1997), todas as barreiras são transpostas para se alcançar a visibilidade.

Na dissertação de mestrado intitulada “Entre insultos e falsas harmonias: A construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014”, elaboramos uma tabela de classificação da agressividade verbal, apoiando-nos nos trabalhos de Amossy (2017), amplificando e adequando as categorizações ao contexto brasileiro. Neste trabalho de tese, reformulamos a tabela ora proposta, adequando-a, neste momento, aos oito períodos eleitorais analisados, visto que na dissertação construímos as categorizações tendo em vista a campanha de 2014 unicamente. Portanto, apresentamos, ainda que inicialmente, uma nova proposição, trazendo um maior refinamento e adequações da tabela, em relação aos contextos que serão analisados.

Pudemos constatar a presença de três níveis para compreender e classificar os dizeres agressivos, vejamos:

<b>Graus de Agressividade</b>	
<b>Agressividade descontrolada, pura ou intolerante (++++)<sup>2</sup></b>	<p>Consiste na desqualificação do outro por meio de ataques, provocações, ameaças e acusações diretas. Encontra-se no limiar entre a agressividade simbólica e a física. Exemplo:</p> <p>Bolsonaro: “Petralhada, vai tudo vocês pra <b>ponta da praia</b>. Vocês não terão mais vez em nossa pátria. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma <b>limpeza</b> nunca vista na história do Brasil”. (00:01:12)<sup>3</sup></p>

<sup>2</sup> O símbolo + indica a intensidade da agressividade.

<sup>3</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=at8qr1MeO6g>>. Acesso em: 20 março 2019.

<p><b>Agressividade sutil e mordaz (++)</b></p>	<p>Diferencia-se da agressividade pura por ser mais estratégica e programada. Nesse nível, os efeitos são também extremamente agressivos, mas atingidos por meio de ataques indiretos ou sutis, sendo ‘polido’ ou aparentemente inofensivo apenas na forma, na materialidade verbal ou imagética.</p> <p>Dilma: “Candidato, eu queria saber o que o senhor acha e como o senhor vê essa questão da lei seca e se todo cidadão que for acionado, solicitado, deve se dispor a fazer exame de álcool e droga”. (Debate SBT - 16 de outubro de 2014 – 00:42:00)<sup>4</sup>.</p> <p>Locutor: “Graças a decisão de Ciro Gomes e Fernando Henrique de reduzir as tarifas para importação, está havendo aumento de empregos, no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Itália, na França, enquanto isso no Brasil as máquinas estão paradas. (Programa de Lula – 18 de julho de 1994 - 00:19:00)</p>
<p><b>Agressividade moderada e amenizada (+):</b></p>	<p>Neste nível a agressividade estaria mais próxima da polêmica, sendo amenizadas por ela, por formas modalizadoras, de modo a ressaltar/fazer parecer um confronto de ideias ou perspectivas.</p> <p>Ex. “O senhor <b>precisa estudar mais</b>” (Debate Globo - 24 de outubro de 2014 – 00:39:30)</p> <p>“A senhora <b>falta com a verdade</b>” (Debate SBT – 14 de outubro de 2014 – 00:15:20)</p>

<sup>4</sup> Dilma faz essa pergunta em um momento em que circulavam notícias de que Aécio teve sua habilitação apreendida, por dirigir sob efeito do álcool.

	<p>“Então, candidato, <b>me desculpa</b>, mas o senhor falou, falou e não apresentou nada de concreto” (Debate Globo – 24 de outubro de 2014 - 00:34:38)</p> <p>Pastor Everaldo: “<b>Eu defendo a família como está na constituição brasileira. Nós somos um país democrático</b> e respeito a todas as pessoas, <b>mas</b> casamento pra mim é homem e mulher”. (Programa de Everaldo – 30 de agosto de 2014 - 00:02:03)</p> <p>Dilma “<b>Não faço ataques pessoais ao candidato adversário, mas</b> é fato que ele representa um modelo que quebrou o país três vezes, que abafou todos os escândalos de corrupção, que privatizou o patrimônio público a preço de banana, que causou desemprego altíssimo, arrocho salarial e resseção, que se curvou ao FMI, que esqueceu os mais pobres, que não investiu nem na área social, nem na infraestrutura” (Programa de Dilma - 00:02:11 – 09 de setembro de 2014)</p>
--	---

Com relação às formas da agressividade, podemos reconhecê-las a partir da seguinte categorização:

<b>Formas de agressividade</b>	<b>Exemplos</b>
1) Interrupção abrupta da fala do interlocutor	<p><b>Aécio Neves:</b> “Você não deve ofender os outros sem”</p> <p><b>Luciana Genro</b> interrompe a fala do candidato: “Você não levante o dedo pra mim!” (Debate Bandeirantes - 02 de outubro de 2014 - 01:05:42).</p>

	<p><b>Enéas:</b> Eu tenho – um minutinho por favor – <b>(o jornalista o interrompe, chamando-o de fascista)</b>. O senhor não tem o direito de me interromper, se não eu paro e me retiro do ambiente [...] obedeça a regra como eu também. [...] (Debate Bandeirantes – 16 de agosto de 1994 – 00:38:35)</p>
<p>2) Ridicularização ou repreensão da fala do outro</p>	<p>“Mas o senhor está fabulando, está inventando uma história que não existe.” (Debate Bandeirante – 14 de outubro – 00:37:15)</p> <p>Na propaganda de Ciro, por exemplo, retomase uma fala de Serra em que ele dizia “A mudança tem cor, é o azul da carteira de trabalho”. A fala do candidato aparece parodiada e reformulada na letra de uma música, cantada por <i>happers</i>, da seguinte forma: “A mudança deles tem cor, é branco da carteira de trabalho vazia”: (Programa de Ciro - 00:30:21 – 2º turno 2002)</p>
<p>3) Metalinguagem agressiva: diz respeito às considerações feitas pelo sujeito enunciador a respeito de sua própria fala.</p>	<p>“Candidata, não queria nem corrigi-la, mas vou corrigi-la mais uma vez” (Debate Record – 19 de outubro de 2014 - 00:26:11)</p>
<p>4) Alusões ou insinuações pelos procedimentos de:</p> <p>a) Falar de si para desqualificar o outro;</p> <p>b) Perguntas genéricas.</p>	<p>a) <b>Alckmin:</b> “Eu tenho 40 anos de vida pública, <b>sempre trabalhei, não fui desocupado, não invadi propriedade, não tenho nenhuma condenação</b>, 40 anos de vida pública [...]” (Debate SBT – 16 de setembro de 2018 - 00:14:10)</p> <p>b) “Como o senhor vê a questão da violência contra a mulher?”<sup>5</sup> (Debate Band – 14 de outubro – 00:20:15)</p>

<sup>5</sup> Tal pergunta produz efeitos de agressividade se relacionada às notícias de que Aécio agrediu, supostamente, sua ex-namorada.

<p>5) Ataques diretos e repetições enfáticas relacionadas à moral ou conduta do oponente.</p>	<p>“Brizola: <b>Filhote da ditadura!</b> Maluf: <b>Desequilibrado!</b>” (Debate Bandeirantes – 16 de outubro de 1989 - <b>00:00:10</b> )</p> <p>“A senhora está sendo <b>leviana</b>, candidata, <b>leviana!</b>” (Debate Bandeirantes – 14 de outubro de 2014 - 00:36:08)</p> <p>Boulos: “Deputado Bolsonaro, <b>o Brasil inteiro sabe que você é racista, machista, homofóbico.</b> (Debate Bandeirantes – 09 de agosto de 2018 - 00:56:56)</p>
<p>6) Ironia</p>	<p>“A candidata aqui nos brinda com uma pérola”. (Debate Globo – 24 de outubro - 00:29:27)</p> <p>Locutor: “As denúncias estão na edição deste sábado da revista Veja e <b>envolvem pagamento de propina a poucos metros da sala de Dilma.</b>” (Programa de Serra - 18 de setembro de 2010 - 00:21:08).</p> <p>Locutor: “Agora Dilma diz que não viu nada, não sabe de nada.” (Programa de Serra - 17 de outubro de 2010 - 00:10:10).</p>
<p>7) Derrisão</p>	<p>“Corrida Presidencial, Aécio sobe 4 pontos...no bafômetro” (Exemplo extraído de <i>blogs</i> e redes sociais)</p>
<p>8) Formas “polidas”</p>	<p>Aécio: “Mais uma vez um convite eu lhe faço, vamos olhar para frente, não vamos aqui debater olhando no retrovisor” (Debate Globo – 24 de outubro - 00:32:21)</p>
<p>9) Práticas estigmatizantes que conferem ao insultado características animais, físicas, escatológicas.</p>	<p>Collor: “Como também, não gostaria nem de citar, mas os adjetivos que eu também não concordo que o Brizola vem brindando o candidato do PT, são adjetivos como “<b>o sapo barbudo</b>”, que não são termos que devem ser utilizados em nenhum instante, num momento em que nós desejamos sim elevar o nível do debate político e o nível da discussão no nosso país. (Debate Bandeirantes – 03 de dezembro de 1989 - 02:05:53)</p>

	Eduardo Jorge: “Se auditar a nossa dívida e colocá-la numa ressonância, ela vai sair magrinha, parecida com você”. (Debate Band - 26 de agosto de 2014 – 00:40:00).
--	---

Para as análises das sequências discursivas extraídas do período de campanha pré-eleitoral de 1989 a 2018, tomaremos como parâmetro os itens arrolados, que nos permitirão reconhecer as regularidades e dispersões presentes nas práticas discursivas dos discursos de campanha no Brasil.

### 1.3 Memória saturada

Nesta pesquisa, além de nos fundamentarmos de modo mais amplo nos estudos discursivos foucaultianos que metodologicamente nos amparará na análise das continuidades e rupturas de discursos produzidos em uma média duração, iremos também nos fundamentar em uma abordagem discursivo-argumentativa capaz de identificar e categorizar a agressividade na materialidade discursiva.

Para melhor compreendermos as sequências discursivas em suas séries e em seus acontecimentos, recorreremos a análise da complexidade que articula história, memória e as formas contemporâneas do discurso político eleitoral. Para tal, referenciamos a obra de Régine Robin intitulada “Memória Saturada”. Nesse livro, a autora mostra como o passado nos estrutura e molda quem somos, afinal “[...] ele é também uma força que nos habita e nos estrutura involuntariamente, inconscientemente, o tecido do qual somos feitos”. (ROBIN, 2016, p. 215).

As reflexões da autora sobre memória e história apontam que a principal característica da memória contemporânea é a saturação, a qual se manifesta em quatro modalidades, a inversão dos signos, a simetriação dos passados, a multiplicidade das formas memoriais e a vontade exacerbada da conservação. Segundo Robin (2016), a memória na contemporaneidade é saturada, fragmentada, pulverizada, nas palavras da autora:

[...] Somos capazes de enfrentar essa multiplicidade de discursos e representações sobre o passado, essa infinidade de informações recebidas pela internet ou pela televisão, as publicações e os filmes?...Esse excesso de memória que nos invade hoje poderia ser apenas uma figura de esquecimento, pois a nova era do passado é a da saturação. Saturação por inversão de signos, [pela] suspensão de passado próximo mas não pensado, não criticado; por uma indiferença

ao passado; [por] formas de representação hollywoodianas; enfim, por causa dos fantasmas de ‘tudo guardar’ que acompanham nossa imersão no mundo do virtual [...] (ROBIN, 2016, p. 22).

Em nosso trabalho, verificamos que a memória tem um papel fundamental na construção dos sentidos agressivos, uma vez que os fragmentos de memória alimentam esse conjunto de dispositivos formado por diferentes saberes, imagens. Ao enunciar um insulto, uma ocorrência de desqualificação do outro, por exemplo, fragmentos de memória são evocados fazendo com que o passado “neve” sobre o presente (ROBIN, 2016).

Há determinadas memórias que são mais saturadas que outras, determinados sentidos que são mais recorrentes e massivamente replicados. Com a invenção da internet e o posterior uso ostensivo das redes sociais na contemporaneidade, a memória se torna ainda mais saturada, fragmentada e pulverizada.

A internet e a invenção de outras tecnologias aumentaram as possibilidades de “tudo guardar”, ampliando a saturação. Entretanto, esse excesso de memória produz consequências, dentre elas, uma sociedade amnésica, marcada pelo esquecimento, por sujeitos que arquivam tudo, têm acesso a tudo, mas não sabem ou lembram de nada, ou o fazem de modo superficial.

Sobre essa questão, Régine Robin cita Walter Benjamin, em *Sens Unique*, evidenciando que a memorização e percepção mudam dependendo do ritmo que a realidade é observada. Vejamos a citação:

A força do campo é outra, se o percorremos a pé ou o sobrevoamos num avião. A força de um texto é outra, igualmente, se o lemos ou se o copiamos. Quem voa vê somente a estrada se afastar através da paisagem: ela se desenrola diante de seus olhos segundo as mesmas leis do campo que o rodeia. Somente quem caminha nessa estrada aprende alguma coisa de sua dominação, e descobre como, nesse espaço que é para o avião apenas uma planície estirada, a estrada liberta, em cada uma de suas curvas, distâncias, mirantes, clareiras, perspectivas. (1978, p. 156-157, apud ROBIN, 2019, p. 450).

Poderíamos comparar o avião ao internauta, que navega, a seu modo, por inúmeros conteúdos, tem a possibilidade de arquivamento ilimitado em diversas “nuvens”, mas sobre eles os detém na superficialidade, sabe discutir sobre tudo, pode reagir com inúmeros comentários, curtidas, compartilhamentos, mas não sabem concentrar-se num único ponto, nem discuti-lo em profundidade. Entretanto, a autora tem

uma visão otimista sobre os recursos tecnológicos: “Não é preciso, pois, renunciar às novas tecnologias e sobrecarregá-las de todos os males, inclusive da nova amnésia, duplicando a obsessão memorial que vivemos.” (Robin, 2016, p. 460). Passados dezenove anos desde a publicação dessa obra em francês, talvez Robin teria reformulado essa afirmação. Não acusaremos a internet e as redes sociais da criação de todos os males, mas investigaremos como essas tecnologias, dentre outros *media*, tiveram um papel determinante para a produção e saturação de certas memórias que tiveram como consequência a agressividade e a intolerância.

Podemos comparar a saturação com a noção de rarefação e raridade dos discursos, como proposta por Foucault ([1969] 2010, 1996), justamente porque, ao mesmo tempo em que há o princípio da raridade, poucos discursos emergem, por consequência, ocorre a repetição do mesmo, a rarefação do discurso, dando sustentação à memória saturada.

Sobre a lei da raridade, Foucault a descreve da seguinte forma: “Ela repousa no princípio de que nem tudo é sempre dito” ([1969] 2010, p. 135). Esse princípio mostra que o enunciado tem um sistema singular que permitiu a sua emergência.

Foucault ([1969] 2010, p.139) reitera que quando analisamos discursos já ditos, tendemos a considerar que foi o acaso que os conservou, no entanto, há um conjunto de técnicas, práticas, condições de emergência, que os colocam em movimento e os conserva. Os circuitos de comunicação, por exemplo, “são os suportes de uma acumulação e centralização do saber; o jogo dos sinais define os pontos de apoio do poder; [...]” (FOUCAULT, 2003, p. 179). A partir da análise desse funcionamento, é possível observar os jogos de poder, as estratégias que regulam o que deve ser evidenciado e conservado.

Segundo Foucault ([1969] 2010), os enunciados:

se conservaram graças a um certo número de suportes e de técnicas materiais (de que o livro não passa, é claro, de um exemplo), segundo certos tipos de instituições (entre muitas outras, a biblioteca) e com certas modalidades estatutárias [...]. Isso quer dizer, também, que eles estão investidos em técnicas que os põem em aplicação, em práticas que daí derivam em relações sociais que se constituíram ou se modificaram através deles. (p. 140)

Essa repetição dos enunciados, por meio de práticas e técnicas, leva à existência de um acúmulo, implicando uma memória dos já-ditos.

Courtine (2013), ao descrever a repetição do mesmo, cita o exemplo das imagens do ataque às torres gêmeas divulgadas massivamente nas mídias. Nas palavras do analista,

“As imagens do 11 de setembro são sempre as mesmas, seis imagens-tipo repartidas em diversas fotos diferentes” (p.161) Segundo o autor, a multiplicação dessas imagens é quase infinita e sua divulgação, planetária. Courtine ainda ressalta a rarefação das imagens concluindo que:

[...] esse tipo de análise permite apreender, de passagem, um dos aspectos do que a globalização faz com as imagens e eis aqui precisamente um dos paradoxos essenciais das sociedades líquidas: a difusão e a multiplicação planetárias de objetos da cultura são proporcionais à sua rarefação e uniformização.” (p. 161)

Essa relação é paradoxal, porque ao mesmo tempo em que há muita distribuição, há uma restrição, isto é, embora haja uma saturação, só algumas imagens se mantêm.

Observamos, neste trabalho, que *a nova era [...] é a da saturação*. (ROBIN, 2016, p. 22), e que a memória saturada de alguns discursos, materializada em sequências discursivas regulares, repetidas massivamente, tem uma consequência. A construção de uma memória de desqualificação, por exemplo, posta em funcionamento recorrentemente, pode levar à agressão e à intolerância. Outra consequência é o quase esvaziamento do sentido de algumas palavras, devido à constante repetição, marcada por expressões como “peguei birra”, “implicância”, “ranço” “ojeriza” de X ou da expressão X.

Um dos movimentos da saturação, portanto, é a circulação massiva de determinados termos, de determinados discursos. Entretanto, não podemos dizer que ocorre um excesso de produção desses dizeres, justamente porque não existe um parâmetro que nos ofereça uma justa medida.

As discussões acerca da memória saturada, de uma *vontade* exacerbada de conservação de determinados discursos, bem como, das noções de raridade e rarefação, são fundamentais para a compreensão das estruturas que sustentam as séries, os acontecimentos e suas condições de produção.

#### **1.4 A memória e o ressentimento**

A memória e o ressentimento são tratados por muitos estudiosos como noções subjetivas, individuais, interiores a cada sujeito. Neste trabalho, propomos compreendê-

los enquanto inseridos em práticas discursivas, materializados em discursos, os quais constroem memórias e produzem o ressentimento. A agressividade, por sua vez, é uma forma de expressão do ressentimento.

Nietzsche (2007) já dizia que esse sentimento nasce de uma impossibilidade de esquecer, de uma ruminação de uma memória das injustiças sofridas. Há, de fato, uma frustração rastejante individual, cognitiva e outra coletiva, discursiva. Trataremos, portanto, de um sentimento construído discursivamente, e que se consolida historicamente como parte de determinados grupos.

Alguns pesquisadores fazem uma diferenciação entre indignação e ressentimento, como o estudioso Eric Fassin (2019). Entretanto, optamos, neste trabalho, pela classificação proposta por Paul Zawadzki, uma vez que o pesquisador diferencia dois tipos de ressentimento que melhor descrevem e atendem às demandas ora propostas. Segundo ele, há duas dinâmicas ideal-típicas do ressentimento, a primeira vincula-se ao “sentimento de injustiça provocado pelo desrespeito ao princípio igualitário” (ZAWADZKI, 2004, p. 380). É, em geral, o caso dos dominados. O pesquisador cita o filósofo alemão Max Scheler, cujos estudos pontuam, por vezes, o ressentimento do proletariado. A segunda diz respeito a um ressentimento anti-igualitário, em que se busca uma naturalização da desigualdade. Esse tipo de ressentimento é conduzido pelos inimigos da democracia, os quais recusam a igualdade. Segundo o autor, “enquanto o ressentimento igualitário quer abolir a diferença, o segundo, conduzido pelos dominantes, esforça-se para preservá-la, inscrevendo-a na ‘irreversibilidade’” (ZAWADZKI, 2004, p. 381).

Ainda sobre o segundo caso, o pesquisador pondera que esse ressentimento exprime um sentimento de superioridade social rebaixada, humilhada e se baseia em imaginários racistas e etnonacionalistas.

Zawadzki reitera que a violência se torna mais preponderante quando se instala mais fortemente a igualdade. A violência, portanto, torna-se exacerbada nos espaços igualitários, ou poderíamos dizer, na ameaça de um plano de governo, por exemplo, cujo projeto ancora-se na igualdade e na inclusão das minorias. O estudioso, por fim, cita Voltaire ao dizer que “uma injúria fere, e o ressentimento é a própria ferida” (ZAWADZKI, 2004, p. 373).

Há condições de emergência de uma generalização da inveja e do ressentimento, as quais, na perspectiva do autor, seriam a igualdade de condições e a desnaturalização da hierarquia (ou da desigualdade).

A partir dessa problematização, observaremos em nosso trabalho essa construção de ressentimentos movendo os discursos em duas direções diferentes, levando em consideração posicionamentos de esquerda e direita. Ambos os ressentimentos apresentados podem produzir discursos pautados na violência simbólica e, inclusive, física. O discurso de vitimização, por exemplo, movido pelo ressentimento, quando a elite se coloca como vítima, como sendo prejudicada pela inclusão da minoria (aceitação de imigrantes, inclusão de portadores de necessidades especiais, etc), autoriza e reverbera o preconceito, ultrapassando os limites da agressão verbal.

A memória saturada, por sua vez, tem um papel importante na produção do ressentimento, de modo que a exaustiva retomada de algumas memórias possa desencadear ressentimento e ódio em determinados grupos.

Enquanto na memória individual e subjetiva, entende-se o ressentimento como uma ruminação de uma mágoa resultante de uma ofensa sofrida, em relação à memória coletiva, as mídias têm esse papel intensificador de fazer retornar, ruminar um sentimento de revolta e indignação social em relação a um determinado grupo, por meio de práticas discursivas, fazendo *o passado nevar* constantemente *sobre o presente*, até que a “ferida” seja curada, ou até que se consiga calar ou destruir o outro. Continuando a metáfora de Régine Robin (2016), esse nevar incessante pesa sobre o presente, resultando muitas vezes numa avalanche de ódio, agressividade e intolerância.

### **1.5 O discurso agressivo: algumas considerações**

A agressividade pode ser classificada como física, verbal ou simbólica. Neste estudo, trataremos da agressão verbal e simbólica que se materializa na expressão do insulto, nos recursos da ironia, no modo de seleção e organização das construções sintáticas, no léxico empregado, nos argumentos mobilizados, na seleção temática, no dizer derrisório, no escracho, no tom da fala, na alusão, na gestualidade, nos recursos que constituem a materialidade imagética, dentre outras formas.

Definir o que é o ‘discurso agressivo’, certamente, não é uma tarefa fácil, dada a complexidade do objeto, afinal, tentamos captá-lo onde justamente ele nos escapa. Diferentemente de objetos de estudo em que se permite observar uma visibilidade

imagética, física, como o ‘corpo’, por exemplo, o ‘dizer agressivo’ é um objeto simbólico e está numa posição:

[...] de articulação entre a fala e o grito, entre a intrusão e a sublimação, entre resistência defensiva e pulsão destrutiva, entre corpos e códigos, estereotipia e invenção, contato aproximado e evitado, entre o assassinato e a absolvição, fuga e provocação, fidelidade ao código e insubmissão. Atravessado de movimentos contraditórios, de tensões dialéticas e de ambiguidades, o insulto é o teatro de forças opostas. Marcado pelo selo do paradoxo, o insulto nos escapa por onde, justamente, ele funciona: portador de uma violência que pode ser devastadora, ele representa, na ordem da fala, uma alternativa à violência em sua expressão sublimada. (BRAVO, 2015, p. 92) (Tradução nossa<sup>6</sup>).

Os estudiosos Bacot (2007) e Bravo (2015) recorrem à definição em latim da palavra ‘insulto’, constatando que o termo provém do latim insultare, e significa “saltar em cima”, “saltar sobre alguém”, a fim de provocar sua queda e sua extinção, fazendo-o descer abaixo da escala dos seres, transformando-o em objeto para o reduzir ao silêncio (afinal, os objetos não falam) e depois, a nada.

As teorias, cada uma delas com objetivos distintos, dispõem de diferentes ferramentas teóricas para a compreensão e definição desse complexo objeto. Para a psicanálise, por exemplo, no que tange à perspectiva freudiana (1930, 1984), a agressão verbal seria uma conversão “sublimante” da pulsão agressiva. Segundo Freud (1893), "O primeiro homem a arremessar palavras de insulto ao inimigo em vez de uma lança foi o fundador da civilização" (FREUD, 1893, p. 45). Outros estudos, dentre eles, os que se inscrevem em teorias interacionistas ou pragmáticas, compreendem o insulto como um ato performativo - atos que ameaçam a face positiva ou negativa -, estando presente, particularmente, nos episódios de forte tensão (CHASSIN, 2005).

Neste trabalho, propomos uma análise discursiva dos dizeres agressivos, apoiando-nos nas relações de poder (FOUCAULT, 1996, 2003, [1969] 2010, 2014ab), nas abordagens discursivo-argumentativas (AMOSSY, 2007, 2010, 2017) e nas formas de memórias e ressentimentos que nutrem os discursos agressivos.

---

<sup>6</sup> “[...] dans une position charnière entre la parole et le cris, entre effraction et sublimation, entre résistance défensive et pulsion destructive, entre corps et code, stéréotypie et invention, contact rapproché et évitement, entre meurtre et absolution, fuite et provocation, allégeance au code et insoumission. Traversée de mouvements contradictoires, de tensions dialectiques et d’ambiguïtés, l’insulte est le théâtre de forces de signe opposé. Marquée du sceau du paradoxe, l’insulte nous échappe par où, justement, elle fonctionne : porteuse d’une violence qui peut être dévastatrice, elle n’en représente pas moins, dans l’ordre de la parole, une alternative à la violence dont elle se veut pourtant l’expression sublimée.” (BRAVO, 2015)

Afirmar que um dado enunciado produz a agressividade é algo complexo, justamente porque o dizer agressivo está sujeito a algumas variáveis, como exemplo, a sensibilidade de uma época, isto é, algo que num momento foi considerado agressivo e, na contemporaneidade, deixa de ser, ou o contrário. Outra problematização posta por nosso objeto de estudo são as condições de reconhecimento. O alvo da agressão, por exemplo, pode não reconhecer que foi insultado, por isso, o insulto deixaria de ser um insulto? Mesmo que o interlocutor não se sinta ofendido ou não o tenha compreendido, o efeito de agressividade é produzido, se houver na análise respaldo da interpretação da materialidade linguística como agressiva, associado às condições de produção.

Os parâmetros descritos no item 1.2, a respeito dos graus e das formas de agressividade, oferecem um conjunto de referências – observadas, prioritariamente, no contexto político eleitoral brasileiro - nas quais o analista pode se pautar na análise do dizer agressivo, sem incorrer numa análise intuitiva ou subjetiva.

Sobre essas categorizações que deflagram uma regularidade nas formas do dizer agressivo no contexto político eleitoral brasileiro, ainda é necessário ressaltar uma outra nomenclatura que utilizaremos neste trabalho ao descrever alguns tipos de dizer agressivo, como a agressividade direta e a agressividade indireta. Entenderemos a primeira enquanto uma fala endereçada diretamente ao opositor acusando-o, sem rodeios ou sugestividade, como em “X é Y”. Pela segunda, compreenderemos sua materialização pela ironia, perguntas genéricas que sugerem acusações, o falar de si para desqualificar o outro, modalizações – como em “eu acho que”, “o senhor poderia”, de modo que o aumento das formas modais levaria a uma agressividade indireta, enquanto o contrário levaria a um dizer direto.

Além da compreensão dessas nomenclaturas e parâmetros, é importante considerar as formas de funcionamento da agressividade, que envolvem abordagens culturais e de reconhecimento – um termo pode ser compreendido como agressivo em uma dada cultura ou época e não o ser em outra -, abordagens argumentativas e discursivas.

Nem tudo é agressivo, mas qualquer palavra – até mesmo expressões ditas cordiais e polidas – pode se tornar agressiva, dependendo das relações estabelecidas historicamente, culturalmente, relativas ao contexto, dentre outras variáveis que constituem a agressividade.

Os estudos indicam que nem toda agressividade é negativa, há ainda uma agressividade positiva no discurso político, por meio da qual são produzidos os efeitos de

ousadia, disputa, assertividade, demonstrando preparo para o embate. Funciona como uma agressividade aguerrida, daquele que ousa na disputa contra o opositor, utilizando-a como um meio para conseguir algo, “saltando” sobre o interlocutor.

Neste primeiro capítulo, discutimos a emergência da noção de discurso, na esteira de Puech (2014), mostrando os projetos distintos de Pêcheux e Foucault, de modo a evidenciar seus diferentes terrenos, filiações e objetivos. Em sequência, indicamos nossa filiação à perspectiva foucaultiana, apresentando-a de forma mais exaustiva para o estudo do discurso, ressaltando as seguintes noções que fundamentarão nossas análises: enunciado, domínio de memória, semiologia histórica, formação discursiva, enunciado reitor e suas derivações, arquivo, a priori histórico, acontecimento, séries e condições de emergência. Esses conceitos nos auxiliarão na investigação do funcionamento do discurso agressivo, compreendendo, ao mesmo tempo, sua constituição, os saberes que o alimentam, e seus movimentos de continuidade e descontinuidade ao longo dos anos.

Em uma perspectiva argumentativo-discursiva do discurso agressivo delineado por Amossy (2017), consideraremos alguns parâmetros relevantes para nossa análise, que poderão nos auxiliar na percepção e classificação da agressividade verbal, e na compreensão das relações entre o insulto e a argumentação.

Em sequência, construímos uma reflexão acerca da memória saturada e a relação que estabelece com as noções de rarefação e raridade dos discursos, como proposta por Foucault ([1969] 2010, 1996), a fim de alargar o conceito de memória discursiva e ampliar os aspectos que constituem o dizer agressivo.

Arelado à noção de memória saturada, discursiva, problematizamos algumas questões sobre o ressentimento, uma vez que a agressividade pode ser motivada pela construção de uma memória coletiva que o produziria.

Articulados os temas, buscamos, por fim, compreender do que se trata o discurso agressivo, numa espécie de *pirotecnia*<sup>7</sup>, já que objetivamos refletir sobre um objeto complexo e obscurecido, por meio de pequenas erupções que nos possibilitarão lançar luz sobre esse emaranhado e difuso funcionamento que o permeia e o constitui.

---

<sup>7</sup> “Um pirotécnico é inicialmente um geólogo. Ele olha as camadas do terreno, as dobras, as falhas. O que é fácil cavar? O que vai resistir? Observa de que maneira as fortalezas estão implantadas. Perscruta os relevos que podem ser utilizados para esconder-se ou lançar-se de assalto. Uma vez tudo isto bem delimitado, resta o experimental, o tatear. Envia-se informes de reconhecimento, aloca-se vigias, mandam-se fazer relatórios. Define-se, em seguida, a tática que será empregada” (FOUCAULT, 2006, p. 69).

## **Capítulo 2 – Um estudo sobre as mutações da agressividade nas eleições de 1989 a 2010**

Neste capítulo, investigaremos previamente a existência da agressividade para, em sequência, analisar as formas, o grau, a intensidade, as mutações e suas formas de ocorrência, nos anos de 1989 a 2018, justamente por se referir a um novo período democrático no Brasil. O capítulo está dividido em itens de análise de cada eleição, subdivididos por seus lugares de ocorrência, a saber: Debates, HGPE, *Sites* e Redes sociais.

### **2.1 Eleição presidencial de 1989 - Duelo entre o “Sapo barbudo” e o “Príncipe da corrupção”: o sapo recusa o beijo e o príncipe engole o sapo**

Nas eleições de 1989, vinte e dois candidatos<sup>8</sup> concorreram ao pleito eleitoral, sendo os principais deles, por terem obtido mais votos: Fernando Collor de Mello (PRN, atual PTC), Luís Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (PDT) e Paulo Salim Maluf (PDS).

De acordo com os pesquisadores Rubim e Colling (2005), a eleição de 1989 apresentou novas formas de se fazer política, tornando-se um período “divisor de águas” em relação à comunicação política, uma vez que a mídia ganha centralidade e se torna mais acessível.

Desse modo, propomos investigar o dizer agressivo e suas mutações, partindo dessas eleições, justamente por se tratar da primeira campanha eleitoral presidencial, com voto direto, após a longa ditadura civil-militar (1964 a 1985). Durante os anos de exceção, houve campanhas para eleição de governos estaduais e prefeituras, entretanto o final dos anos 80 é marcado com uma forte espetacularização do discurso político eleitoral, expondo-se como um período inovador em relação à comunicação política das campanhas anteriores, uma vez que, nesse período, ocorre uma profissionalização do marketing

---

<sup>8</sup> Affonso Camargo Neto, Ulysses Guimarães, Antônio dos Santos Pedreira, Afif Domingos, Roberto Freire, Aureliano Chaves, Armando Corrêa, Silvio Santos, Livia Maria Pio, Zamir José Teixeira, Celso Brant, José Marronzinho, Fernando Gabeira, Mário Covas, Ronaldo Caiado, Paulo Gontijo, Eudes Oliveira Mattar, Manoel de Oliveira Horta.

político no Brasil, pautado na televisão. Analisaremos os debates e as inserções do HGPE, ambos apresentados em TV, observando as formas, os graus e a intensidade dos dizeres agressivos, visando ao cotejamento com as eleições subsequentes.

### 2.1.1 Debates

Na campanha de 1989, ocorreram oito debates, promovidos pela rede Bandeirantes, SBT, Manchete e Globo, constituindo-se como um marco do retorno do dizer democrático no Brasil.

Quanto ao dizer agressivo, uma característica marcante dos debates de 1989 foram os inúmeros ataques diretos e repetições enfáticas relacionados à moral ou à conduta do oponente. Vejamos uma lista com alguns insultos entre os candidatos:

Sequência discursiva 1: “O candidato não tem estabilidade emocional” (Maluf para Brizola), “É desequilibrado” (Maluf para Brizola), “Perdeu o controle emocional” (Lula para Collor);

Sequência discursiva 2: “Filhote da ditadura” (Brizola para Maluf), “Beneficiário da ditadura” (Brizola para Maluf);

Sequência discursiva 3: “Malufistas” (Brizola para o público), “Absolutista” (Lula para Collor);

Sequência discursiva 4: “Cambalacheiro”, “Baderneiros”, “Bagunceiros” (Collor para Lula)

Sequência discursiva 5: “Este se trata de uma farsa” (Brizola para Collor); “Pinóquio” (Lula para Collor);

Sequência discursiva 6: “O Pinóquio pelo menos lia” (Collor para Lula)

Sequência discursiva 7: “Ele é uma marionete” (Collor para Lula)

Sequência discursiva 8: “Intolerantes” (Collor para Lula)

Na sequência discursiva 1, observamos que “ter o controle emocional”, “ser equilibrado” é considerado uma virtude. Aquele que insulta, diz improperios, eleva a voz, gesticula enfaticamente, ganharia a alcunha de “desequilibrado”. Ao designar o oponente como tal, atribuiu ao outro o dizer agressivo, não na acepção de que ele é forte, destemido, mas na acepção de que agredindo expõe sua fragilidade.

De forma mais específica, analisaremos um diálogo entre os candidatos Brizola e Maluf, extraído do debate<sup>9</sup> veiculado na rede Bandeirantes de Televisão, no dia 16 de outubro, ocasião em que ocorreu a verbalização dos enunciados arrolados nas sequências discursivas 1, 2 e 3.

“Maluf: Quero dizer com toda a tranquilidade que não vim aqui para ouvir baixarias. Vim aqui para debater ideias. Eu vim aqui debater com pessoas que querem ser candidatos a presidente da República e, portanto, são obrigados a ter **estabilidade emocional**. Quem é **desequilibrado** não pode ser candidato à presidência da república (risos da plateia).

Brizola: ...Dá licença, me dá um aparte?

Maluf: Não lhe dou aparte porque tenho esse minuto...

Brizola: ... Não pode dar aparte...

Maluf: Não lhe dou aparte!

Brizola: Não dá porque não pode. **Filhote da ditadura!**

Maluf: Não lhe dou aparte, o senhor tenha respeito.

Brizola: **Filhote da ditadura!**

Maluf: **Desequilibrado!**

Marília Gabriela (mediadora): Por favor...

Maluf: **Desequilibrado**. Passou quinze anos no estrangeiro e não aprendeu nada (palmas da plateia). O pior é que não esqueceu nada, não esqueceu nada! O pior, continuou o mesmo de quando foi, não aprendeu nada.

Brizola (agora falando para a plateia): **Malufistas**. Filhotes da ditadura! Todos engordaram na ditadura!

Marília Gabriela (mediadora do debate): Intervalo, por favor.”  
(00:00:10 – 00:01:46)

Analisaremos, primeiramente, o termo “desequilibrado” e a expressão “ter estabilidade emocional”. Na obra “A Condição do sensível: Formas e maneira de sentir no Ocidente”, a autora Claudine Haroche (2008) aborda um estudo feito pelo historiador Norbert Elias acerca da sociedade da corte, o qual constata que a mobilidade descontrolada, o rebuliço, a excitação eram tidas como características das classes inferiores, enquanto o domínio e controle de si, eram características da nobreza, das classes superiores.

O historiador analisa dois momentos: o século XVII, referente à sociedade monárquica, organizada pelo rei absolutista e o século XII, caracterizado pelas cortes feudais, constituindo uma primeira etapa no processo civilizador. A propósito das

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GSS7F2BBXpw>>. Acesso em: 15 junho 2017.

considerações sobre a obra de Norbert Elias, no prefácio do livro supracitado, Chartier pondera que:

[...] a arte de observar, aos outros e a si mesmo, a censura dos sentimentos, o domínio das paixões, a incorporação das disciplinas que regem a civilidade. Uma tal transformação não modifica apenas as maneiras de pensar, mas toda a estrutura da personalidade, a economia psíquica que Elias designa sob um nome antigo, *Habitus* (p.246). O processo de curialização é também um processo de remodelagem da afetividade [*Affektmodellierung*] que submete o homem de corte a uma rede cerrada de autocontroles automáticos que refreiam todos os impulsos espontâneos, todos os movimentos imediatos. (p.21)

Desse modo, o homem civilizado, nobre, deve dominar seus gestos, seu olhar, suas expressões faciais. Nas palavras de Jean de La Bruyère (1937), o homem da corte “dissimula os maus serviços, sorri a seus inimigos, domina o seu humor, disfarça suas paixões, desmente seu coração, fala, age contra seus sentimentos.” (1937 apud ELIAS, 2001, p. 121).

Nesse sentido, a noção de equilibrado é frequentemente associada à nobreza, ao homem civilizado, ao passo que “desequilibrado” vincula-se à imagem de pobre, não civilizado, louco.

O Presidente da República deveria, assim, ter equilíbrio, como é evidenciado no fragmento abaixo, referente à fala de Maluf:

“Eu vim aqui debater com pessoas que querem ser candidatos a presidente da República e, portanto, são obrigados a ter **estabilidade emocional**. Quem é **desequilibrado** não pode ser candidato à presidência da república”.

Nesse fragmento, o candidato atribui ao outro a condição de “desequilibrado”, inserindo-se numa posição superior, ao mesmo tempo em que desqualifica seu oponente, por meio do argumento *ad hominem*.

Segundo Foucault ([1978] 2008), as sociedades constroem técnicas de normalização, de modo que, por meio de dispositivos, são criados modelos para disciplinar os corpos, moldando seus gestos, seus atos. Há, portanto, uma normalização disciplinar em se dizer o que é considerado equilibrado ou desequilibrado, desde as sociedades da corte. Aquele que se afasta da norma do que se construiu como sujeito apto para governar, aquele que grita, fala com certa rudeza na voz e nos gestos, que se

desestabiliza chamando o outro de “filhote da ditadura”, esse é considerado como ilegítimo para governar, uma vez que, para se governar bem é preciso governar bem a si mesmo. Foucault ([1978] 2008), quando analisa as formas de governamentalidade, cita La Perrière<sup>10</sup> ao dizer que o rei não deve usar instrumentos para matar, como uma espada, deve, pois, exercer a paciência e afastar a cólera, possuindo a sabedoria e a diligência (FOUCAULT, [1978] 2008, p. 132).

A agressividade de “dizer o que pensa” é vista como uma anormalidade nas eleições de 1989. Veremos, em outras eleições, que o “desequilíbrio” será compreendido como coragem e autenticidade, em virtude das diferentes *vontades de verdade* de cada época.

Voltando à análise da materialidade linguística propriamente, observamos que a expressão “Filhote da ditadura” exprime a agressividade, uma vez que corrobora o sentido de que o candidato oponente teria sido alimentado por esse governo e, por conseguinte, seguiria o projeto ditatorial, uma vez eleito. O mesmo insulto é direcionado ao auditório após aplaudirem Maluf quando diz “Desequilibrado. Passou quinze anos no estrangeiro e não aprendeu nada”. Em resposta, Brizola os chama de “Malufistas”, “Filhotes da ditadura”, acusando-os de “engordarem” durante o regime militar e, portanto, serem apoiadores desse regime.

Ainda sobre a expressão “Filhotes da ditadura”, observamos que há um ressentimento daqueles que foram perseguidos durante o período ditatorial, que move o discurso em direção a uma agressividade ressentida. Há, de fato, uma memória discursiva, evocada nesses dizeres, que retoma um ressentimento de uma “ferida” recente, ainda não curada, e por isso emerge em forma de insulto, produzindo discursivamente um grito abafado de indignação em relação aos vitimados, e de acusação aos algozes.

Há, pelo menos, duas memórias coletivas construídas acerca do que foi o período ditatorial: o posicionamento dos militares (que veremos mais adiante) e o posicionamento dos perseguidos. Zawadzki (2004, p. 373) leva em consideração a construção de uma *memória obsessiva*, podemos dizer ‘saturada’, de sujeitos *hipermnésicos*, que não podem esquecer. Pensando a dimensão discursiva desse ‘não esquecimento’ ao qual o pesquisador se refere, podemos pensar em formas de reativação e conservação dos

---

<sup>10</sup> O trabalho de La Perrière é frequentemente associado ao Renascimento francês. A obra *Le miroir politique* (1555) de La Perrière recebeu atenção, graças ao trabalho de Michel Foucault, o qual identifica os estudos deste pesquisador como pertencente ao início da França moderna e que prenuncia os discursos da governamentalidade.

discursos, como problematiza Foucault ([1969] 2010), buscando entender “entre os discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais são os que retemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir?” ([1969] 2010, p. 10). O discurso sobre a ditadura enquanto atrocidade se conserva e é reativado em algumas campanhas, sob forma de insulto e acusação - reverberando diferentes memórias - em outras, tenta-se desconstruir, invalidar, distorcer esse discurso, de modo ainda mais agressivo no revisionismo histórico.

Continuando as análises que focalizam algumas pistas linguísticas, é interessante observar que, na palavra “Malufistas”, ocorre uma marcação da agressividade no sufixo. Segundo a pesquisadora Rita Wanderley (2012), em seu estudo sobre a Neologia lexical no jornalismo político, o sufixo –ista daria um valor adjetival à base, significando “adepto a” e “partidário de”, “seguidor”, e constituiria um “sentido muito importante quando tratamos de disputa eleitoral” (Wanderley, 2012, p. 249).

A autora elenca vários exemplos formados à moda daqueles característicos aos partidários de figuras políticas, como: dilmista, serrista, marinista, eduardista, jarbista.

De um ponto de vista prescritivo e gramatical, uma palavra como Malufista, por exemplo, seria descrita a partir do acréscimo de –ista ao seu radical Maluf, significando aqueles que são *adeptos* ou *partidários* do político Maluf. Entretanto, ao analisarmos discursivamente tal palavra, verificamos que a adição deste sufixo a nomes de políticos, por exemplo, no contexto de campanhas políticas eleitorais, constrói e intensifica o modo de adesão ao candidato, expondo um seguidismo, uma falta de autonomia e, portanto, dirigir essa palavra de atributo ao outro é uma forma de agressão e de desqualificação do adversário.

Outro fragmento<sup>11</sup>, extraído do debate presidencial veiculado na Rede Bandeirantes, no dia 03 de dezembro de 1989, é o adjetivo “absolutista” dito pelo então candidato Lula, referindo-se ao Collor. Vejamos:

[...] é por isso que ele é tão **absolutista**, eu faço, eu mando, eu bato, eu faço isso, não, eu digo nós fazemos, porque eu vou precisar fazer acordos com a sociedade brasileira, eu vou precisar fazer acordos com o movimento sindical, eu vou precisar conversar seriamente para encontrar soluções para os problemas econômicos desse país. Bravatas como a dele, Alan Garcia teve e não deu certo. (Lula - 01:23:15)

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 18 junho 2017.

Muito além do sentido dicionarizado, “relativo à ou aquele que é partidário do absolutismo”, a palavra absolutista adquire sentidos pejorativos, vinculando ao outro imagens de autoritarismo e centralização de poder. Nesse período pós-ditadura, a democracia ganha elevada importância, de modo que, ao chamar alguém de absolutista ou partidário de qualquer outro regime cujas características são ditatoriais e centralizam o poder em uma única pessoa, contrariando os princípios democráticos, seria considerado um insulto. Entretanto, ao dizer “é por isso que ele é tão **absolutista**”, deflagramos uma agressividade que produz efeitos de ousadia, assertividade, de alguém que precisa ousar dizer – utilizando a agressividade como instrumento – para conseguir algo.

Enquanto Lula atribui a Collor a alcunha de “absolutista”, o candidato do PRN (Partido da Renovação Social) acusava-o de defender teses marxistas, como mostra o fragmento abaixo, retirado do debate<sup>12</sup> veiculado no SBT no dia 03 de dezembro:

“De um lado está a candidatura do centro-democrático, por mim representado, do outro lado está uma candidatura que expõe teses estranhas ao nosso meio, **teses marxistas**, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagrados na nova carta constitucional, até porque o partido daquele que é meu adversário se negou a assinar, não a assinar, mas votou contra o texto constitucional.”  
(00:04:40)

Nessa época, Collor associava a campanha de Lula ao contexto do leste europeu, já o acusando de adotar “teses marxistas”, pelo fato de Lula defender um discurso de reforma social que não abriria mão do Estado. O combate elegia os mesmos opositores de sempre – o comunismo, o totalitarismo, a suposta quebra da democracia, enfim, ainda daquele mesmo discurso que justificou o golpe militar.

Continuando nas análises dos sufixos, vemos que o sufixo –eiro também foi utilizado na constituição dos ataques pessoais entre os adversários. No mesmo debate acima referido, encontramos os seguintes dizeres de Collor, dirigindo-se a Lula:

“Isso pra mim tem um nome: cambalacho. **Quem faz cambalacho é cambalacheiro**” (02:17:07)

---

<sup>12</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)>. Acesso em: 18 junho 2017.

“Nós nunca fomos intolerantes, **baderneiros e bagunceiros** para irmos lá para fazer o que eles fazem e o que fizeram nos nossos comícios.” (01:32:32)

Os estudos de Viaro (2011), acerca da formação do sufixo –eiro, revelam que há uma tendência em usá-lo com sentidos pejorativos, sobretudo em contextos coloquiais, significando “aquele que pratica o que está especificado na base com frequência”. O autor elenca algumas palavras em que tais efeitos são construídos:

mexeriqueiro (XV), noveleiro, aventureiro (XVI), trapaceiro, lambisqueiro, embusteiro (XVII), galhofeiro, bisbilhoteiro, caloteiro, festeiro (XVIII), cachaceiro, pagodeiro, beijoqueiro, arruaceiro, politiqueiro, ordeiro, novidadeiro, taberneiro (XIX), bagunceiro, cambalacheiro, biscateiro, barraqueiro, batuqueiro, loroteiro, fofoqueiro, encrenqueiro, maconheiro, metaleiro (XX). Acresçam-se a essas palavras também forrozeiro, punheteiro, mochileiro, baderneiro, mutreteiro, trambiqueiro, fuxiqueiro, truqueiro (VIARO, 2011).

A pesquisadora Rita de Kássia Kramer Wanderley, cujos estudos voltam-se aos neologismos lexicais utilizados no âmbito político, constatou que o sufixo -eiro, utilizado no contexto político, é frequentemente vinculado a sentidos negativos, desqualificando o objeto referido.

Collor qualifica o candidato Lula e seus apoiadores como “Cambalacheiros”, “Baderneiros”, “Bagunceiros”, intensificando, na recorrência, ainda mais essa forma de agressividade. Associa-se a esquerda à desordem, bagunça, baderna, animalização, ao descontrole, contrapondo, assim, ao que seria o ideal da civilidade, da polidez, aos moldes do homem da corte.

Além dos adjetivos que atribuem ao candidato oponente a falta de controle próprio, outra característica utilizada com recorrência para desqualificar o adversário é a do político mentiroso. Para tanto, atribuíram-se um ao outro a alcunha de Pinóquio, como se pode verificar nos exemplos abaixo, referentes ao primeiro debate de 1989, em 03 de dezembro:

Lula: “O meu adversário se continuar dizendo inverdades assim vai sair daqui sendo chamado de **Pinóquio** pelos telespectadores.”<sup>13</sup> (01:02:23)

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 18 junho 2017.

Collor: “[...] Me parece que ele está **disposto a virar um Pinóquio** nessas eleições.” (00:50:54)<sup>14</sup>

Lula: “Aquele codinome de Pinóquio que o deputado tenta colocar no programa do partido, eu acho que cabe muito bem a ele. **Ele é que é um grande Pinóquio.**”<sup>15</sup> (00:12:25)

Ao chamar o adversário de Pinóquio - clássico da literatura infantil que conta a história de um menino de madeira cujo nariz crescia a cada mentira contada por ele –, caracterizando-o, assim, como uma personagem de conto de fadas, evocam-se outros discursos, referentes aos saberes e memórias construídos acerca do político mentiroso. Associar o político à mentira reforça os traços que povoam o imaginário social, dialogando com enunciados como “Todo político é mentiroso, corrupto”, “Os políticos falam, mas não fazem”, dentre outros. Desse modo, desqualificar o sujeito enquanto alguém que não diz a verdade é descredibilizar sua fala, deslegitimando-o enquanto indivíduo capaz de ocupar o cargo de presidente da República.

Vemos, com isso, que os insultos acima analisados, constituem-se como afirmações de determinados valores culturalmente construídos e que se perpetuam ao longo dos séculos: o dizer verdadeiro e o governo de si, por exemplo. Uma vez que se valoram positivamente o que é verdadeiro e o controle de si, dizer que o sujeito se distancia de tais ideais é uma forma de desqualificar outro.

Outro modo de desqualificação do oponente observado nestes debates foi a associação do adversário com a incapacidade de utilizar a linguagem, o que produziria agressividade, que deslizariam para sua incapacidade administrativa, colocando em xeque seu preparo para ocupar devidamente o cargo de presidente da República. Vejamos alguns fragmentos desses tipos de ataques direcionados ao então candidato Lula, no debate do dia 03 de dezembro:

Collor: “mas talvez **não saiba a diferença entre uma fatura e uma duplicata**”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 18 junho 2017.

<sup>15</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 18 junho 2017.

<sup>16</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 19 junho 2017.

Collor: “Aquele codinome de Pinóquio que o deputado tenta colocar no programa do partido, eu acho que cabe muito bem a ele. **Ele é que é um grande Pinóquio.** Até porque eu não sabia que **o Pinóquio pelo menos lia, eu não sei se ele sabe ler**” (00:50:54)<sup>17</sup>

Collor: “**Talvez o deputado do PT não entenda muito bem** da questão de administração” (02:14:50)<sup>18</sup>

Collor: “Ele é uma marionete, jogam tudo na mão dele, **ele vai repetindo, sem ao menos se preocupar e ver o que isso significa.** [...] Eu sugiro ao outro candidato que, por favor, se esclareça um pouco mais a si próprio, para não formular perguntas e não formular afirmações tão desencontradas e tão disparatadas, **próprias de quem não sabe ler, de quem não sabe juntar as coisas, de quem está comendo pela mão dos outros e isso é um perigo.** (1:54:40)<sup>19</sup>

Collor: “Minha gente, essa é mais uma das inverdades já sacadas por **alguém que não tem um preparo para ler.** Tá comendo pela mão dos outros. (02:05:22)<sup>20</sup>

A partir desses enunciados que desqualificam o candidato Lula, notamos algumas sequências discursivas que são regulares na campanha de 1989 e se repetirão nas campanhas subsequentes:

Talvez X	{ <u>ele</u> <u>deputado do</u> <u>PT</u>	não saiba/entenda Y	{ <u>a diferença entre uma fatura e uma duplicata</u> <u>a questão de administração</u>
X	{ <u>Próprias de quem</u> <u>Alguém que</u>	não sabe / não tem	Y { <u>ler</u> <u>juntar as coisas</u> <u>um preparo para ler</u>

Na primeira sequência, o advérbio de dúvida “talvez” produz efeitos de incerteza acerca das competências de Lula, amenizando e modalizando, de certa forma, os dizeres de agressividade que seriam possivelmente construídos por meio de afirmações diretas,

<sup>17</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 18 junho 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>> Acesso em: 18 junho 2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 18 junho 2017.

<sup>20</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)> Acesso em: 18 junho 2017.

como em: “Ele não sabe Y”. Se por um lado, o advérbio ameniza a expressão da agressividade, por outro, constrói também a ironia, na qual a agressividade está na enunciação em desacordo com o enunciado.

Na segunda sequência - apesar de se constituir como uma afirmação sem a presença de advérbios de dúvida - o elemento linguístico que minimiza os efeitos de uma agressividade direta é justamente a “não nomeação” do candidato Lula, substituindo por “próprias de quem” e “alguém”. Essa denominação indireta também expõe uma forma de agressividade que ocorre por meio da ironia. Tanto o advérbio como essa referência indireta ao candidato podem tanto minimizar ou tornar a crítica mais ácida por meio da compreensão de um enunciado irônico.

Atribui-se ao oponente características que o desqualificam para ocupar o cargo de presidente da República, sugerindo que o candidato não apresenta uma formação escolar suficiente para tanto, dado ao seu “despreparo” no que tange à habilidade administrativa e à capacidade de leitura e compreensão do que está sendo dito.

Nos debates de 1989, notou-se uma recorrência da utilização da terceira pessoa do singular para se referir ao adversário, evitando, desse modo, o confronto direto. Os exemplos acima ratificam tal afirmação, por evidenciarem o constante uso do pronome “ele”, expressões como “deputado”, “deputado do PT”, “outro candidato”, “alguém”, etc. Ainda que a forma da agressividade produzida nos excertos supracitados aponte para o que denominamos de agressividade “mordaz”, dadas as asserções acusatórias acerca do candidato, ocorre uma amenização da agressividade, um simulacro de polidez, embora sutil, por meio do uso da terceira pessoa do singular – o que também produz efeitos de que a fala está sendo dirigida ao público – e da denominação “deputado”, ressaltando, assim, a função do opositor, em detrimento da pessoa.

Outra característica recorrente nos debates políticos de 1989 foi o desrespeito ao turno de fala<sup>21</sup>, talvez pela precária organização e adaptação inicial às regras dos primeiros debates que começavam a se delinear. Por vezes, os mediadores faziam intervenções, dada as constantes interrupções entre os candidatos, ora advertindo-os, ora chamando os comerciais. No primeiro debate dessa eleição, por exemplo, veiculado na rede Bandeirantes, enquanto os candidatos falam ao mesmo tempo, sem respeitar as

---

<sup>21</sup> Outros exemplos de desrespeito ao turno de fala, referente ao primeiro debate de 1989, podem ser encontrados nos trechos 01:31:26 a 01:31:47 e 01:59:44 a 02:00:32, disponível no *link* <<https://www.youtube.com/watch?v=zlk8x9QguR8>>. Acesso em: 20 junho 2017.

regras, a mediadora Marília Gabriela diz “Ah não, Caiado, eu não quero fazer esse papel tão antipático de ficar aos berros aqui. Por favor. Mas está todo mundo tendo sua chance. [...] Eu detesto ficar aos gritos...sou uma moça tão delicada” (01:40:41).

Este fragmento pode ser analisado com base no primeiro parâmetro proposto por Amossy (2017), visto que o desrespeito aos turnos de fala impede o outro de se exprimir linguisticamente, expondo uma forma de agressividade. A tomada de fala torna-se também uma questão de poder. Aquele que detém a palavra não quer conceder aparte, e o mediador, por sua vez, não quer se mostrar autoritário. Assaltar o turno do outro pode tanto mostrar rompimento com as regras sociais, como também mostrar certa imposição do respeito. É uma estratégia muito recorrente, que cada vez mais tem sido controlada por meio de acordos pré-estabelecidos para os debates e também por recursos tecnológicos, como desligar o microfone e desviar a câmera.

Outro recurso frequente que expõe a agressividade na campanha é o emprego de afirmações acusatórias. Listamos abaixo algumas das principais temáticas e acusações que emergiram nos debates deste período, produzindo pela proposital emergência da temática uma forma de agressão ao adversário:

- Ter propriedades e gerar riqueza fora do país<sup>22</sup>;
- Ser grande latifundiário ou apoiá-los<sup>23</sup>;
- Ter sido beneficiário da ditadura, comendo pela mão do regime militar<sup>24</sup>;
- Concessão de verba pública para beneficiar empresas privadas<sup>25</sup>;

---

<sup>22</sup>Caiado faz ataques ao Brizola, dizendo que o candidato tem propriedades no Uruguai: “O povo está cansado de politiqueiros, de demagogos, que falam quando um setor produtivo como é o setor rural, mas no entanto aplica toda sua verba no Uruguai, mas no entanto tem sua grande propriedade rural no Uruguai. E nós brasileiros não, aplicamos aqui, geramos riquezas neste país. E graças a Deus, essas mãos foram adestradas em Paris para poder operar aqui” 02:23:10. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zlK8x9QguR8>>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>23</sup> Collor acusa o vice de Lula de ser um grande latifundiário e que a reforma agrária deveria começar por suas terras: “A nossa proposta, o nosso programa destina 5 bilhões de dólares para a questão da reforma agrária, visando o assentamento de 500 mil famílias nos próximos 5 anos. E vejo também que essa reforma agrária do deputado Luís Inácio Lula da Silva começará pelas terras do seu próprio candidato a vice presidente, que é um senador do Rio Grande do Sul, proprietário de um grande latifúndio naquela região.” 00:11:43 – 00:12:05. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>24</sup> Lula acusa Collor de ter sido beneficiado no período da Ditadura: “Porque quando esse pessoal, em 1978, 77, 79, estava exilado pela briga com a Ditadura Militar. Meu adversário comia pela mão do regime militar. Era indicado prefeito biônico [...]”.00:42:15. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>25</sup> Collor faz a acusação ao Partido dos Trabalhadores: “[...] o fato que houve recentemente, que não gostaria de trazer aqui à presença dos senhores nesta noite, mas é sempre bom lembrar, por que paira uma indagação muito forte no íntimo de cada um de nós, **o episódio envolvendo a prefeitura de São Paulo com a**

- Incitar a invasão de terras<sup>26</sup>;
- Fazer uso de serviços privados em detrimento de serviços públicos<sup>27</sup>;
- Defender a retirada do nome de Deus na constituição<sup>28</sup>.

A emergência de tais acusações e temáticas consideradas agressivas demonstram os valores da sociedade. Nos exemplos de acusações acima citados, vemos que os discursos valorizados nesse contexto são: Geração de riquezas internamente, para que o país cresça; apoiar os menos favorecidos; investir no serviço público – o que, em um discurso liberal, não é valorizado - ; manutenção de dizeres religiosos na esfera pública. Ideias contrárias a esses valores produziram no interlocutor a compreensão de que essa temática emerge com o propósito de agredir, de gerar polêmica, uma vez que estes se constituiriam como discursos bem aceitos na sociedade.

Desse modo, observamos que a emergência dessas temáticas e a produção de sentidos agressivos e polêmicos a partir desses enunciados, levam-nos a corroborar a afirmação teórica foucaultiana, a respeito das condições de emergência, de que os discursos obedecem a certas regras que possibilitam seu aparecimento ou seu apagamento. Esses tipos de temáticas agressivas emergem, justamente porque há um ‘a priori’ histórico que permite seu aparecimento. Afinal, a vinculação desses dizeres à

---

**multinacional Shell**, em relação ao autódromo de Interlagos. A concessão de espaços e mais espaços para que essa multinacional instalasse os seus postos, isso sim são assuntos da ordem do dia e que vem afligindo a todos nós brasileiros que queremos e gostaríamos de uma resposta objetiva do PT a essas questões. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>26</sup> Collor sugere que Lula incitaria a invasão de terras: No caso de eu chegar à presidência da república, será que você colaboraria com o governo, será que você evitaria fazer uma oposição sistemática incitando a greve, incitando invasões de terra, ou agiria como eu agiria, caso você fosse eleito democraticamente pensando no Brasil. 01:44:25. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>27</sup> Collor acusa Lula de tratar uma crise de apêndice numa clínica particular: “O outro candidato defende a estatização dos serviços de saúde e também da educação, mas apesar de defender as estatizações da saúde quando ele teve que ser operado recentemente se não me engano, de uma crise de apêndice, ele não foi se operar numa clínica pública, ele foi numa clínica particular, num avião fretado, com todas as despesas pagas por você, você contribuinte, porque foi a câmara federal que pagou todas as despesas. E você que é assalariado, você que é metalúrgico, quando você tem uma crise de apêndice, você vai se operar aonde, numa clínica particular?”. 01:20:03. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)>. Acesso em: 20 junho 2017.

<sup>28</sup> Depois de Lula dizer que é cristão, Collor pergunta ao candidato: “O deputado do PT diz que é cristão. E eu me pergunto por que que ele e o seu partido defenderam na constituição a retirada do nome de Deus, a retirada da expressão “sob a proteção de Deus”. O PT e o deputado do PT. Lideraram o movimento para retirar Deus da constituição. Isso é ser cristão?” 01:01:50 – 01:02:14. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 20 junho 2017.

agressividade é construída na relação com outros saberes, outras regras, que constituem uma determinada formação discursiva, autorizando os sujeitos e sustentando os discursos e suas práticas.

Uma característica muito recorrente nos debates de 89 foi a temática referente à agressividade e intolerância durante o período pré-eleitoral. Os presidenciáveis, constantemente, retomavam em suas falas atos agressivos ocorridos durante comícios, passeatas, enfatizando a violência física e/ou verbal, cuja autoria era sempre atribuída ao outro. Alguns desses acontecimentos foram descritos minuciosamente, produzindo imagens de partidários agressivos e odiosos.

Vejamos dois fragmentos em que a questão da violência é enunciada pelos dois principais candidatos durante o segundo debate do segundo turno:

Collor para Lula:

Em relação à questão da violência, sempre há vítima, e eu digo que a vítima fomos nós, porque as vítimas sempre ocorreram do nosso lado. Foi um assessor meu que teve um nariz partido por uma pedrada com seis ou sete pontos. Foi um companheiro nosso agora, na semana passada, que levou uma pedra no olho e está com o globo ocular ferido. (1:38:21<sup>29</sup>)

Lula para Collor:

Agora, o nosso adversário, ele tem pouco equilíbrio, porque as fotografias, a imprensa, mostravam os grupos até parecem que paramilitares, armados de cassetetes de revólver e todas essas coisas, agredindo as pessoas, e agora se fazer de vítima? Se fazer de vítima? Outro dia em Osasco, um cabo eleitoral dele veio como se fosse me abraçar e quebrou um ovo na minha cabeça. Sabe qual era a minha preocupação? Evitar que mais de trinta mil pessoas massacrassem ele. (01:35:00)<sup>30</sup>

Na fala de Collor, por exemplo, verificamos a presença de um discurso de vitimização e descrição de uma violência que é atribuída ao outro. A descrição minuciosa do ato violento – “teve um nariz partido por uma pedrada com seis ou sete pontos”; “levou

---

<sup>29</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)>. Acesso em: 21 junho 2017.

<sup>30</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)>. Acesso em: 21 junho 2017.

uma pedra no olho e está com o globo ocular ferido”, corrobora a produção de uma imagem de adversários extremamente agressivos e intolerantes.

Na fala de Lula, há também o discurso de vitimização, atribuindo sempre ao oponente o ser agressivo – “um cabo eleitoral dele veio como se fosse me abraçar e quebrou um ovo na minha cabeça”.

Nesses dois episódios, observamos que se trata de violência física presente na campanha e que é verbalizada no debate de modo a dar uma medida da intensidade dos confrontos que resultam na agressividade física. O discurso da vitimização parece ser mais ressaltado que aquele da indignação com tais ações.

Ainda, uma outra estratégia utilizada pelos presidenciáveis para ofender o adversário foi a citação de dizeres agressivos a respeito da aparência física ou da conduta do candidato oponente. Diferentemente do ataque direto, a citação de um dizer agressivo permite insultar, diminuindo a responsabilidade ou retaliação de quem profere tais improperios, uma vez que o “responsável” pelo insulto não se encontra na *cena enunciativa*. Vejamos dois fragmentos extraídos do debate<sup>31</sup> veiculado pela Rede Bandeirantes, e exibido no dia 03 de dezembro:

Lula para Collor:

O seu líder já o chamou de **príncipe da corrupção em Alagoas**, durante muito tempo, era o seu maior opositor, e o chamava de príncipe da corrupção, e hoje é o seu maior defensor e você também o dele. (02:03:09)

Collor para Lula:

Como também, não gostaria nem de citar, mas os adjetivos que eu também não concordo que o Brizola vem brindando o candidato do PT, são adjetivos como “**o sapo barbudo**”, que não são termos que devem ser utilizados em nenhum instante, num momento em que nós desejamos sim elevar o nível do debate político e o nível da discussão no nosso país. (02:05:53)

---

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>> Acesso em: 20 junho 2017.

Amparados pela trincheira da citação, Lula é caracterizado como “o sapo barbudo”<sup>32</sup> e Collor, como “Príncipe da corrupção”, verbalizando, assim, formas agressivas por meio da voz do outro. A dualidade entre o “Sapo” e o “Príncipe” será retomada no Horário de Propaganda Política Eleitoral, adquirindo outras formas de agressividade, produzindo outros efeitos, como por exemplo, o da comicidade.

### 2.1.2 HGPE

O Horário gratuito de propaganda eleitoral brasileiro iniciou-se em setembro de 1989, no rádio e na televisão. Vinte e dois candidatos defenderam suas ideias por quase dois meses, em programas diários de aproximadamente duas horas e meia.

Na campanha de 1989, tais propagandas foram marcadas pela agressividade, materializada sobretudo no humor e na ironia. Alguns exemplos desses ‘dizeres agressivos’ associados à comicidade foram as **cenas teatrais** construídas no programa do PT, introduzidas pela vinheta “Rede Povo<sup>33</sup> apresenta: **Povo Pirata**<sup>34</sup>”, em que alguns adversários eram parodiados. Segundo Mercier (2001), o humor quando associado à agressividade autoriza tais dizeres, uma vez que, por meio da paródia, ironia ou derrisão, é possível transcender as interdições, tornando-as mais aceitáveis e evitando até mesmo retaliações que seriam decorrentes de uma agressividade mais direta.

Outra sessão criada na propaganda do PT foi o “Jogo do esconde-esconde”, apresentada pelo narrador da seguinte forma: “**Rede povo apresenta: o jogo do esconde-esconde.** Um programa muito infantil. Mario Mato apoia Collor, mas Collor esconde. Roberto Cardoso Alves apoia Collor, mas Collor esconde. [...]” (00:28:21), com o acompanhamento da música “Eu sou rico rico rico de marré, marré, marré”.

No programa do candidato Collor, por sua vez, destaca-se a sessão “**Perdedores do PT Futebol Clube**” e “**O livro de pensamentos do camarada Lula**”. Na primeira, o locutor representa o papel de um narrador esportivo, narrando quais seriam as escolhas dos adversários, no formato de escalação de equipes de futebol. A acusação de que o vice de Lula é um grande latifundiário desliza para a crítica de quem são seus apoiadores:

---

<sup>32</sup> Expõe uma agressividade sob a forma de práticas estigmatizantes que conferem ao insultado características físicas.

<sup>33</sup> Constitui-se como uma paródia da “Rede Globo”.

<sup>34</sup> Povo Pirata remete à TV Pirata, um programa de TV humorístico transmitido pela Rede Globo, no período de 1988 a 1990.

Por sinal, na fazenda do vice do PT, cabem 58 estádios do Maracanã, o que dá, pelo menos, para um bom jogo do cambalacho. E atenção para a escalação das equipes para a decisão do segundo turno. Perdedores do PT Futebol Clube, defendendo a meta Zequinha Sarney; dupla de área, Moreira Franco e Brizola; médio ligeiro Miguel Arraes; meio armador, Jorge Murad, genro do Sarney, apoiador Waldir Pires; ponta direita, Wilson Braga; deslocado na esquerda, Francelino Pereira; e na marca do pênalti, José Sarney; capitão da equipe, Lula. (00:52:49 – segundo turno)

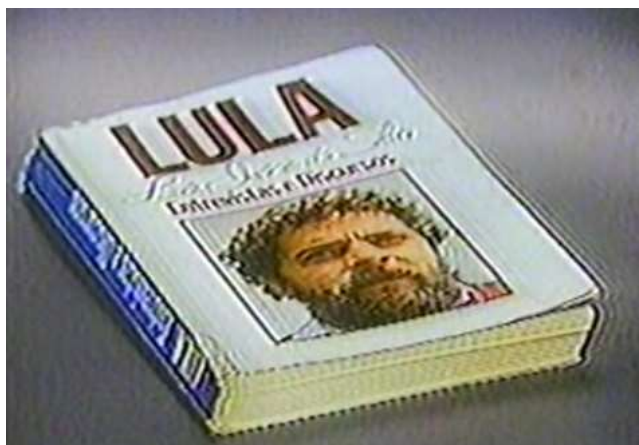


**Imagem 1**

A inesperada utilização de uma linguagem e entonação do âmbito futebolístico produz efeitos de humor, ao mesmo tempo em que torna a agressividade ainda mais ácida.

Na segunda sessão supracitada – O livro de pensamentos do camarada Lula – relata um conjunto de frases ditas pelo então candidato. Nas palavras do locutor, “Na página 218, Lula fala sobre figuras de renome que o tem inspirado. ‘Por exemplo, o Hitler, mesmo errado, tinha aquilo que eu admiro num homem, o fogo de se propor a fazer alguma coisa e tentar fazer [...]’”. (00:22:00)

As frases exibidas no programa associam Lula à imagem de líderes ditadores e terroristas (Hitler, Ruhollah Khomeini, etc.), atribuindo, assim, ao Lula a adesão ao discurso antidemocrático, ao discurso da agressão à sociedade por meio do terrorismo, que desqualificam o candidato.



**Imagem 2**

Para análise, elegemos uma ocorrência da sessão Povo Pirata, exibida no programa do candidato petista, no segundo turno. Segue abaixo a transcrição da cena teatral:

*Jornalista: “Com licença, a senhora já tem candidato?”*

*Atriz: “ah já tenho sim, minha filha”.*

*Jornalista: “E como é que a senhora escolheu?”*

*Atriz: “Ah pra mim é tudo igual, neh? Escolho pela embalagem mesmo. No momento, tô usando esse aqui, ó.*



**Imagem 3**

*Ator que imita Collor: “Não me deixem sozinho, minha gente” (gritando)*

*Atriz: “É...e depois ele é bonitinho, neh? Olha aqui. Depois já vem engomadinho.*

*Jornalista atriz: “E se eu lhe oferecesse uma outra opção, a senhora experimentaria?”*

*Atriz: “Não vai custar nada?”*

*Jornalista atriz: “Não”.*

*“Algum tempo depois” (escrito)*

*Locutor: “Então dona Maria.”*

*Atriz: “Olha, no começo eu não acreditava mesmo, sabe, barbudo, baixinho, operário, neh? Mas depois eu vi que o Lula tem muito mais consistência, o outro era só embalagem. O pessoal aqui de casa adorou. Lula, rende muito mais!”*



**Imagem 4**

Essa encenação mimetiza uma cena do cotidiano, retomando um comercial de sabão, em que uma mulher vai ao mercado comprar produtos para a casa. De uma forma metonímica, a “dona de casa” representa todos aqueles que consideravam Lula como “barbudo, baixinho e operário”, e portanto incapaz de assumir o cargo de Presidente da República. Essas categorias associam a uma memória acerca do sujeito presidencial: barbudo está vinculado à ideia de desleixado, baixinho associado ao corpo inapto e operário, à imagem do analfabeto.

Reafirma-se, desse modo, os dizeres dos adversários que se referiam a ele como o “Sapo Barbudo” - como vimos em uma das análises referente aos debates -, e apesar de concordarem com as características atribuídas ao candidato, reforçam a supremacia do “conteúdo” em detrimento da “embalagem”. Vemos aqui uma associação entre a essência e a aparência. A ação de escolher e comprar equipara-se a de escolher e votar nos candidatos, considerados como produtos.

A construção do sentido de agressividade e comicidade dá-se quando “o produto” Collor – representado pelo ator Guilherme Karan - aparece dentro de um carrinho de supermercado, dizendo “Não me deixem sozinho, minha gente”. Collor pronunciava o enunciado “não me deixem só”, parte de um discurso populista, porque ele dizia que era perseguido pela “elite” por defender os “descamisados”, os mais pobres. Desse modo, “Minha gente” é um vocativo que identifica o parodiado.

Segundo Amossy (2017), a violência verbal ocorre quando “A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada [...], tratando-a de forma irônica, paródica.” Nesse caso, a retomada e a repetição da expressão “Minha gente”, utilizada com frequência por Collor, e a tentativa de imitar o timbre de sua voz e seu estilo de fala, produz efeitos de uma agressividade associada ao humor, de modo a desqualificá-lo.

Por meio da fala da atriz, Collor é descrito como “engomadinho”, “bonitinho”, “só embalagem”, reforçando os discursos que lhe atribuíam a imagem de “mauricinho”, “príncipe”, dentre outras. O sufixo -inho, longe de atenuar ou diminuir, corrobora e produz efeitos ainda mais agressivos, tornando-se um marcador de depreciação e menosprezo em relação ao adversário.

A atriz que faz o papel da “dona de casa”, Cristina Pereira, atuou em papéis cômicos e produções renomadas como TV Pirata (1988) e Guerra dos Sexos (1983). O nome dado à sessão em que essa cena analisada é exibida retoma o nome do programa “TV Pirata”, reatualizada na propaganda petista enquanto “Povo Pirata”, ao passo que Rede Globo é transformada em “Rede Povo”.

Há também uma questão de gênero propagandístico, uma vez que havia uma propaganda do sabão em pó OMO, que sugeria ao telespectador que experimentasse outro produto para poder melhor comparar.

A noção de memória e de domínio associado nos ajuda a melhor compreender as retomadas e reatualizações desses dizeres, bem como os sentidos produzidos a partir dessa rememoração.

Segundo Foucault ([1969] 2010), a função enunciativa “não pode se exercer sem a existência de um campo associado”:

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT, 1969, p. 113-114).

Nessa perspectiva, os enunciados se ordenariam, se confrontariam nesse domínio de memória. O enunciado não seria determinado pelo sujeito enunciativo, mas sim na relação – de confronto, associação, afastamento- que estabelece com outros enunciados, bem como na inscrição em uma série de outras formulações.

Courtine (2009), a partir da noção de ‘domínio de memória’ delineada por Foucault, constrói a noção de memória discursiva. Segundo o autor, “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 2009, p. 105- 106). Esse domínio permitiria a repetição e o esquecimento, e também o apagamento de outros discursos. Ao reatualizar o enunciado “Rede Globo” para “Rede Povo”, e mimetizar a vinheta “original” da TV, empresta-se da primeira a autoridade de uma emissora de televisão, ao mesmo tempo em que a satiriza. A “TV pirata”, por sua vez”, transforma-se em “Povo pirata”, retomando, da primeira, a comicidade de um programa humorístico e caracterizando Collor e seus partidários como “povo pirata”, falsos, ladrões, corruptos e enganadores.

Desse modo, os enunciados “Rede Povo” e “Povo pirata” não significam isoladamente, pois seus sentidos são produzidos em confronto com outros dizeres, outras memórias, outros saberes.

Na propaganda eleitoral gratuita do candidato Collor, continua-se atribuindo ao candidato Lula a imagem de sapo barbudo e de homem incivilizado, selvagem, por meio das contínuas descrições das ações<sup>35</sup> do candidato e de seus partidários, considerados vândalos, baderneiros, causadores do caos. A imagem do homem incivilizado, grosseiro, selvagem é reforçada pela exibição de entrevistas feitas com possíveis eleitores de Collor, como se verifica no enunciado abaixo:

Pessoa entrevistada na rua: “Aquele barbudo não tá com nada”.  
(00:47:22 – primeiro turno)

No caso de Lula, a agressividade que se atribuía a ele estava relacionada ao dizer irresponsavelmente espontâneo, rude e criticador, que apresenta postura e tons proletários, populares. Segundo Tales Ab’Saber:

A voz de Lula não é a voz do anjo popular lírico e de classe média, como a de Milton Nascimento ou a de Caetano Veloso, nem a voz elegantíssima do nobre popular, como a de Dorival Caymmi – embora o seu grave tenha muito remotamente algo a ver com ele –; ela é a voz

---

<sup>35</sup> “Collor: “O governo do PT seria exatamente isso, a chegada ao poder da bagunça, da intolerância, da intransigência, da baderna, do caos, [...]. (00:38:20)

do Preto Velho e de Exu, a voz do *Sapo Barbudo* [...]. (AB'SABER, 2012)

E é justamente essa voz de “sapo barbudo” que pode ser vista como uma agressão aos ouvidos da classe média. Ainda, segundo Ab'Saber (2012), havia três traços que resumiam tal caricatura política: “a barba, a regressão anticivilizada e a voz”. Além desses traços, a língua presa também era uma característica forte.

A imagem construída acerca de Lula nos remete às características do homem cínico, não no sentido atribuído usualmente, como hipócrita, mas na concepção revisitada por Foucault (2010b), quando descreve o cinismo do século I a. C. ao III da nossa era: o cínico se configura como um homem de barba crescida, de pés nus e sujos, próximo da imagem do homem natural, selvagem, animal.

No seu último curso dado no Collège de France (Janeiro – Março de 1984), Foucault debruçou-se nos estudos referentes à coragem da verdade (*parresia*), assim como do governo de si e dos outros, ressaltando o que seria o pensamento cínico:

A verdade precisa encarnar nos comportamentos e nas ações, e somente no corpo acontece a irrupção da diferença no campo da vida. A diferença da vida filosófica cínica é que nela transforma-se o corpo em palco para dar visibilidade à verdade de si para consigo e para com os outros. (FOUCAULT, 2010)

Sem preocupar-se com as normas ou convenções sociais, o cínico obedece às regras da natureza, assim como os animais, evidenciando, no próprio corpo, um modo de viver “público, visível, espetacular, provocativo e escandaloso” (Foucault, 2006, p. 74).

Enquanto Lula é descaracterizado por sua imagem “selvagem” e “natural”, Collor é desqualificado pela “artificialidade” de sua aparência e de seus discursos, que configurariam a imagem do “príncipe corrupto”, reduzindo-o a um objeto envolto por um embrulho “bonitinho” e “engomadinho”.

Tanto no horário de propaganda política eleitoral quanto nos debates, as armas utilizadas para desqualificar Lula foram a construção discursiva de um homem rude, bruto, natural e selvagem, o qual não se encaixaria nos moldes de um presidente da República, ao passo que, para Collor, construiu-se a imagem do homem artificial, que cumpriria os requisitos do cargo, apenas na aparência, desqualificando-o na essência.

A diferença entre os debates e o Horário gratuito de propaganda política é que, neste último, a produção de tais imagens e os recursos de agressividade são marcados e materializados pela ironia e comicidade, sob formas de peças de teatro, alusões a jogos

de futebol, livros, que corroboram efeitos de humor e agressividade, constituindo a derrisão, enquanto nos debates, a agressividade adquire tons mais sérios e diretos.

### **2.1.3 Considerações acerca dos debates e campanhas eleitorais televisivas em 1989**

A partir das descrições e análises do referido período, verificamos que as formas de agressividade predominantes pautaram-se nos ataques diretos e repetições enfáticas relacionados à moral ou à conduta do oponente, que qualificavam os adversários como “filhotes da ditadura”, “malufistas”, “cambalacheiros”, “príncipe da corrupção”, “sapo barbudo”, dentre outros.

Vale ressaltar que, no tocante aos insultos “cambalacheiros” e “baderneiros”, há uma história de atribuição desses insultos à esquerda no Brasil, associando-os sempre à desordem e à baderna. No período referente à Ditadura Militar, por exemplo, à esquerda era atribuído um discurso de desordeira, subversiva, perversa, causadora de revoltas contra a ordem social, política e econômica.

Tanto nos debates como nos horários de propaganda política eleitoral, os insultos eram ditos com poucas tentativas de atenuação. A agressividade também foi materializada nas temáticas e nas afirmações acusatórias, trazendo questões do âmbito privado para a cena política, como foi o caso da entrevista dada pela ex-namorada de Lula durante a propaganda de Collor na televisão, a qual afirmou que Lula teria pedido para abortar a filha. Há uma tentativa de destruir o homem para destruir o que ele representa.

Enquanto, nos debates, a agressividade apresenta-se de forma mais direta e precisa, nas propagandas eleitorais televisivas, as ofensas são associadas ao humor, adquirindo características próprias dos programas de entretenimento da época, que se encaixam no rol da programação do horário de exibição.

A derrisão, nesses casos, tornou os discursos ainda mais agressivos, materializados também na ironia.

A rigidez, a dureza e a agressividade produzida a partir dos enunciados - marcados na constante utilização de sufixos que intensificam o dizer agressivo, no léxico, nas afirmações acusatórias-, nos levam ao seguinte questionamento: Quais seriam as

condições de emergência de enunciados que levaram à produção de temáticas e dizeres tão agressivos na campanha eleitoral de 1989?

Apoiando-nos na noção de condições de emergência do discurso, elaborada por Foucault (1996) em *A ordem do discurso*, podemos dizer que tais formas e graus de agressividade não surgiram de modo aleatório ou como mero resultado do acaso. Condições históricas, políticas e ideológicas produziram e estabeleceram condições para a emergência de *sapos e príncipes*. Esse dizer agressivo é, portanto, inscrito em um dado momento que permite sua emergência. O ano de 1989, por exemplo, foi o período do início da redemocratização política, momento em que foram realizadas as primeiras eleições presidenciais diretas após três décadas de regime ditatorial. Tal época também foi marcada pela polarização ideológica e política do capitalismo e do socialismo.

Os dois candidatos tinham posicionamentos fortemente marcados: Lula inscrito numa posição de *esquerda social* e Collor inscrito numa posição de *centro democrático*. Enquanto Collor procurava representar a “modernidade”, a salvação para o país mergulhado no caos, a imagem de Lula era a de um sindicalista que entra na política para lutar pelos direitos dos trabalhadores, o que significava um perigo para a elite.

Tal polarização entre os candidatos, associada ao recente e sombrio período ditatorial, e o clima de pessimismo deixado pelo governo de Sarney, produziram uma campanha agressiva em nome da “mudança”. Essas condições propiciaram a emergência da agressividade, cujo veículo principal para sua disseminação seria a televisão.

Segundo o professor de comunicação e sociólogo Marcelo Bolshaw,

Foi a primeira eleição com analfabetos em um país integrado por uma indústria cultural (235 emissoras, cinco redes nacionais, 25 milhões de aparelhos receptores, 94% de audiência potencial). 47% dos eleitores não tinham 30 anos, nunca haviam votado e tinham grande intimidade com a linguagem televisiva. (2006, p. 5)

Como vimos anteriormente, a cultura midiática ganhou notoriedade e centralidade nas campanhas políticas. A influência da televisão na campanha política foi tão efusiva que, no próprio horário eleitoral, fazia-se referência às novelas<sup>36</sup> e outros programas de entretenimento, citando alguns de seus personagens, ou até mesmo convidando-os a

---

<sup>36</sup> Collor diz: “Minha gente, o reino de Avilan declarou guerra contra mim e contra minha candidatura. Sim, o reino de Avilan, o reino dos corruptos, dos ladrões, dos especuladores, dos sonegadores, o reino dos marajás.” (00:54:32). O candidato, ao dizer “reino de Avilan” faz referência à novela “Que rei sou eu?”.

participarem de alguma cena. O discurso agressivo empresta características das cenas de novela, de programas humorísticos, de modo que sua apresentação se torne mais aceitável a um público que começa a alimentar-se da linguagem televisiva. Essa mistura entre “realidade” política e social e a ficção produzem efeitos de agressividade associados ao humor, de modo que o dizer agressivo sofra menos retaliações, uma vez que o riso se faz presente. A maior aceitabilidade não significa uma diminuição do nível da agressividade, o que ocorre é uma acentuação da mesma, com o auxílio da derrisão e da ironia.

Se, por um lado, no horário de propaganda política eleitoral a agressividade adquire traços derrisórios, em decorrência dos empréstimos de cenas de novela e programas de humor, nos debates o riso é produzido não pela teatralização, ou artificialidade, mas pelo dizer direto, sem rodeios. A falta de familiarização com o gênero ‘debate político televisivo’ – afinal, os debates iniciavam-se nesse período e as regras ainda eram incipientes, dada a uma certa “sede” de democracia, constituindo-se quase como um “vale tudo” – e, conseqüentemente, a dificuldade em respeitar suas regras – os candidatos falavam ao mesmo tempo, por exemplo, não respeitando os turnos de fala -, também criaram condições para que a agressividade se tornasse cada vez mais acentuada.

## **2.2 Eleição presidencial de 1994 – Entre insultos e falsas harmonias: Ignorantes, exóticos e fascistas!**

Nas eleições de 1994, dez candidatos concorreram à presidência da República: Fernando Henrique Cardoso, Lula da Silva, Enéas Carneiro, Leonel Brizola, Orestes Quércia, Esperidião Amin, Hernani Fortuna, Flávio Rocha, Carlos Antônio Gomes e Caetano Matanó Jr.

Segundo Marcelo Bolshaw (2006), a influência da mídia sofreu limitações nessas eleições, em decorrência da grande influência midiática ocorrida nas eleições de 1989, quando até mesmo a linguagem televisiva compunha os horários de propaganda política, os quais faziam uso dos jargões ou nomes de programas televisivos, como por exemplo, “povo pirata”, referindo-se à TV Pirata, dentre tantos outros.

Dentre as várias mudanças restritivas na legislação eleitoral, podemos citar a lei 8.713/93, artigo 76, a qual proibia imagens externas, participações de outras pessoas no discurso dos candidatos na televisão, efeitos especiais. Desse modo, os vídeos não poderiam ter montagens ou trucagens, como por exemplo, a apresentação parcial e editada de debates políticos, como ocorreu em 1989.

De acordo com Bolshaw (2006), apesar da audiência do horário político eleitoral não ter diminuído, sua eficácia persuasiva decaiu, devido a essas restrições legais que diminuiriam os efeitos da mídia nas campanhas eleitorais.

Outra diferença importante entre as campanhas de 1989 e 1994, foi a rápida bipolarização entre Fernando Henrique Cardoso e Lula. Enquanto em 1989, Collor se posicionava contra o atual governo de Sarney, em 1994, FHC tinha todo o apoio do governo de Itamar Franco. Bolshaw (2006) considera que FHC já havia sido ‘pré-eleito’ pelas elites para ser seu candidato contra Luís Inácio Lula da Silva.

O pós-impeachment de Collor constituía um cenário em que a política e os políticos sofriam grande rejeição. Rejeitavam-se atitudes e comportamentos messiânicos, como os de Collor, e também o uso exacerbado de técnicas da mídia.

A partir dessas considerações a respeito das eleições de 1994, faremos as análises dos debates televisivos e do Horário gratuito de propaganda eleitoral, para assim compreender seus graus e formas de agressividade.

### **2.2.1. Debates**

Em relação aos debates de 1989, notamos uma diminuição dos ataques diretos e repetições enfáticas relacionados à moral ou à conduta do oponente. Na maior parte das vezes, evita-se o confronto direto, recorrendo a certas construções sintáticas e a determinados pronomes pessoais que produzem efeitos de sentido de uma falsa harmonia entre os candidatos. Essa falsa harmonia se materializa por meio de uma estrutura frasal que nega o ataque pessoal para depois acrescentar uma oração adversativa que introduzirá, assim, o argumento de maior valor.

No debate<sup>37</sup> exibido pela Rede Bandeirantes no dia 16 de agosto de 1994, Esperidião Amim dirige-se a FHC, dizendo:

Ao acompanhar com muita atenção o enunciado do senador Fernando Henrique Cardoso a respeito da prioridade que ele atribui à revisão, **eu não vou fazer nenhum comentário de natureza pessoal, mas** o ex-ministro Fernando Henrique Cardoso sabe que o governo que ele integrou, e de certa forma até pra nós os seus concorrentes integra, **o senhor mentiu** na revisão constitucional. (36:02)

Nessa ocorrência, verificamos uma negação a se fazer um comentário de “natureza pessoal”, e em sequência, acusa-se FHC de ter mentido. Além disso, no início do enunciado, produz-se um distanciamento pelo uso do nome completo do candidato a quem se dirige, acompanhado do cargo que ocupou ou ocupa – “Senador Fernando Henrique Cardoso” e “Ex-ministro Fernando Henrique Cardoso”. Posteriormente, dirige-se ao candidato de modo direto, fazendo uso do pronome de tratamento “senhor”, construindo, assim, formas de aproximação e, ao mesmo tempo, de agressividade, dado a sentença acusatória.

Outro exemplo da produção de uma falsa harmonia materializa-se no seguinte enunciado proferido por Leonel Brizola, no mesmo debate:

**Eu não tenho nada pessoalmente contra o Lula**, estivemos juntos na outra, eu acho que todos erramos, erraram os que votaram no Collor, e **erramos nós que votamos no Lula**. (riso do auditório). Sabe por quê? Pela inexperiência. **Ambos eram inexperientes**. Ambos eram inexperientes. Collor caiu pela inexperiência. Então agora esse é o problema que se coloca. (01:12:51 – 01:13:15)

Novamente nega-se a acusação pessoal, para em seguida tecer críticas contra o homem político Lula. Além disso, o enunciado “acho que todos nós erramos”, num primeiro momento, produz efeitos de equidade, complacência, porém os dizeres que se seguem provocam risos no auditório, pois atribui-se o erro à ação de votar em Lula e em Collor, caracterizando-os como inexperientes, desqualificados, incapazes.

Esses enunciados apresentam uma regularidade sintática e também semântica, de modo que a frase inicial nega o ataque, e a subsequente contradiz a anterior, chamando-

---

<sup>37</sup> O debate encontra-se no seguinte endereço eletrônico: <<https://www.youtube.com/watch?v=7hSts8TK7Ls>>. Acesso em 19/03/2018. Acesso em: 22 junho 2017.

os de mentiroso (FHC), inexperientes (Collor e Lula), produzindo o que denominados como agressividade moderada e amenizada, como categorizado na tabela.

Outro recurso linguístico também associado à produção de efeitos de sentido de uma falsa harmonia é o recorrente uso da terceira pessoa do singular ou do nome completo do candidato, a quem se dirige a fala, juntamente com o cargo que ocupa ou ocupou (ministro ou ex-ministro, por exemplo). Vejamos dois exemplos extraídos do debate<sup>38</sup> veiculado na rede Bandeirantes, no dia 16 de agosto, em que Brizola dirige-se a FHC como “O ministro Fernando Henrique” e “ele”:

**“O ministro Fernando Henrique** afirmou que todos deviam esquecer aquilo tudo que ele escreveu, tudo aquilo que ele disse no passado. Bem...essa afirmação ficou aí no ar. Então eu pergunto o seguinte, agora como candidato, ele não admite que possa ocorrer o seguinte...amanhã, **ele** eleito presidente, todos podem admitir que ele como presidente, possa dizer ‘bom, esqueçam tudo o que eu disse como candidato?’ (1:27:58 – 01:28:31)

**“Ele** batia em cima, firme do sistema econômico, do modelo econômico, eu até assimilei essa expressão dele, então como é que agora, **ele** assume um programa como este, que é um programa dos ricos, dos grandes grupos econômicos daqui e de fora, quer dizer, da crosta dominante.” (01:30:24 – 1:30:46)

Tal interlocução indireta dada pelo uso da terceira pessoa evita o confronto direto e produz uma agressividade mais amenizada. Chamar o candidato pelo nome completo ou por sua função também produz formas de distanciamento entre eles, de modo que o diálogo aparenta ser entre o candidato e os eleitores. Esse efeito de “conversa entre candidato e eleitor” é produzido justamente por citações indiretas que constroem um afastamento que “autorizaria” as críticas e afirmações acusatórias, como se o “ele”, o candidato alvo dos ataques, não estivesse presente.

Ainda que a polidez, a cordialidade e os efeitos de sentido de falsa harmonia e amenização da agressividade se sobressaiam nos debates de 1994 – mesmo porque, nesse momento, as regras dos debates começam a ser internalizadas pelos candidatos - , os ataques diretos relacionados à moral ou à conduta do oponente e o desrespeito ao turno

---

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7hSts8TK7Ls>>. Acesso em: 23 junho 2017.

de fala também se fazem presentes. Vejamos os enunciados a seguir retirados do segundo debate<sup>39</sup>, veiculado no dia 25 de julho:

Jornalista Teodomiro Braga para Enéas Carneiro: “A minha pergunta é para o candidato Enéas Carneiro, essa **figura exótica** que aparece na vida política do país, de quatro em quatro anos, como um meteoro eleitoral. [...] O senhor tem defendido posições ultranacionalistas. [...] Diante disso tudo, eu pergunto: o senhor é **fascista**? Meu nome é Teodomiro Braga”. (00:37:35 – 00:38:24)

O jornalista Teodomiro Braga caracteriza o candidato Enéas como “Figura exótica”, que aparece “de quatro em quatro anos”. Tal caracterização assemelha-se aos discursos científicos quando descrevem algum fenômeno da natureza ou quando relatam a aparição de algum animal exótico. O tom desses discursos científicos é retomado justamente pela utilização da palavra “exótica” associada ao relato do período em que tal “fenômeno” ocorre – “de quatro em quatro anos” – e o local de sua ocorrência – “na vida política do país”, comparando-o a um meteoro.

A construção desse tom científico na caracterização do candidato político produz comicidade e agressividade, por meio de um processo de despessoalização, que o insulta e o reduz a um objeto. Segundo os estudos de Bacot (2007) e Bravo (2015) acerca da característica simbólica do insulto, tal palavra advém do latim *insultare*, e significaria “saltar em cima”, “saltar sobre alguém” para provocar, ao mesmo tempo, sua queda e sua extinção, esta que, destituindo seu status de humano, o faria descer abaixo da escala dos seres, transformando-o em coisa para o reduzir ao silêncio (pois os objetos não falam) e depois, finalmente, a nada.

No entanto, o jornalista não o reduz a uma coisa ou objeto qualquer. Ao compará-lo a um meteoro, empresta-se, metaforicamente, a agressividade e os desastres produzidos por ele dependendo do local que atinge. Produz desqualificação também quando o jornalista afirma que Enéas “tem defendido posições ultranacionalistas”, argumento esse que já ampara e prepara a pergunta “você é fascista?”.

Por fim, o jornalista parodia a fala de Enéas – “meu nome é Enéas” – dizendo “Meu nome é Teodomiro Braga”. Após essa fala, o auditório se manifesta com riso e

---

<sup>39</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp\\_gemQ](https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp_gemQ)>. Acesso em: 24 junho 2017.

palmas. A imitação que o jornalista faz de uma frase recorrente de Enéas se encaixa no segundo parâmetro proposto por Amossy (2017), a respeito dos tipos de insulto: a fala do outro é reprisada, reformulada, tratando-a de forma irônica, paródica. Observamos, nesse caso, que o polemista ataca a própria pessoa do opositor, por meio de um argumento ligado ao *ad hominum*, que foca mais na pessoa, nas suas características e personalidade, do que propriamente na sua tese.

Em resposta às acusações e ataques, Enéas diz:

“O senhor foi extremamente infeliz, aliás, isso é próprio do que o senhor escreve. E agora o senhor me permite, eu só falo, eu o ouvi com atenção. Primeiro, eu não ofendi o candidato do PT, não tenho nenhum preconceito. Eu tenho um conceito, o problema é de preparo seu para se exprimir. Eu tenho – um minutinho por favor – **(o jornalista o chama de fascista)**. O senhor não tem o direito de me interromper, se não eu paro e me retiro do ambiente [...] obedeça a regra como eu também. [...] (00:38:35)

“Quando o senhor me ofendeu agora, **o senhor disse que eu sou exótico...Se eu tenho barba o problema é meu.** O senhor não tem nada a ver com isso. A sua visão de exótico. (palmas da plateia) As suas expressões traduzem apenas a incompreensão do senhor de um sentimento que eu represento, de uma insatisfação coletiva da nação para com toda essa farsa que existe”. (00:40:48 – 00:41:25)

Ainda que ocorra com menos frequência, em comparação com os debates de 1989, o desrespeito aos turnos de fala também ocorre nos debates de 1994. Na primeira ocorrência, por exemplo, o jornalista interrompe o candidato para chamá-lo de fascista. O insulto proferido durante uma interrupção produz efeitos ainda mais agressivos. Em sequência, Enéas considera uma ofensa ter sido chamado de “exótico” - mas não diz nada sobre o termo “fascista” - e atribui tal adjetivo ao fato de ter barba. Verificamos, com isso, que se prioriza o personalismo e temas que privilegiam questões e ataques pessoais, perdendo de vista o debate de propostas.

Outra forma de agressividade utilizada com recorrência nos debates de 1994, sobretudo quando o candidato Lula era o alvo, foi desqualificá-lo como ignorante, sem estudos, e portanto, incapaz para ocupar o cargo de presidente da República. Vejamos algumas recorrências – retiradas do debate de 25 de julho - da fala do candidato Enéas que ratificam tal afirmação:

Enéas para Lula:

Qual é a posição do senhor, se o senhor chegar a ser presidente da república, em relação a política mineral e em particular, **a bauxita de grau refratário**? (1:20:04 – 1:20:13)<sup>40</sup>

Eu discordo radicalmente do que o senhor diz. Eu falei sobre bauxita de caráter refratário e **o senhor não respondeu**. Provavelmente **o senhor não sabe** e não seria nada de mais se dissesse não sei. Que eu também não sei tudo e nunca disse que sabia. (risos da plateia). **O senhor não sabe e não diz**. (1:21:52 – 1:22:07)<sup>41</sup>

Eu quero crer que para dirigir um país é fundamental que se tenha preparo. Pelo que ouço e leio do senhor quando o senhor se pronuncia, **eu percebo que o nível de escolaridade do senhor é mínimo**. Eu gostaria de que o senhor me respondesse se é fundamental para dirigir [...] na opinião do senhor é ou não fundamental ter nível de escolaridade mínimo, preparo, ou seja, se não basta apenas conhecer, conhecer o fato, ou se é fundamental também saber como resolvê-lo. Essa é a minha pergunta. (01:31:59 – 01:32:34)<sup>42</sup>

Nesses enunciados, verificamos que o candidato Enéas faz uma pergunta muito específica, sobre determinado tipo de mineral, e a resposta de Lula não é considerada suficiente, alegando que o mesmo “não responde”, “não sabe”, “não diz”, o que produz imagens de um candidato ignorante – frequentemente associado à falta de escolaridade - e incapaz para governar um país.

Nas eleições de 1989, verificamos que uma sequência discursiva recorrente ao atacar o candidato petista no que se refere às suas competências era “X não sabe, não entende Y”. Em 1994, a sequência se amplia e se modifica:

X { o senhor    **não respondeu / não sabe / não diz**

Além de anteriormente “não saber” e “não entender”, agora ele também “não responde” e “não diz”. Se em 89 ocorria uma modalização e uma estratégia de redução dos efeitos de agressividade por meio de advérbios e a referência indireta do candidato, em 1994, constroem-se afirmações diretas interpelando o sujeito – “o senhor” - a quem se dirige a crítica.

---

<sup>40</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp\\_gemQ](https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp_gemQ)>. Acesso em: 24 julho 2017.

<sup>41</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp\\_gemQ](https://www.youtube.com/watch?v=VM-QPp_gemQ)>. Acesso em: 24 julho 2017.

<sup>42</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7hSts8TK7Ls>>. Acesso em: 24 julho 2017.

Em outro debate, tais imagens são reforçadas pela fala de Enéas, o qual reitera que o nível de escolaridade do referido candidato é mínimo. Após essa afirmação, o candidato faz uma pergunta genérica para questionar se Lula acha que se deve ter nível de escolaridade mínimo para dirigir um país. Essa pergunta funciona como uma estratégia de fazer-parecer um debate de ideias, mas o que ocorre é a emergência de temas que se constituem como ataques pessoais.

Esses ataques que se endereçam a Lula, iniciando-se em 1989 e que se conservam até 2018, como veremos nas campanhas subsequentes, são movidos por um ressentimento coletivo em relação à ocupação de determinados espaços por grupos considerados inferiores. Lula fazia parte da classe proletária e estava pleiteando o cargo de mais alto comando. Isso, certamente, produziu o ressentimento anti-igualitário, como explica Paul Zawadzki (2004), um sentimento que recusa a igualdade, esforçando para preservar a diferença e, diria, para reforçá-la. Esse ressentimento toma a forma de acusações agressivas, enfatizando na materialidade discursiva o não saber, a falta de competência e estudo do candidato Lula, de modo a marcar e deixar evidente essa diferença, essa desigualdade entre um candidato “sapiente” e outro “incapaz”.

Vemos aqui um germe de uma memória de um discurso conservador agressivo que será reativado e consolidado na (des)continuidade histórica.

### **2.2.2. HGPE**

O horário de propaganda política eleitoral de 1994, assim como o debate desse mesmo período, foi menos agressivo quando o comparamos às campanhas de 1989. Em 1994, as principais armas utilizadas como materialização da agressividade foram os dizeres derrisórios e irônicos, associação da imagem dos candidatos a políticos anteriores – como Fernando Collor, por exemplo – e afirmações acusatórias que responsabilizavam o governo anterior de roubar alimentos e deixar toneladas de mantimentos estragando, e de favorecer a campanha de FHC, usando recursos do governo. Outros tipos de

afirmações acusavam<sup>43</sup> determinado candidato de desviar dinheiro destinado à educação e de apresentar um plano de governo falso no programa de televisão<sup>44</sup>.

Diferentemente dos debates, cujo alvo principal de ataques foi o candidato Lula – mesmo porque o candidato FHC esteve ausente em vários deles –, no HGPE, Fernando Henrique parece ser o centro para o qual se direciona a agressividade.

Enquanto nos debates produziram-se fortemente efeitos de falsa harmonia, evitando confrontos diretos entre os candidatos, nos horários de propaganda eleitoral, o que prevalece são os ataques diretos, no entanto, não levantam questões do âmbito privado para a cena política, como o fizeram em 89, quando apresentam o depoimento da ex-namorada de Lula acusando-o de querer abortar a filha, por exemplo. As temáticas de acusação se delimitam a questões políticas.

Um tema político criticado e satirizado no programa de Lula exibido em 18 de setembro, foi a redução das tarifas para importação, feita por Ciro Gomes e FHC. Segue abaixo a ocorrência à qual nos referimos:

Locutor: “Graças à decisão de Ciro Gomes e Fernando Henrique de reduzir as tarifas para importação, está havendo aumento de empregos, no Japão, na Alemanha, nos Estados Unidos, na Itália, na França, enquanto isso no Brasil as máquinas estão paradas. (00:19:00)



**Imagem 5**

Nesse excerto, a agressividade se materializa na ironia, o que acentua ainda mais o discurso insultuoso, tornando-se sutil e mordaz. O dizer irônico é construído a partir de uma afirmação que aparenta ser um elogio, sobretudo pelo uso da expressão “Graças a”, que atribui a FHC e Ciro Gomes a ação de aumentar os empregos em outros países e não no Brasil. A ironia é reforçada por meio do texto imagético, representado por uma

---

<sup>43</sup> Amim: “E o governo, pela mão do então ministro da fazenda, senador Fernando Henrique Cardoso, conseguiu tirar dinheiro da educação, aprovando o fundo social de emergência.” (00:50:39)

<sup>44</sup> Programa do candidato Quércia: Narrador: “Este plano de governo foi feito às pressas. A imprensa denunciou o que o candidato do governo mostrava na TV era uma montagem. Só tinha a capa. Era totalmente vazio por dentro.” (00:40:40)

sequência de fotos - exibidas durante a fala do locutor - de simulacro de representantes de vários países, como o Japão, os Estados Unidos e a França, os quais seguram cartazes com dizeres de agradecimento a Fernando Henrique. O humor é também construído na escolha dos pronomes de tratamento, como Mr. FHC, na forma de escrita do nome do candidato, “Cardosô”, por exemplo, que imita a sonoridade da língua francesa com o tom da última sílaba acentuada.

As tentativas abasileiradas em fazer com que os atores pareçam nativos produzem o humor e o riso, ao mesmo tempo em que a crítica constrói a agressividade.

Com relação aos dizeres derrisórios, também frequentes na campanha de 94, elegemos um exemplo veiculado no programa de Lula, no qual compara-se FHC ao personagem da literatura árabe medieval, Ali Babá. Vejamos:



**Imagem 6**

Locutor “Dizem que Ali Babá até que não era um mau sujeito, estudioso, esforçado, o problema é que ele andava com os quarenta ladrões. (00:03:34 – primeiro turno)

O nome de FHC não é citado, mas é possível inferir que se trata dele pela descrição do personagem – “estudioso, esforçado” –, reforçando, assim, uma imagem de sapiência, de erudição, justamente por ser sociólogo, professor, doutor.

Por meio da imagem que se atualiza de Ali Babá, a agressividade é produzida, e o faz por meio do inesperado. Além disso, há uma acusação de que o referido candidato se cercava de ladrões, o que corrobora ainda mais o dizer agressivo, pois quem anda com criminosos, também seria um deles.

Nas propagandas eleitorais televisivas analisadas até então, observamos que as ofensas estão frequentemente associadas ao humor e esse efeito de comicidade muitas vezes está associado à retomada de personagens, vinhetas, dizeres que são próprios, característicos do âmbito televisivo. Nas campanhas de 1989, essa associação foi utilizada

com recorrência – referência a novelas (“Que rei sou eu?”), programas de entretenimento (Tv Pirata), atores (Cristina Pereira) -, sobretudo porque foi uma época em que a cultura midiática começa a ganhar centralidade e notoriedade nas campanhas políticas.

A relação entre o discurso político, linguagem televisiva, humor e agressividade se estendeu nos HGPE de 1994, mas com menor intensidade, por meio da criação de vinhetas que simulavam as chamadas para certos programas na televisão, como foi o caso de “Reino Animal” e “Me engana que eu gosto”, exibidas no programa do candidato Lula.

Observamos que tanto em 1989 como em 1994, a imagem que se construiu do eleitor interlocutor está pautada numa percepção de dependência da TV, em especial da TV Globo. Para ter certeza de que o eleitor seria chamado à sala para assistir ao HGPE recorreu-se às vinhetas, para mantê-lo assistindo, valeu-se do uso da estrutura de programas conhecidos. Tais ações indicam que os políticos possuíam dados, tinham conhecimento de como grande parte da sociedade brasileira podia, naqueles anos, ser conduzida pela TV Globo.

Vejamos as chamadas:

Locutor “Você também vê, **reino animal**. Será que você vai deixar outra vez a raposa tomar conta do galinheiro?” (00:02:08 – primeiro turno)

Locutor “E agora fique com o programa “**me engana que eu gosto**” (00:07:27 – primeiro turno)



**Imagem 7**

Na primeira chamada, novamente pode-se inferir um ataque ao candidato FHC, justamente porque ele é associado com recorrência ao ex-presidente Collor. As imagens 8, 9 e 10, que mostramos a seguir, retiradas do programa de Lula exibido dia 26 de agosto,

ratificam essa comparação, uma vez que ambos são flagrados fazendo o mesmo gesto com as mãos.



**Imagem 8**



**Imagem 9**



**Imagem 10**

A frase sobre “raposas tomar conta de galinheiros” é usada frequentemente no âmbito político, e geralmente se endereça a políticos tidos como corruptos ou mau administradores. Nesse caso, a locução adverbial “outra vez” remete ao fato de que o Brasil já havia sido administrado por uma raposa, que inferimos ser Collor. Já que se

associa a imagem de FHC a Collor, e por se tratar do principal concorrente de Lula, a acusação sobre quem seria a próxima raposa recai sobre Fernando Henrique.

“Ali Babá”, “raposa” e, agora, “mentiroso”. Este último adjetivo é atribuído também ao referido candidato, na segunda chamada do programa de Lula: “Me engana que eu gosto”. Após o locutor dizer esta frase, o gesto das mãos abertas é retomado, construindo, assim, imagens de um candidato corrupto, desonesto, mentiroso, que fará o mesmo que Collor.

Nos programas eleitorais de outros candidatos, como os de Amim, Quércia e Enéas, a agressividade aparece mais atenuada, pelo fato de não atacarem diretamente a pessoa, direcionando a maior parte das críticas às propostas de campanhas dos candidatos oponentes. Um exemplo desse tipo de crítica está em uma das falas de Enéas, no programa exibido no dia 10 de agosto: “Esse plano real é uma farsa. Arquetada maquiavelicamente para enganá-lo até as eleições e eleger o principal candidato do sistema. (00:00:42). Vemos, nesse enunciado, que o alvo do ataque é uma das propostas de FHC, o qual também é criticado por ser o principal mentor desse plano.

Grande parte dos ataques e acusações diretas de todo o material analisado referente ao HGPE de 1994, teve como principal alvo o candidato Fernando Henrique Cardoso.

Entretanto, no programa de FHC, os efeitos de agressividade são quase inexistentes, mesmo porque, após o início do HGPE em 1994, FHC passou rapidamente a ser o primeiro nas pesquisas, não precisando recorrer aos ataques. Quando se referem ao Lula, por exemplo, fazem as seguintes menções: “nosso principal adversário” (01:50:39), “o programa de Lula” (00:39:05), “O PT” (00:38:57), “radicais do PT” (00:39:56). Não nomear o candidato ou referir-se a uma coletividade, como o partido, evita um confronto direto, de modo a diminuir possíveis efeitos do dizer agressivo. Com relação a “referir-se a uma coletividade”, como em “radicais do PT”, ao mesmo tempo em que se evita o confronto particular e direto, ocorre uma generalização de que, por exemplo, todo petista é radical.

Vejamos alguns exemplos extraídos do programa de Fernando Henrique:

**Locutor:** “No seu último programa, nosso principal adversário gastou todo o seu tempo atacando Fernando Henrique, não fez uma única

proposta, não atacou nenhum problema. Foram três minutos e quarenta e cinco segundos desperdiçados, imaginem se fossem quatro anos.” (01:50:39 – primeiro turno)

**FHC:** “Não vamos é perder tempo com insultos, com falta de educação, com mentiras. (01:20:06 – primeiro turno)

Desse modo, atestamos que, ao invés de acusar, agredir com ironias, opta-se pela utilização de formas polidas, e quando se dirige aos adversários, o faz de modo coletivo, sem pronunciar o nome do oponente, na maior parte das vezes. Apesar das formas cordiais, ao dizer que “não perde tempo com insultos, com falta de educação”, faz negações sobre si que desqualificam o outro, que seria mal-educado, agressivo.

### **2.2.3 Considerações acerca dos debates e campanhas eleitorais televisivas em 1994:**

Enquanto nos debates e nos HGPE de 1989 constatamos uma predominância dos ataques diretos e repetições enfáticas relacionados à moral ou à conduta do oponente, e uma frequente utilização de temáticas que envolviam a vida privada dos candidatos, em 1994 notamos que os ataques diretos – mesmo que ocorram com menor frequência – deram lugar à produção de falsas harmonias, materializadas em frases que aparentavam ter uma concordância e um entendimento entre os candidatos, mas que eram desconstruídas por outras, que apresentavam argumentos de maior valor. Negava-se, por exemplo, o ataque pessoal, para em seguida acrescentar uma oração adversativa, que o acusasse, produzindo agressividade, ainda que “mascarados” por algumas formas de polidez e afirmações.

As poucas aparições dos ataques diretos, na maior parte das vezes, restringiam-se à fala de Enéas, o qual tentava desconstruir a imagem de Lula, pela “ignorância”, “não ter escolaridade mínima”, dentre outras acusações.

Nos horários de propaganda política eleitoral, o que prevaleceu foi a materialização da agressividade nos dizeres derrisórios e irônicos, associando, assim, a ofensa ao humor. A agressividade e a comicidade também se constituíram como características emprestadas dos programas de entretenimento da época, como por

exemplo, as vinhetas utilizadas no programa do candidato Lula (“Me engana que eu gosto”, “Reino animal”), as quais produziram humor, ao mesmo tempo em que apresentavam acusações ao candidato oponente. Na campanha de 1989, essa relação ocorreu com maior intensidade, sobretudo, porque é nesse momento que a TV ganha centralidade nas campanhas políticas e começa a se tornar o principal meio de informação dos acontecimentos políticos.

Os tipos de construções sintáticas recorrentes nos debates de 94, as tentativas de esquiva do confronto direto, a ausência de temáticas da vida privada dos candidatos, a associação entre humor e dizer agressivo, levam-nos a questionar os motivos pelos quais essas formas e graus de agressividade emergiram.

Novamente, recorrendo à noção de condições de emergência do discurso, construída por Foucault ([1969] 2010), podemos assegurar que essas formas e graus emergiram em decorrência de condições políticas, históricas e ideológicas.

Quais seriam então essas condições que fizeram com que a agressividade se tornasse mais branda, os confrontos menos diretos, e os ataques mais relacionados a questões políticas em detrimento das temáticas pessoais?

Uma diferença significativa entre o cenário de 1989 e o contexto de 1994, foi que no primeiro ano, Collor se apresentou como oposição ao governo Sarney, já em 94 todo o governo de Itamar Franco apoiou, de diferentes maneiras, a candidatura de FHC. Além do auxílio do governo, o candidato contava com o apoio das elites e também com os principais meios de comunicação.

Por exemplo, segundo o jornalista e doutor em comunicação Golembiewski, “Os comícios de FHC recebiam uma grande cobertura da RBS TV em Santa Catarina. Já a presença de Lula no Estado era registrada apenas com notas ao vivo (texto sem imagens)” (2015, p. 103), sem contar o grande apoio dado pela rede Globo à candidatura de FHC, o que também é afirmado pelo jornalista em seu livro “A realidade brasileira no Jornal Nacional e RBS Notícias”.

Desse modo, a campanha petista, sabendo de todo esse apoio, e a campanha de FHC, sendo beneficiada por diferentes fontes, apostaram na moderação. O não comparecimento de Fernando Henrique a alguns debates pode ser explicado por esse fato. Já que estaria “pré-eleito” pelas elites, por que “manchar” sua imagem com ataques pessoais e acusações difamatórias contra os adversários? Lula, por sua vez, apresenta um tom menos agressivo, se comparado a 1989, talvez pelo fato de não ter seu principal adversário presente nos debates, o que impediria o confronto direto, e também devido às

mudanças nas regras de campanha na TV, com relação ao HGPE, que passam a proibir imagens externas, participações de outras pessoas no discurso dos candidatos na televisão, efeitos especiais, etc. Essas mudanças de regras acabam inviabilizando todo o empenho da produção das “caravanas” do Lula que seriam utilizadas no HGPE.

Compreendendo essas diferenciações históricas, políticas e ideológicas dos dois períodos analisados até então, constatamos algumas das principais condições para a emergência ora de um discurso mais agressivo, ora de uma agressividade mais amenizada.

### **2.3 Eleição presidencial de 1998: O silenciamento das campanhas**

Nas eleições de 1998, doze candidatos concorreram à presidência da República: Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Enéas Carneiro, José Maria Eymael, Alfredo Sirkis, Ciro Gomes, Ivan Frota, João de Deus, Sérgio Bueno, Thereza Ruiz, Vasco Azevedo Neto e Zé Maria.

O que mais se destaca das eleições de 1998 é a diminuição da cobertura midiática das campanhas políticas, as quais se tornaram escassas e quase inexistentes nos noticiários.

O pesquisador Luis Felipe Miguel (1999), o qual realizou estudos sobre as eleições de 1998 na mídia, obteve como um de seus resultados a seguinte constatação, analisando o Jornal Nacional entre 13 de julho e 3 de outubro de 1998, um período de doze semanas (e 72 edições do noticiário): “Em quase 28 horas de noticiário, o *Jornal Nacional* dedicou pouco mais de 1 hora e 15 minutos (ou 4,6% do total) às eleições.” Além da baixa cobertura das eleições pelas emissoras de TV, nenhuma delas sequer levantou a hipótese de promover debates entre os presidencialistas. Fato que é muito sintomático de como as emissoras de TV ocupam um lugar de ator político, articulando ações em favor de um candidato, por exemplo, apoiando-o indiretamente pelo silêncio.

Diante da ausência de debates, iremos diretamente à análise do HGPE, também reduzido nas eleições de 1998. Enquanto em 1994, o HGPE ocorria quatro vezes por semana, durante dois meses, em 1998, a campanha ficou limitada a somente três vezes por semana, num período de 45 dias.

### 2.3.1 HGPE

Na campanha petista, os principais temas foram o desemprego, atribuído à gestão tucana, a seca no Nordeste e a abertura do Brasil às importações, o que sufocaria a produção nacional, segundo o discurso de Lula. Tal abertura comercial teve início no governo de Collor e foi intensificada com FHC, que proporcionou um aumento das importações, autorizando a entrada de produtos estrangeiros com preços menores do que os nacionais.

Nesse contexto de crescente abertura para as importações, essa última temática foi tratada de forma irônica e agressiva no HGPE.

Vejamos um exemplo:

Atriz Cristina Pereira: “Mas é claro que o governo tá aumentando empregos, nos Estados Unidos, na China, em Taiwan.” (00:06:27 – primeiro turno)

Após a fala da atriz, apresenta-se uma família estrangeira que agradece o governo de FHC. Faz-se a seguinte tradução simultânea para o português:

Tradutora: “Ele está dizendo que gostaria de agradecer o pessoal no Brasil que está comprando os ratinhos de brinquedo que eles fabricam lá em Taiwan. Que lá também tinha muito desempregado como ele, que agora está trabalhando na fábrica de brinquedos, ele disse ‘obrigado, Fernando Henrique e Taiwan agradece’”. (00:07:23 – primeiro turno)

As filhas aparecem segurando os ratinhos de brinquedo, como mostra a imagem abaixo:



**Imagem 11** - Extraída do HGPE, 1998

Nesse caso, a agressividade está materializada na ironia, que é reforçada pelo texto imagético, e na teatralização de um assunto relevante e sério para o país. A escolha de um simulacro de uma típica família taiwanesa, a encenação de uma tradução simultânea para o português – que retoma o formato das cenas com intérpretes veiculadas nos programas de TV -, corroboram a produção de agressividade e comicidade. A junção da agressividade, do humor provindo da ficcionalização, permitem que a crítica tenha uma maior aceitação - Mercier (2001), por exemplo, defenderá que esse seria um modo de liberar a agressividade, sem sofrer as retaliações, uma vez que está associada ao riso e, portanto, teria uma maior aceitabilidade -, sem que isso diminua o grau de agressividade, que acaba se tornando até mais acentuado, nesse caso.

Desse modo, esse “agradecimento” a Fernando Henrique se constitui como uma crítica ao seu governo que, segundo o candidato oponente, privilegiou o mercado externo, enquanto poderia aumentar o número de empregos no próprio país. Se tal crítica viesse sob formas de enunciado como: “Fernando Henrique privilegia o mercado externo”, “As importações realizadas no governo de FHC causam desemprego no Brasil”, talvez não fossem tão agressivas quanto quando estão entremeadas pela ironia e o humor.

Ligado à temática da importação brasileira, está o tema do desemprego. Na campanha do então candidato Lula, a falta de empregos é denunciada com frequência, responsabilizando o governo tucano por isso. Uma vez que no HGPE de Fernando Henrique ausenta-se essa questão, Lula o chama de “candidato do país das maravilhas”, criticando-o pelo fato de não abordar em seu programa os reais problemas enfrentados pelo cidadão brasileiro. Seguem abaixo algumas das ocorrências em que tal alcunha aparece, as quais contrapõem dois tipos de Brasis: O Brasil maravilha, atribuído a FHC, e o Brasil de verdade, atribuído a Lula:

**Locutor:** “Essa proposta é tão boa que já foi copiada pelo outro candidato, **aquele do país das maravilhas**”. (00:14:17 – primeiro turno)

**Locutor:** “**No país das maravilhas** a saúde vai bem obrigado, mas o Brasil de verdade está doente e muito doente. (01:08:29 – primeiro turno)

**Lula:** “Você deve estar acompanhando o programa eleitoral e você percebe que o meu principal adversário vende um **Brasil fantasia. No país dele** não tem nenhum problema, nem na área da saúde. Não tem problemas pra eles, que quando tem uma simples dor de barriga, tem acesso aos melhores hospitais do Brasil ou quando a doença é um pouquinho mais grave, pega um avião e vai para o estrangeiro se tratar.” (01:09:24 – primeiro turno)

Para compreendermos como a agressividade se põe de forma indireta entre os interlocutores nesses excertos, recorreremos à noção de memória discursiva, compreendida por Courtine como uma “existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradadas por aparelhos ideológicos” (COURTINE, 1981, p. 105-106).

Ao retomar frases como “País das maravilhas”, por exemplo, retomam-se memórias provenientes do campo literário, próprias de contos de fada, como “Alice no país das maravilhas”. O deslocamento desse enunciado do domínio ficcional para o político constrói, para o interlocutor, o efeito de sentido de comicidade e agressividade, tornando-se uma estratégia para fragilizar a imagem de Fernando Henrique.

Os sentidos evocados a partir dessa afirmação colocam FHC numa dimensão que não corresponde à realidade dos fatos, mas sim ao mundo retratado nos contos de fada, e é justamente nesse ponto em que a agressividade é produzida, visto que FHC é acusado de fantasiar e mascarar os problemas do Brasil. A designação “aquele do país das

maravilhas” acentua a agressividade, e colocada ainda como oração subordinada explicativa - “Essa proposta é tão boa que já foi copiada pelo outro candidato, **aquele do país das maravilhas**”. - , funciona como forma de descredibilizar a fala do candidato.

Outro modo utilizado para se dirigirem a FHC é pelo pronome de tratamento “Presidente”, que se torna um vocativo nos seguintes enunciados:

- (1) Locutor: “**Presidente**, quanto tempo mais o senhor vai esconder a crise do povo brasileiro?” (00:36:22 – primeiro turno)
- (2) Atriz: “**Presidente**, fala para os mocinhos que fazem a sua propaganda aí, que o pessoal não está acreditando... olha, precisa pegar um pouco de pobre, uns desempregados, entendeu? É fácil, tá cheio, olha.. com essa crise, não? Ai, desculpa. Ai, não pode falar crise. Desculpa, desculpa. (00:51:47 – primeiro turno)

Os dois fragmentos acima evidenciam falas dirigidas diretamente a FHC. Essa foi uma prática recorrente nas campanhas televisivas de 1998, já que não houve confronto direto viabilizado pelos debates. Apesar do interlocutor não estar presente na cena enunciativa, a interpelação direta constrói efeitos de proximidade, e ao trazê-lo enquanto “Presidente”, ressalta sua função, tornando as acusações que precedem o vocativo ainda mais graves, uma vez que se trata de alguém com autoridade máxima no país. No primeiro exemplo, o presidente é acusado de esconder a crise do povo brasileiro, corroborando, assim, a alcunha de “presidente do país das maravilhas” analisada anteriormente. Desse modo, produzem-se imagens de um político que não é digno de confiança, afinal “esconde” a verdadeira situação do país. A agressividade se materializa, portanto, na sentença acusatória, na interpelação do “presidente”, cujo efeito de proximidade simula o confronto direto, acentuando o dizer agressivo, afinal, as acusações são atribuídas a um presidente.

No segundo exemplo, uma atriz, olhando diretamente para a câmera, simula uma conversa com o presidente, sugerindo a ele algumas mudanças em sua campanha política.

A fala da atriz é irônica e gera agressividade, uma vez que, ao apontar os defeitos da campanha, constrói imagens de um candidato incapaz e, ao mesmo tempo, mentiroso, pois insiste na questão de que FHC não mostra a realidade do Brasil. Quando a palavra “crise” é dita, a atriz pede desculpas ao presidente, já que, segundo ela, o candidato evitaria tal palavra. A forma teatralizada e carregada de ironia empenhada pelo sujeito enunciativo acentua o dizer agressivo e reafirma a alcunha dada a FHC: Candidato do país

das maravilhas, característica essa que desliza para a sua atuação enquanto presidente falso, enganador.

Os exemplos acima analisados evidenciam formas de agressividade que recorrem prioritariamente ao humor, à ironia, à encenação/ficcionalização, lançando mão até mesmo de termos de polidez, como “**obrigado**, Fernando Henrique e Taiwan **agradece**”; “Ai, **desculpa**. [...] **Desculpa, desculpa.**”, os quais passam a adquirir outros efeitos de sentido, uma vez que o emprego da ironia gera agressividade.

A agressividade também se materializa, com frequência, nas frases acusatórias, sobretudo, quando é o candidato Lula quem diz, como no exemplo abaixo:

Lula: “Porque esse governo, de forma irresponsável, acabou com uma central de medicamento que poderia distribuir remédio de graça para o povo pobre. Porque esse governo acabou com a vigilância sanitária que poderia ter evitado a produção de remédios falsos”. (01:10:03 – primeiro turno)

Ainda que as sentenças acusatórias sejam agressivas, afinal o governo de FHC é responsabilizado por grande parte dos problemas, quando a ironia e o riso se entremeiam ao dizer agressivo, este se torna ainda mais corrosivo.

Na campanha política televisiva de Fernando Henrique, a ocorrência de formas agressivas é quase imperceptível, mesmo porque o candidato conservava bons índices nas pesquisas e já estava na presidência, condições que o favoreciam e diminuía, de certa forma, a necessidade de uma tomada de postura agressiva.

No entanto, as constantes afirmações de que o outro é o candidato agressivo, o outro que perde a cabeça, o outro que parte para ataques pessoais, produzem a imagem de um candidato que se acha superior aos demais, e é justamente aí que se instalaria a agressividade, no falar de si, para desqualificar o outro e, ao mesmo tempo, produzir uma boa imagem de si mesmo.

Vejamos alguns fragmentos:

- (1) Locutor: “Nos últimos programas eleitorais, **o PT tem procurado depreciar** a imagem do presidente Fernando Henrique. No programa de sábado passado, **o PT passou dos limites**. Toda vez que uma campanha eleitoral entra em sua reta final e o PT está em desvantagem nas pesquisas, a história se repete. **Lula e os radicais do PT perdem a cabeça**, deixam de lado o confronto de ideias, e **partem para ataques pessoais**. Foi assim na reta final para a

campanha para presidente em 94, lamentavelmente está sendo assim nessa campanha de 98. Uma jogada eleitoral já conhecida, da qual o próprio Lula foi vítima em 89, quando disputou a presidência contra Collor. Quem pretende governar um país do tamanho do Brasil, no mundo turbulento como o de hoje, não pode perder o equilíbrio quando está numa situação adversa.” (01:35:42 – primeiro turno).

- (2) Apresentador: “Sabe por que a candidatura do presidente Fernando Henrique tem crescido tanto depois do horário eleitoral? **É porque ele tem utilizado seu horário para mostrar o que fez, explicar com honestidade o que ainda não conseguiu fazer.**” (01:48:48 – primeiro turno).
- (3) Locutor: “**O presidente Fernando Henrique é um homem de passado limpo e de coragem.** O PT e o Lula sabem disso.” (01:36:36 – primeiro turno).
- (4) Locutor: “Nesta eleição, **o PT volta a utilizar a mesma tática, amedrontar as pessoas** e tentar desacreditar quem está lutando para resolver problemas. Diante de uma crise econômica internacional, agora eles querem fazer você acreditar que o Brasil está sendo afetado por culpa do presidente Fernando Henrique.” (01:12:55 – primeiro turno).

Nos fragmentos 1 e 4, verificamos que a escolha dos verbos que se referem a Lula e seu partido, e as frases acusatórias, produzem agressividade, uma vez que são eles que “procuram depreciar”, “passam dos limites”, “perdem a cabeça”, “amedrontam”, “tentam desacreditar”.

Nas ocorrências 2 e 3, por sua vez, o que predomina é uma forma de agressividade designada em nossa categorização como “Alusões ou insinuações pelo procedimento de falar de si para desqualificar o outro”. No fragmento 2, fala-se que FHC tem utilizado seu horário para mostrar suas propostas, insinuando que Lula utiliza seu horário para outros fins, dentre eles, para depreciar o candidato oposto. Essa insinuação aparece como frase acusatória no fragmento 1. Isso também se dá a respeito da temática das cinco metas sociais propostas por FHC. Há várias vinhetas durante a campanha em que aparece a imagem de uma mão, contando as cinco metas, o que poderia fazer referência à ausência de um dos dedos em Lula, desqualificando o corpo como legítimo à presidência. Essa questão da mão em campanhas políticas vem, ao longo dos anos, expondo de modo perverso e derrisório a incompletude do Lula.

Enquanto na campanha de Lula, as formas de agressividade recorrentes são a ironia, a derrisão, as cenas teatrais, na campanha de Fernando Henrique, o que se destaca são as insinuações, por exemplo, o falar de si para desqualificar o outro.

### 2.3.2 Considerações acerca das eleições de 1998:

Pode-se afirmar que a campanha de 1998 foi menos agressiva que as anteriores, mas a produção de uma agressividade mais branda não se deu de modo aleatório. Condições históricas, ideológicas e políticas estabeleceram condições para que isso ocorresse. A ausência de debate midiático, a diminuição da cobertura midiática das campanhas políticas e do horário de propaganda política eleitoral, a aprovação da reeleição, foram alguns dos motivos para a diminuição dos dizeres agressivos. Além disso, uma vez que FHC já estava na Presidência e contava com grande apoio da mídia para sua campanha, o confronto direto e a agressividade tornaram-se armas dispensáveis para ele.

Segundo o pesquisador Luis Felipe Miguel (1999),

[...] ocorre que — coincidência ou não — o esvaziamento da cobertura eleitoral pela Rede Globo era congruente com a estratégia traçada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso para sua reeleição. Tão logo obteve do Congresso Nacional o direito de concorrer à reeleição, o governo buscou desinflar o processo sucessório, transformando-o em um simples ritual de recondução do presidente ao cargo. (1999, *on-line*, s/p)

Ademais, de acordo com Miguel (1999), o Jornal Nacional recusou-se a abordar a temática do desemprego, da seca que assolava a região nordestina e da crise financeira. Durante todo o período analisado pelo sociólogo, a seca no Nordeste aparece em apenas uma edição do Jornal, transmitida no dia 15 de agosto, no entanto, estava vinculada a uma reportagem que ressaltava a boa safra de uma única região da Bahia onde tinha chovido o suficiente.

A recusa da mídia em mostrar os problemas enfrentados pela gestão de FHC – que corroborava o “país das maravilhas” -, a ausência de debate televisivo, a diminuição da cobertura eleitoral e do Horário gratuito de propaganda eleitoral, a aprovação da reeleição, todo esse cenário contribuía para Fernando Henrique ser reeleito e favorecia a produção de efeitos de uma eleição mais “polida”, já que Lula agredia sozinho, e FHC, em resposta, agredia de um lugar de superioridade.

Os dizeres agressivos, ainda que pouco recorrentes, tomaram formas no HGPE. De um lado, a campanha de Lula, valendo-se de cenas teatrais (recorrentes já em 89) e da

ficcionalização, que produziam ironia, riso, associados à agressividade, do outro, as insinuações, as sugestões, o falar de si para desqualificar o outro.

A agressividade, a despeito de estar presente nas eleições de 1998, perdeu força dadas às condições históricas, políticas e ideológicas, as quais contribuíram para a produção de efeitos de apagamento do embate direto.

#### **2.4 Eleição presidencial de 2002 - O “sapo barbudo” aceita o “beijo” e vira príncipe: vitória do Partido dos Trabalhadores**

Nas eleições de 2002, concorreram ao pleito eleitoral Luiz Inácio Lula da Silva, José Serra, Ciro Gomes e Anthony Garotinho. Diferentemente do pleito eleitoral de 1998, quando ocorreu um silenciamento midiático na cobertura das eleições, em 2002, verificou-se uma extensa visibilidade propiciada pela televisão.

Os principais candidatos tiveram grande espaço em vários programas de entretenimento, como o “Domingo Legal”, da emissora SBT. Segundo Fabro Steibel (2007), os quatro candidatos acima citados “apareceram em mais de 20 ocasiões em atrações de entretenimento” (p. 74), “mais de 70 vezes em programas de caráter predominantemente jornalístico” (p. 74), além do horário de propaganda eleitoral gratuita e dos debates. A rede Globo realizou também entrevistas, ao vivo, individuais, no Jornal Nacional, o que aumentou significativamente o número de telespectadores por todo o Brasil. Desse modo, vemos que a mesma imprensa que apagou as campanhas eleitorais em 1998, tornou-as um espetáculo em 2002.

Tanto em 1989 como em 2002, havia uma grande insatisfação com os governos anteriores (Sarney e FHC), e por isso, a vontade de mudança era imperativa. Já em 1994 e 1998 não havia o mesmo descontentamento, pois as condições eram mais favoráveis para uma continuação do que já estava sendo feito, do que para rupturas.

Lula constitui-se como a resposta para as indagações do período de 2002. É justamente em sua quarta disputa eleitoral que o “sapo barbudo” torna-se o príncipe potencialmente elegível. O PT adota uma estratégia quase sempre seguida pelo PSDB: a docilização verbal e gestual, a bemoalização da voz, a pacificação nas imagens.

Nessa campanha, enquanto o candidato Lula é visto como o “Lulinha paz e amor”, Serra, Ciro e Garotinho não renunciam aos ataques. Os dizeres agressivos ganham, assim, destaque e repercussão, sobretudo, pela estratégia de hipervisibilidade da mídia, cujos holofotes foram direcionados totalmente para as eleições presidenciais.

Veremos, em sequência, algumas análises dos debates, do HGPE e dos *sites* oficiais dos candidatos do referido período, as quais buscam compreender como as questões históricas, sociais e ideológicas afetaram as formas e a intensidade dos dizeres agressivos.

### 2.4.1 Debates

Nesse ano, os candidatos que participaram dos debates foram: Lula (PT), Anthony Garotinho (PSB), Ciro Gomes (PPS), José Serra (PSDB) e Rui Costa Pimenta (PSTU).

Em 1989, nos debates, os insultos estavam ligados à associação com a ditadura, o marxismo, o absolutismo, a mentira. Entendia-se como insulto “ser desequilibrado”, “desordeiro”, “ignorante”, “favorável à invasão de terras ou aos latifundiários”. Nesse período, os ataques diretos eram mais recorrentes. Em 1994, insultos ligados a regimes totalitários continuaram produzindo a agressividade, ainda como ecos da ditadura, quando se acusavam de fascistas, por exemplo.

Além disso, atribuir a característica de ignorante e mentiroso ao outro continuou a fazer parte do vocabulário de insultos nos debates. A produção de uma percepção de harmonia marcou a eleição de 1994 - e também 1998 - de modo que, nesse ano, as campanhas eleitorais pareceram menos agressivas. Em 1998, como já vimos, não houve debates. Em contrapartida, na eleição de 2002, as campanhas tornaram-se espetáculos.

A agressividade, nas eleições de 2002, materializou-se, sobretudo, nas temáticas acusatórias<sup>45</sup>, nas alusões e insinuações, nas afirmações que acusavam o não cumprimento à lei de responsabilidade fiscal<sup>46</sup>, a precariedade em se entender os dados

---

<sup>45</sup>**Ciro para Serra:** “A taxa de câmbio hoje é uma consequência louca do profundo desequilíbrio que o governo ao que o senhor serviu por 8 anos produziu no país.” (00:02:05)

<sup>46</sup>**Serra referindo-se a Garotinho:** “Ou seja, deixou mais coisa pra pagar, do que dinheiro que deixou em caixa. Portanto, **isso não se chama cumprir a lei de responsabilidade fiscal**, isso significa transferir à sua sucessora um problema muito grave de administração.” Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kQ1XEGXCLUI&list=PLbdi7VShIWenk5Tn2SpNYEEK\\_xQFluqHE](https://www.youtube.com/watch?v=kQ1XEGXCLUI&list=PLbdi7VShIWenk5Tn2SpNYEEK_xQFluqHE)>. Acesso em: 27 julho 2017. (00:04:47 - Quarta parte do debate)

da realidade<sup>47</sup>, a ignorância, a arrogância, a mentira e a agressividade. Vincular a imagem de algum candidato ao governo de FHC<sup>48</sup> também foi utilizada como arma de ataque, dado o grande descontentamento do eleitorado em relação ao seu governo.

Dentre as campanhas analisadas até então, algo recorrente em todas elas é a agressividade materializada nas acusações de que o outro é ignorante, agressivo e mentiroso. Essas formas de agressividade se mantêm, portanto, em 2002.

Os ataques que se dirigiram ao Lula, por exemplo, pautaram-se na desqualificação pelo “não saber”. Nas campanhas anteriores, Lula é caracterizado como incompetente por “não ter diploma”, “não ter escolaridade mínima”, etc. Esse ataque continua na campanha de 2002, porém de uma forma menos direta. Não se diz abertamente “Lula é incompetente, porque não tem estudo”, como aconteceu em 1994, na fala de Enéas, mas se afirma “Lula não responde nada” e o interpela “Lula, responda alguma coisa”, sem citar algo relacionado ao nível de escolaridade do candidato. Vejamos um exemplo extraído do debate<sup>49</sup> veiculado na Rede Globo, no dia 03 de outubro:

**Garotinho para Lula:** “Agora, Lula, **responda alguma coisa**. O Willian Bonner te perguntou ‘Você é contra ou a favor da transposição do rio São Francisco?’ Porque com todo respeito, de quem já votou em você duas vezes, **you não responde nada**. A pessoa pergunta ‘Lula, você é a favor disso ou daquilo’, **you vai, dá volta, you não responde**, você é contra ou favor da transposição do rio São Francisco?” (00:20:12)

As frases “responda alguma coisa”, “you nessa campanha não responde nada”, “you vai, dá volta, you não responde”, estão associadas à “falta de diploma”, a “não ter escolaridade mínima”, produzindo, assim, efeitos de um candidato incompetente. Muito mais do que um questionamento da competência do candidato, as questões postas por

---

<sup>47</sup> **Serra referindo-se a Ciro Gomes:** “Ele é a pessoa que eu conheço que mais fala com facilidade de economia e que mais tropeça nos números da realidade e depois diz que é agressão. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=kQ1XEGXCLUI&list=PLbdi7VShIWenk5Tn2SpNYEEK\\_xQFluqHE](https://www.youtube.com/watch?v=kQ1XEGXCLUI&list=PLbdi7VShIWenk5Tn2SpNYEEK_xQFluqHE)>. Acesso em: 27 julho 2017. (00:17:00 - Quinta parte do debate).

**Lula para Serra:** “É engraçado porque eu faço campanha em São Paulo todo dia, nunca ninguém reclamou pra mim do ônibus. Você não anda e reclamou.” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JS6h-xV62YI>>. Acesso em: 27 julho 2017. (00:11:55)

<sup>48</sup> **Garotinho para Serra:** “No primeiro debate, o senhor ficou com vergonha, disse assim ‘não, eu não sou o candidato do Fernando Henrique. Eu sou o candidato do governo do José Serra, mas o governo do José Serra não existe, nem vai existir, porque a população está repudiando sua candidatura, que a candidatura dos banqueiros, [...]’. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JS6h-xV62YI>>. Acesso em: 27 julho 2017. (00:50:20)

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JS6h-xV62YI>>. Acesso em: 27 julho 2017.

Garotinho exigem um posicionamento, e ao dizer que Lula não responde também cria a imagem de um candidato que não quer se comprometer com uma resposta que poderá vir a prejudicá-lo.

Em outro momento, Garotinho pergunta a Lula sobre o que ele faria com a Contribuição de Intervenção sobre o Domínio Econômico (CIDE) e, após a resposta de Lula, o candidato diz “É normal o candidato Lula não saber, são muitas siglas” (00:30:11). Tal afirmação irônica corrobora a imagem de um candidato ignorante e, portanto, incompetente para ocupar o cargo de Presidência. Parece ocorrer um jogo em que os candidatos querem “revelar” o Lula que existe debaixo do terno, a aparência confrontando a essência.

Os dizeres irônicos foram recorrentes nesses debates e produziram agressividade. Consideremos o seguinte exemplo, extraído do mesmo debate veiculado na rede Globo, após Garotinho perguntar a opinião de Serra sobre o fim das agências de desenvolvimento da Amazônia (Sudam) e Nordeste (Sudene):

**Serra para Garotinho:** Garotinho, você tá na emissora certa, que é a rede globo, mas no programa errado. Nós não estamos no Cassetta e Planeta. O senhor está se comportando como se estivesse no Cassetta e Planeta. A emissora é certa, mas o programa é errado. (00:50:51)

Ao dizer ironicamente que o candidato está no programa errado e justamente fazendo referência a um programa humorístico como o Cassetta e Planeta, atribui a ele a imagem de um candidato ‘palhaço’, que não se deve levar a sério, desqualificando-o, assim, enquanto alguém cuja fala não deve ser crível. O candidato socialista conseguiu direito de resposta e exigiu “respeito”, dizendo que o momento não era para “brincadeiras”.

Se por um lado a agressividade se materializava em acusações e ironias, por outro, a paz e o amor eram imperativos. Vejamos um fragmento<sup>50</sup>, relativo ao debate do dia 03 de outubro, em que Lula pede desculpas a José Serra:

**Lula para Serra** “Quero, José Serra, até pedir desculpa pra você, se você achou que em algum momento eu fui irônico, não faz parte da minha formação política ser irônico. O que faz parte da minha formação política é tentar conversar com as pessoas com a maior lisura e honestidade possível.” (00:32:10)

---

<sup>50</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=KJpGYe\\_ey30](https://www.youtube.com/watch?v=KJpGYe_ey30)>. Acesso em: 17 agosto 2017.

Assim como no HGPE, Lula apresenta-se o como um negociador pacífico, fazendo pouquíssimos ataques aos adversários, construindo uma imagem de si bem diferente das campanhas anteriores, quando fazia acusações e afirmações agressivas e combativas: “[...] ele é tão **absolutista**” (01:23:15 - 1989)<sup>51</sup>, **Ele é que é um grande Pinóquio**.<sup>52</sup> (00:12:25), acompanhado de uma expressão facial séria e sisuda, afinal o sorriso de Lula foi trabalhado esteticamente, nas eleições de 2002, para a construção de um rosto mais carismático.

Até as eleições de 1998, observamos sequências discursivas marcadas pelo dizer irônico, pelas acusações diretas, enunciados dos quais pudemos extrair a fórmula “X é Y”, constituídas, numa relação predicativa, e que produzem efeitos de uma agressividade direta e rotuladora. Entretanto, em 2002, há um rompimento dessa série e a consequente produção de um acontecimento, materializado nas práticas discursivas.

Deflagramos, então, a partir dos enunciados analisados, referentes ao candidato Lula, a construção de um acontecimento, o qual só é possível ser visualizado na relação de coexistência com outros enunciados, outros acontecimentos que o antecederam e que também o constituem. Trata-se de um acontecimento justamente porque se pode verificar a presença de uma singularidade, uma novidade em relação às séries anteriores, pois em meio à dispersão, emerge algo singular e, ao mesmo tempo, regular: a docilização de seu discurso.

Ademais, da perspectiva histórica, a eleição de Lula já é um acontecimento ímpar, dada a vitória de um candidato de origem trabalhadora, advindo de família pobre. Segundo Sargentini, “[...] Lula, o candidato eleito, é a própria imagem do trabalhador. Ele é retratado pela mídia como exemplo de trabalhador que ‘venceu’. De torneiro mecânico a presidente, ele é alçado a modelo para a sociedade” (2003, p. 132).

## 2.4.2 HGPE

Na campanha eleitoral de 2002, o primeiro candidato que utilizou o horário de propaganda política como instrumento de ataque foi José Serra. Inicialmente, seu alvo era

---

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DPJf0QJwARc>>. Acesso em: 18 agosto 2017.

<sup>52</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv\\_2mU](https://www.youtube.com/watch?v=PtG2PAv_2mU)>. Acesso em: 18 agosto 2017.

o candidato do PPS, Ciro Gomes, justamente quando este crescia nas pesquisas eleitorais. Posteriormente, ainda no primeiro turno, os ataques se centram em Lula.

No HGPE, as armas de ataque contra Ciro se materializaram nas afirmações e temáticas acusatórias, as quais contribuíram para construir uma imagem de um candidato mentiroso, que traz problemas, é agressivo e polêmico.

Para atacar Lula, tenta-se associar a imagem dele à ignorância, ao “não saber”, e à ideia de que o candidato está mentindo, é dissimulado, ao se apresentar como o “Lulinha, paz e amor”. Acusam-no de incitar a violência, de fugir aos debates<sup>53</sup>, de copiar programas eleitorais de candidatos anteriores etc.

Uma estratégia utilizada com frequência na propaganda eleitoral do candidato Serra para atingir seus adversários foi o uso do argumento ligado ao *ad hominem*. Amossy (2017) classifica esse argumento como aquele que foca mais na pessoa do que na sua tese. Desse modo, acusa-se o sujeito de ser mentiroso, desonesto, de ter interesses pessoais, ataques sempre associados ao homem político. Vejamos um fragmento em que se atribui a Ciro uma fala mentirosa:

**Locutor:** No debate da TV Bandeirantes, o candidato Ciro Gomes disse pra todo o Brasil ouvir que sempre estudou em escolas públicas. Vamos ver a cena: “Ciro: ‘Eu estudei na escola pública todos os anos da minha vida’. Nos dias que seguiram ao debate, os jornais mostraram, como está aqui no jornal O Globo, que Ciro Gomes não disse a verdade. (00:28:08 – primeiro turno).

**Locutor:** “O candidato Ciro Gomes disse ao Jornal O Globo de 19 de julho desse ano, que em toda sua extensa vida pública, nunca agrediu ninguém. Isso não é verdade.” (01:32:19 – primeiro turno).

Dessa forma, a fala de Ciro é desacreditada e sua conduta moral desqualificada. Ao trazer a cena em que o candidato faz a afirmação de que estudou todos os anos em escola pública, se inicialmente vem a dar autoridade e veracidade ao argumento, na sequência, expõe a agressividade, sobretudo porque revela uma notícia que o desmente.

Vejamos outro trecho de propaganda que gerou polêmica na mídia e foi citado por Ciro até mesmo no debate:

**Locutor:** “Jovem político que iniciou sua carreira no partido que apoiava a ditadura. É dado a arroubos verbais. Com seu discurso carregado de declarações polêmicas, o ex-prefeito de capital e ex-governador é agressivo

---

<sup>53</sup> **Locutora:** “É por questões polêmicas como esta que o povo brasileiro, Lula, quer que você vá aos debates, e não a um só como quer o PT.” (00:03:51)

com adversários e à própria imprensa. [...] **Ciro: Mudança ou problema?**  
(Programa de Serra - 00:09:57 – primeiro turno)



**Imagem 12**

Essa propaganda circulou por vários dias durante o horário político eleitoral, sem identificação de quem era o emissor de tais mensagens. Veremos, posteriormente, que **Ciro** atribui a autoria desses vídeos ao candidato Serra, e o indaga em um dos debates.

No HGPE, a propaganda de **Ciro** ressignifica os dizeres da imagem 12, completando para quem o candidato seria mudança ou problema, como mostra a imagem abaixo:



**Imagem 13**

00:51:11- primeiro turno

É possível notar que não apenas os dizeres são replicados, mas também a cor das letras e o fundo preto são rememorados. Essa construção faz com que a agressividade seja ainda mais acentuada, visto que se constitui como uma resposta direcionada à campanha

que o atacou, constituindo-se como um complemento da frase enunciada anteriormente na campanha de Serra. Esse efeito de completude denuncia a incompetência do adversário e um certo “jogo sujo” nas frases acusatórias.

Uma regularidade, portanto, observada na campanha de 2002 foi justamente a retomada e reformulação de trechos de propaganda de outros candidatos para ridicularizá-los ou satirizá-los.

Em outra propaganda de Ciro, por exemplo, retoma-se uma fala de Serra em que ele dizia “A mudança tem cor, é o azul da carteira de trabalho”. A fala do candidato aparece parodiada e reformulada na letra de uma música, cantada por *happers*. Vejamos a ocorrência:



**Imagem 14**

“A mudança deles tem cor, é branco da carteira de trabalho vazia”: (00:30:21 – primeiro turno)

Nessa reformulação, troca-se a cor “azul” vinculada ao trabalho pela cor branca, representando a ausência e o desemprego. Tenta-se, desse modo, atacar o principal lema do candidato tucano: aumentar significativamente o número de empregos no Brasil.

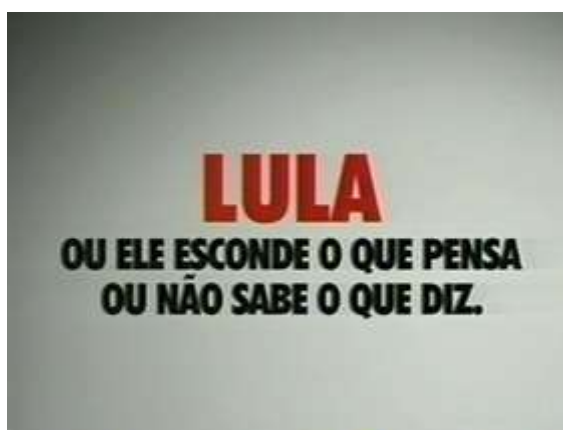
Essa característica de retomar a fala para agredir, tão recorrente na campanha de 2002, pode ser categorizada no segundo parâmetro proposto por Amossy (2017), acerca da violência verbal, em que a fala do outro é reprisada, reformulada, recontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-a de forma irônica, paródica. É também a memória de um discurso anterior que, ao ser atualizado, sofre deslocamentos.

Vimos, até agora, que as principais armas de ataque utilizadas no HGPE do referido período pautaram-se no argumento *ad hominem*, na reformulação da fala do outro para desqualificá-lo e nas sentenças acusatórias.

Quando os ataques se dirigiam ao candidato Lula, a lista de insultos referentes às eleições de 1989, 1994 e 1998 se repetem quase em sua integralidade, alterando apenas algumas formas da materialidade linguística.

Em 1989, associavam a imagem de Lula à de líderes ditadores, chamavam-no de “Sapo barbudo” e atribuíam a seus seguidores as características de “cambalacheiros” e baderneiros. Em 1994 e 1998, os petistas eram chamados de radicais e descontrolados, e Lula, por sua vez, era caracterizado como inexperiente e “de baixa escolaridade”.

A imagem de que o candidato petista é ignorante e inexperiente continuou a ser construída na campanha de 2002. Vejamos alguns exemplos:



**Imagem 15**

HGPE Ciro - 00:59:05 – primeiro turno



**Imagem 16**

HGPE Serra - 00:00:16 – primeiro turno

Observa-se que tanto o ‘dizer’ como o ‘fazer’ de Lula são desqualificados, tanto na campanha de Serra, como na campanha de Ciro. É interessante perceber que essas chamadas, repetidas inúmeras vezes durante a campanha, apresentam uma regularidade: a presença dos conectivos “ou” e “e” na desqualificação dos candidatos. Vejamos:

“Lula: Ou ele esconde o que pensa ou não sabe o que diz”

“Lula não tem experiência e não sabe fazer”

“Ciro. Mudança ou Problema?”

As chamadas iniciam-se pelo nome do candidato alvo das críticas e, posteriormente, a presença de sequências discursivas como:

[Nome do candidato] ou ele X ou não Y

[Nome do candidato] não tem X e não sabe Y

[Nome do candidato] X ou Y

Sobre a primeira sequência, há uma disputa de sentidos entre ser “mentiroso” ou ser “ignorante/burro”, o que reativa outros discursos que reafirmam a incapacidade de Lula dado seu “baixo nível de escolaridade”.

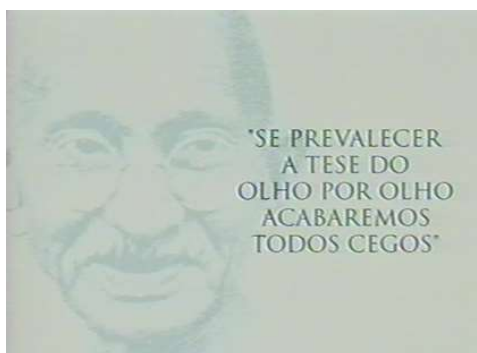
Tanto na primeira como na segunda sequência, os conectivos, apesar de serem diferentes (e: adição / ou: disjunção), somam atributos negativos ao candidato. No caso da segunda sequência, vários podem ser os preenchimentos, Lula não tem X (diploma, experiência, etc) e não sabe Y (fazer discurso, responder, ler, governar, etc.).

Na terceira sequência, o ‘ou’ produz efeitos de instabilidade, dúvida, o que produz imagem de um candidato que não inspira confiança, já que ele pode ser mudança ou problema.

Desse modo, os conectivos ‘e’ e ‘ou’ constituem-se como uma regularidade linguística no ataque a determinados candidatos, somando atributos negativos ou produzindo efeitos de instabilidade, ao contrapor uma qualidade positiva e outra negativa. Há sempre uma dualidade, ou é “isso e aquilo” ou é “isso **ou** aquilo”.

Sobre os ataques a Lula, outras características atribuídas a ele e a seus partidários, que se perpetuam, são o “caos”, a “bagunça” e a “desordem”. Em 1989, Collor já dizia: “O governo do PT seria exatamente isso, a chegada ao poder da bagunça, da intolerância, da intransigência, da baderna, do caos, [...]. (00:38:20). Na fala de Ciro, em 2002, os atributos se repetem com outra roupagem: “Eu sucedi o PT na prefeitura de Fortaleza, mas no governo eles não põem nada em prática e, ao contrário, acabam gerando anarquia, invasão, expulsando investimentos.” (01:00:34).

Se por um lado a baderna e a anarquia ainda estavam associadas ao candidato petista, por outro, a alcunha de “sapo barbudo” não se encaixava mais. As cenas ficcionais agressivas, irônicas e derrisórias vistas nas campanhas anteriores, sobretudo no programa de Lula, dão lugar à discussão de propostas e à presença de clipes musicais. No dia 11 de setembro, por exemplo, ao som da música “A paz”, de Gilberto Gil e João Donato, exibem uma sequência de personagens memoráveis da história, reforçando o discurso da paz.



**Imagem 17**

00:48:48 – primeiro turno

É, justamente, por esta mudança de estratégia que seus adversários o desqualificaram, apresentando-o como falso, homem de duas caras, mentiroso. Novamente, a agressividade se materializa nos argumentos *ad hominem*. Vejamos, a seguir, alguns fragmentos retirados da propaganda de Serra:

**Locutora:** “O PT nessa campanha tem se apresentado de uma maneira bem diferente do que ele sempre foi, agora ele é paz e amor. Mas a imprensa brasileira tem mostrado seguidamente que o Lula que você vê na TV não é o Lula do PT, é um Lula para ganhar a eleição. (00:41:46 – primeiro turno)

**Locutor:** “O PT que você tem visto na TV é um PT bem maquiado, bonzinho e equilibrado para tentar ganhar as eleições.” (00:00:01)

**José Serra:** “Eu tenho uma cara séria, mas é uma só, mas não são duas, é uma só”. (00:07:19 – primeiro turno)

Esse último excerto expõe uma estratégia que é falar de si para desqualificar o outro, fazendo isso por meio de alusões e insinuações. Ao afirmar que não possui duas caras e que tem uma expressão séria, insinua que o candidato Lula, apesar de ser carismático, é mentiroso. Na maioria das falas de José Serra, notamos que o ataque indireto, por meio de insinuações e alusões, é constante. Além disso, outra estratégia recorrente é a produção de falsas harmonias:

**José Serra:** “**Eu não pretendo** vender aqui o Lula como um demônio perigoso, coisas que muitos fizeram no passado, que em minha opinião não é correto, tá errado, **mas se** o Lula não é um demônio, ele também não é um santo. (00:07:12 – primeiro turno)

**José Serra:** “**Eu não sou** inimigo do PT nem do Lula, **mas eu** não concordo com o caminho que eles apresentam ao Brasil, aliás, que sequer apresentam com clareza o que propõem, não está claro,

reclamam, criticam, agora na hora de governar, suas administrações estão longe do que eles prometem.” (00:06:58 – primeiro turno)

Vemos que a própria estrutura frasal nega o interesse em descaracterizar ou criticar o candidato Lula, para depois acrescentar uma oração adversativa, que traz justamente a crítica negada num primeiro momento, constituindo-se, assim, como um argumento de maior valor e produzindo, com isso, a intensificação do dizer agressivo.

As seguintes sequências discursivas são regulares na produção de efeitos de uma falsa harmonia:

Eu não X, mas...

Eu não sou X, mas eu não y

No HGPE de 2002, dentre as regularidades analisadas no tocante às formas de agressividade, destacam-se: as afirmações e temáticas acusatórias, argumento *ad hominem*, ataques sem identificação da origem e a retomada e reformulação da fala do outro para ridicularizar ou satirizar.

Nessa campanha, em especial, houve disputas entre os sentidos de ‘agressividade’ e ‘franqueza’, assim como de ‘polidez’ e ‘falsidade’, materializados na fala de alguns candidatos. Na campanha de Serra, por exemplo, atribui-se a docilidade do candidato Lula a uma mudança de estratégia política que não faria parte de sua natureza pessoal. A Ciro, atacam-no justamente pelo contrário, por ser agressivo, “dado a arroubos verbais”. Em defesa, tenta-se, na campanha de Ciro, ressaltar o sentido de franqueza, em detrimento da agressividade. A fala da atriz e esposa de Ciro Gomes reforça tal afirmação:

**Atriz e esposa Patrícia Pillar:** “Você alguma vez já disse que tá morto de cansado ou que tomou um chá de cadeira? Com certeza você não está morto e nem moeu uma cadeira para fazer um chá. Pois é, o Ciro é como eu e como você. Ele fala o que pensa e às vezes usa uma força de expressão. Ele é tão parecido com a gente que é diferente dos outros políticos. (00:18:49 – primeiro turno)

Desse modo, tenta-se atribuir o sentido de sinceridade, franqueza, ser verdadeiro, ao que algumas vezes pode ser considerado agressivo: uma estratégia de sujeitos autoritários, quer sejam de esquerda ou de direita.

### 2.4.3 *Sites* oficiais dos presidenciais

Segundo Alessandra Aldé e Juliano Borges (2004), pesquisadoras na área de Ciências Políticas, apesar do jornalismo digital já ter sido utilizado nas eleições de 1998, foi em 2002 que a utilização dos *sites* pelos presidenciais desempenhou um papel político relevante. Em 1998, “o clima de vitória antecipada transmitido pelo governo àquela campanha fez com que o meio fosse um mero acessório nas estratégias de comunicação dos candidatos” (ALDÉ e BORGES, 2004, p. 5)

Por outro lado, em 2002, os ataques nas postagens dos *sites* oficiais eram constantes e amplificados pela mídia. As páginas publicavam críticas e acusações a outros candidatos, *jingles* agressivos e replicavam notícias de outros meios de comunicação. Segundo as pesquisadoras, os *sites* oficiais de Serra e de Ciro fizeram uma campanha marcada pela agressão mútua.

Os ataques frequentes nos *sites* foram, inclusive, noticiados em jornais como Folha de São Paulo, O Globo, Jornal do Brasil. Em 15 de julho, o Jornal Folha de São Paulo, em sua versão digital<sup>54</sup>, publicou que Ciro comparava o tucano a um nazista em seu *site*, definindo-o como o "candidato mala-sem-alça", que "não alcança vôo nem com propaganda nazista, nem derrubando ex-aliados e opositores ou abusando da máquina pública".

Outra notícia<sup>55</sup> publicada na versão digital desse mesmo jornal, no dia 16 de agosto, apresentava a seguinte manchete: “Serra manda retirar de seu *site* vinheta com ataques a Ciro Gomes”. Esse ataque diz respeito à veiculação da paródia da música “Você é doida demais”, que dizia “você mente demais, rapaz”, referindo-se ao candidato Ciro Gomes.

Com relação ao candidato Lula, seu *site* seguiu o mesmo estilo dos debates e da campanha eleitoral, evitando ataques e difamações. Aldé e Borges destacam que “os jornais reportavam esforços criativos de campanha, entrevistas com personalidades públicas e outras agendas para o candidato.” (2004, p. 10).

De modo geral, os *sites* oficiais dos presidenciais serviram como ferramentas para disseminação de ataques em forma de paródias, *jingles* e histórias difamatórias,

---

<sup>54</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u34661.shtml>

<sup>55</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u36095.shtml>

diferentemente de 1998, período em que os *sites* tinham mais a função informativa. Se por um lado, os *sites* pareciam uma vitrine, por outro, eles não tinham tanta visibilidade e, dessa forma, isso favoreceria a presença das paródias e dos *jingles*, próprios do entretenimento.

#### **2.4.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e *sites* oficiais em 2002:**

Nos HGPE de 1989, 1994 e 1998, o que predominou foi uma agressividade materializada sobretudo no humor, na ironia, na derrisão, que se construía nas cenas teatrais ou na criação de vinhetas que emprestavam uma linguagem própria das propagandas, dos jornais e das novelas. Essa junção entre um estilo de fala próprio dos programas de TV e o discurso político produziam uma forma de agressividade associada à comicidade, ao riso e a ficcionalização.

Por meio das análises, verificamos que a agressividade produzida pelo PT vinculou-se muito mais ao humor e a ficcionalização nos períodos de 1989 a 1998, enquanto o PRN, o PSDB mantiveram-se mais sérios. Em 1989, foi o ano em que Color mais se aproximou da agressividade relacionada ao humor.

Ao longo dos anos, esse aspecto tão fortemente marcado em 1989, foi perdendo força, mudando as formas e produzindo outros efeitos.

Em 2002, as cenas teatrais, a ficcionalização e os dizeres derrisórios transformam-se em ataques diretos, acusações “sem rodeio” e em clipes musicais e *jingles* que ora serviam para ridicularizar o oponente, ora para produzir efeitos de harmonia. A agressividade deixa os traços cômicos/humorísticos e ganha uma trilha sonora séria e austera. Em relação ao candidato petista, a musicalidade produziu efeitos de paz, união e harmonia. De acordo com Bolshaw (2006), a propaganda de Lula, por exemplo, foi a “que mais tempo dedicou às músicas e jingles (10,6%)” (p.21).

Nos debates, a agressividade se materializa prioritariamente nas temáticas e afirmações acusatórias, nas alusões e insinuações e nos dizeres irônicos. Em 2002, começa a ocorrer uma maior comunicação entre debate e HGPE, justamente porque os candidatos levam para os debates temáticas do Horário político, e o fazem, algumas vezes, para solicitar explicações sobre algum “mal-entendido” veiculado na campanha adversária.

A campanha eleitoral de 2002 não é marcada pela “falsa harmonia” como foi em 1994, tampouco os dizeres são apagados e censurados, como em 1998, e muito menos teatralizados como em 1989. Em 2002, a agressividade ganha musicalidade e um tom menos derrisório e direto, priorizando ataques pessoais, característica que se assemelha à campanha de 1989.

Desde o início do ano de 2002, as pesquisas de opinião já atestavam que quatro dos seis candidatos à presidência poderiam chegar ao segundo turno. Algo bem diferente do que ocorreu em 94 e 98, em que FHC era o candidato pré-eleito pela maioria. Foi justamente esse quadro de indefinição das eleições que elevou a agressividade a níveis que não se viam desde 1989, período em que foram a polarização ideológica e o momento da primeira eleição depois de 20 anos de ditadura, que contribuíram, dentre outros fatores, para o aumento dos níveis de agressividade.

Segundo Steibel (2007, p. 90), essa agressividade da campanha de 2002 “seria fruto da ‘americanização’ das campanhas, da utilização de estratégias do marketing que priorizam a barganha de votos frente a qualidade das propostas”.

Na campanha de 1989, os candidatos tiveram mais liberdade na criação de seus programas. Teixeira (2013, p. 4) atesta essa afirmação, dizendo que “Um aspecto a se destacar diz respeito ao formato das propagandas entre as eleições de 1985 e 1992. Nesse período, o conteúdo da propaganda levada ao ar esteve livre de restrições e objeções pela legislação vigente [...]”.

Em contraposição, em 1994 a lei se torna mais restrita, proibindo, por exemplo, o uso de trucagens, imagens externas. Ainda segundo Teixeira:

[...] em 1994, o horário gratuito de propaganda eleitoral sofreu alterações fundamentais no seu formato. Uma nova legislação limitou a forma de apresentação dos candidatos. A Lei nº. 8.713 proibiu filmagens fora de estúdio, eliminando a possibilidade da exibição de cenas de campanha. Seu artigo 76 autorizava somente gravações em estúdio. Nada de cenas de rua ou flashes de comícios. A exposição nesse horário era exclusiva ao candidato. Aproximando o HGPE, segundo observação de Afonso Albuquerque, ao modelo francês. (2013, p. 4)

Algumas dessas restrições foram mantidas em 1998, como a proibição de cenas externas durante os *spots* televisivos. No entanto, essas cenas externas foram permitidas no HGPE.

Nas eleições de 2002, a legislação retrocede, proibindo novamente a gravação de imagens externas. No entanto, as leis não conseguem impedir a agressividade, dada, dentre outros fatores, a polarização entre Lula e Serra, que se intensifica no segundo turno.

Essas tentativas de proibir, diminuir ou aumentar a exibição de cenas externas, dentre outras movimentações da legislação eleitoral, se por um lado pode amenizar a agressividade, uma vez que não se vale da exposição do povo que defende e reivindica a vaga para seu candidato, por outro contribuiu para intensificar a agressividade pelo impedimento do livre falar do povo, na rua, nos palanques de campanha. Isso não se deu de modo ingênuo, constituindo-se também como estratégias políticas para favorecer ou prejudicar determinados candidatos. Segundo Bolshaw, em 1992, Lula

dá início a uma série de viagens pelo Brasil, chamada de Caravanas da Cidadania. Lula viajou por todos os Estados brasileiros apresentando políticas específicas para cada região. A idéia era usar as imagens no programa eleitoral, mas logo veio a lei 8.713/93, que proibia a exibição de cenas externas. (2006, p.2)

As mudanças na legislação acabaram prejudicando uma das estratégias mais importantes de Lula, em 1994, o qual esperava utilizar os vídeos da Caravana da Cidadania.

Sobre as estratégias da campanha do candidato Lula nas eleições de 2002, observa-se que outro dado expressivo foi a mudança do modo como o candidato se apresentava diante das câmeras. Segundo Manzano (2009),

O candidato que, em 1989, pouco sorria – a associação à esquerda lhe conferia uma imagem de militante, que proferia palavras de ordem e tinha um semblante sempre fechado, sugerindo indignação -, deu lugar a uma figura extremamente carismática, que sorri constantemente. O sorriso é esteticamente cuidado, tem uma aparência natural e é “aberto”, mostra os dentes. (MANZANO, 2009, p. 86)

Diferentemente das eleições anteriores, quando o candidato era visto como radical, selvagem e agressivo, em 2002 adquire uma nova roupagem, “através de um formato ‘zen’, em que Lula conversa com o eleitor, não interpela, confia, pede, não ordena” (FAUSTO NETO, 2003). Além disso, como já vimos anteriormente, os dizeres agressivos, também na campanha petista, perdem suas características humorísticas, adquirindo tons mais graves, e é justamente quando se afasta do humor e dos traços derrisórios, diminuindo a agressividade, que o candidato petista vence as eleições. Além

disso, Lula liderava as pesquisas de intenção de voto, não precisando se valer de ataques, como ocorreu com FHC, que também estava na liderança nas eleições de 1994 e 1998.

O tom mais polido e equilibrado da campanha de Lula estende-se ao *site* oficial de sua campanha, tornando-se uma ferramenta informativa para seus eleitores, enquanto os outros candidatos utilizam-na como uma plataforma para disseminar ataques contra seus adversários, já que precisavam lutar pelo segundo lugar.

## **2.5 Eleição presidencial de 2006: Corruptos, mentirosos e cínicos X Privatizadores e elitistas.**

Nas eleições de 2006, oito candidatos concorreram à Presidência da República, sendo eles: Luiz Inácio Lula da Silva, Geraldo Alckmin, Heloísa Helena, Cristovam Buarque, Ana Maria Rangel, José Maria Eymael, Luciano Bivar e Rui Costa Pimenta.

Tanto nos debates, como nos HGPE, Lula foi o principal alvo de críticas e de dizeres agressivos, e a acusação mais recorrente envolvia o tema da corrupção. Se antes o “não saber” atribuído a Lula estava vinculado ao sentido de não ter competência ou ser um candidato ignorante intelectualmente, em 2006, o “não saber” está associado ao saber enquanto domínio do fato. Os candidatos, de modo geral, acusavam-no de ter conhecimento sobre o esquema de corrupção, uma vez que seus aliados estariam envolvidos nos escândalos amplamente divulgados pela grande mídia.

### **2.5.1 Debates**

Nos debates, as principais formas de agressividade foram as temáticas abordadas e afirmações acusatórias que, frequentemente, dirigiam-se ao candidato Lula. Acusavam-no de querer fugir dos debates, de estar envolvido nos esquemas de corrupção, *mensalão*, *sanguessuga*, dentre outros. Outra característica recorrente foi a desqualificação da fala do outro, o que produziu efeitos de candidatos ignorantes e desqualificados para ocupar o cargo de presidente.

Vejamos alguns exemplos em que se fala sobre Lula saber ou não sobre a corrupção:

**Heloísa Helena:** “No meu governo, não irá roubar ninguém e nem eu vou aceitar que alguém roube e **depois eu faça de conta que eu não vi** que alguém estava roubando” (14 de agosto -00:02:12)<sup>56</sup>

**Eymael:** “Eu acho estranho os candidatos estarem questionando a ausência do presidente Lula. Olha, **o presidente nunca viu nada, nunca soube de nada**, provavelmente também não sabia que hoje tinha debate. (14 de agosto - 00:01:23)<sup>57</sup>

**Jornalista:** “Candidato, quando houve o episódio do mensalão, o senhor **disse que não sabia**, quando houve depois a quebra do sigilo do caseiro, **o senhor também foi surpreendido** pelos fatos, agora no episódio do dossiê, mais uma vez o senhor não sabia ou **disse que não sabia.**” (08 de outubro - 00:20:00)<sup>58</sup>

Em todos os excertos em que Lula é posto nessa dualidade entre saber e não saber, fala-se de um modo irônico. O emprego dessa modalidade enunciativa apresenta-se como uma regularidade nas acusações que se endereçam a Lula, endossa os efeitos de agressividade e, ao mesmo tempo, produz o riso no auditório. Enunciados como “o presidente nunca viu”, “foi surpreendido”, “disse que não sabia” aumentam os níveis de agressividade e são incorporados pelos eleitores como sentenças cristalizadas, prontas para serem ditas e replicadas.

Enquanto o discurso que atribui a mentira ao candidato do PT é marcado pela ironia, o discurso que lhe atribui a corrupção e desperdício de dinheiro é caracterizado por sentenças acusatórias e frases interrogativas. Vários são os exemplos<sup>59</sup> em que Lula é acusado de envolvimento com esquemas de corrupção, vejamos alguns deles:

---

<sup>56</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2P7FtdL-trY>>. Acesso em: 02 janeiro 2018.

<sup>57</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q3fDIZpFsas>>. Acesso em: 02 janeiro 2018.

<sup>58</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wSthLQEmQ4k&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=4>>. Acesso em: 02 janeiro 2018.

<sup>59</sup> **Alckmin:** “O cartão corporativo, o cartão de crédito do seu gabinete teve um crescimento exponencial, o senhor abre o sigilo? (00:21:45). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=s2i\\_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=s2i_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2)>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

**Alckmin** “O mundo do candidato Lula é o mundo virtual, ele anda é de Aero Lula, um avião chiquérrimo de luxo, gastou cento e cinquenta milhões do seu dinheiro para dar dinheiro lá na Europa (00:19:28). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nh4cgvC6aHU&index=3&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

**Alckmin:** “Onde é que foram os 11 milhões de cartilha pra fazer propaganda do governo e que não foi prestado contas [...]”. (00:05:03). Disponível em:

**Alckmin:** “O governo dele gastou 700 milhões de reais esse ano em viagens e diárias, esse é o social?” (08 de outubro - 00:20:57).<sup>60</sup>

**Alckmin:** “Desperdício, desvio de dinheiro, vampiros, sanguessuga, dinheiro do povo jogado fora.” (27 de outubro - 00:22:29)<sup>61</sup>

**Alckmin:** “Nós tivemos 5 ministros no seu governo denunciados pelo ministério público, denunciados pela justiça ou pela polícia, escândalos na Petrobrás, nos Correios, [...] é coincidência tudo isso?” (23 de outubro - 00:00:05).<sup>62</sup>

Escândalo nos Correios, na Petrobrás, “mensalão”, desperdício de dinheiro, foram temáticas frequentemente repetidas e enfatizadas nos debates. A participação da mídia se tornou cada vez mais intensa, propiciando a criação de uma memória de mentira e corrupção ligadas ao PT. Essa memória se manteve presente e certamente colaborou para a produção de uma demonização desse partido, e conseqüentemente a propagação do ódio e de uma agressividade sem limites em eleições como as de 2018, por exemplo.

A utilização das estratégias de recorrência e regularidade que atribuem ao Partido dos Trabalhadores os sentidos de “mentiroso” e “corrupto” produzem enunciados que parecem dizer pela evidência, como por exemplo “Lula sabia de tudo” ou “Que presidente é esse que não sabia de nada?”.

Em um de seus comícios, em setembro de 2006, como divulgado pelo *site* O Globo<sup>63</sup>, Lula negava o conhecimento de um dos esquemas de corrupção:

Lula: Para que uma campanha como a minha precisava de dossiê?  
Como é que eu vou saber que um companheiro, que está no meio de

---

<<https://www.youtube.com/watch?v=wSthLQEmQ4k&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=4>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

**Alckmin:** “Candidato Lula, de onde veio o dinheiro sujo, um milhão e setecentos e cinquenta mil em dinheiro vivo, reais e dólar, pra comprar o dossier fajuto? (00:08:39). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQi6vWm5D5s&index=1&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

<sup>60</sup>Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=s2i\\_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=s2i_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2)>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

<sup>61</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mNXh4I4IDNM>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

<sup>62</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iHZDHilwCps>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2006/lula-diz-que-nao-sabia-de-nada-sobre-dossie-em-discurso-em-porto-alegre-5005088>>. Acesso em: 03 janeiro 2018.

vocês (o público), está pensando em fazer alguma coisa? Como é que eu vou saber? Qual é o poder de mágica que eu tenho? Nenhum.

Essas declarações alimentavam ainda mais as acusações e afirmações no meio televisivo de que ele sabia de tudo.

Além das temáticas abordadas e afirmações acusatórias, outra forma de agressividade recorrente nos debates foi a desqualificação da fala do outro.

A fala de Alckmin, por exemplo, foi caracterizada por Lula como frases decoradas, marcadas por um tom “psicodramático”, como mostraremos em sequência. A fala de Lula, por sua vez, é caracterizada como sendo uma mera leitura de um texto escrito por outro, o que produz efeitos de um candidato marionete incapaz de produzir seu próprio texto. Além disso, Alckmin o classifica como um “comentarista”, “mal informado”. Assim, o candidato petista é duplamente desqualificado pelo “não-saber”: o desconhecimento dos casos de corrupção ironicamente atribuído a ele e o desconhecimento das habilidades necessárias para a produção de um texto.

Vejamos os fragmentos<sup>64</sup> em que ocorrem essa desqualificação da fala do outro:

**Lula:** “Eu queria dizer ao governador, nós nos conhecemos há muito tempo, não sei se você tem alguma coisa contra ler, porque **eu não tive tempo de ficar decorando pergunta. Parece que o senhor fez algum curso de psicodrama esses dias pra ficar decorando**, não se preocupe com a minha leitura não.”<sup>65</sup> (08 de outubro - 00:04:35)

---

<sup>64</sup> **Lula:** “A impressão que eu tenho é que meu adversário **utiliza o hábito daqueles que decoram os chavões** para participar de debate” (00:05:48). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wQi6vWm5D5s&index=1&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc> parte 1>. Acesso em: 05 março 2018.

**Alckmin:** “O candidato Lula se comporta como um comentarista, ele se omite, ele se esconde, ele não enfrenta o problema.”. (00:01:37) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nh4cgvC6aHU&index=3&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc> parte 3>. Acesso em: 05 março 2018.

**Alckmin:** “Por trás desse palavrório todo, há um presidente fraco”. (00:09:11) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nh4cgvC6aHU&index=3&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc> parte 3>. Acesso em: 05 março 2018.

**Alckmin:** “Olha, o candidato Lula, **mal informado**, devia saber que o Enem não é uma prova para avaliar sistema”. (00:06:48) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z76FOtlqgiw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=5> parte 5>. Acesso em: 10 março 2018.

<sup>65</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=s2i\\_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=s2i_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2) parte 2>. Acesso em: 10 março 2018.

**Alckmin:** “Em relação à questão das CPIs, **quem escreveu aí, e o candidato está lendo, esqueceu de dizer pra ele**, que quando fosse ler a questão da CPI que na Assembleia Legislativa de São Paulo [...]”<sup>66</sup> (08 de outubro - 00:02:20)

Esse último fragmento, em que Alckmin dirige-se a Lula, reafirma e traz à memória a imagem do “candidato analfabeto” construída nas eleições anteriores. A crítica sobre o “saber” ligado à competência, ainda que apareça nas eleições de 2006, não se apresenta com tanta frequência quanto o “saber” relacionado ao conhecimento dos fatos.

É importante lembrar que a fala de Lula produz agressividade, materializada na ironia em se atribuir ao opositor o curso de “psicodrama”, o que mostra uma descontinuidade em relação à série de enunciados regulares marcados pela docilidade. Isso ratifica a afirmação de Foucault ([1969] 2010), de que a história, estudada do ponto de vista arqueológico, é constituída por descontinuidades, apesar da regularidade.

### 2.5.2 HGPE

Nos horários de propaganda política eleitoral, as temáticas agressivas e as afirmações acusatórias assemelhavam-se àquelas discutidas nos debates. Os esquemas de corrupção, acusações sobre desperdício de dinheiro, indagações sobre Lula saber ou não saber sobre o envolvimento de seus aliados nesses esquemas, foram temáticas repetidas e intensificadas também nas campanhas televisivas.

Com relação às afirmações sobre o (des)conhecimento de Lula sobre os casos de corrupção, em grande parte das falas dos candidatos não aparecem acusações diretas, mas frases como “Ele disse que não sabia”, “disse que não viu nada”, “não é possível que ele não saiba”, marcadas sobretudo pelo dizer irônico. Vejamos alguns fragmentos em que isso ocorre:

**Alckmin:** “Que presidente é esse que **disse que não sabia de nada**, que presidente é esse **que disse que não viu nada**, no andar dele, ali perto do gabinete dele e tantos auxiliares assim. Que história é essa?” (00:55:52 – primeiro turno)

---

<sup>66</sup>Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=s2i\\_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2](https://www.youtube.com/watch?v=s2i_TiUe4Nw&list=PLbdi7VShIWekTEYZFXb6EW2IX0Jpkqbjc&index=2) parte 2>. Acesso em: 10 março 2018.

**Alckmin:** “30 milhões de brasileiros hoje não tem água encanada e quase 100 milhões não tem coleta de esgoto. **Não é possível que o presidente também não saiba disso**” (00:44:43 – primeiro turno)

**Heloísa Helena:** “não votando em político corrupto que engana os pobres e governa para os banqueiros. **Que finge que não vê** roubaheira, mensalão, sanguessuga [...]” (00:01:00 – primeiro turno)<sup>67</sup>

Enquanto, no primeiro fragmento, o “não-saber” está vinculado à corrupção, no segundo estende-se, ironicamente, também ao desconhecimento dos problemas que o Brasil vinha enfrentando, como por exemplo, dificuldades relativas ao saneamento básico.

No trecho referente à candidata Heloísa Helena, afirma-se o “fingimento” do candidato, no entanto o faz sem nomeá-lo.

A sequência discursiva “Lula disse que não sabia” é um enunciado reitor, uma vez que rege outros enunciados, formando com eles um campo enunciativo.

Tanto nos debates, como nos HGPE, observam-se sequências discursivas derivacionais recorrentes, partindo da matriz enunciativa “Lula disse que não sabia”, das quais se podem depreender regularidades linguísticas que as fazem pertencer a um mesmo campo associativo:

“[...] o presidente **nunca** viu **nada**, **nunca** soube de **nada**”

“**disse que não** sabia”

“**disse que não** viu nada”

“**Não é possível que** o presidente também não saiba disso”

“**Que finge que não** vê”

A partir dessas frases recorrentes, observamos as seguintes formulações regulares tanto nos debates, quanto nos HGPE:

(1)	X	{	<u>Nunca</u>	viu,	{	<u>nunca</u>	{	<u>soube</u>
			<u>Não</u>			<u>não</u>		<u>sabia</u>

<sup>67</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IirX8wy8IJU>>. Acesso em: 20 setembro 2018.

$$(2) X \left\{ \begin{array}{l} \text{disse que} \\ \text{que finge que} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{não viu, não sabia} \\ \text{não vê} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{(de) nada} \\ \text{roubalheira, mensalão, sanguessuga} \end{array} \right\}$$

Esses modos de enunciar são formas de argumentação que produzem efeitos de verdade. Neste segundo exemplo, o uso de verbo *dicendi* seguido de oração subordinada, “ele disse que”, expõe distanciamento, justamente porque ao afirmar que é o outro que diz, não é possível comprovar o fato, criando, assim, incerteza sobre o (des)conhecimento de Lula a respeito dos casos de corrupção. Desse modo, a expressão “ele disse que”, muito mais do que um discurso reportado, exime a responsabilidade de quem enuncia, delegando-a ao outro (ele), indicando que “não sou eu que estou afirmando o desconhecimento dele sobre os fatos, ele é quem diz, e por ser uma afirmação do ‘réu’, não se pode ter certeza”.

E quando ocorre a afirmação irônica de que “Ele nunca viu nada”, ironicamente afirma que ele sabia de tudo.

Se, por um lado, as falas dos candidatos sugeriam ironicamente o envolvimento com o conhecimento de Lula sobre esquemas de corrupção, por outro, essas sugestões serviram de base para afirmações convictas por parte do eleitorado, compondo outras ramificações a partir do enunciado reitor, como mostra a fala de uma eleitora entrevistada no programa de Alckmin:

**Eleitora de Alckmin:** O presidente Lula **sempre soube de tudo**. [...] um presidente da república não saber o que está acontecendo dentro do seu próprio governo, pelo amor de Deus, fala sério, neh, tenha dó. Se querem um Brasil pior, continuem votando no Lula.” (00:41:32 – primeiro turno)

Observa-se, nessa sequência derivacional, que o sujeito enunciadador defende a mesma posição discursiva de Alckmin, de que Lula sabia dos esquemas de corrupção.

Desse modo, a agressividade é construída de duas formas: quando enunciada de uma posição oficial, o próprio candidato dizendo, tomam-se formas irônicas, quando os porta-vozes são os eleitores, o que era provável, sugestivo, torna-se dado incontestável, evidência.

Authier Revuz (1990) teoriza sobre algumas formas que mostram o lugar do outro no discurso. Algumas dessas formas apresentam marcas que facilitam a identificação do discurso do outro, conhecida como *Heterogeneidade mostrada*, como por exemplo, o discurso direto, as aspas, os itálicos. Outra forma descrita pela autora é denominada

*Heterogeneidade constitutiva*, que é a presença do outro no discurso de forma não-mostrada, como o discurso indireto livre, a ironia, dentre outros.

No enunciado “O presidente Lula **sempre soube de tudo.**”, por exemplo, outros já-ditos o estão constituindo e perpassando. Entretanto, as marcas do discurso do outro estão diluídas nesse enunciado, “desaparecendo”, para assim dar lugar a um discurso-outro, que apesar de ser “outro”, já dizia “antes, alhures e independentemente” (PÊCHEUX, 1975, p. 146), no caso o preenchimento do pronome indefinido ‘tudo’, que exige que se reporte a uma memória dos discursos que lhe deem sentido.

A repetição enfática dos enunciados marcados pelas “frases negativas” nos debates e no HGPE desloca-se para a voz do eleitor e aparece como uma evidência, algo já dado. Essa repetição do enunciado reitor “Lula disse que não sabia”, assim como do uso frequente de suas derivações por parte dos candidatos, levaria à possibilidade de afirmação por parte dos eleitores, ampliando ainda mais as ramificações da árvore enunciativa.

Frases como “Pelo amor de Deus, fala sério, né, tenha dó”, produzem justamente esses efeitos de descontentamento que tornam as acusações contra Lula obviedades, constatações indiscutíveis.

No que diz respeito ao envolvimento do Partido dos trabalhadores na corrupção, as acusações eram diretas e peremptórias. Vejamos algumas delas nos fragmentos a seguir:



**Imagem 18**

**Alckmin:** “Mais um **assessor especial do Lula** é envolvido no escândalo, dessa vez com o objetivo de prejudicar nossa campanha” [...] **pessoas do PT** foram presas pela polícia com dinheiro vivo” (00:50:50 – segundo turno)

**Locutor:** “Gente do PT foi presa com dinheiro vivo num quarto de hotel. E pessoas muito próximas do presidente foram envolvidas no escândalo.” (00:18:52 – segundo turno)

**Heloísa Helena:** “No governo Lula, o fujão dos debates, teve de tudo, sanguessuga, mensaleiro, perseguição ao caseiro pobre que denunciou orgias com o dinheiro público roubado e tantas farsas mais” (00:01:55 – primeiro turno)<sup>68</sup>

Associações com “Assessor especial do Lula”, “escândalo”, “pessoas do PT”, “presas”, “mensaleiro”, “No governo Lula”, “gente do PT”, produzem a imagem de um partido corrupto, que se desliza também à imagem de Lula, promovendo assim uma unificação, generalização de que todo petista seria corrupto.

Na campanha do candidato Lula, por sua vez, os ataques são poucos e quando ocorrem, vinculam a imagem de elitistas e promotores da privatização<sup>69</sup> à oposição (PSDB)<sup>70</sup>. De modo geral, mantem-se assim a imagem de “Lulinha, paz e amor” das eleições de 2002.

### 2.5.3 *Sites* oficiais dos presidenciais

Nos *sites* presidenciais, Lula também foi o principal alvo dos ataques, justamente pelas acusações de corrupção no governo. O *site* oficial do candidato Alckmin, por exemplo, foi utilizado como instrumento de ataque. O próprio nome dado à seção que continha a biografia do candidato foi denominado como “Perfil ético”, contrapondo-se à imagem de um candidato bombardeado por acusações de corrupção e marcado justamente pelo contrário do que seria ético. Desse modo, o efeito se constrói como contraposição, porque ao afirmar “ético”, insere-se “anti-ético”, “corrupto”.

---

<sup>68</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IirX8wy8IJU>>. Acesso em: 20 outubro 2018.

<sup>69</sup> Apresentadora: “As estradas vão continuar melhorando sem que Lula siga o caminho do candidato do PSDB, que, quando governou São Paulo, privatizou São Paulo de forma equivocada, e hoje a população é obrigada a pagar impostos altíssimos.” (DVD 1 - 01:27:07)

<sup>70</sup> Lula: “Enquanto eles sempre trabalharam para uma pequena elite, nós governamos para todos os brasileiros. Enquanto eles fazem uma campanha de ódio, dividindo o Brasil, nós estamos unindo a nação num projeto de futuro onde há lugar para todos.” (DVD 1 - 00:02:53)



Imagem 19

Ainda sobre o *site* oficial de Alckmin, vemos as seguintes acusações contra Lula, num texto assinado pelo próprio candidato tucano:

Chega de mensalão, Caixa 2, dinheiro na cueca, vampiros e sanguessugas. Combate à corrupção precisa ser uma obsessão do presidente. Você já parou para pensar no mal que a corrupção faz ao Brasil? **Waldomiro, mensalão, Caixa 2, dinheiro na cueca, sanguessuga, corrupção nos Correios.** Ninguém aguenta mais ouvir tanta notícia de corrupção. E o pior é que nos últimos dois anos foi assim, uma notícia atrás da outra. Ministros do atual presidente foram denunciados e tiveram que pedir demissão, tiveram que depor na polícia. Altos dirigentes do PT, como o tesoureiro Delúbio, estão acusados por crimes. [...] Um presidente que não controla seus ministros e **alega que nada viu, e nada sabe**, faz mal para o Brasil, para os brasileiros. É obrigação de todos os brasileiros combaterem a corrupção. Não é guerra o que estamos fazendo, esse é nosso dever.<sup>71</sup>

As temáticas da corrupção, além de estar presentes nos debates e no HGPE, tiveram centralidade também nos *sites* oficiais dos candidatos. A atribuição do “não ver” e “não saber” a Lula é recorrente nos *sites* também, mantendo a sequência discursiva “disse que”, a qual, nesse caso, desliza para “alega que”.

Somente na página oficial de Alckmin foi criada uma sessão denominada “Enquetes”, utilizada como uma estratégia de ataque, uma vez que as perguntas não fazem uma sondagem de opiniões ou inquéritos estatísticos, mas estimulam manifestações contra os candidatos oponentes. Vejamos algumas dessas perguntas:

“Você acha que é correto Lula fugir dos debates?” (1º de agosto)

“Você acha que os pobres estão comendo filé mignon, como disse Lula na TV?” (18 de agosto)

<sup>71</sup> Texto retirado do *site* oficial de Geraldo Alckmin. Disponível em: <[www.geraldo45.org.br](http://www.geraldo45.org.br)>. Acesso em: 22 novembro 2018.

“Você acha correto Lula dizer que “democracia não é só coisa limpa”?  
(8 de setembro)

“Lula é vítima dos aloprados ou é chefe deles?” (02 de outubro)

“Márcio Thomaz Bastos atua como ministro da justiça ou como advogado de Lula?” (20 de setembro)

Desse modo, ao invés de utilizarem palavras ofensivas, uma agressividade mais direta, o argumento de ataque emprega a ironia, a estratégia se dá pela inserção de um questionamento que “parece” vir do eleitor. A imagem construída acerca do PSDB – erudição, polidez, elitista – não permitiria a emergência de uma agressividade “nua e crua”, mas sim trabalhada, estratégica, indireta.

A ironia também se materializava nos vídeos e nas animações exibidas na página inicial do *site*, dentre elas, uma em que mostrava o candidato Lula pilotando um avião, fazendo referência à compra do Airbus apelidado de “Aerolula”.

No *site* do candidato Lula, por sua vez, os ataques ficavam na sessão denominada “Boletins de campanha”. Vejamos um fragmento retirado dessa sessão:

Em 2005, a gestão do PSDB em São Paulo destinou apenas R\$ 573,2 milhões à Secretaria de Agricultura, menos de 0,8 % do orçamento do Estado. Desse total, 30 % foram desviados para outras finalidades. **Como não dava para privatizar**, como fizeram com as empresas estatais paulistas, a política agrícola dos tucanos resumiu-se a municipalizar 73 % das 594 Casas de Agricultura existentes, ou seja, transferiram para os prefeitos uma responsabilidade que deveria ser do governo do estado.<sup>72</sup>

A regularidade em se atribuir ao PSDB a imagem de “promotores da privatização” também ocorreu nos *sites* oficiais, sobretudo na página do candidato Lula, na qual acusou-se Alckmin de ter gastado mais que o valor do “Aerolula” em viagens (10 de outubro de 2006) e de querer privatizar “até o avião” (17 de dezembro de 2006).

Os *sites* oficiais, de modo geral, construíram uma agressividade programada, marcada pelos dizeres irônicos.

---

<sup>72</sup> Disponível em: <[www.lula.org.br](http://www.lula.org.br)>. Acesso em: 02 novembro 2018.

#### **2.5.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e sites oficiais em 2006:**

Um dos principais e mais recorrente ataque nas eleições de 2006, diz respeito à desqualificação do candidato Lula pelo “não saber”. Desde 1989<sup>73</sup>, os ataques que se endereçavam ao candidato se pautaram na temática do “não saber”, mudando apenas seu complemento (não saber ler, escrever X não saber sobre a corrupção) ao longo dos anos. Enquanto o discurso que lhe atribuía a corrupção era marcado por sentenças acusatórias e frases interrogativas, o “não-saber” vinha, quase sempre, sob formas de ironia. De modo irônico, os complementos do verbo “saber” foram se modificando, deslizando para o “Não saber” sobre os debates que iriam acontecer, sobre os problemas que o Brasil enfrenta, culminando no “Lula não sabe de nada”, então não pode governar. O principal recurso linguístico para tanto, foi a ironia.

Nessas eleições, a mídia teve participação ativa e intensa, colaborando para a criação do rótulo da mentira e da corrupção associados ao PT. Como trouxemos no capítulo 1, há, de fato, memórias que são mais saturadas que outras e, nesse caso, com a presença da internet, essa memória de desqualificação do PT se tornou ainda mais saturada, fragmentada e pulverizada, cujos efeitos veremos, sobretudo, nas eleições de 2018.

Com relação ao PSDB, o discurso produzido centrava-se na defesa de que esses governavam para uma pequena elite e tinham interesse na política de privatização.

Podemos sintetizar os ataques de 2006 na seguinte dualidade: de um lado “os corruptos, mentirosos e cínicos” e do outro “os privatizadores e elitistas”.

#### **2.6 Eleição presidencial de 2010 – Discursos sexistas: “Ela inventa, fabula, [...] não tá preparada”**

Na campanha presidencial de 2010, participaram nove candidatos, sendo eles: Dilma Rousseff (PT), José Serra (PSDB), Marina Silva (PV), Plínio de Arruda Sampaio (PSOL), José Maria Eymael (PSDC), José Maria de Almeida (PSTU), Levy Fidélis

---

<sup>73</sup> Collor para Lula: “mas talvez **não saiba a diferença entre uma fatura e uma duplicata**”.

(PRTB), Ivan Pinheiro (PCB), Rui Costa Pimenta (PCO). Nos debates de primeiro turno, apenas quatro candidatos (Serra, Dilma, Marina e Plínio) compareceram.

Assim como em 2006, as temáticas agressivas continuaram reproduzindo e replicando os escândalos atribuídos ao PT, como o “Mensalão”, “Sanguessuga”, dentre outras denúncias de corrupção. Além disso, ataques pessoais foram utilizados na deslegitimação da candidatura de Dilma, caracterizando-a como uma candidata “marionete”, enquanto ao Serra e seu partido, associavam a alcunha de elitista e de promotor de privatizações.

### 2.6.1 Debates

Nos debates, as principais armas utilizadas contra a candidata Dilma, foram afirmações que sugeriam que ela seria “fabricada”<sup>74</sup>, “mentirosa”<sup>75</sup>, “incompetente”,

---

<sup>74</sup> Serra: “Olha, as pessoas no Brasil sabem que eu tenho cabeça própria, **eu não fico na sombra dos outros**, não fui pinçado por ninguém até o lugar onde cheguei na vida pública e tenho minhas ideias próprias a respeito do Brasil e por elas eu respondo. Segundo, a minha vida pública, a minha vida na política sempre foi marcada pela coerência e na minha história de vida eu não tenho nenhum departamento secreto, nada guardado no cofre, nem fico me justificando o tempo inteiro por coisas que fiz ou deixei de fazer. Pelo contrário, eu as apresento.” (00:13:29) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xM-tgldfA10>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Serra: “Não é verdade o que a Dilma diz, ela tá dizendo isso pra depois gravar e botar no horário eleitoral, **porque talvez tenha recebido essa instrução**” (00:06:36). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SsNGYuCNi18>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Serra: “Olha, eu confesso que estou surpreso com essa agressividade, esse **treinamento também da Dilma Rousseff**” (00:08:46). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wqry5Mw7xfQ>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

<sup>75</sup> Serra: “A Dilma fala que eu minto. **Ela é uma profissional dessa arte**” (00:02:10). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iNs48AL-H1Q>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

Serra: “Não aconteceu isso que ela tá dizendo. As pessoas não lembram, **mas ela tá fabulando** [...]por isso que **ela está falando coisas fantasiosas**”. (00:02:13). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iNs48AL-H1Q>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

“brava”<sup>76</sup>, “confusa”<sup>77</sup>, “nervosa”<sup>78</sup>, ao passo que, em relação a Serra, vinculavam-se imagens de elitista e de promotor de privatizações.

Vejamos alguns ataques à candidata Dilma:

- (1) Serra: “Na verdade, **ela inventa, fabula**”. (00:03:46 – segundo turno)<sup>79</sup>
- (2) Plínio: “Olha, eu acho que dê fato **cê não tá preparada**. Você vem aqui pra falar as coisas do Lula, mas você não preparou”. (00:10:47 – primeiro turno)<sup>80</sup>
- (3) Plínio: “A **Dilma é uma pessoa fabricada**, ela foi fabricada pelo Lula, pelas coisas da cabeça do Lula. **Nós vamos ver, mas não vamos ver porque ela não vai chegar lá**, mas se chegar, nós vamos ver.” (00:14:43 – primeiro turno)<sup>81</sup>

Os ataques à Dilma foram, de fato, voltados a questões pessoais, fazendo irromper um discurso sexista e misógino, caracterizando-a enquanto uma mulher incapaz para assumir tal posição. Acusavam-na veementemente de ser “profissional” da arte da mentira, de ficar sempre “à sombra” de um homem, de não ter “ideias próprias”, de receber constantemente treinamentos. Além disso, tentou-se vincular a ela a imagem de mulher louca e histérica, caracterizando suas reações como “nervosa”, “brava”. Tais adjetivos fazem emergir discursos outros carregados de estereótipos. Por que emergem

---

<sup>76</sup> Serra: “Olha, essas questões que envolvem a democracia, a moralidade, **não se resolve com braveza**. (00:02:24) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cA13zicyRLA>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

<sup>77</sup> Serra: “A Dilma prega contra a privatização, mas ela defende a privatização, aliás não é apenas nesse caso, falou contra o aborto, falou a favor do aborto, fala contra a privatização, fala a favor da privatização, fala contra o MST, fala a favor do MST, é sempre aquele negócio de ter uma posição, segundo a intuição eleitoral do momento.” (00:09:10). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gSkNPDiEVDg>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

<sup>78</sup> Plínio: “Então, candidata Dilma, no último debate, **você ficou meio nervosa** com o meu comentário sobre o escândalo Erenice. A verdade é que a corrupção bateu na sala ao lado. A corrupção bateu na sala do lado. Ai de duas uma: ou você é conivente ou você é incompetente. Você vai ter que escolher muita gente. **Você tem competência pra escolher?** Ou vai escolher outras Erenices por aí? (Debate Record 26 de setembro - 00:04:19). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L0G6vgdzyS0>>. Acesso em: 03 novembro 2018.

<sup>79</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iNs48AL-H1Q>>. Acesso em: 14 novembro 2018.

<sup>80</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L0G6vgdzyS0>>. Acesso em: 14 novembro 2018.

<sup>81</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L0G6vgdzyS0>>. Acesso em: 14 novembro 2018.

discursos, como “ela não vai dar conta”, “ela não está preparada”, “ela recebeu treinamento ou instrução”, “ela não vai chegar lá”?

O corpo da mulher foi historicamente sendo colocado neste lugar do espaço familiar, ocupando posições de esposa e mãe. Coulomb-Gully (2016), em uma de suas pesquisas mais representativas, *Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles*, no primeiro capítulo, especificamente, *Partage des places, mais pas du pouvoir*, a autora questiona o lugar da mulher no espaço político, destacando que, apesar dos avanços, há ainda uma imposição masculina no domínio político que é difícil de ser rompida. (p. 15)

Certamente, a ocupação desse espaço público outrora ocupado por homens, não seria pacífica. Apesar dos grandes avanços acerca dos direitos da mulher e da ocupação dos espaços onde “tradicionalmente” eram apenas “lugares de homem”, discursos machistas continuam irrompendo.

Essa estratégia de silenciamento das mulheres e resistência para que não ocupem o espaço público arrastam-se por milhares de anos. Segundo Beard,

o discurso público e a oratória não eram apenas coisas que as mulheres antigas não faziam: eram práticas e habilidades que definiam a masculinidade como gênero. Como vimos Telêmaco, tornar-se homem (ou pelo menos um homem de elite) era reivindicar o direito de falar. Discursar publicamente era uma – senão a – característica que definia a masculinidade. Ou, para citar um famoso chavão romano, o cidadão masculino de elite poderia ser sintetizado como *vir bonus dicendi peritus*, “homem de bem, perito na fala”. (BEARD, 2018, p. 28, 29)

Se a história fosse linear e contínua, poderíamos dizer que o patriarcalismo ocorreu em determinados momentos históricos, como no período de colonização do Brasil, a partir da herança cultural portuguesa, e que tudo isso constitui o passado. Por meio do método de estudo proposto por Foucault, no que diz respeito à Nova História, não problematizaremos “a tradição e o rastro, mas o recente e o limite, não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação dos fundamentos” ([1969] 2010, p. 6). A perspectiva foucaultiana nos ajuda a compreender a história pelas descontinuidades, e é justamente pela história ser descontínua, que enunciados que deslegitimam a mulher para ocupar determinados cargos ainda emergem. Desse modo, "Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem" (FOUCAULT, 1996, p. 53).

O terceiro fragmento supracitado traz a afirmação de que Dilma “é uma **pessoa** fabricada”, constituindo-se assim enquanto um ataque pessoal. Ao invés de dizer “**candidata** fabricada”, opta-se por “**pessoa** fabricada”, afastando o político e priorizando o personalismo. É interessante observar que na frase “Nós vamos ver, mas não vamos ver porque ela não vai chegar lá, mas se chegar, nós vamos ver.”, ao mesmo tempo em que há uma afirmação da possibilidade de Dilma ser “eleita” (“Nós vamos ver”), em sequência ocorre uma negação desse fato, marcando sintaticamente que isso não ocorrerá. O argumento “se ela for eleita” não é bem aceito quando dito por um candidato que também está concorrendo às eleições, desse modo, ele não pode deixar essa possibilidade, por isso ocorrem as retificações como “nós vamos ver, mas não vamos ver”.

Ainda com relação aos ataques à candidata Dilma, algumas temáticas que se inserem em um discurso moralista emergem, sobretudo, no segundo turno, dentre elas, a questão do aborto e a crença em Deus.

Vejamos algumas ocorrências<sup>82</sup> em que Serra atribui a Dilma a defesa do aborto e o possível ateísmo:

Serra: "Você disse com clareza, e isso está filmado, **que é a favor da liberação do aborto**. Depois disse o contrário. É uma questão de não ser coerente, de ter duas caras".

Serra: “Fala contra o aborto, **mas defende o aborto**.”

Serra: “**Com relação a Deus**, a mesma coisa. Tem entrevista em que você diz que não sabe se acredita, depois vira uma devota.”

Vemos o julgamento dos costumes sociais - “Não crer em Deus” e “ser a favor do aborto” – como pauta política, e como arma de ataque para desqualificar o adversário. Com relação aos ataques contra Serra, tentou-se associá-lo à imagem de elitista<sup>83</sup> e

---

<sup>82</sup> Trechos transcritos pelo Jornal Gazeta do Povo. Disponível em:

<<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-publica/eleicoes/2010/dilma-e-serra-repetem-ataques-do-horario-eleitoral-em-debate-0lznovs5ed6fa7n9vkg7lhla/>>. Acesso em: 16 novembro 2018.

<sup>83</sup> **Dilma**: “mais gente viaja de avião. Na época deles, ir de avião, cruzar o Brasil, [...] era considerado algo que só os ricos podiam fazer” (00:06:11). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wqry5Mw7xfQ>>. Acesso em: 05 dezembro 2018.

**Dilma**: “Candidato Serra, eu acho que um debate, ele pode ser bastante assertivo, mas é bom que a gente mantenha um certo nível e não acredito que seja excessivo um pouco mais de uma humildade da sua parte, um pouco mais de elegância, até porque não se ganha debate com desdém, mas também não se governa com desdém, [...] autossuficiência e a soberba elas não conduzem a bons resultados, nem em debate, nem dirigindo um país ou um governo” (00:06:30). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iNs48AL-H1Q>>. Acesso em: 05 dezembro 2018.

privatizador<sup>84</sup>, entretanto, o que mais se destacou foram as recorrentes construções sintáticas que expõem a falsa harmonia, produzida e materializada na fala da candidata Dilma. Por vezes, a candidata se valeu de expressões, como “Eu acho que”, “mas é bom que”, antes de criticar Serra. Outra estratégia utilizada foi a negação de uma frase que poderia ser agressiva, e na sequência, uma reformulação que afirma o que foi dito na frase anterior. Vejamos o fragmento:

Dilma: “Eu não estou dizendo que você mente. Estou dizendo que você é muito mal informado e a frase é mentirosa.” (00:01:04 – segundo turno)<sup>85</sup>

Na primeira frase, há uma tentativa de afastamento daquilo que poderia ser agressivo (acusação de que o outro é mentiroso). Em sequência, atribui-se ao candidato a qualidade de mal informado e caracteriza a frase do candidato como mentirosa. Nega-se primeiramente a afirmação de que o candidato é mentiroso, mas em seguida confirma-se o que foi negado, já que quem diz frases mentirosas também é mentiroso. Ainda que se produza aparente polidez ou cordialidade, desqualifica-se a fala do candidato e, conseqüentemente, o “dono” do dizer.

### 2.6.2 HGPE

O Horário de propaganda política trazia as mesmas questões apresentadas nos debates, dentre elas, a contínua associação do PT à corrupção.

---

**Dilma:** “Eu acho que as pessoas não podem ser pretenciosas e achar que elas são donas da verdade. [...] o senhor não é dono da verdade, não é melhor que ninguém” (00:11:19). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cA13zicyRLA>>. Acesso em: 05 dezembro 2018.

<sup>84</sup> **Dilma:** “Candidato Serra, o presidente Fernando Henrique Cardoso numa entrevista à revista Veja disse o seguinte “O Serra foi um dos que mais lutaram pela privatização da Varig” [...] você acha correto essa política? (00:15:49) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xM-tgldfA10>>. Acesso em: 05 dezembro 2018.

**Dilma:** “O assessor, o principal assessor para a área energética de petróleo do candidato, levantou e ele não respondeu, que ele é a favor da privatização do Pré-sal. [...] e não dá pra fugir pela história do “trololó”, porque sempre que tem um problema que o candidato não gosta ele fala que é “trololó”, não, não é “trololó”, isso foi uma afirmação feita e é grave, porque o Pré-sal é uma das riquezas mais importantes do Brasil”. (00:19:21) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xM-tgldfA10>>. Acesso em: 05 dezembro 2018.

<sup>85</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iNs48AL-H1Q>>. Acesso em: 10 dezembro 2018.

Sobre essa tentativa de vincular a imagem de corrupto ao Partido dos Trabalhadores, verificamos algumas regularidades linguísticas em sua constituição. A utilização de expressões e advérbios de intensidade, por exemplo, foram recorrentes na apresentação dessas temáticas agressivas.

Serra: “**Mais uma vez** você está vendo escândalos envolvendo o governo federal e de novo a casa civil. **Mais uma vez** é aquela história do não vi nada, não sei de nada, não é comigo, é invenção da imprensa” (Programa de Serra - 00:16:09 – 21 de setembro (13h))

Locutor: “E neste sábado **mais um escândalo**, a denúncia é da maior revista do Brasil. Veja. Erenice Guerra, braço direito de Dilma na casa civil e que ficou no lugar dela, acusada num esquema de propina dentro do palácio do planalto.” (Programa de Serra - 00:10:02 – 11 de setembro (20h)).

Apresentador: “Entra dia, sai dia e o governo do PT **cada vez mais** se enrola em escândalos **e mais** escândalos. Hoje **mais um** caso grave. Folha de São Paulo de hoje. Filho da ministra Erenice Guerra pediu 5% de comissão para aprovar financiamento para empresa.” (Programa de Serra – 00:11:05 - 16 de setembro (20h)).

Zé Maria: “A demissão da ministra Erenice confirma **mais um caso** de corrupção no governo, como aconteceu no mensalão, estão fazendo de tudo para que termine em pizza.” (Programa de Zé Maria - 00:24:05 - 16 de setembro (20h)).

As expressões e advérbios de intensidade como: “Mais uma vez”, “mais um escândalo”, “mais um caso”, “Cada vez mais”, “e mais”, produzem efeitos de continuidade de uma prática (corrupta) atribuída recorrentemente ao PT, e constituem-se como formas de argumentação que reforçam o valor de verdade do termo que intensificam. A utilização frequente desses termos produz efeitos de um “já-dito”, já que, se há “mais casos”, outros tantos ocorreram anteriormente. Ao enunciar “mais um”, outras memórias são evocadas, dentre elas, o possível envolvimento do PT em grandes esquemas de corrupção, deflagrados em 2006, construindo assim, um fio de continuidade e intensificação na produção de imagens de um partido corrupto.

Em 2010, por exemplo, o “não-saber” atribuído a Lula desliza para a candidata Dilma, também sob a forma de ironia:

Locutor: “As denúncias estão na edição deste sábado da revista Veja e **envolvem pagamento de propina a poucos metros da sala de Dilma.**” (Programa de Serra - 00:21:08 - primeiro turno).

Locutor: “Agora Dilma diz que não viu nada, não sabe de nada.”  
Programa de Serra – 00:10:10 - segundo turno).

Eleitora: “Como é que a pessoa não sabe o que está acontecendo dentro da própria casa?” (Programa de Serra - 00:21:55 – primeiro turno).

No primeiro exemplo, o locutor do programa de Serra cita uma denúncia feita pela revista *Veja*, de que ocorria pagamento de propina “a poucos metros da sala de Dilma”. A notícia destaca denúncias de tráfico de influência e propina a funcionários públicos na Casa Civil. Ao informar a “curta distância” em que o possível pagamento de propina ocorria, produzem-se sentidos de que Dilma deveria saber sobre essa prática, devido à proximidade da ação.

Com relação às afirmações sobre o (des)conhecimento de Lula sobre os casos de corrupção, a mesma sequência discursiva se atualiza e se repete sobre Dilma:

X { diz que { não viu, não sabe { (de) nada.

Esses dizeres, apesar de se constituírem como parte da mesma árvore enunciativa, uma vez que são derivados do enunciado reitor “Lula disse que não sabia”, produzem pela ironia e pela repetição a afirmação de que o PT foi corrupto na gestão Lula e continua sendo corrupto na candidatura Dilma, já que “Dilma é Lula”, no processo de colagem dessa memória.

Uma das características propostas por Foucault acerca do enunciado é a de que ele apresenta uma materialidade repetível. Nas palavras do filósofo, “Enquanto uma enunciação pode ser recomeçada ou reevocada, enquanto uma forma (linguística ou lógica) pode ser reatualizada, o enunciado tem a particularidade de poder ser repetido” (Foucault, [1969]2010 p. 123). Segundo o autor, apesar do enunciado poder ser repetido, os sentidos construídos são diferentes, em cada enunciação, dadas as variadas relações que ele estabelece com outras proposições e com o contexto histórico em que é produzido. Para Foucault,

A afirmação de que a terra é redonda ou de que as espécies evoluem não constitui o mesmo enunciado antes e depois de Copérnico, antes e depois de Darwin; não é que, para formulações tão simples, o sentido das palavras tenha mudado; o que se modificou foi a relação dessas afirmações com outras proposições, suas condições de utilização e de reinvestimento, o campo da experiência, de verificações possíveis, de problemas a ser resolvidos, ao qual podemos remetê-las. (p. 121, [1969]2010).

Ao analisarmos o enunciado “X diz/disse que não viu / não sabe (de) nada”, apesar de ter a materialidade repetível, outros sentidos são produzidos. A própria reatualização da sequência discursiva traz a memória as denúncias de corrupção atribuídas ao PT nas eleições anteriores e, novamente, a acusação irônica de que tanto Lula quanto Dilma sabiam dos escândalos de corrupção.

As expressões e advérbios de intensidade, assim como as sequências discursivas “não ver, não saber” atreladas à ironia, configuram-se num enunciado “metonímico” que resume as principais estratégias discursivas de um candidato para atacar o oponente, construindo, por meio dessas regularidades linguísticas, uma história de depreciação do referido partido. Vejamos:

**Mais uma vez** é aquela história do **não vi nada, não sei de nada**, não é comigo, é invenção da imprensa” (Programa de Serra - 00:16:09 – primeiro turno)

No terceiro fragmento, em que a eleitora diz “Como é que a pessoa não sabe o que está acontecendo dentro da própria casa?”, vemos que, enquanto na fala dos candidatos aparece a descrição de como e onde acontecia a corrupção - “a poucos metros da sala de Dilma.” – apenas sugerindo ironicamente o possível conhecimento de Dilma sobre o fato, na fala da eleitora ocorre um deslizamento, o qual questiona, também ironicamente, a impossibilidade de Dilma não saber de algo que estava ocorrendo tão próximo a ela. Nessa sequência discursiva, observamos também a redução do trabalho da mulher ao ambiente da casa. Lula “não sabia” o que estava acontecendo ao lado do escritório, - quando se trata de um homem, não há exemplos que comparam ou citam o ambiente doméstico - quando diz respeito a uma mulher, evoca-se o ambiente familiar.

Além dos ataques referentes ao “não saber” e das temáticas agressivas que colocam a candidata como cúmplice nos casos de corrupção, Dilma foi caracterizada como “fante” de Lula, despreparada, apagando sua história política, mentirosa, nervosa e agressiva. Vejamos, primeiramente, alguns enunciados que a caracterizaram como alguém comandado por Lula:

Serra: “Eu sei como fazer. **Eu não estou na sombra de ninguém**” (Programa de Serra - 00:08:33 – primeiro turno).

Serra: “Você vai poder comparar melhor os candidatos. A história de cada um. O que cada um já fez pelo Brasil. **Quem tem ideias próprias ou quem fica à sombra dos outros**” (Programa de Serra - 00:03:13 - segundo turno).

Atriz: “Dilma, cá entre nós, de mulher pra mulher, que papelão você fez no primeiro turno, hein? **Todo mundo viu, qualquer coisinha você corria chamar o Lula.** (Programa de Serra - 00:10:13 – segundo turno).

Apresentador: “Dilma é **sombra do** padrinho e isso não garante nada. **Todo mundo sabe.**” (Programa de Serra - 00:04:30 – segundo turno).

A expressão “Estar/Ficar/Ser na/a sombra de alguém é recorrente nos enunciados acima e constrói a imagem de uma candidata incompetente, já que se estabelece um vínculo de dependência entre ela e Lula. Esses enunciados que atribuem a Dilma o papel de “ser sombra” de Lula, remetem a outros discursos que circulam em nossa sociedade a respeito da mulher enquanto dependente do homem para atuar. Essa história de construção da imagem feminina submissa e dependente da figura masculina, e o protagonismo do homem, propicia ainda a emergência de enunciados que a colocam numa posição de inferioridade e dependência.

Essa relação de dependência entre Lula e Dilma é construída como algo já-dado, em virtude das expressões “Todo mundo viu”, “Todo mundo sabe”, funcionando como estratégias discursivas que produzem efeitos de evidência, verdade e autoridade ao que está sendo dito.

Ocorre a construção de um efeito de memória por meio de enunciados como “àquilo que todo mundo sabe”, “como todo mundo sabe” (retorno do Universal do sujeito); e “como todo mundo pode ver” (universalidade implícita de toda situação “humana”) (PÊCHEUX, 2009 [1988], p. 159).

Nervosa, agressiva, impulsiva, confusa e mentirosa<sup>86</sup>. Essas foram algumas características atribuídas a Dilma durante o período pré-eleitoral de 2010. Vejamos alguns enunciados:

Locutor: “A Dilma está se achando. A eleição nem começou e **já tem briga dela com o Lula. O povo nem votou e ele já está escolhendo os Ministros.** E olha quem está querendo voltar. Zé Dirceu, o mesmo

---

<sup>86</sup> Apresentadora: “O pior: o que ela mostra na propaganda **não tem nada a ver com a realidade**” (Programa de Serra - 00:21:47 – 31 de agosto (13h)).

Locutor: “**Outra mentira do programa da Dilma** para enganar o eleitor. Essas imagens foram gravadas na biblioteca da Universidade de Brasília. Só que a Biblioteca está fechada há 6 meses. (Programa de Serra - 00:07:10 – 07 de setembro (13h)).

“Dilma foi até esta creche em Brasília para fazer promessa. Só que a creche nunca recebeu nada, nenhum tostão do governo federal. [...] Na Bahia, **a Dilma tentou de novo confundir o eleitor.** O hospital que ela mostrou na TV para dizer como a saúde está boa, quase não funciona.” (Programa de Serra - 00:06:21 – 07 de setembro (20h)).

do Mensalão. Palocci. O Brasil não merece isso. (Programa de Plínio - 00:10:32 – primeiro turno).

Apresentadora: “Sempre sereno, Serra mostrou equilíbrio e propostas para melhorar o Brasil. **Nervosa e agressiva**, Dilma deixou perguntas sem respostas e atacou até a mulher do Serra. (Programa de Serra - 00:03:40 – segundo turno).

Essas características vinculadas à imagem de Dilma, como “já tem briga dela”, “nervosa e agressiva” em contraposição à imagem “serena e equilibrada” de Serra, produzem imagens de mulher desequilibrada e histérica. Tais enunciados estão inscritos em posições machistas que sustentam discursos de que a mulher é incapaz, emocionalmente instável e, conseqüentemente, inapta a ocupar o cargo de presidência da República.

Ridicularizações a respeito da fala da candidata também se associam a essas afirmações misóginas, contestando sua capacidade de governar:

Eleitor: “O Serra fala a gente entende. A Dilma fala e enrola, enrola, enrola e a gente não sabe o que é que ela quer dizer” (Programa de Serra - 00:03:10 – primeiro turno).

Enquanto a fala de Lula era ridicularizada pela “falta de estudo”, a fala de Dilma é descredibilizada por “ser mulher”.

O “não ver” e o “não saber” retornam para desqualificá-la por meio de outra roupagem linguística, ou melhor, outras sequências discursivas derivacionais. Vejamos:

Apresentador: “Aos 21 anos aí está José Serra, o líder dos estudantes, ao lado do presidente João Goulart. [...] de volta ao Brasil, lutou pelas Diretas já. **A Dilma, ninguém sabe, ninguém viu.** (Programa de Serra - 00:03:50 – segundo turno)

Eleitor: “O Serra ele tem o que mostrar e a Dilma não tem” “Quem é Dilma? **Dilma, a gente não sabe de nada**” (Programa de Serra - 00:15:10 – primeiro turno).

Ocorre um deslizamento da sequência “Disse que não sabe, disse que não viu” para “A Dilma, ninguém sabe, ninguém viu”.

X { disse que { não sabe, não viu { (de) nada  
roubalheira, mensalão, sanguessuga

X, { ninguém  
a gente } { sabe, viu  
não sabe } { de nada

Dilma é desqualificada tanto como sujeito, quanto como objeto da ação. Enquanto sujeito, Dilma é corrupta e finge não saber sobre o que ocorre em seu entorno, enquanto objeto, é desqualificada por não ter uma carreira política efetiva.

De sujeito passa a ser objeto, e quando é objetificada, reduzem-na a nada:

Locutor: “O Serra já foi Senador, o melhor Ministro da saúde da história do Brasil. Prefeito de uma das maiores cidades do mundo e governador de São Paulo. Já a Dilma...” (Programa de Serra - 00:09:57 – segundo turno)



Imagem 20

Nessa sequência de imagens, são apresentados dois bonecos – retoma-se materialmente a boneca russa Matrioshkas, uma série de bonecas colocadas umas dentro das outras, - representando Dilma e Serra. Na medida em que o percurso de Serra na política vai sendo contado, outras miniaturas são tiradas de dentro do boneco maior. Entretanto, quando apresentam Dilma, o recipiente está vazio.

Os estudiosos Bacot (2007) e Bravo (2015) descrevem a característica simbólica do insulto e recorrem à definição da palavra em latim que advém de *insultare*, e significaria “saltar em cima”, saltar sobre alguém para provocar, ao mesmo tempo, sua queda e sua extinção, esta que, destituindo seu status de humano, o faria descer abaixo da escala dos seres, transformando-o em coisa para reduzi-lo ao silêncio (pois os objetos não falam) e depois, finalmente, a nada.

É justamente quando Dilma torna-se objeto da ação que a candidata é reduzida a uma coisa, cujo interior é vazio, contrapondo-se ao conteúdo preenchido de Serra. A história do candidato é contada antes, o que cria uma expectativa da história de Dilma, mas quando o recipiente é aberto, instaura-se a contraposição.

Enquanto os ataques que se dirigiam a Dilma desqualificam-na enquanto pessoa, enquanto mulher, os ataques a Serra estão relacionados a acusações<sup>87</sup> mais gerais que envolvem seu governo como um todo, e à recorrente produção de imagens de um candidato elitista, defensor de privatizações. No que se referem às caracterizações do governo de Serra, há recorrência dos seguintes enunciados:

- (1) Locutor: “**Nos tempos do FHC e Serra**, as palavras mais presentes no dia a dia dos brasileiros **eram** arrocho, crise, desemprego, estagnação, inflação e FMI. (Programa de Dilma - 00:22:20 – primeiro turno).
- (2) Apresentador “**Nos tempos de FHC e Serra era** assim. Carro? Coisa de rico. Desemprego? Não há vagas. Coisa de Pobre. Carne na mesa? Coisa de rico. Arroz, feijão, coisa de pobre.” (Programa de Dilma - 00:10:10 – segundo turno).
- (3) Apresentador “**No governo deles**, a relação com outros países também era diferente. Era só “pois não” para lá, “sim senhor”, para cá. Ou melhor, “Yes, sir, of course”. Sim! Porque eles sabiam se humilhar muito bem em inglês na frente dos poderosos. E gostavam de vender sem o menor pudor, o patrimônio público.” (Programa de Dilma - 00:02:06 – segundo turno).

Nesses enunciados, verificamos algumas sequências que se repetem:

<u>Nos tempos do FHC e Serra</u>	{	<u>era</u>	{	- <u>arrocho, crise, desemprego [...]</u>
<u>Nos tempos de FHC e Serra</u>		<u>eram</u>		- <u>assim</u>
<u>No governo deles</u>				- <u>coisa de rico, coisa de pobre</u>
				- <u>diferente, “Pois não” para lá [...]</u>

O tempo verbal utilizado na constituição dessas temáticas agressivas foi o pretérito imperfeito, que produz efeitos de continuidade, repetição do que se atribuem a eles: separação entre ricos e pobre, crises, desemprego. Por meio da sequência “Coisa de rico, coisa de pobre”, notamos que a separação, que se dá também sintaticamente, entre rico e pobre, produz imagens de um governo elitista, que favorecia a classe alta.

Além de “separar” ricos e pobres, outra ação atribuída aos tucanos foi a de “privatizar” o patrimônio público. Vejamos algumas ocorrências:

---

<sup>87</sup> Apresentador: “O governo Lula já criou 14 milhões de empregos. Quem você acha que pode aumentar mais e mais rápido esse número? Uma pessoa que tem a mesma visão de Lula ou alguém que **fez parte de um dos governos que menos criou emprego no Brasil**”. (Programa de Dilma - 00:18:08 – 16 de setembro (20h)).

Dilma: “Eles **só pensam em vender** o patrimônio público”. (Programa de Dilma - 00:02:00 – segundo turno).

Apresentador: “E **gostavam de vender** sem o menor pudor, o patrimônio público.” (Programa de Dilma - 00:02:06 – segundo turno).

Apresentadora: “**Essa ânsia dos tucanos em privatizar** o patrimônio público também se repetiu nos governos que eles fizeram em São Paulo.” (Programa de Dilma - 00:02:50 – segundo turno).

Quanto à temática de privatização, as sequências discursivas eram:

X { Eles  
Eles (sujeito oculto) } gostavam de / só pensam em { vender o patrimônio  
público }

Entre as falas de Dilma e dos apresentadores, notamos que há um deslizamento entre os sentidos: Pensam -> gostam -> ânsia em privatizar. O “só pensar” em privatizar dá lugar ao prazer em vender e culmina na nominalização “ânsia em privatizar”. Enquanto os dois primeiros são questionáveis, a última sequência apresenta algo já dado, inquestionável, por meio da nominalização. Segundo Sériot (1986), por meio do uso das nominalizações, é possível construir um efeito de exterioridade, isto é, algo pré-existente, já dado.

### 2.6.3 Sites oficiais dos presidenciais

No início da campanha eleitoral, os *sites* oficiais dos candidatos apresentavam poucos ataques, mantendo um tom amistoso. Entretanto, ao longo da campanha, a agressividade foi aumentando nesses meios, justamente porque a internet facilitou a propagação dos boatos, que vieram a ser chamados de “fake News” em 2018.

Tanto no site de Dilma quanto no site de José Serra, foram criadas duas sessões específicas para tratar das notícias falsas que se espalhavam em diferentes meios de comunicação, sobretudo na internet. A sessão no site do tucano foi denominada de “Combata a mentira”, apresentando um tom mais acusativo, enquanto na página de Dilma, o nome da sessão foi “Verdade”, priorizando a defesa em detrimento do ataque.

Na seção “Combata a mentira”, exibiu-se uma imagem em que se opunham dois tipos de campanha: a campanha da mentira e a campanha da verdade. A agressividade materializava-se nas cores, nos desenhos, nos termos linguísticos empregados para descrever a oposição. A campanha da mentira, atribuída à candidata Dilma, era

caracterizada pela cor vermelha, em alusão à cor do Partido dos Trabalhadores. O fundo sombrio da imagem à esquerda associado a desenhos/fotos de uma vegetação já destruída contrapõe-se à imagem da campanha da verdade, atribuída a Serra, com uma paisagem exuberante, com cores vivas e vibrantes.



Imagem 21

Nessa mesma sessão, foram veiculados os seguintes ataques contra a candidatura adversária:

“A **rede de boatos** do PT **aterroriza** alunos no Rio de Janeiro espalhando mentiras”

“**Dilma tem dito mentirosamente** que seu adversário José Serra quer “privatizar” o petróleo do pré-sal.”

“Dilma Rousseff **perdeu o rebolado** e fez ontem, no debate da Record, a mais grave ofensa à história da Petrobras”

“**petistas** espalham mentiras e boatos”

“Confrontada com esse fato, **ela descontrolou-se e desrespeitou** os brasileiros.”

“**O PT acusa** a campanha de Serra por panfletos contra o aborto em nome da Igreja católica e **constrange** o dono de uma gráfica.”

Nesses enunciados, verificamos que os verbos que qualificam as ações de Dilma e do PT, assim como nos debates e no HGPE, expõem uma candidata mentirosa e descontrolada, e de um partido que compactua com a difusão de mentiras. A diferença é que, nos *sites*, a agressividade materializa-se numa linguagem mais informal, como quando caracteriza o “descontrole de Dilma” pelo enunciado “perdeu o rebolado”.

Os efeitos de agressividade nos *sites* ganham uma dimensão maior, dada a possibilidade de compartilhamento, interação, e a própria informalidade desse espaço que permite uma agressividade mais direta.

Na seção “Verdades” referente à candidata Dilma, não há um tom acusativo e agressivo como aquele construído no site do candidato Serra. O que ocorre, muitas vezes, é o apagamento do sujeito, ou apenas a nomeação dos opositores como “Adversários”, “Algumas pessoas”, “candidatura adversária”, amenizando, de certo modo, os efeitos de agressividade, já que não se explicita o grupo ou partido a quem se dirigem, produzindo, assim, um tom mais defensivo, marcado pela polidez.

A eleição de 2010 foi marcada pela incorporação da internet como um instrumento efetivo e importante nas campanhas políticas, influenciadas sobretudo pelo modo de fazer campanha digital dos EUA, com a campanha de Barack Obama na internet. Nos pleitos de 2002 e 2006, os sites já ofereciam inovações e uma plataforma adequada, entretanto, em 2010, o cenário é diferenciado em relação às perspectivas anteriores e pioneiras, quanto à efetividade nas eleições, uma vez que a internet assume uma importância até então inédita.

É nesse *médium* que a agressividade passa a ser mais estratégica, agenciada, amplificando o dizer agressivo, justamente pelos recursos multimodais e interativos da internet, e sua crescente utilização.

#### **2.6.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas e sites oficiais em 2010:**

Em 2010, observamos que as principais armas de ataque foram as temáticas e acusações agressivas e a presença de discursos sexistas. Com relação às temáticas agressivas, tanto em 2006 como em 2010, houve uma constante associação do PT aos escândalos de corrupção (Mensalão, Sanguessuga, etc), ao passo que, ao PSDB, vinculam-no à imagem de elitista e de defensores da privatização.

O que se destaca, nessas eleições, foram os discursos sexistas endereçados à candidata Dilma. As falas dos candidatos se inserem em discursos machistas, produzindo discursos misóginos que a atacavam enquanto pessoa, mulher, os quais criticavam sua fala (“enrolada”, “confusa”), questionavam sua competência, caracterizavam suas

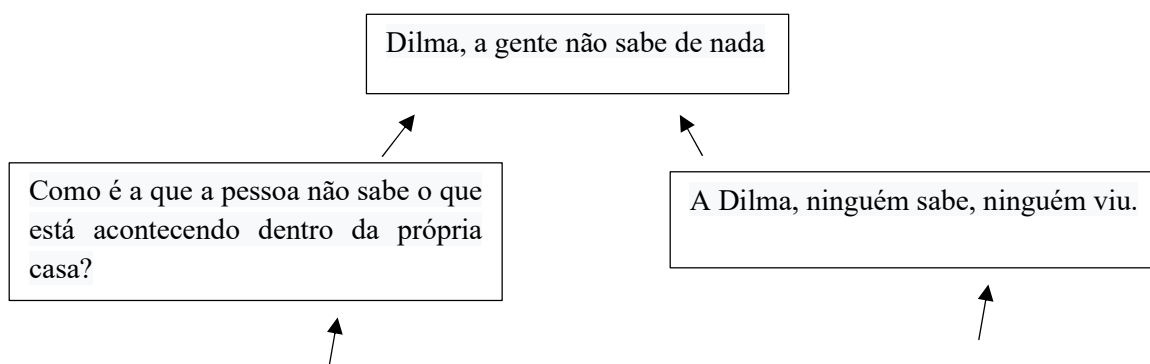
emoções como “nervosa”, julgavam-na mentirosa, deslegitimavam e apagavam sua história, transformando-a num objeto (marionete) até a reduzi-la a nada.

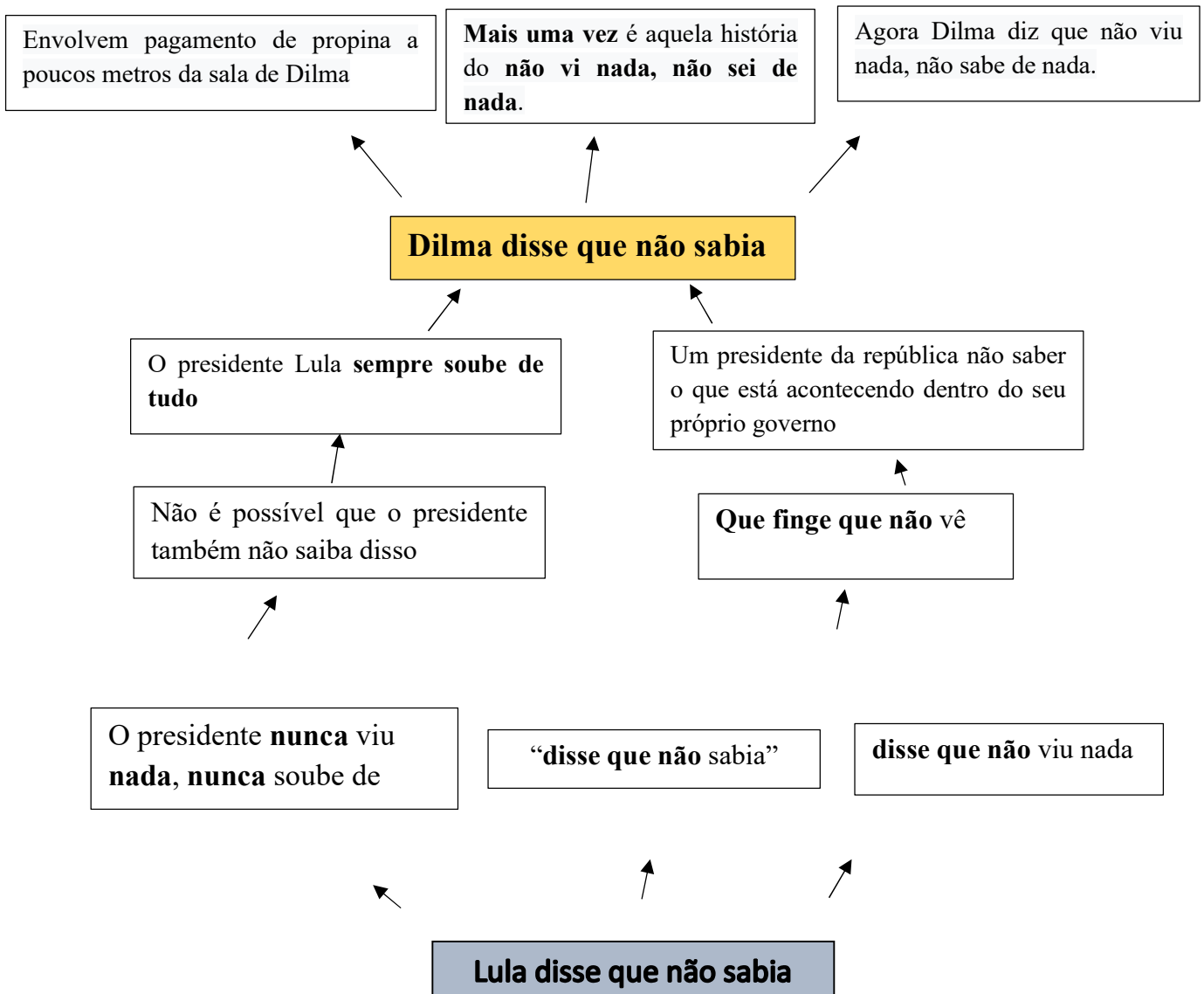
Observamos aqui a produção de um ressentimento coletivo, discursivo, frente à ameaça da ocupação de uma mulher a um cargo historicamente ‘masculino’. Zawadzki (2004, p. 381) descreve esse ressentimento como sendo uma forma de denúncia da igualdade em nome de um princípio hierárquico e, diria, normalizador. Nesse tipo de ressentimento, tenta-se normalizar a diferença e preservá-la, por meio de discursos machistas, sexistas, fazendo reverberar a agressividade.

Em relação aos comentários acerca das competências linguísticas, Lula também foi ridicularizado por ter uma fala “simples”, “coloquial”, no entanto, atribuíam-se essas características ao fato de ele ser “ignorante”, não ter “estudo”, não ter um “diploma”. Já com relação à Dilma, sugeriam-se que os motivos de sua “dificuldade em comunicar”, de ter uma fala “confusa” e “enrolada” eram justamente por ser mulher. Mais uma vez, reforçando os discursos sexistas.

Nos anos de 2006 e 2010, outra expressão que ganhou notoriedade, presente na fala dos candidatos e reproduzido pelos eleitores, foi o “não saber”. Como atesta Foucault ([1969] 2010), não existe enunciado livre ou independente, “mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto” (FOUCAULT, ([1969] 2010, p. 113-114). A partir da análise das sequências discursivas, chegamos a algumas regularidades que as constituem enquanto um conjunto, uma série.

O enunciado reitor “Lula disse que não sabia” desliza para a candidata Dilma, como em “Dilma disse que não sabe”. Enquanto nos dizeres dos candidatos produziam-se uma sugestão irônica do “não saber”, nas falas dos eleitores transformavam-se em afirmação inquestionável. Além disso, a sequência discursiva “X disse que não sabe”, desliza para “X, a gente não sabe”, Dilma não sabe de nada e ninguém sabe nada sobre Dilma. Essa inversão de sujeito para objeto da ação também a objetifica, transformando-a em objeto vazio, já que também não teria história/carreira política. Vejamos as sequências que compõem a referida série:





Desde 2006, verificamos esses agrupamentos, regularidades e desdobramentos do enunciado reitor “Lula disse que não sabia” no interior da dispersão de enunciados ditos sobre os candidatos, e notamos que esses enunciados vão sendo retomados de modos distintos em diferentes eleições, corroborando a construção de imagens ora de um partido corrupto, ora de candidatos incompetentes. Há um indício, portanto, de uma memória de desqualificação do PT pelo “não saber”, que se inicia em 1989, com a sequência discursiva “**próprias de quem não sabe ler**”, dita por Collor quando dirige sua fala a Lula; continua em 1994, materializada na fala de Enéas, quando interroga o candidato petista sobre o grau refratário da bauxita, afirmando “Provavelmente **o senhor não sabe**”, até as eleições de 2006, em que o “não saber”, antes vinculado ao sentido de não ter

competência, desliza-se ao saber enquanto domínio do fato. Essas sequências discursivas são como:

discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer (FOUCAULT, 1971, p.24 apud COURTINE, 2009, p.106).

O candidato Serra, por sua vez, é atacado por um viés político e econômico, que o caracteriza enquanto elitista e promotor ávido de privatizações, da divisão entre ricos e pobres, etc, por meio de frequentes nominalizações.

Vemos, com isso, que há uma repetição contínua, de certas sequências discursivas, seja contra o PT, seja contra o PSDB, levando a um acúmulo, construindo uma memória dos já-ditos e, ao mesmo tempo, produzindo uma saturação dessas memórias, as quais se tornam cada vez mais fragmentadas, pulverizadas, sobretudo pela influência da mídia.

Analisando as sequências discursivas acima sistematizadas, é possível observar um feixe de relações que permite descrever certas regras de formação discursiva, em meio a uma dispersão que lhe é própria, mas que, por analisarmos textos midiáticos, torna-se ainda mais dispersa e fragmentada.

Apoiando-nos novamente na noção de condições de emergência dos discursos, construída por Foucault ([1969] 2010), podemos dizer que esses discursos não surgiram aleatoriamente, uma vez que condições políticas, históricas e ideológicas contribuíram para o aparecimento de determinados discursos e do apagamento de outros.

Os discursos sexistas, por exemplo, surgiram com maior intensidade nas eleições de 2010, se compararmos às eleições anteriores, justamente por ser um período em que uma mulher candidata apresentava um grande índice de intenção de votos nas pesquisas<sup>88</sup> realizadas durante a campanha. Quanto maior a ameaça em tomar um cargo ocupado tradicionalmente por homens, maiores os insultos e discursos sexistas. Segundo Zawadzki “a igualdade das condições e a desnaturalização da hierarquia (ou da desigualdade) criam as condições de possibilidade de uma generalização da inveja e do ressentimento” (2004, p. 380) e, como vimos, da agressividade.

---

<sup>88</sup> “O Ibope aponta a candidata do PT Dilma Rousseff com 51% dos votos válidos (sem considerar brancos, nulos e indecisos).” Disponível em: <<http://g1.globo.com/especiais/eleicoes-2010/noticia/2010/10/ibope-e-datafolha-divulgam-ultima-pesquisa-presidencial-do-1-turno.html>>.

Apesar dos avanços em relação aos direitos da mulher e sua crescente conquista de espaço no âmbito político, exigiam-se ainda mais esforços, dada a tradição masculina na ocupação desses cargos.

Com relação aos *sites* oficiais de campanha, verificamos a presença de uma agressividade mais estratégica e agenciada, marcada por traços de informalidade, amplificando algumas temáticas já trazidas nos debates e no HGPE. Enquanto os *sites* de campanha de 2002 e 2006 funcionavam como uma extensão das campanhas na TV, em 2010, o uso diferenciado dessas plataformas promoveu uma melhor comunicação entre esses suportes (TV e Internet).

## **Capítulo 3 - Eleições de 2014 e de 2018: novos rumos na história da agressividade política no Brasil**

### **3.1 Eleição presidencial de 2014 - A agressividade em notas de falsas harmonias**

Nas eleições de 2014, nove candidatos concorreram ao pleito eleitoral, sendo os principais deles: Aécio Neves (PSDB), Dilma Rousseff (PT), Marina Silva (PSB), Luciana Genro (PSOL), Pastor Everaldo (PSC) e Eduardo Jorge (PV); outros candidatos de menor projeção foram: José Maria de Almeida, José Maria Eymael, Levy Fidelix, Mauro Iasi e Rui Costa Pimenta. O período eleitoral de 2014 foi caracterizado por várias notícias como a campanha mais agressiva da história. Uma notícia<sup>89</sup> divulgada no Jornal Folha de São Paulo, por exemplo, em outubro de 2014, apresentou a estatística de que “71% dos eleitores criticam a agressividade da eleição”. Na dissertação de mestrado “Entre insultos e falsas harmonias: A construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014”, verificamos, por meio de nossas análises, que essa campanha foi, de fato, um “divisor de águas” no modo de se fazer política. Fundamentados nos dados coletados, analisaremos, em sequência, as formas, os graus e a intensidade desses dizeres agressivos.

#### **3.1.1 Debates**

Nos debates de 2014, a ironia foi o principal meio de materialização da agressividade. O recurso da ironia esteve presente em três formas do dizer agressivo, categorizadas como “**Repreensão do adversário e correção da fala do outro**”, “**Falar de si para desqualificar o outro**”, “**Insinuação ou alusão**”.

Priorizou-se, portanto, o ataque indireto nas invectivas contra os adversários. Sobre o primeiro deles, muito recorrente nos debates desse período, “a repreensão do adversário e correção da fala do outro”, vejamos algumas ocorrências:

(1) “**Pensa bem o que o senhor está falando**” (Debate SBT – 16 de outubro – 00:49:20)<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1536236-71-criticam-agressividade-na-eleicao.shtml>

<sup>90</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4KMD2CcS8zQ>>. Acesso em: 10 janeiro 2019.

(2) “**Não se faz** isso candidato! Isso é feio!” (Debate SBT – 16 de outubro – 1:10:16)

(3) “O senhor **precisa estudar** mais” (Debate Globo - 24 de outubro – 00:39:30)<sup>91</sup>

Os fragmentos acima expõem um tipo de violência verbal em que:

O ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado e ridicularizado. Linguisticamente, o contra-discurso não apresenta a fala adversária se não sob formas fortemente desvalorizantes, mobilizando todo o arsenal do discurso relatado. A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-a de forma irônica, paródica. (AMOSSY, 2017, p. 170)

Reformulamos tal categoria de análise acrescentando a ela a “Repreensão do adversário”, uma vez que “corrigir a fala ou o ponto de vista do outro” não contempla necessariamente a “repreensão do outro”.

Vemos que, nesses enunciados em que ocorrem essa repreensão ou correção da fala do outro, há uma regularidade linguística que se constitui pelo uso recorrente do modo verbal imperativo, sobretudo nas ocorrências 1 e 2. A candidata assume uma posição próxima da fala de um adulto que se dirige a uma criança ou alguém que ocupe hierarquicamente uma posição inferior. Ao corrigir ou repreender o adversário, constroem-se efeitos de credibilidade e autoridade àquele que enuncia e, concomitantemente, produz a imagem de um candidato, alvo do ataque, inexperiente e desqualificado.

O convite para pensar melhor sobre o que está dizendo (ocorrência 1), o adjetivo “feio” qualificando a ação de construir um aeroporto privado, supostamente, com dinheiro público (ocorrência 2), e a afirmação de que o candidato Aécio “precisa estudar mais” constituem-se como exemplos de enunciados produzidos numa relação hierárquica, produzindo uma agressividade moderada e amenizada.

Ainda sobre a categoria “Correção da fala do outro”, verificamos uma sequência sintática que se repete com frequência nas eleições de 2014, produzindo efeitos de agressividade. Vejamos os enunciados<sup>92</sup> transcritos, referentes ao segundo turno:

---

<sup>91</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9bmDQnpSATc>> Acesso em: 10 janeiro 2019.

<sup>92</sup> Disponível em: <<http://estaticog1.globo.com/2014/eleicoes/debate-transcricao/>>. Acesso em: 12 fevereiro 2019.

**Dilma Rousseff:** Candidato, eu sempre gosto de perguntar a respeito do Pronatec. Por que que eu gosto do Pronatec, candidato? Porque o Pronatec ele resolve várias questões e desafios. Vocês fizeram uma lei proibindo que o governo federal fizesse e mantivesse escolas técnicas. Por isso fizeram, ao longo de oito anos, só 11 escolas técnicas. O senhor era líder do governo FHC. O senhor vai continuar com essa política? (00:24:41)

**Aécio Neves:** **Eu não queria ter que corrigi-la em público, mas** eu era líder do PSDB, mas vamos passar isso, deixar isso um pouco mais barato. (00:25:14)

**Dilma Rousseff:** Dá no mesmo. (00:25:19)

**Aécio Neves:** É, mais ou menos candidata. Para quem não conhece o Congresso Nacional, talvez sim, mas é muito diferente, é muito diferente. (00:25:21)

O enunciado “Eu não queria ter que corrigi-la em público, mas eu era líder do PSDB, mas vamos passar isso, deixar isso um pouco mais barato”, traz a seguinte sequência discursiva: “Eu não X, mas X”. Nesse excerto, a candidata Dilma atesta que Aécio era líder do governo FHC, o qual a corrige posteriormente, declarando ter sido líder do PSDB. Nessa sequência, há uma estrutura frasal que nega o interesse em fazer a correção, porém, em sequência traz justamente a correção negada anteriormente, constituindo-se assim como um argumento de maior valor. Tal sequência, apesar de ter formas polidas inicialmente, produz efeitos de agressividade, reafirmando a correção do outro em público para desqualificá-lo. Além disso, há uma desqualificação também de toda a questão colocada por ela, porque o candidato redireciona a temática discutida.

Outra sequência semelhante aparece nos enunciados: “Então, candidato, **me desculpa, mas** o senhor falou, falou e não apresentou nada de concreto” (Debate Globo – 24 de outubro - 00:34:38) e “**Aí, o senhor vai me desculpar, mas** eu vou concordar com o humorista José Simão: vocês estão levando o Estado para ter um programa, ‘Meu banho, minha vida’. É isso que vocês conseguiram”. (Rede Globo – 24 de outubro - 00:53:08). Tanto o enunciado “Eu não queria ter que corrigi-la” e “me desculpa” ou “Aí, o senhor vai me desculpar”, seguidos da conjunção adversativa “mas”, apresentam-se como gatilhos para dizer a verdade. Essas estratégias argumentativas - podendo ser classificadas como uma agressividade moderada e amenizada - funcionam como um pedido de autorização para se dizer o que se considera verdadeiro, produzindo ora efeitos de franqueza, ora efeitos de agressividade e de ironia.

Outra forma de agressividade indireta, muito frequente nos debates, foi o “falar de si para desqualificar o outro”. Esse parâmetro não está contemplado nas categorias propostas por Amossy (2017), talvez porque não tenha aparecido com recorrência nos debates analisados pela autora, diferentemente do que ocorre no Brasil, no período de 2014. Essa categorização que propomos abrange um conjunto de enunciados que desqualificam o adversário por meio de afirmações que o sujeito faz sobre si mesmo. Vejamos algumas falas da candidata Dilma:

(1) “Eu não vou terceirizar as responsabilidades” (Debate Globo - 24 de outubro – 00:47:50)

(2) “Candidato, eu tenho orgulho de ter uma vida sem nenhum parente empregado, sem nenhum uso indevido do dinheiro público em propriedades minha ou da minha família” (Debate Globo - 24 de outubro – 00:20:30).

(3) “Eu, candidato, não dirijo sob álcool e drogas”. (Debate SBT – 16 de outubro – 00:15:00)

“Terceirizar as responsabilidades” (1), “Usar indevidamente o dinheiro público” (2), “Nepotismo” (2), “Dirigir sob o efeito de álcool e drogas” (3), além de serem ações compreendidas como algo negativo em nossa sociedade, aludem, de alguma forma, a acusações, feitas por alguns jornais e *sites*, de que Aécio já esteve envolvido em nepotismo, na construção de um aeroporto particular com dinheiro público, em dirigir embriagado, no uso de drogas, etc.

Enunciados como esses, constituídos de negações que afastam de si as situações imorais, criminosas, “mal-vistas” pela sociedade, ao mesmo tempo em que constroem uma imagem positiva de quem denuncia, inserindo-o numa posição de superioridade em relação ao adversário, constroem a imagem de um oponente irresponsável, inconsequente e, portanto, inapto para assumir o cargo de Presidência da República.

Os dizeres agressivos raramente se dão de modo direto nos debates de 2014. Ainda há uma outra forma de agressividade indireta muito recorrente nesse confronto: a insinuação ou alusão. Vejamos uma ocorrência no terceiro bloco do debate<sup>93</sup> da TV Bandeirantes veiculado no dia 14 de outubro de 2014, em que Dilma dirige-se a Aécio:

---

<sup>93</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2pyO1KPMiOo>>. Acesso em: 10 fevereiro 2019.

**Queria lhe perguntar agora sobre como o senhor vê a questão da violência contra a mulher.** Para mim é um compromisso fundamental. Acredito que a violência que afeta a mulher atinge os lares, destrói laços familiares e inclusive prejudica jovens e crianças. Ela deve ser combatida em todas as suas dimensões. A lei Maria da Penha foi um grande avanço nesse sentido, aprovada no governo do presidente Lula e reprovada no meu governo, porque ganhamos no Supremo. **Se o senhor olhar a questão da violência contra a mulher, o senhor seria capaz de extinguir a secretaria que protege os direitos da mulher dentro do Governo Federal?** O senhor faria o quê para garantir que essa luta contra a violência continue?

Se não soubéssemos sobre os ataques feitos contra Aécio, acusando-o de ter agredido a ex-namorada, poderíamos considerar o questionamento de Dilma como uma pergunta genérica, relacionada unicamente às políticas públicas. Há um fazer-parecer debate de ideias que promove a discussão de uma temática genérica da política: políticas públicas que combatam a violência contra a mulher. Contudo, a pergunta de Dilma evoca outras memórias, outros saberes, dentre eles, uma notícia de que Aécio teria supostamente agredido a ex-namorada. A pergunta “genérica” reatualiza esses saberes e produzem agressividade, além de construir e ratificar a imagem de um candidato que não respeita as mulheres. A provocação, desse modo, formula-se sob a aparência de uma pergunta ou alusão, produzindo uma agressividade sutil e mordaz.

Apesar de observarmos uma série regular, desde 2002, que evidenciava uma estratégia de docilização dos candidatos petistas, nos exemplos supracitados (sobretudo 2, 3 e 4), nota-se, novamente, uma descontinuidade, uma vez que a agressividade se sobressai, materializada na ironia, em alusões. Segundo Foucault (1996), a regularidade, a descontinuidade, a dependência e a transformação são noções que estão articuladas nas séries. A respeito da descontinuidade, Foucault ressalta que “Não se trata, bem entendido, nem da sucessão dos instantes do tempo, nem da pluralidade dos diversos sujeitos pensantes; trata-se de cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis”. (FOUCAULT, 1996, P. 58). Apesar de uma relativa estabilidade, regularidade, que constituem as séries, a descontinuidade é intrínseca a sua transformação.

As análises apresentadas até então mostram uma agressividade indireta recorrente, que se materializa nas correções e repreensões da fala do outro, nas alusões e afirmações de si, e até mesmo entremeada às marcas de “cortesia”, como os “pedidos de desculpa” seguidos da conjunção “mas”, contribuindo para a produção de uma agressividade, ao

mesmo tempo indireta e estratégica, e abrindo caminho para a produção de efeitos mais diretos e ácidos nas eleições subsequentes.

Ainda que poucos, os ataques diretos se fizeram presentes, materializados sobretudo nas denúncias. Uma denúncia veiculada com frequência nos debates e no HGPE diz respeito à suposta criação de um aeroporto com dinheiro público num terreno da família de Aécio. Vejamos algumas ocorrências observadas nos debates, referentes ao primeiro turno:

**Luciana Genro:** [...] O teu economista que tu já ‘nomeou’ para banco central chegou a falar que o salário-mínimo aumentou demais e que o desemprego tem uma parte que é necessária para equilibrar a economia. Então, Aécio, tu ‘é’ tão fanático das privatizações e da corrupção que **tu ‘chegou’ ao ponto de fazer um aeroporto com o dinheiro público e entregar a chave para o teu tio, e isso tu ainda não ‘explicou’ devidamente para o povo brasileiro.** (01:05:00)<sup>94</sup>

**Dilma Rousseff:** Vou continuar nessa questão dos aeroportos. **Eu gostaria de saber, candidato, como é que o senhor explica** ter construído um aeroporto que na época custava R\$ 13,9 milhões, e que agora custa R\$ 18 milhões a preços de hoje, e que esse aeroporto foi construído num terreno de sua família, num terreno de um tio seu e a chave fica em poder dele, e isso não foi denunciado por mim, foi denunciado pela Folha de S. Paulo. (0:35:05)<sup>95</sup>

Na fala da candidata Luciana, há uma acusação direta e enfática: “tu ‘chegou’ ao ponto de fazer um aeroporto com o dinheiro público”, enquanto na fala de Dilma, a denúncia aparece de um modo menos direto: “**Eu gostaria de saber, candidato, como é que o senhor explica** ter construído um aeroporto”.

Ainda que se possa constatar uma acusação na fala da candidata petista, as formas polidas e, por vezes, o apagamento do sujeito, tornam a agressividade mais indireta. As expressões como “gostaria de”, a forma interrogativa “como o senhor explica [...]?” ao invés de uma afirmação peremptória, a voz passiva que caracteriza a frase “esse aeroporto foi construído”, contribuem, de certo modo, para amenizar os efeitos de agressividade e afastar até mesmo o sujeito enunciador da responsabilidade da denúncia, a qual é atribuída à Folha de S. Paulo. Isso, ao mesmo tempo, produz efeitos de credibilidade e autoridade ao que está sendo dito, visto que se trata de um jornal amplamente reconhecido, e também

---

<sup>94</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MpIiALqQg8A>>. Acesso em: 03 março 2019.

<sup>95</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UONc77EdF4A>>. Acesso em: 03 março 2019.

exime o sujeito da responsabilidade da acusação, afinal não é ele quem diz (“e isso não foi denunciado por mim”), mas sim, o jornal.

De 1989 até 2010, vimos que há certa regularidade em associar a imagem do PSDB ao elitismo e à sapiência, ao passo que, com relação ao PT, são construídas imagens de um partido cujos adeptos são mentirosos, cínicos, agressivos. Em 2014, os ataques pela posição partidária continuaram desse modo. No enunciado a seguir, o candidato Aécio qualifica as ações do PT, atacando assim o partido e seus aliados:

Aécio: “Candidata, eu não sei quem tem lhe dado esses números. Não repita aquela oposição **tão desqualificada que o PT fez ao nosso governo**. A senhora repete os mesmos números, não são verdadeiros, candidata. Aliás, não falar a verdade se tornou uma tônica da sua campanha. (00:11:11 – segundo turno)<sup>96</sup>

É interessante observar que as palavras “mentir”, “mentiras” não aparecem, mas sim “não falar a verdade” e “não são verdadeiros” são utilizadas. O uso desses termos ameniza a agressividade, ainda que ela esteja presente, uma vez que se nega a virtude ao invés de dizer o defeito. Utilizando a palavra “mentira”, “inverdades” ou “não falar a verdade”, a associação do Partido dos Trabalhadores com o dizer mentiroso foi uma recorrência também na campanha de Aécio.

Além dos ataques pela posição partidária, encontramos ataques aos programas de governo. Vejamos uma ocorrência em que Dilma acusa Aécio de ter em seu plano de governo a intenção de fazer medidas impopulares:

Dilma: “Quando Fernando Henrique, do seu partido, era presidente e entregou o cargo para o presidente Lula, o desemprego era mais que o dobro. O senhor falou que se eleito tomaria medidas impopulares, além da redução...de cortar empregos, acabar com o aumento real do salário-mínimo, quais outras medidas impopulares o senhor tem em mente?” (00:05:44 – primeiro turno)<sup>97</sup>

Ao retomar uma fala de Aécio sobre “medidas impopulares”, novamente se constrói a imagem de um governo que não governaria para o povo, reafirmando a imagem de elitista. A agressividade não se materializa somente nessa acusação referente ao plano de governo do candidato tucano, mas também nas nominalizações que representariam

---

<sup>96</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZT7DN-dbJn8>>. Acesso em: 03 março 2019.

<sup>97</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LFyMozFlyx4>>. Acesso em: 03 março 2019.

algo já dado e já pensado pelo candidato, como no enunciado “além da redução...de cortar empregos, acabar com o aumento real do salário-mínimo, quais outras medidas impopulares o senhor tem em mente?”. Nessa pergunta de Dilma, há um modo de argumentação, uma produção de um “fazer parecer” que estão discutindo meros aspectos do plano de governo, entretanto, muito mais que isso, há uma forte crítica a esse modo tucano de governar.

Dilma, por sua vez, além de lhe ser constantemente atribuído o adjetivo de “mentirosa”, ou frases como “faltar com a verdade”, “dizer inverdades” para caracterizar suas ações, constroem-se, ainda, a imagem de uma candidata que favorece regimes comunistas. Vejamos um fragmento em que isso ocorre:

Pastor Everaldo: “Candidata, o seu governo, ele favorece a ditadura cubana que não respeita os direitos humanos. A senhora construiu um porto lá mandando dinheiro do trabalhador para Cuba. Pergunto à senhora, é justo fazer isso com o dinheiro do suor, do sangue do trabalhador brasileiro?”<sup>98</sup> (00:10:05 – primeiro turno)

Esse tipo de sequência discursiva que acusa a candidata e seu governo de favorecer a ditadura cubana, por exemplo, se repetiu nos discursos no período do Impeachment de Dilma, e ganhou força nas eleições de 2018.

Outra questão iniciada em 2014, e radicalizada em 2018, foram as pautas de costumes, da qual destacamos a introdução da religião na política como forma de ataque. Nas campanhas eleitorais de 2014, emergem temáticas em defesa da família tradicional, ressaltando a presença do homem e da mulher como base de sua constituição. Quando isso ocorre, emergem discursos de resistência, como este apresentado abaixo:

Luciana Genro: “Eu vou perguntar para o Everaldo. Me permita lhe chamar de Everaldo, porque eu não gosto de misturar política e religião, acho que isso é impróprio. O senhor era da base do governo quando a presidente Dilma suspendeu o programa escola sem homofobia, isso gerou uma situação em que os professores não receberam esse material didático e o senhor não se sente responsável pelas mortes de homossexuais resultado do preconceito?” (00:28:19 – primeiro turno)<sup>99</sup>

---

<sup>98</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LFyMozFlyx4>>. Acesso em: 03 abril 2019.

<sup>99</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LFyMozFlyx4>>. Acesso em: 03 abril 2019.

Enquanto a maior parte dos candidatos e mediadores dirigem-se ao candidato enquanto “Pastor Everaldo”, como ele próprio se denomina, a candidata Luciana Genro o chama de Everaldo. O afastamento ou apagamento da profissão (pastor) anteriormente ao seu nome, como em “Eu vou perguntar para o Everaldo”, seria suficiente para a produção de sentidos de que o sujeito enunciador se insere em uma posição discursiva contrária à “mistura de religião e política”. Entretanto, além do apagamento da “profissão” de Everaldo, há uma explicação que produz efeitos de uma escolha consciente na retirada de “Pastor”, o que reitera e reafirma a posição defendida: “Me permita lhe chamar de Everaldo, porque eu não gosto de misturar política e religião”. Posteriormente a essa argumentação, a candidata cita uma pauta de costume acerca do Programa Escola sem Homofobia, questionando o pastor se ele se sentiria responsável pela morte dos homossexuais, uma vez que ele era base do governo de Dilma quando esse projeto foi suspenso. Primeiro, há uma argumentação que afasta política e religião, para, em sequência, inserir um questionamento que é comumente explicado pelo viés religioso, sobretudo pela figura de um pastor. Tais argumentos produzem o confronto do discurso religioso de defesa à família tradicional, historicamente reproduzido, com o discurso que emerge mais fortemente no final do século XX, que respeita a diversidade.

Ainda que a resposta do candidato tenha sido “Nunca tive preconceito, nunca fui responsável por morte nenhuma, [...] minha preocupação é com todo brasileiro sem discriminar ninguém” (00:30:26), a representação de seu partido, da bancada religiosa, bem como algumas de suas falas no HGPE, contrariam, de certo modo, a posição discursiva defendida nesse momento, e justamente pela recuperação dessa imagem construída sobre a posição de um pastor frente à referida questão, estabelecem uma relação de polêmica.

Segundo Amossy (2017), para que haja “polêmica”, é necessária a presença de uma polarização, nas palavras da autora, a dicotomização “tem um efeito sociodiscursivo. Ela produz uma polarização – não como operação quase-lógica, mas como agrupamento em dois campos antagonistas que desenvolvem uma hostilidade mútua. A polarização coloca um “nós” diante de um “eles” (p. 232). A pesquisadora compreende que, para que haja polêmica, duas posições antagônicas sejam postas numa relação em que se excluem mutuamente.

No caso analisado, estamos diante de um discurso polêmico, que dicotomiza, polariza e confronta. Essa polêmica, materializada na fala da candidata, produz o descrédito à tese e/ou à pessoa do outro. Ainda segundo a autora, “O polêmico (utilizo

este termo em seu sentido genérico, do mesmo modo que se diz “o político”) se situa num dos polos deste continuum. Enquanto tal representa uma modalidade argumentativa legítima.” (AMOSSY, 2017, p. 233).

Desse modo, a polêmica funciona como uma estratégia argumentativa, destinada a persuadir e também a produzir o dissenso, algo essencial no espaço democrático.

Vimos, até aqui, que os ataques se materializaram no “falar de si para desqualificar o outro”, na retomada e correção da fala do outro, nas denúncias, pela posição partidária, e temos também o ataque pela apresentação pessoal ou aspectos físicos. Vejamos duas ocorrências:

- (1) Aécio Neves: Mas não há, senhora candidata, e vou falar aqui, de forma muito franca, não há um sentimento de indignação, eu não vejo, em momento algum, a senhora dizendo: **não é possível que fizeram isso nas minhas barbas** sem eu saber o que estava acontecendo. Não, candidata. Esta indignação está faltando, mas eu a expressei aqui porque nós temos em nossas mãos uma oportunidade muito, mas muito preciosa de fazer o Brasil se reencontrar com os brasileiros. (Debate Record - 29 de setembro – 00:10:30)
- (2) Eduardo Jorge: Se auditar a nossa dívida e colocá-la numa ressonância, **ela vai sair magrinha, parecida com você**”. (Debate Band - 26 de agosto – 00:40:00)

Nessas duas sequências discursivas, observamos a presença de características físicas atribuídas às candidatas. Na primeira, há uma expressão que cita um aspecto físico, fazer algo “nas minhas barbas”, que significaria fazer algo muito próximo à pessoa. Das eleições anteriores, já destacamos algumas regularidades que atribuíram aos candidatos petistas o “não saber” irônico relativo aos casos de corrupção. Nessa sequência, há uma retomada desses sentidos, e a expressão “Minhas barbas” ao mesmo tempo em que a desqualifica enquanto “má gestora” – afinal não teria sido capaz de identificar a corrupção tão próxima a ela – Dilma é desqualificada também pelo gênero.

A expressão “fez isso nas minhas barbas” está associada ao imaginário de que são sempre homens que ocupam cargos de representantes políticos da sociedade (reafirmando a oposição público X privado, para a qual cabe à mulher o espaço privado e ao homem o espaço público). Há, desse modo, uma negação a tratá-la enquanto mulher, deslegitimando-a pelo seu gênero e pela sua gestão.

Na segunda sequência, o candidato Eduardo Jorge caracteriza a candidata Marina Silva pelo adjetivo “magrinha”, o que expõe a agressividade sob a forma de práticas

estigmatizantes que conferem ao insultado características físicas, sendo considerada por muitos uma posição machista. Numa entrevista posterior, o candidato alegou que não teria tido intenção de agredi-la, mas sim de lhe fazer um elogio. Para nós, analistas do discurso, as intenções do sujeito enunciador podem ser inúmeras, mas o que se torna relevante para a teoria, são as diversas construções de sentidos que o enunciado dito produziu. Dentre eles, imagens de um candidato machista que trata a mulher como magra e, portanto, fraca.

Enquanto uma é atacada pela negação da “feminilidade”, a outra é descaracterizada justamente pelo imaginário social de que a mulher seria o “sexo frágil”.

### 3.1.2 HGPE

Nos horários de propaganda política, observamos que a pauta de costumes, assim como alguns ataques contra posições partidárias, foram marcados pela falsa harmonia. Geralmente, a sequência discursiva trazia, num primeiro momento, uma afirmação cordial e polida, para, em sequência, introduzir uma crítica.

Vejamos duas sequências que ratificam a regularidade observada:

Pastor Everaldo: “Eu defendo a família como está na constituição brasileira. **Nós somos um país democrático** e respeito a todas as pessoas, **mas** casamento pra mim é homem e mulher”. (Programa do pastor Everaldo – 00:02:03 – primeiro turno)

Dilma: “**Não faço ataques pessoais** ao candidato adversário, **mas** é fato que ele representa um modelo que quebrou o país três vezes, que abafou todos os escândalos de corrupção, que privatizou o patrimônio público a preço de banana, que causou desemprego altíssimo, arrocho salarial e resseção, que se curvou ao FMI, que esqueceu os mais pobres, que não investiu nem na área social, nem na infraestrutura” (Programa de Dilma - 00:02:11 – segundo turno)

Nessas duas sequências, verificamos a produção de efeitos de uma falsa harmonia, de uma agressividade moderada e amenizada, que se materializa numa estrutura frasal que nega o interesse de ser preconceituoso ou de fazer ataques pessoais, para depois

acrescentar uma oração adversativa - tendo como regularidade o uso da conjunção “mas” – que introduzirá o argumento de maior valor.

No primeiro enunciado, afirma-se ser a favor de um país democrático e respeitar as pessoas, em sequência há uma afirmação de que o casamento só poderia ser feito entre homem e mulher, contrariando assim o discurso da democracia e igualdade, e imprimindo o preconceito.

Discursos como esse são movidos por um ressentimento anti-igualitário sobre o qual nos fala Zawadzki (2004), em que o sujeito se vê ameaçado pela inclusão daqueles que estavam à margem e pelos direitos que passam a contemplá-los igualmente. A afirmação “respeito a todas as pessoas, **mas** casamento pra mim é homem e mulher”, ainda que produza efeitos de agressividade e preconceito, aparece velada e não tão direta como veremos nas eleições de 2018.

No segundo enunciado, a candidata nega fazer ataques pessoais e elenca, em sequência, vários ataques ao adversário, enquanto homem político, e ao partido que ele representa, acusado de “escândalos de corrupção”, “privatização”, “desemprego”, “arrocho salarial”, dentre outros. Há sempre um enunciado que nega algum tipo de ataque, produzindo efeitos de harmonia, e um enunciado subsequente contendo a crítica, os dizeres agressivos.

Observamos, novamente, a produção de uma agressividade indireta, que se materializa sob formas de cortesia. Ressalta-se também a contínua associação do partido PSDB a imagens de elitistas (“esqueceu os mais pobres”), privatizadores e causadores de desempregos, como pudemos observar nas análises desde o período de 1989.

Desse modo, os ataques pela posição partidária são materializados ora entremeados a formas polidas, ora em frases acusatórias, produzindo uma agressividade mais direta. Em alguns momentos há, portanto, uma amenização da agressividade, por meio de frases como “Apresentador: ‘A campanha da Dilma **está faltando com a verdade** quando diz que o governo de Minas não paga o piso salarial dos professores’” (Programa de Aécio - 00:00:03 – 14/10/2014). Assim como nos debates, há uma recorrência na substituição do verbo “mentir” por “faltar com a verdade”. Em outros momentos, quando a acusação se dirige mais explicitamente ao PT, isto é, quando o nome do partido é evidenciado, a produção dos efeitos de agressividade é mais direta:

Apresentador: “Como sempre, **o PT adora apostar na confusão**”  
(Programa de Aécio - 00:00:41- segundo turno)

Apresentadora: “É assim que **o PT quer amedrontar você**, com **fofocas e boatos. Mentiras**. Mas na verdade, quem tem medo são **eles**.” (Programa de Aécio - 00:09:35 – segundo turno)

Apresentador: “**Dilma e o PT estão fazendo a campanha mais baixa, agressiva e mentirosa** de toda a história recente democrática do Brasil [...] inventam fatos inúmeros.” (Programa de Aécio - 00:00:38 – segundo turno)

O estigma de baderneiros, agressivos e mentirosos vinculado ao Partido dos Trabalhadores, desde 1989, continua sendo materializado nas frases acusatórias do HGPE de 2014. Enquanto em 2010, os ataques se centralizavam na pessoa de Dilma Rousseff, dirigindo a ela vários discursos sexistas, em 2014 personaliza-se o PT, a “quem” é endereçada grande parte dos ataques. Apesar de se priorizar o ataque ao partido, há sempre um deslizamento para a imagem da candidata. Constrói-se a imagem de um partido que personaliza o próprio mal, “demonizando-o”. É o PT que “**adora**” confusão, que quer “**amedrontar**”, que “**faz**” a campanha mais baixa. Ocorre, assim, uma personalização e uma generalização, de modo que qualquer pessoa que se vincula ao partido, que se denomina petista ou vota no PT pensaria do mesmo modo e seria “baderneiro”, “mentiroso” e “corrupto”.

É interessante observar a recorrência do termo “Dilma e o PT”, na descaracterização tanto da pessoa como do partido representado por ela. Essas oscilações entre partido e candidata produzem, ao mesmo tempo, efeitos de generalização, como de personalização e amplificação, uma vez que, não só a candidata Dilma, mas o Partido dos Trabalhadores, o que incluiria mais pessoas nesse processo de agredir, mentir e “fazer a campanha mais baixa da história”.

Para denominar o adversário, alternam-se entre os termos “Eles”, “PT”, “Partido dos Trabalhadores” e “Dilma”, produzindo, sobretudo, efeito de generalização, classificando todos eles de um mesmo modo.

Com relação à corrupção, desde 2006, tenta-se, enfaticamente, construir a imagem de um partido corrupto para o PT. A repetição do enunciado “o PT é corrupto”, ao longo dos anos, cristaliza uma imagem, perpetuando-se também na campanha de 2014:

(1) Apresentador: “Se eu falo a palavra ‘corrupção’, qual é o primeiro partido político que vem à sua cabeça?” (Programa de Aécio - 00:09:37 – segundo turno)

(2) Apresentador: Medo de perder a eleição, o poder, os privilégios, medo que se investigue a corrupção na Petrobrás ou as obras superfaturadas.” (Programa de Aécio - 00:00:38 – segundo turno)

- (3) Pastor Everaldo: “Escândalos de corrupção tem sido comum todos os dias nos jornais. Bilhões de reais são desviados”. “vou combater a roubalheira” (Programa do pastor Everaldo - 00:48:52 – primeiro turno)

Essas foram algumas denúncias feitas contra o PT acerca dos esquemas de corrupção tão evidenciados pela mídia. A primeira ocorrência traz uma imagem cristalizada (e, portanto, previsível) de que o PT é corrupto, sustentando, por meio de pré-construídos, que a corrupção é algo intrínseco ao referido partido.

Nas ocorrências 2 e 3, aparecem as nominalizações “a corrupção na Petrobrás”, “Escândalos na Petrobrás”, que produzem efeitos de evidência, de algo inquestionável. Há todo um raciocínio argumentativo que atribui ao PT a vontade de se manter no poder e o medo de perdê-lo, construindo assim efeitos de um partido que não respeita a democracia, de aparelhamento do Estado, dentre outros.

Além da construção de um fio discursivo, ao longo das eleições, de que o PT é corrupto, produziram-se imagens de um partido indecente e desrespeitoso. Vejamos uma ocorrência relativa à pauta de costumes, à moral e aos bons costumes, na fala de Aécio Neves:

O que nós queremos é ter de volta os bons valores que nós sempre tivemos. Meu amigo, minha amiga, eu comecei essa campanha convidando todos a serem bem-vindos a um novo jeito de governar, agora eu refaço esse convite: sejam bem-vindos os que querem a mudança, sejam bem-vindos os que querem um Brasil melhor, sejam bem-vindos os que querem decência e querem respeito. Sejam bem-vindos todos aqueles que, como eu, acreditam que nós temos um grande futuro pela frente. (Programa de Aécio Neves – 00:37:22 – segundo turno)

A frase de boas-vindas em “sejam bem-vindos os que querem decência e querem respeito”, produz, por meio de um jogo parafrástico, uma nítida diferença entre “nós” e “eles”. Enquanto “nós”, Aécio e seus seguidores, querem “ter de volta os bons valores”, o que alimenta um discurso de que a conjuntura política atual é indecente, e de que Dilma e todos os petistas não querem mudança e seriam contra os bons costumes. Aécio se apresenta como um porta-voz daqueles que querem mudança e como o único capaz de fazê-la.

Ao se expor o que se quer ter de volta (bons valores), constroem-se sentidos insultuosos, de que o que se tem, no momento, não é bom, “fere os bons costumes”, e

novamente, a etiqueta da “indecência” e da desmoralização é colada no partido oponente: o PT.

Outro fio discursivo, ao longo das campanhas eleitorais analisadas, é a contínua atribuição do adjetivo “comunista” ao PT e a seus adeptos. Vejamos uma ocorrência extraída de um dos programas de Aécio Neves:



**Imagem 22**

Locutor: “Dilma ajudou a construir um porto moderno, mas em Cuba, com o dinheiro dos brasileiros”. (Programa de Aécio - 00:09:15 – segundo turno)

Desde as eleições de 1989, o PT é retratado como “desordeiro”, “agressivo”, “baderneiro”, “subversivo”. Na sequência discursiva acima, por exemplo, recupera-se uma notícia do *site* do Jornal da Globo, que traz a informação de que Dilma teria ajudado a construir um porto em Cuba. Ressalta-se, na matéria, que esse porto foi construído “com dinheiro dos brasileiros”, induzindo que a presidenta Dilma, ao invés de investir no Brasil, apoiaria financeiramente países cujos regimes são comunistas.

Segundo Indursky (2003), no período eleitoral de 2002, ocorre um apagamento da palavra “comunismo”, entretanto:

este aparente apagamento mostra que, no Brasil, apenas mudou-se o modo de nomeá-lo. Não se fala mais de comunismo. Este “desaparece”, sendo substituído por uma outra designação, a esquerda. Estamos aí face a uma reformulação pelo viés da qual comunismo continua ressoando, produzindo um *efeito de memória* (COURTINE, 1981). (2003, p. 105)

O ódio ao comunismo vai aos poucos deslizando para o ódio à esquerda, de modo que a maneira como se caracterizavam o comunismo – atrelado à perversão, “diabolização”, desordem, terrorista e inimigo – passam a designar também o PT. Esses termos alimentam uma memória (do comunismo) que ainda permanece sustentando sentidos agora atribuídos ao Partido dos Trabalhadores.

Os estudos realizados por Mariani (1998) revelam que:

Com o golpe de 64, e principalmente após a edição do AI-5, as denominações *esquerda/esquerdista* e *comunista* vão cedendo espaço, na prática discursiva jornalística, a ênfase reiterada de algumas formas de designação sempre relacionadas ao comunismo/comunista: *subversivo, terrorista, inimigo*. (p. 226)

Apesar do termo “comunismo” ter sido silenciado, por vezes, desde a queda do muro de Berlim, há uma retomada da memória construída acerca desse regime na atribuição das mesmas características à esquerda, retomando e parafraseando enunciados do tipo “O comunismo é intrinsecamente perverso”<sup>100</sup> para “O PT é comunista”, logo o “O PT é intrinsecamente perverso”.

Para retomarmos a memória sobre o imaginário que se construiu a respeito do comunismo, vejamos um excerto das análises de Courtine (2009):

Particularmente, o comunismo, “doutrina” execrável, destrutiva até do direito natural (Pio IX, *Qui pluribus*, 9 de novembro de 1846), “seita bárbara”, incluído nas sociedades clandestinas no *Syllabus* (8 de dezembro de 1864), “peste mortal que, se inserido nos membros da sociedade humana, não a deixa descansar e lhe prepara novas revoluções e funestas catástrofes” (Leão XIII, *Inscrutabili*, 21 de abril de 1878) [...] Em uma concepção organicista da sociedade como “corpo social” em que as classes sociais (as “ricas” e as “pobres” participam da harmonia do todo, tal como se completam os membros do corpo humano), a luta de classes é concebida como o mal fundamental (COURTINE, 2009, p. 134).

Os sentidos “etiquetados” ao comunismo e ao socialismo – desordem, subversão, um mal a ser combatido – deslizam-se para a esquerda, tratando como sinônimos a “esquerda”, o “socialismo”, o “marxismo”, o “comunismo” e o “PT”, como se todos esses termos significassem a mesma coisa, e o Partido dos Trabalhadores seria a soma de todos

---

<sup>100</sup> Frase de Pio XI estampada em uma faixa no comício “mão estendida” em Lyon (1976).

eles. Veremos, mais à frente, nas análises referentes ao período da eleição de 2018, a retomada do termo “comunismo”, e a enfática associação ao referido partido.

### 3.1.3 Sites oficiais

Nos *sites* oficiais, produz-se uma agressividade programada, ressaltando duas temáticas que também apareceram nos debates e no HGPE, a saber: a vinculação de Aécio ao desrespeito à Lei Seca e de Dilma à ação de mentir. Vejamos como a agressividade se materializou nessas temáticas acusatórias:



[www.dilma.com.br](http://www.dilma.com.br)

Imagem 23



[www.aecioneves.com.br](http://www.aecioneves.com.br)

Imagem 24

Na imagem 23, apresentada no *site* da candidata Dilma, aparecem duas fotos: a primeira refere-se a uma notícia produzida em 2009 de que Aécio participava de uma campanha educativa que alertava sobre os perigos de dirigir alcoolizado. A segunda foto, por sua vez, remete a outro fato, quando Aécio teve sua habilitação apreendida, por dirigir sob efeito do álcool. A reatualização do provérbio “Faça o que eu digo, não faça o que eu faço” desqualifica o candidato cujo dizer e agir são incoerentes, constituindo, assim, um ataque à própria pessoa do opositor, uma vez que se supõe uma inconsistência entre seu comportamento e o argumento, uma contradição, produzindo, desse modo, agressividade e desqualificação do oponente pela incoerência. Esses sentidos deslizariam para o candidato, para suas propostas, descredibilizando-as, visto que um sujeito incoerente pode prometer e depois não cumprir.

A imagem 24, exibida no *site* do candidato Aécio, diz respeito a uma seção denominada “Dilmentirômetro”, que corresponde a uma “versão atualizada” de outros espaços criados nos *sites* de campanha de 2010 e 2012, os quais eram chamados de “Combata o boato” e “Compare as campanhas”.

Essa seção contabilizava as “mentiras” ditas pela candidata, e as respectivas “verdades” sobre os fatos. O próprio neologismo “Dilmentirômetro”, associado à caricatura de Dilma e às afirmações acusatórias produzem a imagem de uma candidata mentirosa, alcunha também atribuída a ela e ao seu partido nos debates e HGPE.

Courtine (2013) atesta que toda imagem está inscrita numa cultura visual, e essa cultura supõe a existência de uma memória visual, de modo que toda imagem teria um eco. No material analisado, o eco está materializado no nariz saliente que compõe a caricatura de Dilma, retomando um já-dito imagético: uma memória da história do personagem Pinóquio.

A frase que acompanha a imagem “As mentiras do PT não têm limites, mas têm as pernas curtas”, além de dialogar com o ditado popular “mentira tem pernas curtas” – confirmando o que Foucault ([1969] (2010)) revela sobre o enunciado ter sempre “margens povoadas de outros enunciados” e que “não há enunciado que, de alguma forma ou de outra, não reatualize outros enunciados” - , materializa-se no próprio corpo caricatural da candidata, pois assim como as “pernas” da mentira, as pernas da candidata também estão desproporcionalmente diminuídas. A agressividade, portanto, se materializa nos elementos do corpo (pernas, nariz), associando-a ao argumento *ad hominem*, que focaria mais na pessoa do que na sua tese (Amossy, 2017).

Os insultos, sobretudo nos *sites*, reduziram a política ao corpo: mentiroso, incoerente ou bêbado.

### 3.1.4 Redes sociais

Em uma reportagem realizada pela BBC Brasil<sup>101</sup>, destacou-se que as eleições de 2014 foram aproximadamente três vezes mais movimentadas – quando comparada às

---

<sup>101</sup>Disponível em: [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028\\_eleicoes2014\\_internet\\_rb](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028_eleicoes2014_internet_rb). Acesso em 14 dezembro 2019.

eleições anteriores na Índia (que apresenta um número de usuários superior ao Brasil) -, com 674,4 milhões de interações no Facebook, em apenas três meses de campanha, o que resulta numa média de 5,96 milhões por dia.

A notícia também ressalta a maior preocupação, por parte dos candidatos, em relação às campanhas nas mídias sociais, em 2014. Aécio Neves e Dilma Rousseff, por exemplo, trabalharam com equipes especializadas em campanhas políticas nessas redes.

Segundo o diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro (ITS-Rio), Carlos Affonso Pereira de Souza, como relatado na mesma reportagem: "Esta foi a eleição da internet de certa forma. Redes sociais foram fundamentais para disseminar informações e gerar debate. Muita gente se informou e se desinformou por assim".

Tendo em vista a relevância das redes sociais em relação à eficácia de seu uso no *marketing* político e ao aumento exponencial de seus usuários nesse período eleitoral, decidimos, a partir dessas eleições, analisarmos o discurso agressivo que também passa a ocupar esses espaços de modo mais preponderante.

Consideraremos como redes sociais, *sites* de relacionamento que permitem o compartilhamento de informações entre seus usuários, dentre eles, destacaremos o Facebook.

A agressividade nas redes sociais atinge dimensões maiores e mais intensas se compararmos com os discursos insultuosos produzidos nos debates, nos HGPE e nos *sites* oficiais, justamente por possibilitar a postagem de mensagens por meio de perfis fictícios – o que produz a sensação de inimputabilidade – , a possibilidade de adesão do internauta a diferentes grupos ou microcomunidades, a utilização de robôs que potencializam a produção e compartilhamento dos dizeres agressivos, dentre outros fatores.

Com relação à adesão a grupos, notamos, em nossas análises, que esse aspecto propicia um aumento da agressividade, por serem espaços onde se compartilham os mesmos interesses. Podemos comparar esse espaço com uma torcida num campo de futebol, que “defende” os mesmos ideais: a vitória do time em questão. Um membro dessa mesma torcida, impulsionado por outros que pensam igual a ele, pode proferir dizeres agressivos, dos quais talvez se envergonharia se dissesse sozinho, ou nem mesmo diria, em virtude das possíveis retaliações. Algo parecido ocorre nos grupos virtuais. Vejamos algumas postagens feitas no grupo “Dignidade médica” durante a campanha eleitoral de 2014:



Imagem 25

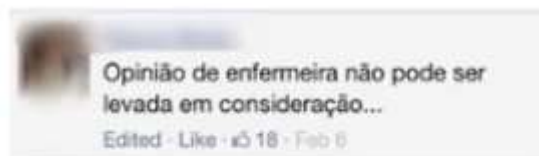


Imagem 26



Imagem 27



Imagem 28

Escolhemos essas imagens pela repercussão e polêmica que instauraram, visto que se tornam notícias em vários *sites*. As postagens acima receberam várias denúncias, e por isso, a Procuradoria Geral da República instaurou processos criminais para punir os autores das mensagens preconceituosas.

Procura-se atingir o adversário desqualificando-o pela sua situação econômica – como exposto na imagem 25, por meio da sequência discursiva “no nível de conversa que pobre entende” – pela sua profissão – ratificado na imagem 26, em que a opinião de profissionais de enfermagem não deve ser levada em consideração – pela sua vinculação partidária – “degole-se o PT”, como enunciado na imagem 27 – e por sua vinculação geográfica – “Médicos do nordeste, causem um holocausto por aí” (uma convocação e incitação ao ódio), como mostra a imagem 28.

Os efeitos produzidos por essas sequências discursivas deixam de ser somente ofensivos e se tornam igualmente intolerantes, atingindo o que denominamos como agressividade descontrolada, pura ou intolerante. Essa agressividade e intolerância, muitas vezes, são entendidas como franqueza, ocorrendo assim uma disputa entre os sentidos de “ser agressivo” e “ser franco”. Essa dualidade se tornou muito recorrente nas redes sociais, e para justificar o “dizer qualquer coisa”, valem-se dos direitos da

“liberdade de expressão”, construindo, para uns, efeitos de verdade e franqueza, e para outros, agressividade e intolerância, dependendo das posições discursivas ocupadas pelos sujeitos.

### **3.1.5 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas, *sites* oficiais e redes sociais em 2014:**

Por meio de nossas análises, constatamos que as campanhas eleitorais de 2014 priorizaram os ataques indiretos contra os adversários, porém não menos agressivos. Nos debates e no HGPE, a agressividade materializou-se nas denúncias, pelas posições partidárias, nas apresentações pessoais, no “falar de si para desqualificar o outro”, na ironia, na insinuação ou alusão, na “repreensão do adversário e correção da fala do outro”. No HGPE, em especial, observamos a questão da pauta de costumes e ataques contra posições partidárias marcados pela falsa harmonia. Essa luta discursiva relativa à pauta de costumes e a questão da homofobia é marcada e materializada, sobretudo, nas falas do pastor Everaldo e da candidata Luciana Genro, o primeiro dizendo “respeito a todas as pessoas, **mas** casamento pra mim é homem e mulher” (HGPE) e “Nunca tive preconceito” (Debates) – o que mostra ainda uma hesitação em tomar uma posição contra a homofobia – e a fala acusatória da candidata “o senhor não se sente responsável pelas mortes de homossexuais resultado do preconceito?”. Ainda que os temas polêmicos sejam discutidos, há uma contínua produção de efeitos de harmonia, que os deixam menos diretos e camuflados por um discurso que ora o afirma, ora o nega.

Segundo Chiari (2017), na campanha de 2014, foi observado:

a circulação de discursos que evidenciam o paradoxo do “fazer-expôr” e “fazer-calar”. Ao mesmo tempo em que há uma urgente e constante interpelação para que o sujeito se posicione a qualquer custo, exponha seus pensamentos, sobretudo nas redes sociais, produz-se, em contrapartida, o paradigma do silêncio, cujo objetivo parece ser a construção de um rosto “ideal”: face imóvel, uma contemplação inerte, que elimine ou ao menos reduza qualquer tentativa de expressar emoções. (p.95)

Os *sites* e as redes sociais, por sua vez, apresentaram ataques mais diretos, produzindo agressividade e intolerância, sobretudo no Facebook.

Há alguns fios discursivos, em todos os *media* analisados, que se mantêm nas eleições de 2014, dentre eles, a desconstrução da candidata Dilma pela desqualificação de seu partido, o qual é caracterizado constantemente como corrupto e “comunista”. As características atribuídas ao seu partido deslizam para a candidata, considerada também corrupta, falsa e mentirosa. Além de ser desqualificada pelo partido, Dilma também sofre ataques em relação ao gênero e à apresentação pessoal (comportamento, posição ou fala), mostrando que há, ainda, no imaginário social brasileiro, um discurso de que a mulher deve ocupar somente o espaço privado, do lar. Esses discursos agressivos contra a Dilma mostram que está na estrutura de nossa sociedade a exclusão da mulher na disputa pelos espaços de poder. Quando ocorre uma ameaça de ocupação desses lugares antes “masculinos”, as ações de agressividade se exacerbam, numa tentativa de preservar resquícios do patriarcado, reafirmando uma hierarquização por meio de discursos misóginos. Como disse Zawadski (2004), a desnaturalização da hierarquia (ou da desigualdade) - e acrescentamos, a resistência que se constrói contra esses discursos agressivos e sexistas, como a própria participação de uma candidata mulher -, produzem condições de emergência do ressentimento, da indignação e do ódio.

Outro fio discursivo é a contínua atribuição da imagem de elitistas, privatizadores e causadores de desemprego ao PSDB, materializando e enfatizando essa agressividade em acusações de que o referido partido “esqueceu os mais pobres”.

Todos esses ataques são amplificados nos *sites* – de modo mais agenciado e programado – e nas redes sociais, focando a pessoa e reduzindo a política ao corpo: mulher, mentirosa, bêbado.

### **3.2 Eleição presidencial de 2018 - Entre a fala franca e o dizer agressivo**

Nas eleições de 2018, treze candidatos participaram do pleito eleitoral, a saber: Jair Bolsonaro (PSL), Fernando Haddad (PT), Álvaro Dias (PODE), Cabo Daciolo (PATRI), Ciro Gomes (PDT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB), João Amoêdo (NOVO), João Goulart Filho (PPL), José Maria Eymael (DC), Marina Silva (REDE) e Vera Lúcia (PSTU).

A campanha de 2018 foi, indubitavelmente, um “divisor de águas” em relação às outras campanhas, no que diz respeito às formas e níveis de agressividade. Se a campanha de 2014 foi considerada, até esse período, a mais agressiva desde 1989, a eleição de 2018 veio para desconstruir hipóteses e reavaliar o que antes compreendíamos como agressividade “sem limites”. O que anteriormente podíamos classificar como agressividade “extrema”, “sem limites” passa a ser apenas “agressividade”, justamente porque é em 2018 que esses limites são rompidos, chegando à intolerância e à violência física. É por isso que compreenderemos as eleições de 2018 como um acontecimento discursivo, dada a novidade nas formas, no grau e na intensidade dos dizeres agressivos.

### 3.2.1 Debates

Os debates das eleições de 2018 pautaram-se nos ataques pela apresentação pessoal, pela posição partidária, pelas denúncias, pela contínua denominação do comunismo e pela utilização da pauta de costumes como arma de ataque.

Começaremos apresentando algumas análises referentes ao ataque pela apresentação pessoal, que (des)caracterizam o comportamento, a posição ou a fala dos candidatos. Veremos que os fragmentos são caracterizados por um falar direto, “sem rodeios”, de modo que a agressividade é materializada nas seguintes frases acusatórias:

- (1) Boulos: “Deputado Bolsonaro, **o Brasil inteiro sabe que você é racista, machista, homofóbico.** (00:56:56 – primeiro turno)<sup>102</sup>
- (2) Boulos: “Olha, Meirelles, primeiro de fato, você falar em trabalho, me parece algo muito estranho, porque **você é um banqueiro**, banqueiro não trabalha, não é? E me parece mais estranho ainda porque **você é um dos responsáveis** por ter tanto desempregado no país.” (00:13:50 - primeiro turno)<sup>103</sup>
- (3) Marina Silva: “O Bolsonaro **tem uma atitude autoritária, antidemocrática, desrespeita as mulheres, desrespeita os índios, desrespeita os negros, desrespeita a população brasileira.** Mas com essa frase ele também **desrespeita** a Constituição, **desrespeita** o jogo democrático. Em uma democracia, se não temos comprovação de que houve uma fraude, não se pode entrar no jogo se for para você ganhar de qualquer jeito. Para mim essas palavras de Bolsonaro, além de desrespeito à democracia, só podem ser uma coisa: o Bolsonaro **fala muito grosso, mas tem momentos em que**

---

<sup>102</sup>Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)>. Acesso em: 15 maio 2019.

<sup>103</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QfJhJwMrpc>>. Acesso em: 15 maio 2019.

**ele amarela. E amarela** mesmo, porque isso são palavras de quem já está com medo da derrota” (01:16:24 - primeiro turno)<sup>104</sup>

Nas ocorrências (1) e (2), verificamos uma sequência discursiva regular, constituída, numa relação predicativa, de um **sujeito** seguido pelo verbo **ser** no presente e seu **atributo**:

$$X \text{ é } \left\{ \begin{array}{l} \dots\text{ista} \\ \dots\text{fóbico} \\ \dots\text{eiro} \end{array} \right.$$

Esse tipo de sequência tornou-se regular nas eleições de 2018, diferenciando-se em muitos aspectos das eleições de 2014, em que a agressividade indireta era mais recorrente, sobretudo pelo uso contínuo da ironia, recurso exposto na tabela como uma das formas de agressividade.

Se em 2014, as sequências discursivas eram modalizadas, constituídas por “insultos”, acompanhados por pedidos de desculpas, que produziam os efeitos de falsa harmonia, em 2018, por meio de sequências discursivas como esta “X é Y”, produzem efeitos de uma agressividade direta, “rotuladora”, sem qualquer tentativa aparente de minimização de seus efeitos. Os sufixos, como os listados acima (-ista, -fóbico, -eiro) – também utilizados com recorrência na campanha de 1989 – colaboram para a produção de dizeres agressivos e taxativos, colocando (e restringindo) cada candidato como pertencente a uma determinada posição, seja ela “homofóbica”, “machista”, “esquerdista”, dentre outras. Diferentemente das eleições anteriores, em que se evitava o confronto direto, substituindo o “você” por “senhor(a)”, “Candidato(a)”, em 2018, o pronome “você” é utilizado com frequência, produzindo efeitos de desierarquização e proximidade agressiva.

Ainda sobre o primeiro enunciado, nota-se uma variação da expressão “todo mundo sabe” para “O Brasil inteiro sabe”, funcionando assim como uma estratégia discursiva que produz efeitos de evidência, verdade, algo já dado.

Ainda sobre a sequência 2, observamos a materialização de um ressentimento e indignação contra uma elite econômica. Trata-se de um ressentimento igualitário, como teorizado por Zawadski (2004), provocado por uma injustiça e pelo desrespeito a um

---

<sup>104</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWAwTpd7IEc>>. Acesso em: 15 maio 2019.

princípio democrático. Nesse caso, “o ressentimento nasce de um sentimento de impotência e injustiça numa situação de igualdade aviltada” (ZAWADSKI, 2004, p. 381). Pelo próprio uso do pronome “você”, observa-se uma recusa da histórica hierarquização, evidenciando, até mesmo nas formas de tratamento, um princípio de igualdade. Observamos, por meio desses discursos, a materialização de um ressentimento do proletariado, que toma a forma de um discurso de denúncia da desigualdade.

Voltando à análise das sequências, na terceira ocorrência, desqualifica-se a atitude do candidato Bolsonaro também por outra sequência regular:

$$X \left\{ \begin{array}{l} \text{[Nome do candidato]} \text{ ou ele} \end{array} \right. \text{ desrespeita } Y \left\{ \begin{array}{l} \text{as mulheres} \\ \text{os índios} \\ \text{os negros} \end{array} \right.$$

Tal sequência produz efeitos de uma agressividade direta, justamente por atribuir ao candidato atitudes que contrariam valores democráticos.

Posteriormente, atribui-se ao candidato o “falar grosso”, e a ação de “amarelar”, constituindo, assim, o que Amossy (2010) designa como argumento *ad hominem*, pois ataca mais a pessoa do que sua tese, focando suas características ou personalidade.

As repetições enfáticas das palavras “amarelar” e “desrespeitar” aumentam a intensidade dos dizeres agressivos.

Com relação aos ataques feitos pela denúncia, as acusações pautavam-se desde o fato de terem privilégios, receberem auxílio moradia tendo casa, empregar servidor fantasma, até a delação de assassinato, roubos (roubar dinheiro da merenda, por exemplo) e planejamento de explosão de bombas. Vejamos as seguintes ocorrências:

- (1) Boulos: “**Você** tem 27 anos como deputado, ficou 10 anos no partido do Paulo Maluf, tem mordomias, recebeu auxílio moradia, tendo casa, comprou 5 imóveis, fez da política um negócio em família, com um monte de filho também no mesmo esquema que **você**. Bolsonaro, queria saber uma coisa e acho que é importante que o Brasil saiba. **Quem é a Val, Bolsonaro?** (00:57:00 - primeiro turno)
- (2) Boulos: “O capitão que foi expulso pelo exército porque **queria jogar bomba** lá em algum lugar” (referindo-se a Bolsonaro quando fala que o Brasil terá um capitão) (03:17:40 - primeiro turno)
- (3) Bolsonaro: “Não fui expulso e nem botei bomba em lugar nenhum. [...] **colocar bomba, colocava tua ex-chefe Dilma Rousseff, que matou gente** inclusive, como matou **Mario Covas Del Filho** em São Paulo, explodindo um QG daquele exército, como matou a

coronhada, o seu grupo VPR, o seu grupo VPR do tenente Alberto Mendes Júnior lá nas matas do rio Ribeira de Guape.” (03:19:05 - primeiro turno)<sup>105</sup>

- (4) Boulos: “O que eu e o Brasil todo queremos saber sobre a educação, Alckmin é “Cadê o dinheiro da merenda?” (00:12:10 – primeiro turno)
- (5) Boulos: Agora Alckmin, **a gente sabe muito bem** que **você** apresenta um paraíso aí que não existe e **a gente sabe que** apesar de alguns chamarem assim, você não é nenhum santo, **nós sabemos que** não é apenas a questão da merenda, é o **escândalo do trem salão, é o escândalo do rodoanel, é o escândalo do metrô**, eu e meu partido não temos rabo preso e o sentimento do povo nas ruas, Alckmin é que **você é o Sérgio Cabral** que não está preso. (00:13:46- primeiro turno)<sup>106</sup>
- (6) Cabo Daciolo: “O senhor pegou dinheiro emprestado do banco público numa taxa de 18 por cento, o senhor fez o Brasil ficar endividado até 4 vezes mais [...] **o senhor e os banqueiros do Brasil ficam roubando a nação e matando nosso povo**”. (00:36:09 – primeiro turno)<sup>107</sup>

Nas ocorrências 1 e 5, verificamos novamente a utilização do pronome “você”, seguido do verbo “ser” (“Você não é nenhum santo”, “Você é o Sérgio Cabral que não está preso”) na constituição de sentenças acusatórias.

O uso do predicativo, como observado acima, também se dá na ocorrência 6, em que se atribui ao Meirelles e aos banqueiros a ação de “ficar roubando” e “matando” o povo. Tal uso recorrente expõe um confronto mais direto e agressivo.

Outra regularidade linguística nos ataques feitos pela denúncia é a sequência “Cadê o X?” (4) e “Quem é Y?” (1) – marcados pelo dizer irônico - que nesses casos são preenchidos, respectivamente, por “Merenda” e “Val”. Essas perguntas faziam referência a notícias sobre corrupção amplamente divulgadas, e obrigavam, de certa forma, o outro a falar sobre isso. Esse tipo de estratégia argumentativa se aproxima dos embates entre Dilma e Aécio em 2014, em que se faziam uma pergunta, aludindo a um tema polêmico, tratado pela mídia, para assim, atacar o adversário.

Além do uso do predicativo e das frases interrogativas, outra regularidade linguística é o uso de orações subordinadas adjetivas explicativas, como “o capitão que... foi expulso pelo exército” (2), “Dilma Rousseff que...matou gente” (3), as quais produzem

---

<sup>105</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)>. Acesso em: 10 julho 2019.

<sup>106</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSgq-tZiAkU>>. Acesso em: 10 julho 2019.

<sup>107</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSgq-tZiAkU>>. Acesso em: 05 agosto 2019.

efeitos de uma informação já dada e cristalizada no conhecimento de todos. Esses efeitos também são construídos pelas expressões “a gente sabe muito bem”, “a gente sabe que”, “nós sabemos que” (5), produzindo sentidos de evidência, de pré-construído, de que há um saber anteriormente compartilhado. Sobre o pré-construído, para Pêcheux, nas palavras da pesquisadora Gregolin (2003, p. 26), "há um pré-asserido que se impõe ao sujeito e vai permitir o processo de produção do discurso. É a tomada de posição do sujeito falante em relação às representações de que é suporte".

Um aspecto que também faz parte da “denúncia” e merece destaque foi a denominação do “comunismo” atribuído ao PT, PSOL, PSTU, PDT e REDE. Em 2014, sugeriam que o governo petista favorecia a ditadura cubana, sem citar os termos “comunismo” ou “comunista”, muito diferente do que ocorre em 2018, em que tais termos ganham visibilidade:

- (1) Álvaro Dias: “Não permitirei que o BNDES empreste dinheiro a **ditadores sanguinários**, para construir metrô na **Venezuela**” (02:34:10 – primeiro turno)<sup>108</sup>
- (2) Bolsonaro: “Nós precisamos de um presidente honesto, [...] um presidente que deixe para trás o **comunismo e socialismo**, que sepulte o foro de São Paulo, que faça negócio com o mundo todo, não mais pelo **viés ideológico**, que pratique, sim, o livre mercado.” (03:42:45 - primeiro turno)<sup>109</sup>
- (3) Cabo Daciolo: “Nós vamos baixar juros, vamos baixar tributos e vamos entrar com infraestrutura no nosso país, investimento, **não pra Venezuela**, pra tentar botar o **comunismo** no Brasil, no Brasil não, no Brasil é patriotismo, nacionalismo e civismo, **comunismo fica lá na Venezuela**. 414 milhões investidos na Venezuela, na Argentina, no Peru, e nada no Brasil.” (03:00:22 - primeiro turno)<sup>110</sup>
- (4) Álvaro Dias: “os senhores alimentaram **ditaduras corruptas e sanguinárias** com dinheiro público do Brasil” (00:27:00 - primeiro turno)<sup>111</sup>
- (5) Álvaro Dias: “E nós verificamos que os governos brasileiros, os últimos governos, **utilizaram recursos do BNDES, por exemplo, para construir porto em Mariel, Cuba**, hidroelétrica e metrô em Caracas, ao invés de contribuir numa parceria público privada para

---

<sup>108</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)>. Acesso em: 01 setembro 2019.

<sup>109</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)>. Acesso em: 01 setembro 2019.

<sup>110</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWAwTpd7IEc>>. Acesso em: 01 setembro 2019.

<sup>111</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSGq-tZiAkU>>. Acesso em: 01 setembro 2019.

a despoluição do Rio Tietê ou para a despoluição da baía de Guanabara. (01:38:30 - primeiro turno)<sup>112</sup>

Para se referirem ao comunismo e aos comunistas, as designações são variadas: “comunismo” (2) (3), “socialismo” (2), “ditaduras corruptas” (4), “ditaduras sanguinárias” (4). A emergência da candidatura de extrema direita, representada pelo Bolsonaro, colabora, dentre outros fatores, para a utilização mais explícita dessas designações. Dentre os vários efeitos desses enunciados, um deles é produção de sentidos de que o “comunismo” representa uma ameaça social, inclusive de morte. Criam-se, nos debates e em outros *media*, verdades locais (Foucault, [1969] 2010), que convocam os sujeitos a tomar uma posição de repulsa ao comunismo.

Os países “Venezuela” e “Cuba” são citados com frequência como destinos do dinheiro público brasileiro. Tais denúncias de associação do Brasil com países cujos regimes são comunistas produzem sentidos de que o Brasil pode também ser comunista, ou que é controlado por eles, dada a proximidade na relação entre esses países, já que “**Alimentaram ditaduras**” (4), “**empreste dinheiro a ditadores**” (1), “**Utilizaram recursos [...] para construir porto em Cuba**” (5). Para relacionar o Brasil aos países de regime comunista, os verbos “Alimentar”, “emprestar” e “utilizar recurso” são frequentemente utilizados, construindo efeitos de proximidade entre eles.

Na ocorrência 2, além do termo “comunista” que se tornou tônica de várias campanhas, a expressão “viés ideológico” também ganha destaque. Constroem-se discursos, advindos de um posicionamento discursivo de “Direita”, que sustentam uma ideia de que é possível “ser neutro”, “não ter ideologia”, sempre atribuindo ao outro (o PT), uma fala ideológica. Criam-se imagens de um partido, intrinsecamente “ideológico”, “enviesado”, um mal a ser combatido, assim como foi o comunismo. Ademais, a palavra “ideologia” também passa a ter carga semântica negativa, quase como “corrupção”.

Além das denúncias e constantes referências ao regime comunista, a agressividade se materializou também nos ataques pela posição partidária. Vejamos algumas ocorrências:

---

<sup>112</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 01 setembro 2019.

- (1) Cabo Daciolo: Agora quanto à infraestrutura, [...], **os senhores PT com PMDB**, os dois, casazinho, os dois juntos **que ficaram 13 anos afundando nosso país**, [...]" (01:05:00 - primeiro turno)<sup>113</sup>
- (2) Cabo Daciolo: “**Os senhores, PT e PSDB, estão treze anos no poder, massacrando o povo**, o que que o senhor investiu, o que que o partido do senhor investiu [...] 4 anos como prefeito, não fez nada para a prefeitura de São Paulo e quer virar presidente. Presidente de quê? O senhor tem que aprender muito, o senhor tem que caminhar muito. O Lula é líder, o senhor tem que aprender muito pra virar um líder. (02:53:45 - primeiro turno)
- (3) Marina Silva: “Para que a gente não tenha que ficar **entre a espada do autoritarismo**, proposto pelo **Bolsonaro**, nem **a cruz da corrupção que a candidatura do PT** não reconhece que teve durante o governo do PT e de que agora é preciso explicar para o povo brasileiro essa história de que rouba, mas fez.” (01:35:30 - primeiro turno)<sup>114</sup>
- (4) Cabo Daciolo: Primeiro, eu quero dizer à nação brasileira e identificar os culpados de estarmos com 14 milhões de desempregados. **Representam ele aí Meirelles e Haddad, PT e PMDB. Afundaram o país e botaram o país nessa lama**, nessa lama. [...] **aí você pega a estrutura PT e PSDB, os fracos ali**, e sabe o que eles fazem? Vão investir fora do país, eles vão dar emprego para trabalhadores de outra nação. (02:57:40 - primeiro turno)<sup>115</sup>
- (5) Bolsonaro “Tudo o que o **PSDB e o PT** fizeram ao longo de vinte anos chegou a esse caos: o desemprego. (00:43:19 - primeiro turno)<sup>116</sup>
- (6) Álvaro Dias: “Mais uma vez aqui se confirmou que na olimpíada da **mentira o PT** ganha medalha de ouro” (00:21:07 – primeiro turno)<sup>117</sup>

Há uma recorrência em evidenciar a dualidade de dois partidos, PT e PSDB ou PT e PMDB (ocorrências 1, 2, 4 e 5). Os verbos que caracterizam as ações desses partidos, como “afundar” o país (1), “massacrar” o povo (2), “roubar” (3), “botar o país na lama”

---

<sup>113</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWAwTpd7IEc>>. Acesso em: 06 outubro 2019.

<sup>114</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWAwTpd7IEc>>. Acesso em: 11 outubro 2019.

<sup>115</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWAwTpd7IEc>>. Acesso em: 11 outubro 2019.

<sup>116</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 11 outubro 2019.

<sup>117</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QfhhJwMrpc>>. Acesso em: 11 outubro 2019.

(4), criam imagens de partidos corruptos e ineficientes, reforçando, dentre outros imaginários, a imagem de que o PT é corrupto e mentiroso (3) e (6).

Ainda sobre os ataques pela posição partidária, mesmo que partidos como PSL, PSDB e PMDB sejam atacados, o PT e outros partidos que tenham alguns posicionamentos de esquerda, de modo geral, parecem ser o alvo das críticas. Vejamos os enunciados nos quais se veiculam críticas a um posicionamento de esquerda:

- (1) Alckmin: “Olha esse é o nível do candidato que representa, né, candidato à presidência da República. Eu tenho 40 anos de vida pública, **sempre trabalhei, não fui desocupado, não invadi propriedade, não tenho nenhuma condenação**, 40 anos de vida pública, vida limpa, a merenda escolar fomos nós que descobrimos.” (00:14:10 - primeiro turno)<sup>118</sup>
- (2) Meirelles: “Essa equipe que eu montei [...] ganhou milhões de empregos no Brasil, **mas criou milhões de empregos para quem, de fato, trabalha, não é? Não é apenas para quem faz agitação e procura ocupar a terra de outras pessoas que trabalharam duro**, não é verdade? (00:49:08 - primeiro turno)<sup>119</sup>
- (3) Boulos: “Como você, Meirelles, como o povo pode acreditar que você vai combater a corrupção, se você faz parte da turma do Temer, do partido do Temer?” (00:12:09)<sup>120</sup>  
Meirelles: “Eu sou o candidato que faço parte da minha história. **E a minha história é uma história de quem trabalha**, em primeiro lugar. **Sei que pode parecer estranho pra você essa história de trabalhar**. Trabalho, trabalho duro e não tenho nenhuma denúncia por corrupção.” (00:12:30 - primeiro turno)<sup>121</sup>

Nesses fragmentos, verificamos a produção de uma agressividade indireta, que, aliás, tem sido uma estratégia argumentativa utilizada com frequência pelo PSDB e, nessa eleição, pelo MDB, partidos que apresentam discursos muito próximos de um posicionamento de direita. Quando o PT ou o PSOL são criticados, fazem uso do “Falar de si para desqualificar o outro”, como na sequência (1), em que Alckmin afirma que sempre trabalhou, não foi desocupado, nem invadi terras, ou na sequência (3), quando

---

<sup>118</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MSgq-tZiAkU>>. Acesso em: 11 outubro 2019.

<sup>119</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 12 novembro 2019.

<sup>120</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QflhJwMrpc>>. Acesso em: 12 novembro 2019.

<sup>121</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1QflhJwMrpc>>. Acesso em: 12 novembro 2019.

Meirelles faz a afirmação de que sua história é uma história de quem trabalha e não tem nenhuma denúncia por corrupção. Essas “afirmações de si” são estratégias argumentativas que fazem parte da “alusão” e produzem efeitos de uma agressividade mordaz, no entanto, indireta.

Há uma construção histórica que atribui à esquerda a ociosidade, a invasão de terras e a desordem. Tais afirmações reforçam essa imagem já criada e deslizam para o candidato do PSOL, o qual defenderia essas questões.

Nos enunciados (2) e (3), a agressividade também se materializa na ironia, quando Meirelles diz (2) que foram criados empregos para quem trabalha – inscreve-se numa posição de defesa da meritocracia: quem quer, consegue com seus próprios esforços -, respondendo a uma acusação direta de Boulos, ao atacá-lo dizendo que, no período em que o candidato do MDB esteve no governo, o desemprego aumentou. Na sequência (3), também respondendo a uma acusação direta sobre fazer parte da turma da corrupção, enuncia-se “sei que pode parecer estranho pra você essa história de trabalhar”, aludindo ironicamente à imagem de que a esquerda não trabalha, e respondendo, de certo modo, a acusações de que banqueiro não trabalha, ideia construída discursivamente.

As estratégias argumentativas marcadas pela ironia, alusão, produzindo efeitos de uma agressividade indireta, não foram as mais empregadas nessas eleições, já que a agressividade, entendida por vezes como “franqueza”, ganha espaço e visibilidade nas campanhas. Assim como a “falsa harmonia” dá lugar à agressividade direta e intolerante, o tema da corrupção, tão fortemente discutido nas eleições anteriores, é ofuscado por temas polêmicos no tocante às pautas de costume, como o tabu da sexualidade e da religião.

Essa estratégia argumentativa de tratar de temas polêmicos pode ser observada nas seguintes ocorrências:

- (1) Bolsonaro: “Nós precisamos de um presidente honesto, **que tenha Deus no coração, seja patriota, e seja independente** para, pelo exemplo, governar esse grande país. Um presidente que honre e respeite a família, que trate com consideração criança em sala de aula, **não admitindo ideologia de gênero. Impondo a escola sem partido.** Um presidente que não divida homos e heteros, pais e filhos, nordestinos e sulistas, brancos e negros, ricos e pobres [...] (03:42:45 – primeiro turno)<sup>122</sup>
- (2) Bolsonaro: “Nas escolas, hoje em dia, o que se aprende? **Ideologia de gênero, partidarização**, a análise crítica das questões apenas, nada

---

<sup>122</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c)>. Acesso em: 14 novembro 2019.

mais além disso. No meu tempo, você tinha física, química, matemática, geografia, história, educação moral e cívica. Isso não tem mais. Retiraram também do professor a sua autoridade em sala de aula.” (00:27:52 - primeiro turno)<sup>123</sup>

- (3) Bolsonaro: “Aqui não é um debate entre amigos, são homens que acreditam em Deus, respeitam a família, e continuando a questão de **ideologia de gênero**, querendo que, desde os seis anos de idade, se ensinem nas escolas sexo para os nossos filhos, como descobri em 2010, o famoso **kit gay**, onde tínhamos filmes, cartazes, livros de meninos se beijando e meninas se acariciando, pra ser passado nas escolas para crianças a partir de 6 anos de idade. Isso, no meu entender, é um crime. Um pai não quer chegar em casa e encontrar o filho brincando de boneca por influência da escola. Com todo respeito que eu tenho, a qualquer um, não interessa a sua opção. Qual tua posição sobre isso, Daciolo? (00:55:30)

Daciolo: “Também minha posição é contra. Sou contra e eu vou aqui alertar a população brasileira novamente, falando da palavra do senhor, não tô aqui pregando religião [...] “Criou Deus o homem a sua imagem e semelhança, homem e mulher o criou” e falou “sejam férteis e multipliquem-se, encham e subjuguem a Terra”, homem e mulher, família, eu sou defensor da família tradicional brasileira, pra honra e glória do Senhor Jesus Cristo.” (00:56:40 – primeiro turno)<sup>124</sup>

- (4) Marina Silva: “**Você** acha que pode resolver tudo no grito, na violência, nós somos mães, nós educamos nossos filhos [...] e **você** fica ensinando para o nosso jovem que tem que resolver as coisas é na base do grito, Bolsonaro? **Você** é um deputado, você é um pai de família, **você** um dia desses pegou a mãozinha de uma criança e ensinou como é que se faz para atirar, **você** sabe o que a bíblia diz sobre ensinar uma criança. ‘Ensina a criança no caminho em que deve andar e até quando for grande não se desviará do caminho’. É esse o ensinamento que você quer dar ao povo brasileiro e numa democracia o estado é laico” (01:55:50 – primeiro turno)<sup>125</sup>

Alguns dos temas polêmicos abordados diziam respeito à família, à “ideologia de gênero”, aos conteúdos ensinados em sala de aula. O candidato Bolsonaro, ainda que cite aspectos que o inserem em uma posição moral-religiosa, se aproxima mais de posicionamento moralista, em defesa dos bons costumes.

---

<sup>123</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 14 novembro 2019.

<sup>124</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 01 dezembro 2019.

<sup>125</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99SmMo1XqzQ>>. Acesso em: 01 dezembro 2019.

Uma estratégia de ataque utilizada por Bolsonaro para descredibilizar Haddad, foi a temática acerca do Kit gay<sup>126</sup>, atribuindo ao candidato petista a criação desse material que seria distribuído nas escolas.

O candidato do PSL, ao acusar o candidato Haddad de promover a “ideologia de gênero”, insere-se em posições discursivas preconceituosas, moralistas, contrárias à diversidade de orientações sexuais, conforme os movimentos LGBTQI+. Nas sequências (1) e (2), há uma defesa da independência e da não partidização, mas que se contradiz ao dizer “não admitindo ideologia de gênero. Impondo a escola sem partido”. Há uma contradição no próprio enunciado, pois defende a independência e ao mesmo tempo utiliza o termo “não admitir” e “impor”, contrariando também os princípios da democracia e inserindo-se numa posição marcada pelo autoritarismo.

Do modo como é apresentada nas sequências (1) e (2), a ideologia é compreendida como algo ruim, e atributo do “outro”, ou seja, é o outro que apresenta ideologia, é o outro que toma partido. Ao defender a “escola sem partido”, por exemplo, já se assume um partido, uma posição contrária àquela proposta, contradizendo o enunciado que vem em sequência: “Um presidente que não divida homos e heteros, pais e filhos [...]”, visto que, ao ser contrário a ideologia de gênero já está separando homossexuais e heterossexuais.

Outra incoerência na fala de Bolsonaro é a afirmação de que “No meu tempo, você tinha física, química, matemática, geografia, história, educação moral e cívica. Isso não tem mais.” Com exceção da disciplina “educação moral e cívica”, ainda temos química, matemática, geografia, dentre outras matérias, fato este que torna as afirmações do candidato insustentáveis.

Por meio de um discurso moralista, Bolsonaro ataca os adversários, sobretudo o candidato petista, promovendo o ódio à “ideologia” e aos “homossexuais”.

Enquanto Bolsonaro ataca pelo viés moralista, o cabo Daciolo toma o viés religioso. Daciolo, assim como Bolsonaro, é um militar, no entanto, sua fala e sua gestualidade tendem mais ao discurso religioso do que propriamente a de um militar. Em sua fala, mesclam-se o discurso religioso e o discurso militar, endossando um posicionamento a favor da “família tradicional” e contrária aos LGBTs. Há também uma contradição na sequência (3), uma vez que o sujeito nega a ação de “pregar religião”, mas cita frequentemente textos bíblicos como arma de ataque, como

---

<sup>126</sup> Na campanha de 2018, circularam, nas redes sociais, informações de que o candidato Haddad teria criado um “kit gay” para crianças de seis anos. Algumas das postagens diziam que o livro “Aparelho Sexual e Cia”, parte do “kit”, teria sido adotado em programas de governo enquanto Haddad era o ministro da Educação. O MEC e a editora do livro afirmam que a obra não foi utilizada nos programas escolares.

em “não tô aqui pregando religião [...] “Criou Deus o homem a sua imagem e semelhança, homem e mulher o criou” [...] eu sou defensor da família tradicional brasileira, pra honra e glória do Senhor Jesus Cristo.”

Bolsonaro constantemente questiona os adversários acerca dos temas polêmicos, afastando a possibilidade de discussão de outros temas importantes, como o ambientalismo, a política econômica, dentre outras temáticas. Marina Silva, por exemplo, por vezes fica impedida de falar sobre o ambientalismo, justamente porque Bolsonaro define a pauta que vai em direção do tabu da sexualidade e da religião. Na sequência (3), a candidata Marina Silva também utiliza um trecho bíblico para atacar o candidato do PSL, criticando um episódio em que Bolsonaro ensina um menino a fazer um gesto de arma com a mão. Para tanto, a candidata descredibiliza a ação de Bolsonaro com o trecho extraído da bíblia “ensina a criança no caminho em que deve andar [...]”, produzindo assim, a imagem de um candidato incoerente, pois defende a moralidade e, ao mesmo tempo, instigaria a violência. A agressividade nessa sequência é intensificada pelo uso recorrente do pronome “você”, visto que produz efeitos de desierarquização.

Anteriormente a 2018, quando houve uma direita representada pela figura de Enéas, a arma de ataque se pautava na sapiência. Em contraposição a 1994, na campanha eleitoral de 2018, a extrema direita deixa o elitismo sapiente e lança mão da estratégia da autenticidade agressiva, sob a máscara da religiosidade e dos bons costumes.

### **3.2.2 HGPE**

Nos Horários de propaganda política eleitoral, a pauta de costumes e o moralismo também estiveram presentes, funcionando como arma de ataque. A polêmica do “kit gay” e o discurso moralista a esse respeito foram explicitados no HGPE de Bolsonaro, materializados na fala de um nordestino:

- (1) “Quero que as escolas ensinem matemática, português, geografia! Minhas crianças são inocentes, não vem com livro de besteiras pra elas, não! (00:02:15 – primeiro turno)

Essa sequência discursiva atualiza, de certo modo, a frase dita por Bolsonaro: “No meu tempo, você tinha física, química, matemática, geografia, história, educação moral e cívica. Isso não tem mais.” Enquanto na fala do candidato há uma descrição positiva do passado para desqualificar o presente, na fala do eleitor nordestino

a prerrogativa requerida é a necessidade de ensinar as matérias tradicionais, como “matemática, português e geografia”. A afirmação de Bolsonaro é concebida como verdade pelo eleitor, e reproduzida como algo inquestionável e urgente: já que “não temos mais” essas matérias, é preciso voltar a ensiná-las na escola. O “kit gay”, como dito pelo candidato, é refutado igualmente pelo eleitor, o qual o denomina de “livro de besteiras”.

O discurso bolsonarista vai se apresentando como aquele que detém o poder e o conhecimento para dizer o que deve ou não ser ensinado nas escolas. O “kit gay” ou “Livro de besteiras”, assim como o “viés ideológico” foram intensamente inseridos como pauta a ser combatida e utilizados com arma de ataque.

No HGPE do candidato Haddad, as questões referentes ao moralismo também estavam presentes, materializadas em enunciados que questionavam o paradoxo de ser cristão e ser favorável à tortura, como mostra a seguinte sequência:

- (1) **Apresentadora:** “Mas, como pode um candidato que se diz cristão, adorar um homem que torturava e, pior, estuprava mulheres?” (00:03:40 – segundo turno)

Tenta-se, desse modo, desqualificar o argumento do candidato, por meio da explicitação de uma incoerência em seu discurso: Ser cristão X Ser a favor de tortura.

Com relação à polêmica do “Kit gay”, Fernando Haddad nega todas as acusações recorrendo também ao discurso moralista:

- (2) **Haddad:** “Inventou até que eu teria mandado distribuir para crianças, um material com imoralidades, tentando me atingir. Logo eu, que sou professor.” (00:00:01 – segundo turno)

Vemos que as discussões referentes à “moral e os bons costumes” eram frequentes nas campanhas dos candidatos, e funcionavam como estratégias argumentativas de ataque.

Além das pautas de costumes, utilizadas como armas de ataque, outra temática recorrente foi a associação do comunismo ao PT. Vejamos alguns enunciados que vinculam a imagem do Partido dos Trabalhadores a figuras políticas de países comunistas:

- (1) Locutor: “A violência assusta nossas famílias, o desemprego tira a esperança de milhões de brasileiros, **como na Venezuela**, tão admirada por Lula, Dilma e Haddad” (00:01:07 – segundo turno)<sup>127</sup>

---

<sup>127</sup> Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=v0h-QJKT\\_c0](https://www.youtube.com/watch?v=v0h-QJKT_c0)>. Acesso em: 02 dezembro 2019.

- (2) Locutor: “Agora, o PT quer voltar para fazer uma nova constituição **igual à da Venezuela** de Maduro e Chaves, censurar a imprensa, soltar presos e enterrar a Lava jato” (00:00:25 – segundo turno)<sup>128</sup>

O recurso linguístico da comparação é utilizado com frequência quando se trata de atribuir ao PT características do comunismo.

A contínua e enfática relação que se constrói entre o PT e tais regimes produzem medo e aversão. O ódio ao comunismo desliza para o ódio à esquerda, associando-a ao terrorismo, à desordem, à perversão, que desliza para o candidato, em sua pessoa.

Essa associação entre PT e Comunismo é amplamente repetida, intensificada e replicada em todos os *media*, como Debates, HGPE, *sites* e redes sociais.

### 3.2.3 Sites, Redes sociais e outros *media*

A agressividade e o ódio materializados sobretudo na fala do Bolsonaro não se encontram nas campanhas televisivas anteriores ou no HGPE, afinal, o candidato rompe com os modos tradicionais de se fazer política, passando a utilizar o Facebook, o Twitter, os recursos de gravação de áudio divulgados em diferentes *media*, etc.

Sobre este último, destacamos um áudio, gravado por Bolsonaro em seu próprio celular, que foi amplamente divulgado em vários suportes, dentre eles, retransmitido em um carro de som numa passeata pró-Bolsonaro, a manifestantes a favor de sua candidatura, na avenida Paulista, em São Paulo. Vejamos a ocorrência:

Bolsonaro: “Petralhada, vai tudo vocês pra **ponta da praia**. Vocês não terão mais vez em nossa pátria. Vocês não terão mais ONGs para saciar a fome de mortadela de vocês. Será uma **limpeza** nunca vista na história do Brasil”. (00:01:12 – segundo turno)<sup>129</sup>

O candidato usa uma expressão fascista que é fazer uma “limpeza” de pessoas, exterminar pessoas, no caso, os “petralhas”. Além disso, Bolsonaro cita a expressão “ponta

---

<sup>128</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9wpPvXnRXMQ>>. Acesso em: 02 dezembro 2019.

<sup>129</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=at8qr1McO6g>>. Acesso em: 07 dezembro 2019.

da praia”, uma gíria que se referia a uma base da Marinha em que os opositores do regime militar eram interrogados, torturados e mortos. Essa mesma expressão, com o tempo, tornou-se uma gíria recorrente entre os militares de “linha dura” para se referirem a um lugar clandestino de interrogatório, tortura e possível morte.

De acordo com Foucault ([1969] 2010), a função enunciativa “não pode se exercer sem a existência de um campo associado”:

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja. (FOUCAULT, 1969, p. 113-114)

Courtine (2009), a partir dessa noção de ‘domínio de memória’ estabelecida por Foucault, constrói o conceito de memória discursiva. Nas palavras do referido autor, “A noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regradadas por aparelhos ideológicos” (p. 105- 106). Esse domínio permitiria a repetição e o esquecimento, assim como o apagamento de outros discursos. Uma vez que o enunciado não é livre e sempre faz parte de um conjunto, uma série, as expressões “ponta da praia” e “limpeza” estão relacionadas a um conjunto de outros enunciados que se agrupam no interior de um discurso Fascista. Desse modo, a irrupção na atualidade de um enunciado como esse, reatualizado, faz ecoar memórias de regimes nazistas, ditatoriais, os quais buscavam o extermínio de seus opositores. Tais dizeres produzem efeitos que vão muito além da agressividade, extrapolando os limites do ódio e da intolerância, uma vez que incitam uma violência física cuja motivação é o extermínio, a morte dos opositores. É justamente nesse áudio em que observamos a presença da agressividade descontrolada, pura ou intolerante, como teorizamos na tabela, localizada na página trinta e sete.

Observamos ainda a materialização de um ressentimento dos militares por meio destes dizeres agressivos. Há um ressentimento de perda de poder, de ter uma imagem desqualificada perante a sociedade. A repetição do “você não terão mais”, no sentido de “chega”, “acabou”, evidencia o “poderoso” que ressentido retoma o poder. Esse ressentimento ultrapassa as características da noção proposta por Zawadski (2004), quando descreve o ressentimento anti-igualitário. Muito mais do que defender a desigualdade e reduzir os espaços da minoria, esse tipo de ressentimento impõe o silêncio ao outro. A

argumentação e a discussão são banidas, para que todos ouçam uma única voz. Segundo Piovezani (2020), Bolsonaro não fala “para se abrir a réplica de um diálogo, mas para calar as vozes de uma pluralidade democrática (p.144).

Outro modo de agredir o oponente, não tão agressivo como este que incita a violência física e a morte, mas que agride ao produzir imagens pejorativas do outro é a afirmação de que é o opositor quem está mentindo. Vimos, anteriormente, uma recorrência de dizeres como “X é mentiroso”. Em 2018, o que ocorre é um deslocamento desse enunciado para “as notícias são fake”. Vejamos, a seguir, dois enunciados que foram publicados no *site* oficial de Haddad, atribuindo ao adversário as ações de produzir e distribuir as fake News, numa atitude de defesa em relação às notícias falsas que o atingiam:



Imagem 29

Imagem 30

Os candidatos se acusavam mutuamente de produzir e fazer circular as chamadas *fake News*. O fato é que as divulgações contínuas e exacerbadas das notícias falsas, em 2018, tornaram essa eleição, dentre outros fatores, diferente de todas as outras. Segundo CHIARI & SARGENTINI (2019),

As questões que envolveram o discurso da mentira, da corrupção e do comunismo atingiram seu ápice na campanha de 2018. O que antes gerava um incômodo, nessa eleição passa a ser intolerável. O discurso da mentira continua sendo associado à esquerda, mas agora impulsionado e amplificado pela circulação das chamadas Fake News, distribuídas, sobretudo, pelas redes sociais (especialmente Facebook, Twitter e WhatsApp). (CHIARI & SARGENTINI, p. 455, 2019)

As retuitagens, a distribuição em massa de mensagens por WhatsApp, a possível contratação de robôs para impulsionar o compartilhamento das Fake News, produziram, indubitavelmente, uma maior circulação e visibilidade dos dizeres agressivos.

Os *sites* oficiais dos candidatos apresentavam plataformas em que os eleitores podiam atestar a veracidade das notícias, funcionando como uma central “anti-boatos”. Além de sessões como esta, os *sites* divulgavam e forneciam materiais para que os eleitores alimentassem as redes sociais com *memes*. No *site* de Haddad, por exemplo, encontramos a seguinte imagem, na sessão denominada “Memes”:



**Imagem 31**

Na imagem 31, exhibe-se uma caricatura do candidato Bolsonaro, com os seguintes dizeres: “Num vo...to co bolsa de cocô ta ok”. Devido ao atentado<sup>130</sup> sofrido por Bolsonaro, durante uma campanha em Juiz de Fora, o candidato passou a usar uma bolsa de colostomia. Por conta do ocorrido, Bolsonaro decide não participar de alguns dos debates, evidenciando o motivo de estar com a referida bolsa. As expressões “Num vo”, “to co”, das quais são suprimidas algumas letras, produzem efeitos de uma fala coloquial, simples, autêntica, simulando algumas características da fala do candidato, a simplicidade e a espontaneidade.

No entanto, ao reprisar sua fala, mimetizando suas características, até mesmo na repetição da expressão “Tá ok”, muito recorrente na fala de Bolsonaro, a ridiculariza, produzindo a agressividade pela derrisão.

Essa ocorrência se insere no segundo parâmetro proposto por Amossy (2014), ao categorizar os tipos de violência verbal: A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-

---

<sup>130</sup> No dia 6 de setembro de 2018, o candidato Jair Bolsonaro sofreu um golpe de faca no abdômen, durante um comício de sua campanha eleitoral.

a de forma irônica, paródica. Essa mesma estratégia foi usada nas eleições de 1994, quando os opositores retomavam o vocativo “Minha gente”, no HGPE, referindo-se ao candidato Collor, já que era uma expressão frequentemente usada por ele.

Além do discurso verbal, a agressividade se materializa também no discurso imagético, na representação do cabelo do candidato, dos olhos, da sobrancelha arqueada, e do gesto de arma feito com a mão. A agressividade é ainda mais intensificada por tratar de um caso grave/sério (uso da bolsa de colostomia) de forma cômica, paródica e irônica, agredindo-o dessa forma também pelo não comparecimento aos debates.

No *site* de Bolsonaro, por sua vez, a agressividade se materializa constantemente em enunciados que caracterizam Haddad como alguém guiado e orientado por um presidiário (Lula). Vejamos a seguinte imagem exibida na página inicial do *site*:



**Imagem 32**

Na imagem, são apresentadas duas opções de candidatos à presidência. À esquerda, Haddad é apresentado vestindo uma camiseta com os dizeres “Lula Livre” e o rosto de Lula – há uma alusão à prisão considerada injusta -, e logo atrás aparece uma foto de Lula na prisão. À direita, está Bolsonaro, tendo a bandeira do Brasil como plano de fundo. A imagem referente a Haddad dialoga e reforça os discursos de que o candidato recorreria a um presidiário, Lula, para governar o país. A posição em que Lula é posto – atrás de Haddad – produz efeitos de que o ex-presidente estaria “por trás” de todas as suas ações. Além disso, a cor vermelha se sobressai nessa imagem, construindo efeitos que ultrapassam a referência ao PT. Alicerçados na noção de Semiologia histórica, proposta por Courtine (2013), podemos observar nessa imagem um indício de uma repetibilidade, um eco histórico, produzido pela textualidade imagética da cor vermelha. Em nossas análises, constatamos que o PT é frequentemente associado ao comunismo, não apenas na materialidade linguística, mas também no que tange às imagens. Quais memórias

seriam, então, evocadas quando os adversários, ao fazer referência ao PT, utilizam a cor vermelha? Além do imaginário histórico que atribui o vermelho ao mal, tal cor também compõe a bandeira do comunismo. Ao reatualizá-la nessa imagem, ressoam os sentidos atribuídos ao comunismo, os quais se deslizam para o PT e seus representantes, reafirmando os discursos de que tal partido é comunista, e de que representam um mal para o Brasil. A polarização entre os candidatos está marcada também nas cores: os que apoiam Haddad são “vermelhos”, enquanto os que apoiam Bolsonaro, vestem “verde e amarelo”. As cores verde e amarela, símbolos de uma coletividade, foram apropriadas por um determinado partido, como sendo apenas de um grupo. Esse símbolo pertence a uma memória coletiva, social e, nesse contexto, foi utilizado como uma estratégia de adesão a um grupo político.

A retomada das cores da bandeira foi associada à nacionalidade e ao afastamento a qualquer partido, em benefício da nação como um todo. Aos poucos, foi produzida uma aversão ao “vermelho”, instaurando o discurso de ódio pela oposição das cores. Nessa imagem, enquanto o candidato Haddad é representado junto a Lula, com uma camisa vermelha, Bolsonaro aparece sozinho, expondo independência e liberdade em relação a qualquer partido político, ratificando discursos de que é o Brasil que irá guiá-lo, e não partidos ou personagens políticos.

A partir dessas análises, notamos que mesmo os *sites* oficiais passam a publicar o que antes era “restrito” às redes sociais. Nas eleições anteriores, mais especificamente até 2014, os *sites* apresentavam uma agressividade mais programada, indireta, contrapondo-se ao que ocorreu em 2018, quando as plataformas oficiais parecem seguir a lógica do Facebook, WhatsApp, Youtube, dentre outras redes, produzindo uma agressividade sem limites.

Se nos *sites* oficiais a agressividade já se apresentava de modo exacerbado, as redes sociais também o fizeram, perpetuando e reforçando os dizeres agressivos para além dos limites da tolerância. O Facebook tornou-se palco de xingamentos, construindo uma divisão entre petralhas, esquerdopatas – adjetivos que Bolsonaro e seus partidários atribuíam ao PT – e coxinhas e bolsominions – como o PT, o PSOL, dentre outros, denominavam os apoiadores de Bolsonaro e os PSDBistas.

Com relação aos xingamentos endereçados à PT, elegemos três imagens que circularam amplamente nas redes sociais, a saber:

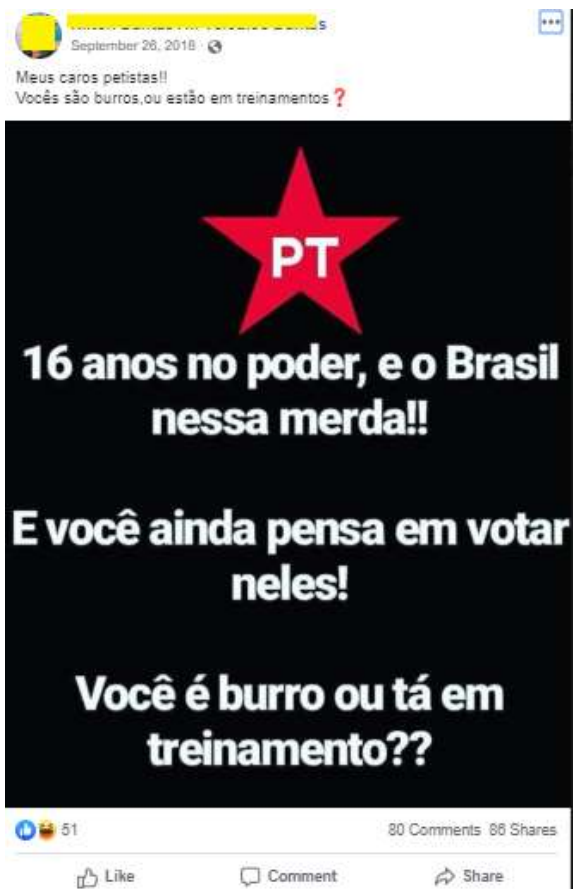


Imagem 33



Imagem 34

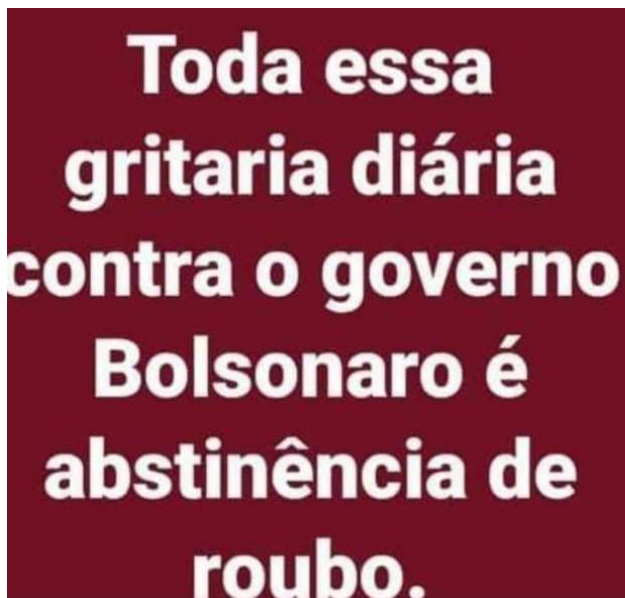


Imagem 35

Essas imagens reforçam discursos de que petista é “burro”, “bêbado” e “corrupto”. A imagem 33, por exemplo, faz um ataque partidário, dialogando com discursos de que o PT esteve por muito tempo governando o Brasil, mas o transformou num caos (“16 anos no poder, e o Brasil nessa merda”). Depois do ataque ao partido, há um ataque *ad hominem*, desqualificando, por meio da ironia, os eleitores que pensam em votar no referido partido, materializado na seguinte pergunta “Você é burro ou tá em treinamento?”. Há uma estratégia argumentativa que desqualifica, primeiramente, o partido, e numa relação de lógica e consequência, atribui a seus adeptos a alcunha de “burro”: se o partido dos trabalhadores esteve tanto tempo no poder e transformou o Brasil num caos, logo, quem apoiar um partido como esse é “burro”. Aliás, atribuir a ignorância, a “burrice” aos petistas é algo já construído historicamente, como já pudemos ver em eleições anteriores, quando Lula era caracterizado como analfabeto, iletrado, e Dilma, como uma mulher fabricada, incompetente e, portanto, “burra”. A imagem analisada reforça essas características expondo a recorrência da agressividade e intolerância.

A imagem 34, por sua vez, funciona como uma resposta aos ataques ou acusações de que Bolsonaro iria promover a violência incentivando o uso de armas, afirmando que Lula, apesar de roubar e beber, não incentivou as pessoas a fazerem o mesmo. Novamente, o discurso que qualifica Lula e os petistas como ladrões e corruptos emerge, materializado na frase “Lula não me influenciou a **roubar** e beber cachaça”. Além da imagem de corruptos, associa-se também o adjetivo de “bêbado”, reatualizando outros discursos fortemente divulgados acerca do ex-presidente Lula, de que Lula é bêbado, cachaceiro, “bebum”, alcóolatra, faz uso demasiado de bebida alcóolica.

Ao dizer “ele não me influenciou a X e a Y” – há algo já-dado, por meio de uma argumentação irônica, de que Lula faz X e Y. Essa argumentação reforça a imagem de Lula enquanto ladrão e “bebum”: uma afirmação já cristalizada no conhecimento de todos.

Na imagem 35, as ações da oposição são caracterizadas como “gritaria”, dialogando com os discursos de que a esquerda é baderneira e desequilibrada. Além disso, atribui-se a essa atitude de desespero, a gritaria, a “abstinência do roubo”, novamente reforçando a imagem de que o PT é corrupto e estaria “viciado” nessa prática. Outro discurso produzido é o da vinculação do partido ao comunismo, dada a cor vermelha que preenche o fundo dos dizeres.

Ao lado da imagem, há algumas postagens, dentre elas destacamos o seguinte comentário: “Gritem e chorem petralhada [...]”. A sequência discursiva “Chorem,

petralhada”, já utilizada com frequência em 2014, sobretudo durante o processo de Impeachment da ex-Presidenta Dilma, ganha força nas eleições de 2018. Nessa sequência, a agressividade se materializa na ironia, ridicularizando o adversário em momentos de derrota ou possibilidade de alguma perda.

Enquanto os petistas eram caracterizados como burros, bêbados e corruptos, Bolsonaro e seus eleitores eram chamados de nazistas/fascistas, homofóbicos e machistas. Vejamos três ocorrências também extraídas do Facebook:



Imagem 36



**Imagem 37**



**Imagem 38**

Na imagem 36, duas sequências de imagens são evidenciadas: a primeira apresenta Hitler e a segunda, Bolsonaro, sendo retratados na mesma posição e enquadramento. Constroem-se semelhanças entre os dois pela posição em que são apresentados (à esquerda), pela roupa (terno), expressão sisuda, cabelo repartido para o lado direito, imagens branca e preta. Ao equipará-los desse modo, constroem-se efeitos de um candidato autoritário, cruel, nazista, promotor de violência.

As imagens 37<sup>131</sup> e 38<sup>132</sup> trazem declarações feitas por Bolsonaro: a primeira com relação ao homossexualismo e a segundo referente ao salário das mulheres. Na imagem 37, constrói-se uma montagem em que Bolsonaro diz “Prefiro um filho ladrão do que um filho gay, talkey?”. Essa frase foi dita pelo candidato em uma entrevista, antes das eleições. Na sequência, aparece uma cena de “O senhor dos Anéis” declarando que o candidato teria “os dois”: filhos ladrões e gays. Logo abaixo, aparecem duas fotos: na

<sup>131</sup> “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”, disse Bolsonaro em uma entrevista à Revista Playboy, em 2011. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QJNy08VoLZs&feature=emb\\_logo](https://www.youtube.com/watch?v=QJNy08VoLZs&feature=emb_logo)>. Acesso em: 02 dezembro 2019.

<sup>132</sup> “Eu não empregaria [homens e mulheres] com o mesmo salário. Mas tem muita mulher que é competente”. Declaração feita por Bolsonaro, em entrevista dada ao programa Superpop, da RedeTv, em 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lZZisKgrtWY>>. Acesso em: 02 dezembro 2019.

primeira estão Flávio Bolsonaro e seu ex-assessor Fabrício Queiroz e na segunda, aparecem Carlos Bolsonaro e seu primo Léo Índio, aludindo a uma possível relação homoafetiva entre eles. Essa alusão produz efeitos de agressividade, uma vez que Bolsonaro já se posicionou contrário em relação ao homossexualismo. E a acusação de serem “ladrões”, remete a notícias sobre um possível envolvimento de seus filhos em esquemas de corrupção.

A declaração feita anteriormente por Bolsonaro, sobre preferir ter um filho ladrão a ter um filho gay, é reprisada, reformulada, acrescenta-se a expressão “talkey, tratando-a de forma paródica e irônica. Muito mais do que apresentar uma função fática, em que se tenta saber se está sendo compreendido pelas pessoas, verificando o funcionamento adequado da comunicação, a expressão “tá ok?”, reatualizada nesse enunciado, produz agressividade, justamente pela retomada de um termo linguístico que caracteriza o candidato. Essa ocorrência se insere, portanto, no segundo parâmetro formulado por Amossy (2017), ao caracterizar a reformulação da fala do outro de modo paródico ou irônico como um tipo de violência verbal.

Na imagem 38, outra declaração feita por Bolsonaro é reatualizada, sobreposta a uma placa: “Mulher tem que ganhar menos porque engravida”. Por meio de uma montagem, Bolsonaro aparece segurando a placa. Essa reatualização é acompanhada dos dizeres: “Mulheres, lembrem-se”. Quando essa declaração é retomada, emerge a imagem de um candidato machista e autoritário.

De um lado estão os petistas, caracterizados como “burros”, “bêbados” e “corruptos”, do outro, os bolsonaristas, rotulados como “Nazistas/Fascistas”, “homofóbicos” e “machistas”.

Em relação às cores, verificamos que, nas imagens 36 e 38, a cor preta faz ecoar inúmeros sentidos, dentre eles, o luto, a morte, relacionando a algo sombrio, tenebroso. Na imagem 36, mais especificamente, tal cor reforça o aspecto sombrio do nazismo, representados por Bolsonaro, em comparação a Hitler.

As imagens analisadas, dentre elas, por exemplo, a de Hitler e Bolsonaro, por ocasião da campanha, atualiza a memória do fascismo, porém, há uma saturação desta imagem de Hitler que expõe os graves acontecimentos do Holocausto, mas que também pela repetição vem a saturar e, como consequência, esvaziar os sentidos do que foi o hitlerismo e o fascismo. O mesmo acontece com a saturação da memória que vincula o PT ao comunismo, de modo que todos os que defendem uma determinada posição, são compreendidos como comunistas.

Neste caso, avaliamos que a saturação da memória se dá por um processo de simetriação do passado, apontando os dois elementos comparados no interior de uma indistinção dos acontecimentos. Aquele (da Segunda-guerra) foi grave; esse é anunciado no interior do discurso do medo, de forma que ao mesmo tempo ele pode ser banalizado, ou ser compreendido como um acontecimento desencadeador de graves ações.

Nesse quadro de exposição midiática, vemos que a história é resgatada por meio da memória que se atualiza a cada vez que é requerida, tanto História como memória são tomadas em sua inscrição em uma cultura de massa e isso tem como possíveis consequências as banalizações decorrentes da saturação da memória.

#### **3.2.4 Considerações acerca dos debates, campanhas eleitorais televisivas, *sites* oficiais, redes sociais e outros *media* em 2018**

Nesse período, a agressividade tomou várias formas, dentre elas, materializou-se no ataque pela apresentação pessoal, nas denúncias, nos ataques pela posição partidária, produzindo uma agressividade direta, “sem rodeios”. Foi justamente essa agressividade, entendida por vezes como franqueza, que ganhou adeptos e visibilidade. Diferentemente de 2014, em que a “falsa harmonia” imperava, em 2018, é o dizer franco, agressivo e intolerante que ganha destaque.

Nossas análises indicam que os tratamentos que soam harmônicos, o são por falsidade, já que se emprega uma estratégia de agressão indireta. Entretanto o emprego da falsa harmonia tende a expressar um equilíbrio nas relações polêmicas próprias do discurso político, em especial em situação de campanha eleitoral. A fala franca, sob a máscara da autenticidade, e, por extensão, do ser-verdadeiro atua como uma estratégia do discurso político reveladora do autoritarismo. A polêmica é suplantada por palavras de ataque, por expressões e gestos insultuosos que intimidam qualquer tipo de interação. A fala franca encerra em si o dito: #prontofalei. Indica-se que esses termos não deixam brecha para que o outro aponte defeitos ou venha a inserir novas observações. Sendo assim, sob a capa da sinceridade o outro é calado, hostilizado, controlado publicamente.

Não há o jogo político, mas sim uma suspensão da argumentação, atitude que revela o discurso autoritário em funcionamento.

Apesar da constatação de modos, formas e níveis distintos do dizer agressivo nessas duas eleições, vemos que havia uma forma de agressividade em 2014 que sustenta o que foi construído em 2018. A agressividade foi a tônica da campanha de 2014, quase sempre materializada em ironias, alusões, dentre outras formas que a “camuflavam”, tornando-a indireta, entretanto, já abria caminho para que o dizer agressivo trilhasse outros rumos: o atalho da fala franca foi um deles. Se em 2014, a agressividade é marcada por uma fala cheia de rodeios, de voltas, de falsas harmonias, em 2018 a escolha é o atalho, o insulto sob a capa da franqueza.

Voltando um pouco mais para as eleições de 1989, verificamos que o “dizer o que pensa”, o “desequilíbrio” de Brizola, aquele que grita e xinga, é visto como anormal, enquanto, nas eleições de 2018, o desequilíbrio é compreendido como virtude, coragem, autenticidade. Deflagramos, portanto, nesse momento, formas de compreensão distintas sobre o que é agressividade, o que não exime a possibilidade de ambos efeitos coexistirem, já que a descontinuidade é prevista na análise arqueológica.

Em 2018, os temas mais discutidos eram os mais polêmicos: pautas de costume, o tabu da sexualidade e da religião, “ideologia de gênero”, conteúdos ensinados em sala de aula. O candidato Bolsonaro, com frequência, trazia temas como esses para a discussão, deixando de lado outras temáticas importantes, como economia ou meio ambiente.

Além da materialização da agressividade nas temáticas polêmicas, uma ocorrência que se insere nas “denúncias”, diz respeito ao uso da palavra “comunismo” atribuída com frequência ao PT. Os termos “comunismo”, “comunista”, ganham maior visibilidade em 2018, sobretudo por ser nesse momento em que emerge uma posição de extrema direita no Brasil.

Com relação às falas do candidato Bolsonaro, observamos que a agressividade entendida como “sem limites” se dá mesmo em outros meios, como em gravações de áudios, Facebook, dentre outros. Os níveis de agressividade observados nas eleições de 2018 nos sites oficiais dos candidatos, por exemplo, certamente ultrapassaram os limites da tolerância, assemelhando-se ao que é de costume produzido nas redes sociais. Entretanto, foi em um dos áudios gravados por Bolsonaro, retransmitido em um carro de som durante uma manifestação, que os efeitos de agressividade ultrapassam todo e qualquer limite, uma vez que o candidato utiliza um termo “fascista”, mandar para a

“ponta da praia”, isto é, exterminar pessoas contrárias ao seu governo, no caso, os “petralhas”. De acordo com Piovezani (2020), “a reflexão ponderada, a nuance no pensamento e o estilo concessivo e modalizado da linguagem não são marcas de Bolsonaro” (p. 166).

Ainda que, em alguns momentos durante a campanha de 2018, se empregasse uma agressividade indireta – como o falar de si para criticar o outro – materializados nas falas dos candidatos de partidos como o PSDB e MDB, tais estratégias não respondiam mais às *vontades* da época, sendo estas, a agressividade sob o véu da fala franca.

De fato, o acontecimento de uma eleição de um candidato de extrema direita arrasta consigo significados, produzindo certos efeitos que corroboram para que tal campanha seja compreendida, efetivamente, como um acontecimento.

É preciso ressaltar que, sobre a noção de acontecimento (1969), a irrupção de uma singularidade única é central para sua constituição. Nos últimos trabalhos de Foucault, como na obra “O governo de si e dos outros” (2010) e no texto “O que são as Luzes?” (2005), o filósofo mostra que o importante não é enfim o acontecimento em si, mas o que ele significou, os efeitos decorrentes dele. Nas palavras de Foucault,

O que é significativo é a maneira pela qual a revolução se faz espetáculo, é a maneira pela qual ela é acolhida em torno dos espectadores que não participam, mas que olham, que assistem e que, ou bem ou mal, se deixam arrastar por ele. (2005, p. 5)

Nesses trabalhos, Foucault considera, a partir de Kant, que tanto a *Aufklärung* como a Revolução Francesa são constituídas como “acontecimentos que não se podem mais esquecer” (2005, p. 334). Ao mesmo tempo em que representam acontecimentos singulares inauguradores da modernidade europeia, o que importa considerar são os efeitos e os sentidos que se produziram em decorrência disso.

Do mesmo modo, guardada as devidas proporções, é relevante avaliarmos as consequências, os significados produzidos pelo acontecimento da eleição de um candidato de extrema direita. Um dos efeitos foi a produção de um clima, sem igual, de ódio e intolerância no país – agressividade que se consolida de forma ímpar com Bolsonaro. E é justamente analisando as decorrências e implicações que podemos considerá-lo como um acontecimento.

A partir desta discussão, é importante considerar que os discursos levam a ações. Segundo Piovezani (2020), a agressão, a violência, o extermínio ultrapassam as ações linguísticas. O autor ainda sustenta que:

Se no fascismo cotidiano, os poderes se imiscuem na linguagem para tentar nos impor o que deveríamos pensar, fazer e dizer, com mais forte razão, se estabelecem relações constitutivas entre a língua e as opressões, entre os discursos do ódio e ações de extermínio, quando os fascistas ou neofascistas assumem os lugares de poder no Estado. (PIOVEZANI, 2020, p. 49)

Algo apenas sugerido por um determinado candidato, por exemplo, e divulgado massivamente pela mídia, arrasta consigo consequências, desde um desentendimento entre familiares e amigos, uma ação de “bloquear” nas redes sociais até a violência física e a morte.

Durante e após a campanha eleitoral de 2018, assistimos a um aumento da agressividade que ultrapassou a dimensão linguística, como atesta Piovezani, “Além dessa expansão da violência verbal, assistimos atônitos e indignados ao crescimento de atos de violência propriamente ditos” (2020, p. 241).

## Considerações finais

Fazer uma história do presente, um estudo arqueológico do que ainda nos constitui e nos perpassa é, ao mesmo tempo, complexo e instigante. Esse diagnóstico da situação atual e de uma temporalidade que nos é contemporânea exige do analista uma aproximação concomitante a um distanciamento crítico. Até aqui, buscamos nos aproximar de cada período analisado, de 1989 a 2018, observando em cada acontecimento a possibilidade da descoberta de mutações da agressividade. Se por um momento nos aproximamos para ver os detalhes e efeitos do nosso objeto, analisando-o minuciosamente durante a escavação, por outro, foi preciso um distanciamento para observar as continuidades e descontinuidades, de modo a conjecturar conclusões e visualizar terrenos ainda não escavados. Ao encontrar esses objetos simbólicos, os dizeres agressivos, foi necessário, como já disse Deleuze, *rachar as coisas, rachar as palavras*, entendermos as *vontades de verdade* de cada época, e para utilizar uma metáfora de Paul Veyne (2014), foi preciso nos projetar, imaginar-nos, no aquário<sup>133</sup> do outro, para enfim chegar às conclusões que se seguem acerca da agressividade no discurso político no Brasil.

Uma das conclusões que obtivemos, por meio de nossas análises, foi a constatação de que as formas de insultar e os níveis de agressividade sofreram mutações durante as diferentes épocas analisadas.

Observamos, por exemplo, alguns pequenos acontecimentos que produziram rupturas nos modos de dizer, ora intensificando a agressão, ora docilizando-a. Num primeiro momento, descrevemos os enunciados para, em sequência chegar a uma cartografia, que nos possibilita enxergar, de forma mais ampla, algumas transformações, e tecer no fio do discurso as regularidades que formam as séries, em meio aos dizeres dispersos e descontínuos.

Ao verificar as regularidades e estabelecer os agrupamentos, bem como os enunciados reitores, conseguimos, por meio das análises, responder sobre o que se constituiu como continuidade e ruptura na história da agressividade política no Brasil. Constatamos que as séries, referentes a posicionamentos que tendem à esquerda, mostram

---

<sup>133</sup> Paul Veyne (2014): “[...] sempre somos prisioneiros de um aquário que nem sequer percebemos as paredes; como os discursos são incontornáveis, não se pode, por uma graça especial, avistar uma verdade verdadeira, nem mesmo uma futura verdade ou algo que se pretenda como tal” (p. 49)

uma passagem de uma agressividade direta para uma docilização nos anos 2000, enquanto as redes de seqüências discursivas relativas a candidatos com posicionamentos de direita, apontam para uma outra direção, que intensifica o dizer agressivo.

Candidatos com preponderância de posicionamentos de direita mostram-se docilizados no início, entretanto, quando passam a ser ameaçados, as séries ficam mais agressivas e se intensificam. A extrema direita, por sua vez, empregou, nas análises que fizemos, recorrentemente a agressão (conforme vimos nas eleições de 1989 e 2018).

Ademais, verificamos que em 1989, o desequilíbrio e a agressividade eram compreendidos como características inadequadas para um candidato à presidência. A “Estabilidade emocional” era tida como uma das virtudes imprescindíveis de um homem político. Quando um candidato elevava o tom de voz ou fazia alguma acusação, já se fazia um comentário de que este estava sendo “desequilibrado”. Esse “dizer o que pensa”, antes entendido como algo anormal, inadequado para a época, passa a ser compreendido como franqueza e autenticidade, por uma parcela da população, nas campanhas de 2018.

Nos ataques de 89, há a materialização de um ressentimento daqueles que sofreram durante a ditadura – “filhotes da ditadura”, “engordaram durante o regime militar” -, há um ressentimento também em relação à burguesia frente a possível eleição de um candidato advindo do proletariado.

Desse modo, constatamos que, quando ocorre uma ameaça de mudança de questões estruturais da sociedade, os candidatos se valem de ataques pessoais, expondo a agressividade, como ocorreu também contra as candidatas Marina Silva, Luciana Genro e sobretudo com Dilma, dada a grande probabilidade de ser eleita. Discursos sexistas foram dirigidos a essas mulheres, justamente por ameaçarem a ocupação de um espaço historicamente ocupado por homens. Está na estrutura da sociedade o discurso de que a mulher deve ocupar o espaço de casa, ainda que os avanços ocorram, e estava também nessa estrutura o discurso de que o proletariado não deveria ocupar ou, ao menos, concorrer ao poder. Quaisquer ameaças de mudança dessas estruturas propiciaram a emergência de discursos agressivos, movidos por um ressentimento de medo de perda de poder e de aversão à inclusão de minorias.

Os ataques que se dirigiram ao candidato Lula, por exemplo, direcionavam-se muito mais à pessoa do que ao candidato político, uma vez que, quando ameaçados, candidatos com posicionamentos de direita questionavam-no acerca do grau refratário da bauxita, atribuindo a ele a incapacidade de leitura, de não saber (*ele não sabe e não diz*) e compreender determinados assuntos, falta de compreensão de siglas. Com relação à

Dilma, os ataques pessoais também foram os mais predominantes, uma vez que a caracterizavam como uma pessoa fabricada, brava, nervosa, incompetente e confusa. No que diz respeito ao candidato Boulos, por sua vez, destacam-se os ataques que o caracterizam como ocioso, desordeiro e invasor de terras.

Desse modo, nossas análises nos direcionam à constatação de que os discursos cujos posicionamentos são de direita tendem a se materializar em formas de rebaixamento e humilhação do outro – seja pelo nível de escolaridade, classe social ou sexo –, movidos por um ressentimento anti-igualitário, e que os discursos de posicionamento de esquerda vinculam-se ao “sentimento de injustiça provocado pelo desrespeito ao princípio igualitário” (ZAWADZKI, 2004, p. 380) e geralmente, materializam-se muito mais nas críticas de propostas do que no personalismo. Os candidatos com posicionamentos de esquerda, como o candidato Boulos, por exemplo, apesar de atacar diretamente a pessoa do opositor, em alguns momentos, fazendo afirmações como “é racista, machista, homofóbico”, ao mesmo tempo em que ataca, há uma tentativa de denúncia da desigualdade que é estrutural da sociedade, enquanto os insultos proferidos pela direita reforçam a exclusão de tais classes, deflagrando a presença de sujeitos ressentidos.

Esses ressentimentos que movimentam os discursos agressivos produziram determinadas memórias. Observamos desde 1989, sobretudo em 1994, com Enéas, a construção de uma memória de um discurso conservador agressivo, que tem como característica a expressão da agressividade no ressentimento anti-igualitário e geralmente atacam a pessoa do opositor, em detrimento das propostas apresentadas. A agressividade de Enéas, por exemplo, pauta-se na sapiência, em FHC, materializa-se na erudição e nas formas polidas – enfatizando por vezes o seu próprio equilíbrio e cordialidade, por meio de afirmações de si, em relação à campanha agressiva do outro –, com Aécio, a agressividade se materializa no dizer irônico e, por fim, em 2018, com Bolsonaro, o dizer agressivo é visto como franqueza, extrapolando quaisquer limites. A memória desse dizer agressivo do conservadorismo ecoa em 2018 com toda sua força. Essas formas distintas de materialização da agressividade mostram, ao mesmo tempo, uma mutação e uma permanência, uma continuidade e uma descontinuidade, cujo fio condutor é o ressentimento.

Enquanto em 1989, o ressentimento era daqueles que sofreram durante o regime militar, em 2018, o ressentimento é dos militares que, ao tomarem novamente o poder, materializam nos dizeres agressivos, um sentimento de vingança por terem sua imagem desqualificada perante a sociedade.

Os dispositivos midiáticos têm um papel central na construção, *conservação* e *atualização* de determinadas memórias. Não se pode afirmar que por causa do aumento do uso de tecnologias nos tornamos mais agressivos, entretanto é possível constatar que a mídia não só aumentou a visibilidade desses dizeres, como ofereceu mais ferramentas para se insultar, intensificando algumas memórias que produziram o ódio e a intolerância.

Redes sociais como o Facebook, por exemplo, levaram os sujeitos a se subjetivarem como donos do próprio dizer, autorizados a postar discursos sexistas, xenófobos, e outros tipos de discursos preconceituosos. Constatamos que, nesses *media*, a memória se torna ainda mais fragmentada e saturada, atuando conjuntamente com a TV, ora oferecendo informações para reprodução em outros suportes, ora reproduzindo os conteúdos da mídia televisiva. A constante retomada de certos acontecimentos, de determinadas memórias, como “o PT é corrupto”, “O PT rouba”, “Lula é ladrão”, “Dilma é marionete de Lula”, ou mesmo, “O PSDB é elitista”, “A direita vai privatizar tudo”, “Banqueiros não trabalham”, como um gotejar contínuo ao longo dos anos, alimentaram os discursos de ódio e intolerância, não só por retomar memórias, mas torná-las tão saturadas a ponto de produzir sujeitos autoritários e ressentidos, na sociedade do “pronto falei”. Com as mídias sociais, o passado não apenas neva sobre o presente, mas produz avalanches, por meio da conservação e recorrente atualização de memórias, alimentadas por robôs, dentre outras tecnologias responsáveis por disparem milhares de mensagens em frações de segundos, para inúmeros usuários, transformando-os em sujeitos hipermnésicos.

Não só as redes sociais, mas os *sites* oficiais de campanha desempenharam um papel relevante na conservação e saturação de memória, bem como da reverberação da agressividade e do ódio. O início embrionário da utilização dos *sites* nas primeiras campanhas apresentava essas plataformas como uma extensão monocromática dos outros *media*, tendo uma função mais informativa, amplificando algumas temáticas já veiculadas nos debates e no HGPE. Aos poucos, essas ferramentas foram se tornando vitrines, favorecendo a divulgação de *jingles*, paródias, e criando materiais e sessões próprias dos *sites*, e fornecendo inclusive informações que seriam divulgadas posteriormente na TV e no rádio, por exemplo.

Ao longo dos anos, os *sites* foram se constituindo como ferramentas de disseminação de ataques em formas de joguinhos, sessões de combate a mentira, notícias que apresentavam graves acusações, narrativas difamatórias, imagens e vídeos, cada vez mais sofisticados e bem agenciados, a medida em que as tecnologias também se

aperfeiçoavam. Em 2010, por exemplo, o uso diferenciado dessas plataformas promoveu uma melhor comunicação entre os *media*, ao mesmo tempo em que ofereceu mais ferramentas para se insultar.

De modo geral, a agressividade nos *sites* foi produzida de modo mais estratégico e agenciado – materializada nos discursos irônicos e derrisórios –, se comparada às redes sociais, até as eleições de 2014. Entretanto, em 2018, ocorre um marco referente também a uma mudança nos limites da tolerância e da agressividade nesse espaço. Os insultos passam a reduzir a política ao corpo: mentiroso, mulher, incoerente ou bêbado, seguindo a lógica das redes sociais, isto é, o que antes não era dito nos *sites*, justamente por assumirem um lugar de fala oficial, passa a ser amplamente divulgado, mesmo ainda sendo um *site* oficial. Em 2018, essas restrições, limites, e características antes observadas nesses meios, parecem não impedir o dizer agressivo, de modo que estas plataformas tornam-se ainda mais semelhantes às redes sociais.

Desse modo, constatamos que os vários *media* permitem diferentes limites para esse dizer agressivo, e que esses limites são tênues e sofrem também mutações em decorrência dos acontecimentos. No caso das mídias sociais e *sites* oficiais, verificamos uma crescente visibilidade do dizer agressivo, dado ao crescente uso dessas ferramentas e o contínuo aprimoramento delas, oferecendo diversas formas para o insulto. Não podemos afirmar que o discurso político, de modo geral, tornou-se mais agressivo, mas é possível sustentar, por meio de nossas análises, que o advento da internet e seus recursos possibilitaram, certamente, um aumento da visibilidade daquilo que era restrito ao rádio e à TV. Tais ferramentas, além de possibilitarem a replicação dos conteúdos em larga escala, produzem práticas de objetivação nas quais os indivíduos se subjetivam como autorizados a dizer tudo o que pensam.

Além da mídia construir condições de emergência para o aumento da visibilidade da agressividade, existem outros fatores que propiciam seu aparecimento, dentre eles, a polarização das campanhas. Quanto maior a polarização, há uma tendência para a reverberação da intolerância e do discurso agressivo. Por outro lado, o candidato que apresenta grande vantagem nas pesquisas, em relação ao opositor, estando “pré-eleito”, tende a ser menos agressivo, como foi o caso de FHC, nas campanhas de 1994 e 1998. Desse modo, constatamos que o candidato que é mais ameaçado tende a ser mais agressivo, e o menos ameaçado, tende a ser mais polido.

Ademais, concluímos que outro fator que possibilita uma diminuição da agressividade, além da vantagem significativa de um candidato em relação aos outros,

são imposições ou mudanças feitas pela grande mídia que alteram a visibilidade do confronto, como por exemplo, diminuição ou ausência de debate, redução da cobertura midiática das campanhas políticas e do horário de propaganda política eleitoral. Verificamos que tais condições constroem um efeito de harmonia ao promover o apagamento do confronto, produzindo um clima de aparente consenso.

Outro dado significativo observado neste trabalho é a influência do discurso político midiático na fala dos eleitores. Por meio da análise de alguns destes dizeres reproduzidos nos HGPE, e nas redes sociais, verificamos que frases hipotéticas, modalizadas, sugeridas pelos candidatos, são tomadas como verdade absoluta, incontestável nos discursos reproduzidos pelos internautas e/ou eleitores. Além disso, o discurso dos candidatos instiga a população a efetuar determinadas ações, suplantando a dimensão verbal, de modo que uma sugestão de um candidato pode transformar-se em ato consumado.

A partir de nossas análises verificamos que a agressividade sempre fez parte do discurso político, entretanto notamos diferentes formas de reconhecimento desse dizer agressivo. Houve, de fato, mudanças, transformações das sensibilidades, de modo que o que se considera agressivo em um determinado momento, não o é em outro. E isso se dá justamente pelas variáveis históricas, políticas e ideológicas, as quais movimentam os discursos para continuidades e descontinuidades. A crescente categorização da sociedade subdividida em nichos, e cada um deles lutando pela criação de políticas públicas que os contemplassem, produziram práticas de objetivação que levam os sujeitos a se subjetivarem como ofendidos, levando-os a reconhecerem determinado dizer como agressivo e preconceituoso. Tais práticas produzem resistência contra o ódio e o preconceito, no entanto, aqueles que se reconhecem como afetados são tachados, por seu opositor, de sensíveis, tendo seus discursos intitulados de “mimimi”, como se registrou em enunciados produzidos pela extrema direita.

A agressividade, por sua vez, ganhou maior visibilidade ao longo dos anos. O aumento do uso das redes sociais ofereceu ferramentas para o insulto e facilitou a interação da exposição da vida pública e privada dos candidatos, estando assim mais expostos a ataques. Se num passado distante apenas a grande mídia divulgava notícias, hoje os cidadãos se subjetivam como pequenos jornalistas, flagrando quaisquer deslizes com seus celulares e postando em suas redes.

Para responder à pergunta “O discurso político eleitoral tornou-se mais agressivo ou ocorreu uma mudança das sensibilidades e das percepções do que se considera e se

compreende como agressividade?”, diremos que, ao longo dos anos, foi ofertado ao discurso político mais ferramentas, as quais foram apropriadas e aperfeiçoadas a cada eleição. As formas de insultar tornaram-se mais sofisticadas e tecnológicas. Talvez não nos tornamos mais agressivos, mas dispomos atualmente de mais formas para agredir, além disso, as redes sociais ampliaram a visibilidade da agressividade, produzindo efeitos de que seríamos mais agressivos. Os afetos foram materializados de modos diferentes em distintas épocas, nossas percepções e sensibilidades também sofreram modificações, já que as formas e condições de expô-las também se alteraram.

Com relação ao questionamento “Se na sociedade há um maior controle e criação de diversas “polícias” do dizer, como o ‘politicamente correto’, por que a agressividade parece aumentar?”, as análises nos mostram que a visibilidade dada ao dizer agressivo pelas redes sociais escapa a qualquer tipo de controle, como vimos, dentre outros exemplos, as frases preconceituosas disseminadas no grupo “Dignidade Médica” no Facebook, para as quais foram instauradas ações para punir os disseminadores de ódio, entretanto isso não impediu que as mensagens continuassem circulando em outros meios. Além disso, o aumento das tentativas do controle do dizer, como as cartilhas do Politicamente Correto, parece incitar o dizer agressivo, de modo que a crescente proibição levaria a um incentivo para corrompê-la. Outro motivo seria a mimetização dos dizeres, isto é, a contínua adesão e reprodução do discurso do outro, facilitada sobremaneira pelas mídias sociais. Ainda outro fator que explica o aumento da visibilidade do discurso agressivo, diz respeito à monetização desses dizeres, uma vez que o ódio atrai seguidores (*haters*), aumenta as curtidas e, conseqüentemente, os promotores de tais conteúdos angariam dinheiro por diversos meios.

Em relação às teorias e autores mobilizados neste trabalho, constatamos que, apesar de Foucault não ter analisado o discurso agressivo, o filósofo deixou uma copiosa caixa de ferramentas, da qual nos apropriamos estabelecendo relações com outras teorias, outras caixas, outras ferramentas que nos possibilitaram lançar luz sobre nosso complexo objeto. Gilles Deleuze (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979), em uma de suas conversas com Michel Foucault, considerou a teoria da seguinte forma: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. É preciso que sirva, é preciso que funcione.” (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979, p. 71). As teorias seriam “como óculos dirigidos para fora e se não lhe servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate” (DELEUZE apud FOUCAULT, 1979, p. 71).

Nesse percurso de investigação e compreensão do objeto simbólico ‘o discurso agressivo’, valemo-nos da caixa teórico-metodológica de Michel Foucault, entretanto, emprestamos os óculos conceituais de outros teóricos, conjugando-os, estabelecendo relações que nos possibilitaram melhor responder aos questionamentos ora propostos. Dentre eles, estabelecemos três articulações importantes com as noções foucaultianas: A primeira relaciona a noção de *memória discursiva* à noção de *memória saturada* de Regine Robin (2016). Além de deprendermos da materialidade linguística uma historicidade, uma memória, com a compreensão da memória saturada, foi possível ampliar a articulação entre memória, história, e os modos de circulação das formas contemporâneas do discurso eleitoral. Desse modo, aprofundamos nosso entendimento do dizer agressivo e seus efeitos, uma vez compreendido que a saturação de determinadas memórias aumenta a visibilidade da agressividade, da intolerância, tornando-se condição de emergência para a produção do ódio. Trabalhamos a noção de memória saturada juntamente às noções da raridade e rarefação propostas por Foucault, relacionando-as também às discussões de Courtine (2013) no que diz respeito à rarefação de determinadas imagens, o que nos auxiliou na investigação do funcionamento e da circulação de determinados dizeres.

A segunda articulação associa a memória às discussões sobre Ressentimento construídas por Zawadski (2004), alargando ainda mais nossa compreensão acerca da noção de memória e nosso entendimento sobre o que é o dizer agressivo. Conjugando os óculos foucaultianos com os de Zawadski, constatamos que o ressentimento mobiliza os discursos para diferentes posições, ao mesmo tempo em que ocorre sua materialização na própria materialidade linguística. Observamos, portanto, as memórias saturadas tornando-se condições de emergência de discursos mais agressivos, propiciando, ao mesmo tempo, a materialização desses sentimentos e afetos – como o ressentimento – nos discursos, em suas continuidades e descontinuidades.

A partir da terceira articulação que aproxima as dimensões argumentativa e discursiva, na esteira dos estudos de Amossy (2017), concluímos que a violência verbal se relaciona às estratégias argumentativas, manifestando-se nos ataques e insultos, afastando-a da violência pura. A articulação entre o insulto e a argumentação, assim como a descrição de aspectos que envolvem a situação de enunciação, como a descrição de pormenores - interrupção da fala do outro, por exemplo -, levam-nos a uma compreensão mais abrangente e profunda da dimensão discursiva.

Foi nesse percurso de confluências entre um óculos teórico e outro, nos empréstimos de ferramentas requeridas pelo objeto, que chegamos, por fim, a enxergar em sua profundidade discursiva os movimentos (des)contínuos do dizer agressivo na história política brasileira pós ditadura.

## Referências Bibliográficas

AB'SABER, T. A voz de Lula. **Revista Serrote**, São Paulo, n. 10, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaserrote.com.br/2012/03/a-voz-de-lula-por-tales-absaber/>>. Acesso em 08 dezembro 2019.

ALDÉ, A; BORGES, J. **Ataques na internet nas eleições de 2002** (ou como os sites dos candidatos pautaram a cobertura da imprensa). In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, XXVIII, 2004. Seminário Temático 09: “Democracia, comunicação política e eleições”. *Anais...* Caxambu, MG, 2004.

ALMEIDA, J. **Marketing Político, Hegemonia e contra-hegemonia**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; Xamã, 2002.

AMOSSY, R. **O lugar da argumentação na análise do discurso**: abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de Adriana Zavaglia. *Filologia e linguística portuguesa*, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007.

\_\_\_\_\_. **L'argumentation dans le discours**. Paris: Armand Colin, 2010.

\_\_\_\_\_. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

AMOSSY, R. & MARCEL, B. **Polémiques médiatiques et journalistiques** : le discours polémique en question. *Semen* 31, 2011.

AUTHIER-REVUZ, J. **Heterogeneidades enunciativas**. *Cadernos de estudos lingüísticos*, 19. Campinas, IEL. 1990.

BACOT, P. « **Laurence Rosier, Petit traité de l'insulte** », *Mots*. Les langages du politique [online], 84 | 2007. < <https://mots.revues.org/1084> >. Acesso em 02 abril 2015.

BEARD, M. **Mulheres e poder: um manifesto**. Tradução de Celina Portocarrero. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. ISBN 978-85-422-1237-2.

BOLSHAW, M. **Decifra-se ou te devorarei: a imagem pública de Lula no horário eleitoral**, 1989, 1994, 1998 e 2002. Natal : EDUFRN, 2006.

BRAVO, F. **L'insulte**. Bodeaux: Presses Universitaires de Bourdeaux, 2015.

BREUER, J.; FREUD, S. **Sobre os mecanismos psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar** (2006) In: J. Strachey (Trad. & Ed.) Edição *standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, [1893]1895.

BROWN, P. & LEVINSON, S. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHASSIN, J. “Loups rapaces” et “diables boîteux” ou les foudres de l’insulte politique au Pérou (début du XIXe siècle). In : L’insulte (en) politique : Europe et Amérique latine du XIXe siècle à nos jours, Dijon, 2005. p.17-31.

CHIARI, G. **Entre insultos e falsas harmonias: a construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014**. 2017. 131 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2017.

CORBIN, A. ; COURTINE, J. J. ; VIGARELLO, G. **História do corpo: da renascença às luzes**. Tradução de Lúcia Orth. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COULOMB-GULLY, M. **Femmes en politique, en finir avec les seconds rôles**. Bélin, (Egale à Egal), 2016.

COURTINE, J. J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. Organizado por: Maria Rosário Gregolin. São Carlos: Claraluz, 2003.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do discurso político**. Derivas da fala pública. Trad. Nilton Milanez; Carlos Piovezani Filho. São Carlos (SP): Editora Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, [1981] 2009.

\_\_\_\_\_. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia da corte. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FASSIN, E. **Populismo e ressentimento em tempos neoliberais**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2019.

FAUSTO NETO, A. **Entre os Cruzamentos dos Sentidos**, in Fausto Neto, Véron (orgs.) Lula Presidente – televisão e política na campanha eleitoral, Unisinos, 2003, p. 74.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo, SP: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. “O que são as Luzes”. In: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Coleção Ditos & Escritos, vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, pp. 335-351.

\_\_\_\_\_. A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

\_\_\_\_\_. Ética, sexualidade, política: ditos e escritos. Vol. V, 2. ed. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Aufran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Verdade: Parresia**. Conferências de Berkeley. Prometeus Filosofia em Revista. Universidade Federal de Sergipe, ano 06, n.º13; edição especial. (E-ISSN: 2176-5960).

\_\_\_\_\_. **A filosofia estruturalista permite diagnosticar o que é a atualidade**. In: Ditos e escritos, v. 2. Tradução Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Segurança, território, população**: curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes. [1978] 2008.

\_\_\_\_\_. Resposta a uma questão. In: Repensar a política. Coleção ditos e escritos VI. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1968] 2010. p. 1-25.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1969] 2010.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros:** curso dado no Collège de France (1982-1983). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: Ditos & escritos, v. 5. Ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 258-280.

\_\_\_\_\_. Aulas sobre a vontade de saber. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014b.

FREUD, S. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: \_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (1927-1931). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 75-254. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21).

\_\_\_\_\_. Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle (L'home aux rats)", (1909), Cinc psychanalyses, Paris, Presses Universitaires de France, 1984, p. 233.

GARCIA, L. C. *O discurso político eleitoral contra a corrupção no HGPE/2006: Memória e construção de identidade.* Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5682/2793.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 12 junho 2019.

GOFFMAN, E. **Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLEMBIEWSKI, C. *A realidade brasileira no Jornal Nacional e no RBS Notícias.* 1. ed. Timburi / São Paulo: Cia do Ebook, 2015.

GOMES, M. B. **A imagem pública de Lula e eleições presidenciais brasileiras** (1989/2002). In Trabalho apresentado no I Congresso da Compol (Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política), Salvador, UFBA, 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-bolshaw-lula.pdf>> Acesso em: 01 dezembro 2019.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J. B. C. (Orgs.) *Teorias Lingüísticas: Problemáticas Contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2003.

\_\_\_\_\_. J. J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M. R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008.

\_\_\_\_\_. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Org.). *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 83-105.

HAROCHE, C. **A condição sensível: formas e maneiras de sentir no Ocidente**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

INDURSKY, F. Lula lá: estrutura e acontecimento. *Organon*, Porto Alegre: UFRGS, v. 17, n. 35, p. 101-121, 2003.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation de la subjectivité dans le langage*. Paris: Armand Colin, 1980.

\_\_\_\_\_. *Les interactions verbales*. Tome II, Paris, Armand Colin, 1992.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Trad. Miriam Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

LA BRUYÉRE, J. "Moda". In: **Os caracteres**; trad. Luiz Fontana. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937. Pp. 100-121. [edição em francês: **Les Caractères**, introd., notas e índice Gaston Caybou. Paris: H. Didier & Ed. Privat, 1937.

MANZANO, L. C. G. *A ordem do olhar: Sentidos da imagem no discurso político televisivo brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/5635/5882.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 05 maio 2019.

MARIANI, B. S. C. *O comunismo imaginário: Práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989)*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de

Campinas, Campinas. 1996. Disponível em:  
<[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270690/1/Mariani\\_BethaniaSampaioCorrea\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270690/1/Mariani_BethaniaSampaioCorrea_D.pdf)>. Acesso em 17 março 2019.

MERCIER, A. **Pouvoirs de la dérision, dérision des pouvoirs.** (Introduction) In : HERMÉS – Revue. Dérision – contestation, n°29, CNRS, Éditions, 2001.

MIGUEL, L. F. **Mídia e eleições: a campanha de 1998 na Rede Globo.** Dados, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, 1999. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581999000200002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000200002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 09 agosto 2018.

MILANEZ, N. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, P. (Ed.). Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 153-179.

MOÏSE, C. **Argumentation, confrontation et violence verbale fulgurante.** Argumentation et Analyse du Discours, Tel-Aviv, v. 8, p. 1-17, 2012. DOI: <https://doi.org/10.4000/aad.1260>

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PÊCHEUX, M. **Les vérités de la Palice.** Paris: Maspéro, 1975.

\_\_\_\_\_. Semântica e Discurso – uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, [1975] 1988.

\_\_\_\_\_. Análise Automática do Discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p.61-161, 1997.

\_\_\_\_\_. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. Tradução brasileira de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In. BARONAS, R. L. Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p.13- 32.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 4 ed. São Paulo: Unicamp, [1988] 2009.

PÊCHEUX, M. e C. FUCHS. A propósito da Análise Automática do Discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, F. e T. HAK (Org.) *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. Campinas: UNICAMP, p.163-253, 1997.

PIOVEZANI, C e GENTILE, E. **A linguagem fascista**. São Paulo, SP: Ed. Hedra, 2020.

PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Le Seuil, 1996.

PUECH, C. A emergência da noção de “discurso” na França: Foucault e Pêcheux leitores de Saussure. Trad. Israel de Sá e Jocenilson Ribeiro dos Santos. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice (org.). *Presenças de Foucault na Análise do discurso*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2014, p. 23-53.

ROBIN, R. **A memória saturada**. Tradução de Cristiane Dias e Greciely Costa. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2016.

RUBIM, A. A. C. e COLLING, L. **Mídia, cultura e eleições presidenciais no Brasil contemporâneo**, in CORREIA, João Carlos (org.). *Comunicação e Política*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2005, pp. 11-44. Disponível em: <[http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/06/rubim\\_colling\\_midiaculturaeleicoes.pdf](http://www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/06/rubim_colling_midiaculturaeleicoes.pdf)>. Acesso em: 08 dezembro 2018.

SARGENTINI, V. M. O. A descontinuidade na História: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, p. *Michel Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos, SP: Claraluz, 2003. p.77-96.

\_\_\_\_\_. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em Análise do Discurso. In: NAVARRO, Pedro. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 35-44.

\_\_\_\_\_. Discurso e história em diferentes materialidades do discurso político. In: INDURSKY, F, MITTMANN, S. e FERREIRA, M.C. (org.) *Memória e História na/ da análise do discurso*. Campinas – SP: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. O arquivo e a circulação dos sentidos. In: Conexão Letras, v.9, n.11, 23-30, 2014.

\_\_\_\_\_. Há em Foucault um gesto inaugural nos estudos do discurso? Heterotópica, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 10, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/HTP-v1n1-2019-48526>. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/RevistaHeterotopica/article/view/48526>>. Acesso em: 09 dezembro 2019.

SARGENTINI, V. M. O. ; CHIARI, G. Mentirosos, corruptos e comunistas! As fake news e o politicamente incorreto. In: Discurso & Sociedad. Barcelona, 2019, vol. 13, n. 3, p. 411-431.

SÉRIOT, P. **Langue russe et discours soviétique**. L' analyse des nominalisations. In: Langages, no . 81, 1986, p.11-41

STEIBEL, F. **Feios, sujos e malvados: políticos, juízes e a campanha eleitoral de 2002 na TV**. Rio de Janeiro: E-paper, 2007.

TEIXEIRA, T. G. **No espaço eleitoral: o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral na decisão do voto**. In: XXXVI Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação, 2013, Manaus. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de ciências da Comunicação. São Paulo: INTERCOM, 2013. v. 1.

VIARO, M. E. A formação do significado agentivo de *-eiro*. In: XVI Congresso Internacional da ALFAL, 2012, Alcalá de Henares. Cestero Mancera, Ana M., Molina Martos, Isabel y Paredes García, Florentino (eds.) (2012), La lengua, lugar de encuentro. Actas del XVI Congreso Internacional de la Alfal (Alcalá de Henares, 6-9 de junio de 2011). Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2012. p. 2671-2679. Disponível em: <http://alfal2011.mundoalfal.org/#/pdf/302alfal.pdf>>. Acesso em: 09 dezembro 2018.

WANDERLEY, R. K. K. **Neologia lexical no jornalismo político**. 2012, 260f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/11645/1/Biblioteca%20Central.pdf>> Acesso em: 10 julho 2018.

ZAWADSKI, Paul. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). *Memória (res)sentimento, indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp , 2004.